

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

VANIA RAQUEL SANTOS AMORIM

**A GRADIÊNCIA DO MODO SUBJUNTIVO: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO
USO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2024**

VANIA RAQUEL SANTOS AMORIM

**A GRADIÊNCIA DO MODO SUBJUNTIVO: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO
USO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

A543g	<p>Amorim, Vania Raquel Santos</p> <p>A gradiência do modo subjuntivo: uma abordagem centrada no uso. / Vania Raquel Santos Amorim; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2024.</p> <p>193f.</p> <p>Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024.</p> <p>Inclui referência F. 187 – 193.</p> <p>1. Gradiência - Modo verbal. 2. Linguística Funcional Centrada no Uso. 3. Subjuntivo. 4. Indicativo. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.5</p>
-------	---

Catalogação na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção** – **CRB 5/1890**
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The Gradience of the subjunctive mood: a usage-based approach

Palavras-chave em inglês: Gradience. Subjunctive. Indicative. Usage-Based Functional Linguistics.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB); Profa. Dra. Cristiane dos Santos Namiuti (UESB); Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (UERJ) e Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho (UNEB) – Membros Titulares

Data da defesa: 26/03/2024

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4339-6768>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5650948493367405>

VANIA RAQUEL SANTOS AMORIM

A GRADIÊNCIA DO MODO SUBJUNTIVO: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO
USO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 26 de março de 2024.

Banca Examinadora:

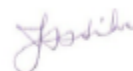
Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.:



Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:



Profa. Dra. Cristiane dos Santos Namiuti
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:



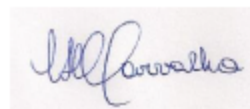
Prof. Dr. Marco Luiz Wiedemer
Instituição: UERJ – Membro Titular

Ass.:



Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho
Instituição: UNEB – Membro Titular

Ass.:



A Deus por ter sonhos maiores do que os meus e por tornar possível a realização deles.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de doutorado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹, pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À minha orientadora Valéria Viana Sousa, pelo exemplo de competência, comprometimento, responsabilidade, profissionalismo e pelo apoio desmedido. Um ser de luz que emana amor e leveza em tudo o que se propõe a fazer. Grata pela amizade, por ser uma inspiração em minha vida e por ter tornado essa caminhada acadêmica tão cheia de leveza.

Aos membros da banca de qualificação Dr. Marcos Luiz Wiedemer e Dra. Cristiane Namiuti, por aceitarem avaliar o trabalho e pelas contribuições mais que valiosas a esta pesquisa.

Aos membros da Banca de Defesa Dr. Marcos Luiz Wiedemer, Dra. Cristina dos Santos Carvalho, Dra. Cristiane Namiuti, Jorge Augusto Alves da Silva, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Dra. Valéria Viana Sousa, Dra. Cristiane dos Santos Namiuti, Dr. Jorge Viana Santos, Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva, Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia e Dra. Vera Pacheco, por todo ensinamento e conhecimento compartilhado no processo de ministração das disciplinas.

Aos funcionários do PPGLin, em especial, às secretárias Vanêide e Luciana, pela disponibilidade, solicitude, competência e agilidade no atendimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa durante o período do doutorado.

Ao Grupo Bem-querer, girassol e âncora do meu coração, pelos encontros regados a sorrisos e levezas, pelas leituras e pelas reflexões de capítulos de livro lidos de autoria do Padre Fábio de Melo. Momento que marcou e que proporcionou aprendizado e crescimento pessoal.

Às juremas, Néa, Felix e Manu, minhas amigas e parceiras de moradia. Os momentos de sorriso e descontração com vocês tornaram os dias recheados de leveza.

¹ Conforme Portaria CAPES nº 206, de 4 de setembro de 2018, “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Ao Grupo de pesquisa Janus, que é considerado uma grande família, por não só acolher, mas também estender as mãos e segurá-las. Em especial, meus agradecimentos pelas queridas Milca e Elenita, pelo vínculo tão lindo de parceria e de amizade. Meus agradecimentos ainda vão para Warley Campos e para Joedson. É lindo a forma que Valéria Viana Sousa coordena esse grupo. Por ser amor, deixa a sua marca em tudo o que faz.

Ao meu querido esposo, Jeozadaque Menezes Amorim, pelo apoio e torcida em todos os momentos. Por sonhar o meu sonho e caminhar de mãos dadas comigo.

Aos meus pais Jaime Antônio de Almeida Silva e Ediélia Santos da Silva, pela força e sustentação por meio das orações; aos meus irmãos Jaime Júnior, Núbia Reginna e Silva Letícia.

Ao Grupo (C)oração, pelos momentos de conexão com Deus, pelas partilhas, pelos momentos de acolhimento e por tantas emoções vividas.

Ao Grupo “Conectadas em Oração”, pelas partilhas, pelas intercessões. Agradeço em especial, às amigas Cristiane e Dira, pela conexão divina que Deus criou em nós.

À Professora da graduação Dra. Rosana Ferreira Alves, por ser a responsável pelo meu encanto pela Linguística e por ter me impulsionado a trilhar os caminhos da academia.

Aos meus amigos e familiares, pela torcida e apoio de sempre tornando possível a realização deste sonho.

A artesã queria que o tempo FOSSE RENDADO
Embora RETOMASSE as técnicas e as instruções para a CONSTRUÇÃO da sua REDE,
TALVEZ PRECISSASSE das ferramentas adequadas para a realização do seu trabalho.

Costurar o tempo é isso... requer estabelecer o ESQUEMA, retomar da MEMÓRIA
ENRIQUECIDA tudo o que está armazenado lá, tecer ANALOGIAS e CATEGORIZAR os
pontos.

A bordadeira inicia o seu crochê e para isso é preciso que REÚNA os materiais
necessários.

Já com a tesoura, agulhas e linhas em mãos, ela começa a tecer os primeiros NÓS na rede.

Enfim, o tempo começa a ser rendado...

Ela observa o TEMPO e faça os nós na rede,

A COMPOSICIONALIDADE das peças se delinea,

A PRODUTIVIDADE desenha cada nó que ela ata e faça na REDE dos pontos.

Laçadas, fios, arremates.

Ela está costurando o TEMPO.

Mas qual tempo ela está rendando?

Depende de cada composição da LINHA TEMPORAL,

Têm linhas que tecem o PASSADO; outras, o PRESENTE e também o FUTURO...

Por isso, ela observa bem cada detalhe do trançado... olha o TEMPO... pausa e observa da
janela as PESSOAS em busca de inspirações para que PADRÕES CONSTRUCIONAIS

FOSSEM FORMADOS... observa o desenvolvimento das MODALIDADES das suas
CONSTRUÇÕES e os VALORES de cada NÓ tecido na sua REDE.

Ela desfia os ligamentos dos pontos da MODALIDADE *irrealis* desejosa de que a arte SEJA
ARREMATADA com NÓS;

A (IN)CERTEZA vai sendo tecida em GRAUS e a artesã
cria os PADRÕES CONSTRUCIONAIS... pega a agulha e arremata 7 GRAUS na ESCALA
dos pontos,

O rendado do tempo é mesmo lindo... e mesmo, às vezes, ao se deparar com a trama da
composição da peça mais difícil como a do SUBJUNTIVO, ela desafia tecer e esperar que o

TEMPO DETERMINE a arte.

Ela vistoria o avesso da peça,

Reescreve as ideias no papel... apaga...

Caseia os pontos,

A bordadeira segue deontizando em linhas o seu desejo de construir a sua linda REDE...

E, deotinzando a sua necessidade, veste os sapatos, caminha e passa pelos graus da ESCALA da modalidade... ela quer realizar... e vai tecendo as suas NECESSIDADES e

POSSIBILIDADES EPISTÊMICAS e DEÔNTICAS

Ela trança os fios, desfia, desata, ata, arremata e dá o nó...

A arte, enfim, nasceu!!!

Vania Raquel Santos Amorim

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a gradiência do modo verbal subjuntivo na comunidade de fala de Vitória da Conquista-BA. Teoricamente, ancoramo-nos nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que nasce da interface entre duas abordagens teóricas: Linguística Funcional norte americana (Givón, 1995, 2001) e a Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Cappelle, 2006, 2009; Traugott; Trousdale, 2013). Temos, nesta tese, o objetivo de investigar a gradiência do modo subjuntivo em contextos sintáticos de orações independentes introduzidas pelo lexema *talvez*; de orações subordinadas e de orações parentéticas introduzidas por *que* nos *Corpora* do Português Culto e do Português Popular da comunidade de fala conquistense. Aventamos que a forma subjuntiva nessas amostras apresenta-se relacionada a um valor de incerteza medido em uma escala que pode ter uma relação de incerteza mais acentuada ou mais atenuada expressada a partir dos valores semânticos inerentes dos submodos deôntico e epistêmico e, também, que tende a ser mais usado onde a incerteza e traço de projeção futura estão presentes. Dado essa gradação do valor de incerteza do subjuntivo, seu uso variável pode ser distribuído em um *continuum* da modalidade *irrealis* a partir dos seus dois eixos: submodo deôntico, com os valores de volição, avaliação, preferência e manipulação; e submodo epistêmico, com os valores de probabilidade, certeza e crença, segundo o gradiente de modalidade na visão givoniana. Concernente à metodologia, orientamo-nos através do método misto (Cunha Lacerda, 2016), que conjuga as metodologias qualitativa e quantitativa. A amostra da pesquisa é constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*). Referente à análise dos dados, os resultados revelaram que, na distribuição da gradiência e competição pelo uso do modo subjuntivo, em uma escala de modalidade em 7 graus, a frequência *token* com construções no modo subjuntivo foi maior nos eixos *irrealis* 1, *irrealis* 2, *irrealis* 3 em que estava presente o traço de projeção futura. As propriedades selecionadas para observar o fenômeno linguístico que condicionaram a seleção da aplicação da regra foram o “tipo de oração”, a 3ª e a 2ª pessoa verbal, as orações afirmativas em contexto de subordinada e as orações com o escopo da negação para os contextos das orações independentes e parentéticas. Com relação aos verbos, os tipos que condicionaram a forma do subjuntivo foram os bicondicionais, perceptivos, causativos, volitivos e existenciais. Em relação ao tempo verbal, chegamos à conclusão de que a presença da projeção futura condiciona o subjuntivo e a projeção espraiada que abarca o tempo presente, passado e futuro, condiciona o modo

indicativo. A pesquisa ainda evidencia que a gradiência do subjuntivo pode ser explicada por fatores relacionados a habilidades cognitivas de domínio geral analogia, memória rica e categorização. Esta tese busca, ainda, contribuir para se pensar em um ensino do Modo Verbal de forma mais contextualizada com a realidade linguística do aluno.

PALAVRAS-CHAVE

Gradiência; Subjuntivo; Indicativo; Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

In this work, we investigated the gradience of the subjunctive verbal mode in the speech community of Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Theoretically, we are anchored in the assumptions of Usage-Centered Functional Linguistics, which arises from the interface between two theoretical approaches: West Coast Functionalism (Givón, 1995, 2001) and Construction Grammar (Goldberg, 1995; Cappelle, 2006, 2009; Traugott; Trousdale, 2013). In this thesis, we aim to investigate the gradience of the subjunctive mood in syntactic contexts of independent clauses introduced by the lexeme *talvez*; of subordinate clauses and parenthetical clauses introduced by *que* in the Corpora of Erudite Portuguese and Popular Portuguese of the Conquista speaking community (*Corpora do Português Culto e do Português Popular da comunidade de fala conquistense*). Regarding the research question, we asked ourselves: Is the subjunctive mood only linked to the value of uncertainty in the irrealis modality? We suggest that the subjunctive form in these samples is related to a value of uncertainty, measured on a scale that may have a more accentuated or more attenuated uncertainty relationship expressed based on the inherent semantic values of the deontic and epistemic submodes and that the subjunctive tends to be more used where uncertainty and the feature of future projection are present. Given this gradation of the uncertainty value of the subjunctive, its variable use can be distributed in a continuum of the irrealis modality based on its two axes: deontic submode, with the values of volition, evaluation, preference and manipulation; and epistemic submode, with the values of probability, certainty and belief, according to the gradient of modality according to the Givonian view. Concerning the methodology, we are guided by the mixed method (Cunha Lacerda, 2016), which combines qualitative and quantitative methodologies. The research sample consists of 24 (twenty-four) interviews from the Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC) and 24 (twenty-four) interviews from the Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC). Regarding data analysis, the results revealed that, in the distribution of gradience and competition for the use of the subjunctive mood, on a 7-degree modality scale, the token frequency with constructions in the subjunctive mood was higher in the axes *irrealis 1*, *irrealis 2*, *irrealis 3* in which uncertainty and the feature of future projection were more markedly present. The properties selected to observe the linguistic phenomenon that conditioned the selection of the application of the rule were the “type of clause”, the 3rd and 2nd person, the affirmative clauses in a subordinate context and the clauses with the negation scope for the contexts of independent clauses and for the parenthetical context. Regarding the verbs, the types that conditioned the form of the subjunctive were biconditional, perceptual,

causative, volitional and existential. Regarding to verbal tenses, we came to the conclusion that the presence of the future projection conditions the subjunctive and the spread projection, which includes the present, past and future tenses, conditions the indicative mood. The research also shows that the gradience of the subjunctive can be explained by factors related to general domain cognitive skills, analogy, rich memory and categorization. This thesis also seeks to contribute to thinking about teaching the Verbal Mode in a more contextualized way with the student's linguistic reality.

KEYWORDS

Gradience; Subjunctive; Indicative; Usage-Based Functional Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gradiente de modalidade do modo subjuntivo	28
Figura 2 – Relações hierárquicas entre as construções	31
Figura 3 – Linha cronológica do tempo verbal do modo indicativo	53
Figura 4 – Linha cronológica do tempo verbal do modo subjuntivo	53
Figura 5 – Linha cronológica do tempo verbal passado do modo subjuntivo.....	60
Figura 6 – Hierarquia Construcional do Modo Verbal.....	88
Figura 7 – Imagem de abertura do site de Laurence Anthony	106
Figura 8 – Imagem de abertura do programa <i>AntConc</i>	106
Figura 9 – Resultado da rodada da ferramenta <i>word list</i>	107
Figura 10 – Rodada dos dados na ferramenta <i>Concordance</i>	107
Figura 11 – Rodada dos dados na ferramenta <i>Concordance</i>	108
Figura 12 – Busca pelo preenchimento do <i>slot</i>	108
Figura 13 – Elementos destacados à esquerda do elemento que	109
Figura 14 – Contexto expandido do lexema <i>talvez</i>	109
Figura 15 – Rodada dos dados na ferramenta <i>Clusters/N-Grams</i>	110
Figura 16 – Tipos de elementos combinados com o lexema <i>talvez</i>	110
Figura 17 – Rodada dos dados na ferramenta <i>Collocates</i>	111
Figura 18 – Rodada dos dados na ferramenta <i>Word List</i>	112
Figura 19 – Rodada dos dados da ferramenta <i>Concordance</i> do padrão construcional <i>talvez</i>	113
Figura 20 – Rede taxonômica da modalidade na oração	117
Figura 21 – Rede taxonômica do elemento tipos de oração.....	120
Figura 22 – Rede taxonômica dos tipos de orações	121
Figura 23 – Distribuição do subjuntivo em uma escala da modalidade	122
Figura 24 – Valores dos submodos deontico e epistêmico	131
Figura 25 – Valores dos submodos deontico e epistêmico no nível da microconstrução	133
Figura 26 – Rede taxonômica da Pessoa verbal	135
Figura 27 – Rede taxonômica da propriedade Pessoa verbal	136
Figura 28 – Rede taxonômica da propriedade tipo de verbo da oração do dado.....	142
Figura 29 – Hierarquia construcional da projeção temporal	145
Figura 30 – Rede construcional do modo verbal subjuntivo em contexto de oração subordinada	146
Figura 31 – Estrutura da assertividade da oração em contexto de subordinada.....	147

Figura 32 – Hierarquia construcional da propriedade estrutura da assertividade das orações subordinadas	148
Figura 33 – Rede taxonômica da propriedade tipo de verbo na oração subordinada.....	149
Figura 34 – Rede taxonômica de construções com subjuntivo em contexto de parentética .	151
Figura 35 – Atuação da propriedade tipo de verbo na oração do dado em contexto de parentética	155
Figura 36 – Rede taxonômica da atuação da propriedade tipo de verbo na oração do dado em contexto de parentética	156
Figura 37 – Rede construcional da propriedade estrutura da assertividade da oração.....	161
Figura 38 – Rede construcional do elemento estrutura da assertividade da oração	162
Figura 39 – Rede taxonômica de construções com subjuntivo em contexto de independente	163
Figura 40 – Rede construcional da estrutura da assertividade da oração em contexto de oração independente.....	166
Figura 41 – Rede taxonômica da estrutura da assertividade da oração em contexto de oração independente.....	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representação da gradiência do subjuntivo no escopo do <i>irrealis</i>	124
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia do aspecto	61
Quadro 2 – A reformulação comunicativo-pragmática das modalidades epistêmicas a partir das modalidades da tradição lógica.....	63
Quadro 3 – Passos semânticos principais.....	65
Quadro 4 – Escala de submodos	66
Quadro 5 – Representação da estrutura simbólica da construção	75
Quadro 6 – Caracterização do Banco de Dados do Projeto Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modo indicativo x modo subjuntivo.....	116
Tabela 2 – Modalidade da oração.....	117
Tabela 3 – Frequência <i>type</i> do elemento Tipo de Oração	118
Tabela 4 – Frequências <i>token</i> e <i>type</i> das construções por contexto sintático	119
Tabela 5 – Valores dos submodos na dimensão da modalidade.....	123
Tabela 6 – Pessoa verbal	134
Tabela 7 – Estrutura da assertividade da oração.....	136
Tabela 8 – Tipo de verbo na oração do dado.....	139
Tabela 9 – Tempo verbal da oração.....	142
Tabela 10 – Tempo verbal por pontos do <i>continuum</i> da modalidade.....	143
Tabela 11 – Situação espalhada x projeção futura e/ou incerteza.....	144
Tabela 12 – Tipo de verbo na oração subordinada.....	148
Tabela 13 – Tempo verbal nos pontos do <i>continuum</i> da modalidade.....	150
Tabela 14 – Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências no <i>Corpus</i> PCVC.....	157
Tabela 15 – Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências no <i>Corpus</i> PPVC	157
Tabela 16 – Modo indicativo x modo subjuntivo.....	158
Tabela 17 – Atuação da variável estrutura da assertividade da oração em contexto de oração parentética.....	160
Tabela 18 – Modo indicativo x modo subjuntivo em contexto de oração independente	164
Tabela 19 – Distribuição das construções na oração independente por tipos e por ocorrências nos <i>Corpora</i> PCVC e PPVC.....	165
Tabela 20 – Atuação da estrutura da assertividade da oração em contexto de independente	165
Tabela 21 – Tempo verbal no contexto de orações introduzidas pela construção “talvez” ..	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
LFCU	Linguística Funcional Centrada
PCVC	Português Culto de Vitória da Conquista
PPVC	Português Popular de Vitória da Conquista
TG	Tradição Gramatical
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
V	Verbo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 Estrutura da tese.....	33
2 O TRATAMENTO DO MODO SUBJUNTIVO E DO MODO INDICATIVO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL E NA GRAMÁTICA DESCRITIVA	35
2.1 Tratamento das construções encaixadas, relativas e adverbiais na Tradição Gramatical e na Gramática Descritiva.....	38
<i>2.1.1 As construções encaixadas completivas.....</i>	<i>44</i>
<i>2.1.2 As construções subordinadas relativas</i>	<i>47</i>
<i>2.1.3 As construções subordinadas adverbiais</i>	<i>48</i>
<i>2.1.4 Sentenças com o lexema talvez.....</i>	<i>50</i>
<i>2.1.5 A ambiência das orações parentéticas na Tradição Gramatical</i>	<i>51</i>
2.2 Tempo verbal das sentenças	52
<i>2.2.1 Emprego dos tempos verbais presente, passado e futuro</i>	<i>55</i>
2.3 O componente aspecto verbal.....	57
2.4 Modo e modalidade	62
2.5 Síntese da Seção 2	66
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	68
3.1 Linguística Funcional Centrada no uso: dimensões e arquitetura teórica	68
3.2 Variância e gradiência: processos cognitivos de domínio geral	80
3.3 A caracterização da construcionalização e da mudança construcional	83
<i>3.3.1 Esquematicidade, produtividade e composicionalidade.....</i>	<i>86</i>
<i>3.3.2 Níveis da hierarquia construcional.....</i>	<i>88</i>
3.4 Síntese da Seção 3	89
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	91
4.1 O delineamento da pesquisa	91
4.2 A variável dependente e as propriedades de seleção da pesquisa	93
<i>4.2.1 Variável dependente.....</i>	<i>93</i>
4.3 A amostra da pesquisa	103
4.4 O programa <i>AntConc</i>	105
4.5 Critério de seleção e exclusão de dados	114
4.6 Síntese da Seção 4	115
5 ANÁLISE DOS DADOS	116

5.1 A gradiência do subjuntivo.....	116
5.2 Resultado da gradiência do subjuntivo em contexto de oração subordinada.....	146
5.3 Resultado da competição pelo uso do subjuntivo em contexto de Oração Parentética	150
5.4 Resultado da gradiência do subjuntivo em contexto de oração introduzida pela construção “talvez”	163
5.5 O impacto dos processos cognitivos de domínio geral na gradiência e competição do uso do subjuntivo.....	168
5.6 Síntese da Seção 5	170
6 COSTURANDO A TEORIA E A PRÁTICA	173
6.1 Proposta de ensino do conteúdo Modo Verbal	175
6.1.1 PCNS e BNCC: orientações para o ensino do modo verbal	175
6.2 Síntese da seção 6.....	182
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS	187

1 INTRODUÇÃO

Nos alicerces das teorias linguísticas e mais especificadamente no polo funcionalista, há a compreensão de que as línguas são dinâmicas e, por constituírem uma atividade social, as suas normas passam por evoluções que são resultados das práticas discursivas dos seus interlocutores. Diante dessa realidade e, por não terem, segundo essa perspectiva, uma natureza de funcionamento engessada, as línguas seguem, muitas vezes, em outras direções em relação ao trabalho de teor normativo-prescritivo e, muitas vezes, marcadas, até mesmo, pela contradição do que está prescrito nesses compêndios gramaticais prescritivistas.

Para ilustrar esse caráter dinâmico da língua em pauta de discussão, seguem alguns dados de fala resgatados do *Corpus* do Português Popular (PPVC) e do *Corpus* do Português Culto (PCVC) de Vitória da Conquista:

(1)² DOC: Conta pra mim como foi a história do homem que a senhora prendeu.

INF: Lá o patrão do rapaz falô: “Você vai [banhá] no corgo. Ele disse: “E é mui... eles não qué que eu **BANHE** aqui no colo. Qué que eu **VÔ**... **VÔ** pa casa de seu Hercilo ou pa casa de Amorim.” (E.L.C - *Corpus* PPVC)

(2) DOC: Eh... a língua chinesa você já tentô?

INF: Já tentei, é uma língua muito complicada. Eu fiquei meio assim. Eu... eu... eu num digo que nunca **VÔ** tentá novamente, mas a primêra tentativa eu num me identifiquei muito, porque é muito complicada. Uma língua bem difícil. (A.S.A - *Corpus* PCVC)

Segundo prescreve a Tradição Gramatical (doravante TG), os modos subjuntivo e indicativo estão associados, respectivamente, ao binômio incerteza e certeza do fato veiculado, (Cunha; Cintra, 2001; Rocha Lima, 2011; Said Ali, 2001). Especificamente, no contexto sintático de oração subordinada, conforme os dois excertos de fala mencionados, o verbo *querer* exige, na estrutura de complementação, um verbo no subjuntivo, provocando uma ideia como uma forma própria para transmitir fatos que se aspira realizar. Sendo assim, as estruturas de complementação do excerto de fala (1) são contextos que requerem tais usos, no entanto, as orações ilustradas com os usos de formas do subjuntivo do verbo *banhar* (banhe) e do indicativo do verbo *ir* (vô) mantêm o valor de dúvida, incerteza em ambas. No excerto (2), também observamos que o indicativo do verbo *ir* na oração subordinada carrega esse mesmo valor

² Os dados de fala dos *Corpora* PPVC e PCVC, nesta tese, são dispostos em uma sequência numérica contínua no decorrer dos capítulos e com especificações próprias no final dos dados indicando a que *Corpus* determinado excerto de fala pertence. Ocorre diferente quando exemplos ou dados são retirados de gramáticas, artigos e outros textos que podem aparecer com a configuração de letras ou números. Como os dados de fala utilizados para análise nesta tese têm especificações próprias, fica evidente quando o excerto de fala é referenciado, aludido ou retomado.

nocional de incerteza inerente ao subjuntivo. Dessa forma, caminha em direção contrária ao que prescreve a TG nesse contexto sintático.

Uma questão a ser observada, que ratifica a contradição em relação ao valor de incerteza como própria do modo subjuntivo quando trata-se dos modos verbais, é o fato de exemplos inseridos dentro da TG romperem com as (suas) próprias prescrições gramaticais quando o uso da forma indicativa aparece com o valor de incerteza. Podemos constatar isso em exemplos retirados da obra “Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical”. Observemos: (1) *Ela chegará hoje?* (2) *Não matarás.* (3) *Discordarão alguns desta orientação* (Kury, 1964, p. 71).

O gramático expressa a opinião de que o modo verbal é relativizado ao observar que o futuro do indicativo tem o valor semântico de incerteza, nos exemplos (1), (2), (3), o que demonstra que tal valor está presente no modo subjuntivo e que pode ser exercido, também, com o modo indicativo. Aqui o que queremos acentuar é que o valor de incerteza pode estar presente em construções com o indicativo e com o subjuntivo em um processo de competição exercendo a função de transmitir a incerteza dentro do escopo do *irrealis*. Apontar isso é importante porque vamos, nesta tese, mostrar a gradiência do valor de (in)certeza em 7 graus na linha do *continuum* do *irrealis* através dessa competição.

Considerando a opinião expressa por Kury (1964) não deixamos de observar que o exemplo (1) trata-se de uma sentença interrogativa e de que a incerteza pode ser evidenciada no ato ilocutório. Também é importante registrar que as formas indicativas trazem um contexto de incerteza por estarem no futuro³. Além disso, é importante apontar que a leitura do valor de incerteza que Kury (1964) realiza é no nível do pressuposto e não no posto.

Ainda tratando a respeito dessa competição entre esses modos verbais com valor semântico semelhante, Amorim (2015), ao realizar um percurso histórico do subjuntivo da tradição latina ao português, constatou a variação⁴ do subjuntivo nas gramáticas de Maurer Jr (1959) e de Said Ali (1964, 2001) tanto no Latim Vulgar como também na Língua Portuguesa desde tempos pretéritos. Vejamos um exemplo:

(a) *E houve* jamais no mesmo mundo *quem fosse* senhor de todo ele?... algum *houve*, que o *poz* em praxi, como Tiberio... e hum só *houve*, que realmente tivesse esta grande fortuna, que foy o mesmo que o perdeo, Adam (*Serm.* 8, 174). (Said Ali, 2001, p.239 - grifos do autor)

³ Na literatura linguística, é sedimentado que o desejo, a possibilidade e a incerteza fazem um elo com o tempo futuro (o “vir a ser”). Com isso, discutiremos em linhas mais à frente que a projeção futura é um fator que condiciona a seleção do subjuntivo.

⁴ A terminologia que adotamos nesta tese é competição pelo uso para tratar do nosso fenômeno linguístico. Retomaremos mais a respeito disso em linhas subseqüentes.

Nesse exemplo que foge à regra dos dogmas da Gramática Tradicional observados nas formas *poz versus fosse e tivesse*, Said Ali (2001), ao explicar a variação entre as formas indicativa e subjuntiva nas orações subordinadas, afirma parecer que o Padre Vieira, ao usar o subjuntivo, quis remeter a uma possível dúvida que poderia subsistir na mente dos seus interlocutores. Posto isso, notamos que, nessa explicação, Said Ali (2001) expressa um ponto de vista interpretativo seu que pode não ser o real, tendo em vista que o próprio sentido da palavra “parece”, usada por ele, expressa um teor subjetivo e, portanto, transmite que o que se diz pode não ser o certo. Com isso, essa explicação dada pelo gramático entra na esfera de uma conjectura, de uma interpretação do possível daquilo que se diz, tendo em vista que os seus argumentos não são fundamentados dentro dos aparatos da gramática já que é um caso que foge à regra.

Para potencializar este nosso ponto de vista, chamamos à conversa Maurer Jr (1959) que, na *Gramática do Latim Vulgar*, enfatiza que era impossível determinar e delimitar as razões que conduziram os escritores a alternarem o uso entre formas indicativas e subjuntivas. Ele afirma que o modo subjuntivo era comumente utilizado em textos literários por influência erudita e o indicativo, por seu turno, era a opção empregada em textos ditos do tipo popular.

O que se distancia dos usos que não contemplam a norma-padrão da língua não compete à gramática prescritiva explicar, tendo em vista que esse não é o seu papel já que segue um modelo fixo de prescrições. No entanto, temos à disposição as pesquisas desenvolvidas a partir das teorias linguísticas que procuram explicar os fenômenos variáveis da língua, como este aqui em pauta de discussão, o que nos oferece espaço para refletir a respeito de quais elementos postos na conjuntura textual poderiam remeter a essa “possível dúvida” que Said Ali (2001) interpreta em relação ao que o Padre Vieira quis expressar na sentença. Uma análise considerando isso, entre outros elementos linguísticos e extralinguísticos, far-se-ia necessária para se chegar a uma conclusão. Por outro lado, a tradição gramatical é por si só objetiva, delimitando um padrão linguístico de uso da língua e utiliza um aparato categorial fixo e ideal. Por falta de um aparato para explicar a variação do subjuntivo, qualquer explicação vai recair na subjetividade, pautada em uma opinião ou um juízo do que parece ser. Em outro contexto de uso variável do subjuntivo, Said Ali (2001) afirma que acentuar ou atenuar a dúvida de um determinado fato constitui uma questão meramente subjetiva e, por essa razão, o escritor pode expressar o seu pensamento tanto no indicativo quanto no subjuntivo:

(b) Pera se *saber quem fosse* este gigante, em cujo poder Dom Duardos estava, diz a istoria que... (Morais, Palm. 1, 10) - Pera se saber *quem era* este cavaleiro diz a istoria que... (ib. 1, 492). (Said Ali, 2001, p.238)

Observamos que essa explicação só entra na dimensão do que queremos conferir e atestar na nossa amostra a partir da teoria linguística LFCU e recorrendo ao contexto linguístico que, além de incorporar o entorno linguístico, considera propriedades formais e funcionais que se correlacionam e se implicam de forma mútua. Assim, pretendemos mostrar que as formas subjuntivas e indicativas podem remeter à dúvida e à incerteza estando em contextos específicos que se requer o uso do subjuntivo podendo se mostrar com o valor semântico de incerteza estendido e analisado em uma dimensão escalar da modalidade⁵, em uma visão givoniana.

Apesar da presença dessa competição de uso entre esses modos verbais no latim e nas línguas românicas, não foi possível encontrar uma base coerente dentro desses compêndios para explicar esse processo de variação nos exemplos trazidos nas gramáticas, mas deixamos evidente, mais uma vez, que não é o seu papel. Câmara Jr. (1985, p.133), na obra *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, explicita que “em português o uso das formas de subjuntivo vem a ser uma pura servidão gramatical, isto é, um padrão formal, apenas, e não a marcação de certos valores semânticos”, quando traz o exemplo “Suponho que é verdade” em que o caráter modal de dúvida, hipótese ou desejo se faz presente com a forma indicativa.

Posto essa reflexão pelo linguista Câmara Jr. (1985), pontuamos que a variação presente no comportamento do uso do subjuntivo tem sido pauta de discussão na agenda de muitos pesquisadores com o desenvolvimento de investigações que possibilitam explicações alternativas de tal fenômeno linguístico desde 1970, por meio das teorias Sociolinguística, Funcionalismo/Gramaticalização e/ou Sociofuncionalismo, a exemplo de Alves (2009); Alves Neta (2006); Amorim (2015); Barbosa (2013); Botelho Pereira (1974); Carvalho (2007); Meira (2006); Pimpão (2012); Rocha (1997); Santos (2005), entre outros.

Para além do tratamento da competição entre as formas do subjuntivo e do indicativo, é de nosso interesse também observar a multiplicidade dos valores que o subjuntivo pode apresentar no escopo da modalidade para assim compreender a gradiência em sua distribuição no *continuum* da modalidade *irrealis*. Ao resgatar os trabalhos realizados pelos pesquisadores Comparini (2009) e Guiraldelli (2009) que analisam, respectivamente “A modalização deôntica

⁵ A partir de alguns elementos sintáticos e da dimensão escalar na visão givoniana é possível direcionar as gradações dos valores semânticos de incerteza do modo subjuntivo no escopo da modalidade *irrealis*. Isso ficará mais claro no decorrer deste trabalho.

no discurso jurídico” e “Uma análise funcional das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva, e o modo subjuntivo”, verificamos que os linguistas mostraram que esse modo verbal se apresentou com uma multiplicidade de valores semânticos, a saber: valores de volição, manipulação, crença, avaliação, probabilidade, certeza e descomprometimento. Com isso, o nosso olhar nesta tese será delineado, observando a competição do uso do subjuntivo como evidenciado nos dados de fala (1) e (2), bem como mostrando a gradiência de valores do subjuntivo, como observados nas construções (a), (b), (c) e (d) a seguir:

(a) Para que alguém possa, até então, fazer justiça é obrigatório que a gente remonte os fatos narrados. (D1:19) (Comparini, 2009, p. 176 - valor de obrigação)

(b) Mas ela (a legítima defesa) é um instituto legal que diz: olha, se alguém atentar contra a sua vida, você pode reprimi-lo de tal forma que, se for necessário que você mate, mate. (D1:20) (Comparini, 2009, p. 183 - valor de permissão)

(c) Duvido que ele venha. (Guiraldelli, 2009, p. 207 - hipótese)

(d) Não creio que isso seja verdade. Basta, por exemplo, lembrar os movimentos de renascimento linguístico que se verificam em muitas regiões, com a adoção do catalão e do basco com línguas de cultura espanhola. (Guiraldelli, 2009, p. 219 - valor de descomprometimento)

Ao observar as análises realizadas pelos autores, o exemplo (a) está inserido dentro do quadro do submodo deôntico e a carga semântica que recai no termo “obrigatório” já sinaliza uma estratégia argumentativa a fim de aspirar o cumprimento e a realização da ação. Dito isso, não é possível construirmos o sentido no nível do posto, mas, sim, lançando o olhar em outros elementos sentenciais e na oração como um todo. Ainda nesse quadro, temos o exemplo (b), que relata e retrata um discurso típico de legítima defesa, com o advogado de defesa instaurando uma autorização. O que percebemos nesses contextos - (a) e (b) - é que há uma marca de incerteza mais acentuada pelo fato de haver uma probabilidade maior de sua realização demarcada no termo “obrigatório” - exemplo (a) - e pela inferência marcada pelo discurso da autorização no exemplo (b).

No exemplo (c), Guiraldelli (2009) mostra que há uma marca pragmática diferente com a evidência de hipótese e gradação de dúvida. Já no exemplo (d), o falante atenua o seu envolvimento se descomprometendo com a verdade do que é proferido. A direção para a construção de sentido para a modalidade *irrealis* tem como ponto de partida o predicador “creio”, mas a escolha do falante pelo modo verbal subjuntivo ou indicativo na oração

subordinada vai determinar o grau ou o ponto do *continuum* que essa construção se encontra dentro do espectro do *irrealis*.

Mostrar a série de valores distintos relacionada à categoria da modalidade é de suma importância para compreendermos a gradação da incerteza no *continuum* da modalidade *irrealis*. Assim, estamos focados na competição do subjuntivo com o indicativo e na multiplicidade dos valores que esse uso pode apresentar nos contextos sintáticos, dentro do escopo do *irrealis*.

Apesar da grande quantidade de trabalhos que envolvem a variação do subjuntivo, ainda não há publicadas, na Literatura Linguística, pesquisas que tratem desse fenômeno linguístico na perspectiva da teoria Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) no Português Brasileiro. Diante disso, a motivação para o estudo da competição entre os modos subjuntivo e indicativo, tomando como pressuposto esse quadro teórico, parte do intuito de ampliar a pesquisa da dissertação de mestrado, desenvolvida por Amorim (2015), em que a autora analisa dados de fala do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA na perspectiva do Sociofuncionalismo.

É importante salientar a necessidade de que fenômenos linguísticos sejam empiricamente testados dentro do escopo da abordagem teórica da LFCU para contribuição de estudos linguísticos nessa vertente, ainda tão nova, no estudo do Português Brasileiro. Para isso, objetivamos analisar a gradiência do subjuntivo a partir da gradação do valor de incerteza que esse modo verbal pode apresentar (volição, manipulação, crença, avaliação, probabilidade, certeza), nos contextos sintáticos de oração subordinada, de oração parentética e de orações independentes introduzidas pelo lexema *talvez*, nos *Corpora* do Português Culto e do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA, no Português Brasileiro, considerando aspectos formais que as caracterizam, bem como aspectos funcionais que as licenciam.

A hierarquia construcionista do objeto a ser estudado nesta tese pode ser encabeçada, no esquema, pelo modo verbal; no nível intermediário, pelos verbos nos modos subjuntivo e indicativo (subesquemas) com valores de volição, manipulação, crença/probabilidade, avaliação e certeza; e, no nível das microconstruções, pelas construções expressando os valores semânticos elencados em linhas precedentes, o que será demonstrado, delineado e aprofundado no decorrer da análise. Posto isso, analisaremos a gradiência do subjuntivo, resgatando algumas habilidades de teor cognitivo mais geral que influenciam no processo de mudança na língua, como categorização, memória rica e analogia. (Bybee, 2016).

A categorização é definida por Bybee (2016) como um processo cognitivo de domínio geral em que categorias são criadas por meio da experiência (em vários domínios). Em relação

à memória enriquecida, a autora a conceitua como o armazenamento na memória dos detalhes vivenciados pelos falantes através da experiência com a linguagem. Assim sendo, ao associarmos ao nosso objeto, delineamos desta forma: os detalhes da experiência do interactante com o uso do modo verbal do subjuntivo em contextos específicos de oração parentética, orações subordinadas e orações independentes iniciadas pelo lexema *talvez* em que se prescreve o uso desse modo verbal é sedimentado e estocado na memória à medida que é usado e associado a cada enunciado. Em virtude dessa experiência linguística desses usos, a utilização do subjuntivo terá uma representação maior na memória do falante em relação às formas inovadoras que surgirão na língua. Já a analogia, segundo Bybee (2016) se refere ao processo pelo qual o interactante passa a usar uma expressão inovadora com base em formas existentes no sistema, e não em regras simbólicas mais gerais.

Em relação à competição pelo uso de formas do subjuntivo e indicativo, foi descrita por Amorim (2015), na perspectiva da gramaticalização, da seguinte forma: o uso frequente e gradual da forma indicativa em contexto de uso do subjuntivo tem o caráter inovador e se distancia do que prescreve a Tradição Gramatical. Já na esteira da vertente da teoria que adotamos, temos as contribuições da Gramática de Construções que foram incorporadas pela LFCU que não eram abalizadas pela gramaticalização: (i) a formação de construções esquemáticas e (ii) o conceito de gramática como uma rede de nós conectados de maneira hierárquica (Cezário, Silva, Santos, 2015).

Dito isso, informamos que a LFCU é uma tendência teórica recente que alguns linguistas têm se ocupado no desenvolvimento das pesquisas de fenômenos linguísticos que consistem na conciliação de alguns pressupostos teórico-metodológicos entre as abordagens da Linguística Funcional de base norte-americana (Givón, 1995, 2001) e da Gramática de Construções (Furtado da Cunha, Silva, Bispo, 2016; Traugott, Trousdale, 2013). A LFCU constitui uma adequação do terno *Usage-based Linguistics*, cunhado por linguistas que estão associados ao grupo de pesquisa *Discurso e Gramática*. A língua na perspectiva dessa teoria é “conceitualizada como sendo constituída de pareamentos de forma-significado, ou ‘construções’, organizadas em rede” (Traugott, Trousdale, 2021, p. 25).

Alicerçados, então, nessa teoria e levando em consideração as pesquisas registradas na literatura linguística concernente à competição entre as formas do subjuntivo e do indicativo, o presente trabalho é direcionado pela seguinte questão-problema central: (1) O modo subjuntivo está atrelado somente ao valor de incerteza nos *Corpora* Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC) dentro do espectro do *irrealis*? A partir dessa questão mais geral, são derivadas questões-problema

Os valores apontados no quadro dos submodos deôntico e epistêmico nos nossos dados são dispostos da seguinte maneira na escala da modalidade:

Grau 1⁶:

(3) DOC: com dois operou já?

INF: Ele **queria** que eu **OPERASSE** no menino.

E aí depois, aí ele falou bem assim: Tu quer [nem] que eu **VÁ ARRUMAR** pra tu, eu falei: Quero Ivomar, meu marido foi e num deixou não, falou: não tá nova ainda, tem que ficar aí pra tomar conta de Tiago, Tiago ta [pequenininim], quem vai tomar conta de Tiago? (E.S.P - *Corpus PPVC*)

Grau 2:

(4) DOC: A senhora chegou a estudá?

INF: Eu... estudozim bestêro, né, de casa. Agora que eu queria ir pará só aí que eu fui convidada, né, pa ir estudá... as frêra **mandô falá** que **MANDASSE** p'eu estudá, que o [mascate] falô que merecia estudá. (E.L.C - *Corpus PPVC*)

Grau 3:

(5) DOC: Cê saia de casa?

INF: Eu:: não, ficava dent0o de casa, ficava com [med] de sê ro0bado + do jeito que eu sou, num sai cum minhas coisa na rua. Uma vez eu tava com meu computador no [mei] da rua, meu notebook {init}, os cara passou oyano, [quas] eu **pensei** que **IA ROOBÁ**, né {init} dent0o de casa {init}.(L.B.R - *Corpus PPVC*)

Grau 4:

(6) INF: Trabalho muito, trabalho bastante, a... hoje a UESB a gente não fica tanto na UESB como ficávamos antigamente... antigamente nós passávamos o dia e parte da noite na UESB, hoje em dia não... as novas tecnologias já permitem que a gente **FIQUE** em casa. (A.I.R.M - *Corpus PCVC*)

Grau 5:

(7) DOC: {risos} Por que que [‘cê] resolveu fazê o curso de Modernas então, F.S.L.B?

INF: Porque eu não esperava que fosse tivesse sê tão focado em...em docência sabe, eh eu pensei que **IA TÊ** um ôtro caminho que a gente **PUDESSE FAZÊ**, sabe? Mas eu ‘tô vendo que o lance é ensiná mesmo... {ININT} [ficá por isso mesmo] (F.S.L.B - *Corpus PCVC*)

Grau 6:

(8) INF: há sempre o problema do *bullying* [ININT] o problema do... desi'desi' desentendimentos... ah e essa parte nem sempre é boa né... mais hoje olhando pra traz faz parte num é algo que é... pra mim... seja... não é pra não é algo traumático é algo que... é normal que **ACONTEÇA** e que nos temos que tentar amenizar, superar né lidar com essas questões mais sempre tendo em vista que são questões que são é... coisas que fazem parte do ambiente escola que num tem jeito num... é... (H.F.D.S - *Corpus PCVC*)

⁶ A disposição do subjuntivo nos 7 (sete) graus na escala da modalidade será retomada e mais detalhada na Seção 4 (*Percursos metodológicos*) e na Seção 5 (*Análise dos dados*).

Grau 7:

(9) Agora eh... talvez por isso eu não tenha sentido falta de... de irmãos, né, minha família é... bem a gente é muito apegado um ao outro. Tem muito o que falá não, acho que as famílias são assim, mas embora eu reconheça... embora eu reconheço que as famílias **TÊM** culturas diferentes, né, as famílias têm culturas diferentes, hábitos, costumes diferentes. (A.I.R.M - *Corpus PCVC*)

O Grau 1, dado de fala (3), localiza-se no primeiro ponto da escala da modalidade (*irrealis* 1) com valor de desejo associado à projeção futura. O Grau 2, excerto de fala (4), localiza-se no segundo ponto da escala da modalidade (*irrealis* 2) e é marcado por situações que implicam manipulação associada à projeção futura. Ao observar a força do verbo “mandar” na oração principal da sentença e a força manipulativa instaurada no enunciado, há um aumento da probabilidade de que o evento se realize. Em comparação ao Grau 1, evidencia-se que o valor de incerteza é mais atenuado no ponto 1 da escala e mais acentuado no ponto 2 o que evidencia diferenças no grau de incerteza nesses padrões de uso. O Grau 3, excerto (5), localiza-se no terceiro ponto da escala (*irrealis* 3) com valor de probabilidade e está vinculado à futuridade. O Grau 4, dado (6), localiza-se no quarto ponto da escala (*irrealis-realis* 1) e é marcado pela força de manipulação exercida por uma ação humana ou por um fator externo de forma repetitiva. O Grau 5, dado (7), localiza-se no quinto ponto da escala (*irrealis-realis* 2) e o padrão de uso é marcado pela probabilidade/crença em um contexto espreado abrangendo os tempos verbais presente, passado e futuro. O Grau 6, dado (8), localiza-se no sexto ponto da escala (*realis-suposição* 1) e o padrão de uso é marcado pela avaliação que o interactante tece de um determinado fato. O Grau 7, dado (9), localiza-se no sétimo ponto da escala (*realis-suposição* 2) e o padrão de uso é marcado por situações atemporais ou habituais.

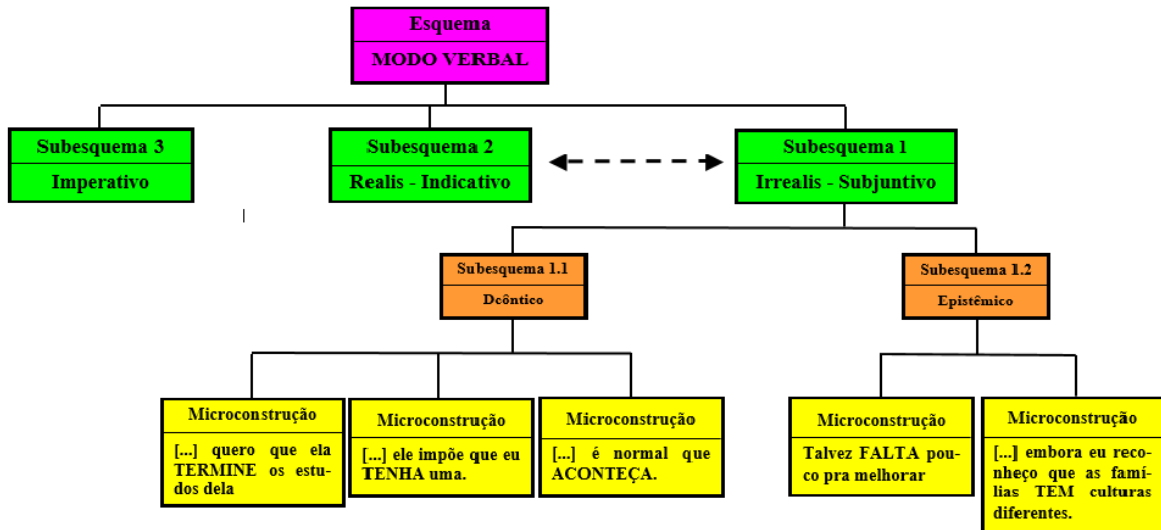
Concernente à segunda questão-problema específica, e a partir de uma perspectiva construcional, defendemos que o caráter inovador do modo subjuntivo é um novo pareamento de forma-função na Língua Portuguesa, pois, além da forma-função prototípica, também desempenha forma e função por meio de verbos com o modo indicativo. Aventamos, ainda, que essa inovação do modo subjuntivo pode ser justificada por fatores atinentes a habilidades cognitivas de domínio geral como categorização, memória rica e analogia, como descrito anteriormente.

No que concerne à terceira questão-problema específica, pressupomos que a gradiência do modo subjuntivo esteja vinculada as seguintes propriedades: (i) tipo de oração; (ii) modalidade da oração; (iii) valores dos submodos deôntico e epistêmico; (iv) tipo de verbo na

oração do dado⁷; (v) estrutura da assertividade da oração⁸; (vi) tempo verbal da oração e (vii) pessoa verbal, conforme detalhadas na seção 4.

No que diz respeito à quarta questão-problema específica, conjecturamos que a representação taxonômica do modo subjuntivo pode ser posta da seguinte forma:

Figura 2 – Relações hierárquicas entre as construções



Fonte: Autoria própria

Na Figura 2, o esquema do modo verbal sanciona 3 (três) subesquemas, a saber: modo imperativo, modo indicativo e modo subjuntivo. No nível do subesquema 1, temos o modo verbal subjuntivo dentro do espectro do *irrealis*, que abarca construções no modo subjuntivo com o *slot* aberto e que é preenchido por construções com os valores semânticos de probabilidade/crença, volição, manipulação, avaliação e certeza com verbos na forma indicativa com valor semântico inerente do modo subjuntivo e verbo na forma subjuntiva com valor semântico de (in)certeza.

Temos consciência de que o subjuntivo não exerce o papel exclusivo de transmitir incerteza dentro do escopo do *irrealis* porque outras construções podem desempenhar essa função como, por exemplo, as sentenças interrogativas, entre outras. Por delimitação da pesquisa, nosso intuito se restringe a observar o comportamento do subjuntivo em competição com o indicativo dentro dessa modalidade. Dando sequência a especificação da rede

⁷ Para isso, observamos a distribuição dos tipos de verbos na oração concernente ao traço semântico, a saber: verbo do tipo volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, existencial, factivo, bicondicional, perceptivo e outros (Por exemplo - verbo “ser”).

⁸ O termo “assertividade da oração” está sendo usado neste trabalho com o objetivo de observar a presença ou não do escopo da negação nas cláusulas analisadas.

taxonômica, no nível do subesquema 2, temos o modo verbal indicativo dentro do espectro do *realis* com construções que expressam um fato, uma realidade, uma verdade. Os subesquemas *realis* e *irrealis*, na Figura 2, estão em interação como pode ser sinalizado pela seta entre eles à medida que observamos construções indicativas no contexto de uso do subjuntivo exercerem papéis semelhantes.

Por sua vez, no nível das microconstruções, temos instanciada a forma exemplar, encabeçada tanto por verbos na forma subjuntiva, quanto por verbos na forma indicativa com valores semânticos que já foram sinalizados e discutidos nos exemplos de (03) a (09) e representados nas microconstruções da rede taxonômica da Figura 2. Os constructos foram preenchidos pelas realizações dos falantes em contextos sintáticos de orações subordinadas, de orações parentéticas e de orações independentes.

Posto essas considerações, nosso objetivo geral consiste em investigar a gradiência do modo subjuntivo em orações completivas, relativas, adverbiais, parentéticas introduzidas por *que* e independentes introduzidas pela construção *talvez*, nos *Corpora* do Português Culto e do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA, no Português Brasileiro, considerando aspectos formais que as caracterizam, bem como aspectos funcionais que as licenciam fundamentados na Linguística Funcional Centrada no Uso.

Em relação aos objetivos específicos, temos como propósito: (i) Realizar um mapeamento de construções gramaticais com verbos no modo subjuntivo no Português Brasileiro, tomando como referência os *Corpora* do Português Culto e do Português Popular de Vitória da Conquista-BA; (ii) Analisar o pareamento forma-função nas construções em contexto de orações subordinadas substantivas, relativas, adverbiais, parentéticas introduzidas por *que* e independentes introduzidas pela construção *talvez*, considerando o tipo de oração, a relação com a expressão de modalidades epistêmica e deôntica, valores dos submodos deôntico e epistêmico, tipo de verbo da oração do dado, estrutura da assertividade da oração, tempo verbal da oração e pessoa verbal; (iv) Distribuir a competição pelo uso do modo subjuntivo em um gradiente de modalidade; (v) Discutir, a partir da quantificação, as construções gramaticais no modo subjuntivo, a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade; (vi) Propor uma rede construcional do modo subjuntivo, como defendido por Traugott e Trousdale (2013), a saber: esquema, subesquema e microconstruções, além de demonstrar a importância dos processos cognitivos de domínio geral nesse processo de competição pelo uso.

Além desses objetivos, vamos relacionar o objeto de estudo ao ensino com vistas a estabelecer um diálogo entre a teoria, a pesquisa e o ensino. Essa é uma maneira de possibilitar um ensino-aprendizagem do modo verbal de uma maneira, a nosso ver, mais produtiva de forma

que extrapole os limites postos pela Tradição Gramatical e pelo ensino sistemático da norma-padrão. Propomos, assim, a reflexão dos usos de outras normas que podem ser explicados pelos aparatos das teorias linguísticas, com uma visão de uma gramática em uso que está em constante adaptação.

É relevante salientar que o quadro de descrições e explicações de fenômenos gramaticais realizados por pesquisadores na perspectiva da LFCU ainda é muito recente, conforme afirmamos anteriormente. Diante disso, alcançando os objetivos traçados nesta pesquisa certamente contribuiremos para a ampliação e desenvolvimento das pesquisas nesse campo de conhecimento.

Também justificamos a relevância do desenvolvimento desta pesquisa pela necessidade de uma ampliação de análise de dados no *Corpus* da comunidade de fala conquistense. Conforme mencionado, Amorim (2015) analisou dados do *Corpus* PPVC e, para esta tese, a amostra foi constituída tanto por dados de fala de informantes do Português Popular como por dados de fala de informantes do Português Culto de Vitória da Conquista-BA. Para além dessa ampliação na investigação, será utilizada uma nova abordagem teórica para a análise dos dados. Essa ampliação da amostra da pesquisa se torna relevante pelos seguintes fatores: (a) contribuirá com a descrição do português falado na região conquistense e para a história da Língua Portuguesa; (b) trará uma abordagem mais detalhada do ponto de vista estrutural das ocorrências, sustentada pela perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. (c) contribuirá com estratégias de um ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa mais produtivo, considerando a gramática baseada no uso e os diálogos que podem ser estabelecidos entre teoria, pesquisa e ensino.

Apresentadas as justificativas, e cientes dessa contribuição na descrição dos usos das línguas, na próxima subseção, mostramos como a tese está estruturada.

1.1 Estrutura da tese

De maneira a atingir a proposta desta pesquisa, a sua composição está organizada da seguinte forma: Nesta Seção 1, *Introdução*, propusemo-nos a: (i) apresentar o objeto de pesquisa; (ii) abordar a teoria adotada neste trabalho, bem como alguns de seus autores; (iii) apresentar as perguntas norteadoras da pesquisa, as hipóteses e os objetivos; (iv) anunciar o que vai ser abordado no decorrer dos capítulos subsequentes. Nesta seção, esclarecemos que, com o propósito de deixarmos evidentes os nossos caminhos, ousamos quebrar com o protocolo e

apresentamos figuras, subseções e exemplos dos *corpora* analisados, algo não muito comum a introduções.

Na Seção 2, *Quadro do estudo do subjuntivo*, nos detivemos a: (i) trazer a visão das Gramáticas Tradicional e Descritiva no tratamento dos modos subjuntivo e indicativo e as especificações de seu uso nos contextos sintáticos das orações encaixadas completivas, relativas, adverbiais; e em sentenças com o lexema *talvez* e em orações parentéticas; (ii) tratar do tempo verbal das sentenças; (iii) explanar sobre as conceptualizações do modo verbal, do aspecto verbal e da categoria modalidade, bem como da divisão bipartida da modalidade (submodos epistêmico e deôntico), e, também, como dos seus respectivos valores semânticos e seus passos na escala gradativa da modalidade.

Na seção 3, *Pressupostos Teóricos*, abordamos sobre o aporte teórico e discutimos acerca: (i) das dimensões teóricas da LFCU; (ii) dos processos cognitivos de domínio geral e de subtemas como construcionalização e mudanças construcionais; esquematicidade, produtividade e composicionalidade e dos níveis da hierarquia construcional.

Na seção 4, *Percursos Metodológicos*, nos ocupamos em: (i) delinear a natureza quantiquantitativa da pesquisa; (ii) explicar a natureza da variável dependente e as propriedades selecionadas; (iii) descrever os *Corpora* de análise utilizados na pesquisa; (iv) apresentar o Programa *AntConc* adotado para rodar os dados; (v) listar os critérios selecionados para exclusão dos dados.

A seção 5, *Análise dos dados*, propusemo-nos a (i) analisar dados linguísticos em contexto sintático de orações relativa, completiva e adverbiais; orações parentéticas e orações introduzidas por *talvez* relacionando essa investigação com a abordagem da LFCU.

Na seção 6, *Costurando a teoria e a prática*, tecemos algumas sugestões a respeito de como o ensino do conteúdo gramatical “modo verbal” poderia ser ensinado pautado em um aprendizado que considere a realidade linguística do aluno. Por fim, apresentamos as *Conclusões*, seguidas das *Referências*.

2 O TRATAMENTO DO MODO SUBJUNTIVO E DO MODO INDICATIVO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL E NA GRAMÁTICA DESCRITIVA

Como especificado na seção introdutória, esta pesquisa considera, para a análise do fenômeno linguístico escolhido, o tipo de gramática que é remodelada em virtude do uso. Com isso, refletindo sobre o fenômeno do subjuntivo que passa por um processo de gradiência e competição pelo uso na língua, mostramos, nesta seção, a descrição dos modos subjuntivo e indicativo na perspectiva da gramática normativa e da gramática descritiva para justificar a nossa escolha por uma visão funcional da língua na compreensão do processo de gradiência do subjuntivo. Evidenciamos, no decorrer da seção, que o uso em competição do subjuntivo com o indicativo não é contemplado/considerado nos compêndios da Gramática Prescritiva,⁹ nos contextos sintáticos das orações especificadas nesta tese.

Em virtude de o foco desta pesquisa ser a gradiência e a competição de uso entre as formas dos modos subjuntivo e indicativo, sempre que possível, daremos ênfase à explanação dos fatores que determinam o modo de seleção do subjuntivo e, quando necessário, faremos menção, também, ainda que de forma mais breve, ao modo indicativo.

Diante dessa pretensão, a seção está delineada com os seguintes pontos: (i) o tratamento dispensado ao modo subjuntivo e ao modo indicativo, segundo a gramática normativa e a gramática descritiva; (ii) a abordagem das orações completivas, relativas, adverbiais com *complementizador que*, independentes introduzidas por *talvez* e em orações parentéticas introduzidas pelo *que*; (iii) o delineamento do tempo verbal dos modos indicativo e subjuntivo e (iv) a explanação do modo, do aspecto e da modalidade. Para isso, resgatamos os gramáticos Azeredo (2008); Bechara (2004); Castilho (1968, 1984, 2012); Cunha e Cintra (2017); Ferrarezi

⁹ A Gramática Prescritiva delimita, em alguns contextos específicos, a abertura para o uso do subjuntivo ou do indicativo. Tratamos nesta tese de contextos sintáticos em que se requer apenas o uso do modo subjuntivo e, sendo assim, não há espaço para a competição pelo uso dentro dos compêndios gramaticais prescritivistas. Quando afirmamos que o processo de competição pelo uso do modo subjuntivo não é contemplado nos compêndios gramaticais prescritivistas, nos contextos especificados nesta tese, temos a clareza de que não é o seu papel descrever os fenômenos variáveis da língua em uso. Estamos de acordo com as palavras de Leite (2014, p. 115-116) de que “As gramáticas são, portanto, *instrumentos linguísticos* - assim como os *dicionários* - de que dispõem os falantes e escritores para consultas e estudos, pelo que ampliam sua *competência linguística*, já que podem passar a conhecer mais a língua que usam e a explorar mais, e conscientemente, seus recursos. Esse instrumento não se reduz, como alardeiam os que não o conhecem, a condenações de usos considerados indevidos ou proibidos, a divulgação de lições preconceituosas e intolerantes sobre a língua comum, praticada em geral pelos usuários de uma língua histórica, em gêneros primários ou secundários, na modalidade falada ou escrita.”

Jr. e Teles (2008); Kury (1964); Perini (2016) entre outros. A rigor, apresentaremos, em cada abordagem, a prescrição gramatical e, em seguida, a descrição linguística.

De um modo geral, há um consenso nos compêndios gramaticais em relação ao tratamento dos modos subjuntivo e indicativo estarem relacionados à dicotomia incerteza e certeza, respectivamente, do fato veiculado. (Bechara, 2004; Cunha, Cintra, 2017; Kury, 1964; Neves, 2011; Perini, 2016). Quando o falante se serve do modo indicativo, em geral, há a consideração de que uma ação seja concebida na sua realidade, isto é, o fato enunciado pelo verbo expressa algo real, certo, seja no tempo presente, passado ou futuro. Por sua vez, no modo subjuntivo, o fato é considerado como incerto, eventual, duvidoso ou mesmo irreal. (Cunha; Cintra, 2017)

Encontramos, exposto na gramática de Cunha e Cintra (2017), que o modo subjuntivo (i) é utilizado nas orações absolutas, nas orações coordenadas ou na oração matriz; (ii) pode expressar não só noções imperativas, mas também, desejo, anelo; hipótese, concessão; dúvida (normalmente antecedido do advérbio *talvez*); ordem, proibição; e exclamação, exprimindo indignação. Já, para o modo indicativo, os gramáticos afirmam que é empregado em orações subordinadas substantivas para completar o sentido de verbos do tipo compreender, afirmar, crer (no sentido afirmativo), ver, pensar, dizer, verificar.

Azeredo (2008) expressa, a respeito do modo indicativo, que esse modo retrata fatos de existência objetiva e os enunciados declarativos simples são exclusivamente expressos por esse modo verbal, em que se realiza somente um verbo ou ainda uma locução verbal. Por seu turno, com relação ao modo subjuntivo (que se refere a episódios que retratam situações que são dependentes do enfoque pessoal do interlocutor) diz ser o habitual nas construções verbais de dois principais grupos, a saber: (i) em construções que exprimem situações hipotéticas; e (ii) e nas construções dependentes que requerem o subjuntivo.

No compêndio gramatical de Bechara (2004), está explicitado que o modo subjuntivo, geralmente, é empregado nas orações independentes optativas, nas imperativas, tanto afirmativas quanto negativas, nas dubitativas que contenham o advérbio *talvez* e nas orações complexas em que o fato é incerto, duvidoso ou há a possibilidade de realização.

Essa descrição posta pela Tradição Gramatical restringe o conceito de modo subjuntivo a um fato irreal que recai em uma esfera hipotética e o de modo indicativo a um fato, certo. A seguir, observamos um exemplo de dado de fala que vai em outra direção a essa prescrição¹⁰:

¹⁰ Salientamos mais uma vez que não são de nosso interesse os casos em que a Gramática Tradicional abre espaço para a competição entre os modos indicativo e subjuntivo. Nosso foco recai apenas nos

(10) INF: Eu até achei que **ERA** um menino na hora que nasceu e que mostr0 (risos), depois que levou pra mim que eu vi que era uma menina, mas nasceu mu::ito bonita /grande/ grande , três quilo0 seiscientos e vinte + muito bonitinha, foi mermo menina!.Fiquei é com vergonha de minha feiura (risos) na hora que chegou no quarto , eu falei: meu Deus do céu! É minha? é? /nossa!/ (risos) (A.A.B - *Corpus PPVC*)

Inicialmente, quando nos debruçamos nos compêndios gramaticais normativos e descritivos para analisar o dado de fala (10), deparamo-nos com listas de verbos que devem ser associados aos usos dos modos verbais subjuntivo e indicativo. Tradicionalmente, o modo indicativo nas orações completivas deve ser usado nas construções que agregam o sentido de os verbos pensar, compreender, comprovar, crer (quando usado no sentido afirmativo), afirmar, verificar, ver e dizer.

Com essa descrição de uso, o verbo “achar”, na oração matriz da sentença em destaque do dado (10), enquadra-se na categoria dos verbos epistêmicos e na lista posta nos compêndios gramaticais como determinante para o uso do modo indicativo na oração completiva. Poderíamos, então, a princípio, dizer que o dado de fala estaria de acordo com a Gramática Prescritiva. Porém, ainda encontramos expostos nos dogmas gramaticais que a oração completiva, que expressa um fato não concretizado no passado em relação ao expresso na oração principal, deve empregar o modo subjuntivo na estrutura de complementação. Com isso, observamos que o dado (10) fugiria à regra imposta pelo fato do verbo estar no passado o que vai requerer o modo subjuntivo e não o modo indicativo. Mas, ao analisar a construção, constatamos que o valor semântico do verbo indicativo na completiva não é de certeza, pois entra na esfera das possibilidades. O que ocorre é que a categoria do verbo na matriz atua conjuntamente com tempo verbal da oração dependente, influenciando no valor semântico do modo verbal na completiva.

Nos compêndios gramaticais, ainda está imposto que, na oração que expressa eventualidade e está subordinada a uma oração nuclear negativa, deve-se usar o modo subjuntivo na oração completiva: *Não acredito que você vá* (Almeida, 2009, p. 568). A presença do escopo da negação como condicionador do uso do modo subjuntivo é algo atestado em dados reais de fala na literatura linguística e é uma propriedade que utilizaremos na análise linguística dos dados.

contextos em que os compêndios gramaticais não prescrevem a competição entre os modos verbais, mas encontramos essa competição pelo uso evidenciada em situações reais de fala.

2.1 Tratamento das construções encaixadas, relativas e adverbiais na Tradição Gramatical e na Gramática Descritiva

Nesta subseção, apresentamos os conceitos e os contextos de uso do modo subjuntivo estabelecidos pela Tradição Gramatical e pela Gramática Descritiva em relação às construções encaixadas completivas, relativas e adverbiais representados pelos gramáticos Bechara (2004); Neves, (2011); Rocha Lima, (2011); Perini (2016); Cunha e Cintra (2017) entre outros.

O termo “subjuntivo” advém do latim *subjunctivus* que tem a função de ligar, subordinar. O seu emprego nas orações subordinadas se justifica pelo fato de uma ação, ainda a se realizar, ser “[...] concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida” (Cunha; Cintra, 2017, p. 480). De um modo geral, os critérios estabelecidos pela Tradição Gramatical no que tange ao tratamento da subordinação seguem um enfoque mais formal e estão relacionados à dependência/independência sintática (Santana, 2010). À guisa de explicação do termo, na subordinação, a oração subordinada depende de outra e funciona como termo essencial, integrante ou acessório de outra oração (Cunha; Cintra, 2017).

Dessa forma, subordinação ou hipotaxe¹¹ pode ser compreendida como a relação estabelecida entre a oração complexa e a oração subordinada. E, assim, o instrumento de subordinação é exercido pelas conjunções subordinativas “[...] que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.” (Cunha; Cintra, 2017, p. 593) e são classificadas em causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas, consecutivas que encabeçam as orações adverbiais e as integrantes que iniciam as orações completivas.

O termo dependente é assim denominado na TG, porque as orações principais desempenham papéis com um dos termos da oração completa. Essas orações principais, por representarem desdobramentos dos diversos termos das orações subordinadas, desempenham as funções inerentes aos substantivos, adjetivos e advérbios. Consoante ao critério dessas funções que exercem, são classificadas em substantivas, adjetivas e adverbiais (Rocha Lima, 2011).

Na gramática descritiva, subordinação é entendida como um processo gramatical empregado na língua com o objetivo de juntar orações. Nas palavras de Perini (2016), quando se tem orações completivas, elas não são postas lado a lado, mas uma dentro da outra. A construção *A tia Rosa disse que o Rafael é médico*. (Perini, 2016, p. 247), esquematicamente é

¹¹ A hipotaxe é o termo utilizado por Bechara (2004) para se referir à subordinação.

representada desta forma: [A tia Rosa disse que {o Rafael é médico}Oração]Oração¹² (Perini, 2016, p. 247).

O gramático explica que a oração principal constitui a sequência total e não só parte da sentença, porque a oração subordinada é parte da principal. Sendo assim, a oração principal é definida “[...] como aquela que tem outra oração dentro de si; e oração subordinada é aquela que está dentro de outra oração” (Perini, 2016, p. 247). Nessa relação, a oração subordinada pode ser identificada por meio de elementos formais como as conjunções e/ou como a forma do verbo.

O linguista acrescenta, ainda, que as orações subordinadas são classificadas em três tipos como: de gerúndio, de infinitivo e de subjuntivo. Nas duas primeiras, a marca da subordinação é determinada pelo modo do verbo, e na última - de subjuntivo - é demarcada de maneira dupla, pela conjunção e pelo modo verbal, já que o modo subjuntivo não é empregado nas orações principais¹³ (Perini, 2016). O que determina, então, o uso do modo subjuntivo ou indicativo nas orações subordinadas? Perini (2016) responde que pode depender (i) da escolha do tipo de verbo e (ii) da presença de certos constituintes adverbiais antes do verbo.

Em relação às orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *que*, essas podem vir com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo.

(a) Quando um verbo está alocado na oração subordinada, seu modo é condicionado por um item que está inserido na oração principal que pode ser verbo, preposição, conjunção ou nominal. O verbo da oração principal condiciona o modo de seleção do verbo na oração subordinada. Sendo assim, o verbo *querer*, por exemplo, contido na oração matriz, condiciona à seleção do modo subjuntivo, forma infinitiva e nunca no modo indicativo na estrutura de complementação. “A professora quer que eu leia tudo isso. (subjuntivo)” (Perini, 2016, p.291 grifo do autor)

Diferentemente do que é posto em (a), encontramos o seguinte dado de fala com o uso do verbo *querer* na oração matriz e verbo no modo indicativo na estrutura de complementação:

(11) DOC: É... você se lembra de algum fato interessante ocorrido no seu trabalho?
INF: Sim, todos os dias acontece fatos que fica na história, assim na cabeça. Eu me lembro que uma pessoa um dia *chegô* no nosso consultório pra ser atendido, e virou e falou assim... “*Dotô* eu **quero** que *cê TIRA* todos os meus dentes que eu quero *usá* chapa.” Ai ele respondeu assim... “Mais... seus dentes tem como a gente reaproveitar.” Então ela falô: “mas tem *dotô?*”, “Tem! A gente tem que tirar da cabeça esse negocio de tirar dente, ficar tirando dente, vamos aproveitar o máximo que agente puder porque você vai necessitar deles” ai ela ficou assim espantada né:

¹² A oração maior - oração principal - está entre colchetes e a oração menor - oração subordinada está entre chaves.

¹³ Perini (2016) traz a exceção em que o subjuntivo é empregado em oração não subordinada iniciada pelo advérbio *talvez*: “Talvez ele já tenha *chegado*. (subjuntivo)” (Perini, 2016, p.258).

“Então, *sinhô* tem como me *ajudá*?” E *nois* fizemos o tratamento todo dela e ela quando *terminô* o tratamento *falô* assim: “poxa, olha como eu *tava* errada em relação a tirar meus dentes, hoje eu estou dando um sorriso bonito porque vocês me *ajudaru*, que vocês *fizeru* por mim.” E ficou feliz, né? Então isso é uma coisa gratificante pra o que a gente faz no dia-a-dia. (A.S.A - *Corpus PCVC*)

Na construção “tira”, destacada do dado (11) supramencionado e recortado assim: “eu **quero** que cê **TIRA** todos os meus dentes...”, percebemos que o sujeito da oração núcleo e o da oração hipotática são entidades distintas, ou seja, não são correferentes por se tratar de sujeitos distintos e, nesse caso, a oração completiva requer o uso do modo subjuntivo. Também, o verbo “querer”, segundo a Prescrição Gramatical, pede o verbo da oração completiva no modo subjuntivo, no entanto, temos a forma variante assumindo o lugar que deveria ser ocupado pela forma do subjuntivo. Flagramos aqui o quanto as realizações dos falantes se distanciam dos dogmas da gramática.

Ainda nos compêndios, encontramos muitas outras prescrições de uso. Verifiquemos:

(b) A preposição *sem* exige o modo subjuntivo e a forma infinitiva na oração subordinada: “Ela saiu sem que você visse. (subjuntivo)” (Perini, 2016, p.291 grifo do autor);

(c) *Desde*, seguido de oração para indicar condição determina o emprego do modo subjuntivo: “Podemos ir a qualquer restaurante, desde que seja limpo. (subjuntivo)” (Perini, 2016, p.292 grifo do autor);

(d) *Embora* exige o modo subjuntivo: “Embora o cachorro *seja* barulhento, eu gosto dele. (subjuntivo)” (Perini, 2016, p.292 grifo do autor);

(e) Em determinados casos, um nominal pode condicionar o modo verbal da subordinada quando esta pertence ao complemento do nominal: “A possibilidade de que você venha... (subjuntivo).” (Perini, 2016, p.292 grifo do autor), contrapondo com “A notícia de que você veio...(indicativo)” (Perini, 2016, p.292 grifo do autor).

No exemplo de (e), os nominais (possibilidade e notícia) são seguidos pela preposição *de* e a diferença estabelecida para definir os usos dos modos indicativo e subjuntivo está relacionada com a semântica do nominal: (i) para *possibilidade*, uso do subjuntivo pelo fato do nominal exprimir um evento que denota incerteza de sua realização; (ii) para *notícia*, uso do indicativo por evidenciar um evento já realizado. Perini (2016) lista três tipos de significados ou tipos semânticos da oração subordinada em relação à oração matriz: *persuasão*, *incerteza* e *emoção* aplicados em construções em que o verbo contido na oração subordinada é regido por um verbo ou nominal da oração matriz ao ser introduzida pela conjunção *que*.

Para o *subjuntivo de persuasão*, Perini (2016, p. 293) explicita a regra descoberta por Bull (1965) aplicada à língua espanhola, mas também válida para a língua portuguesa: “Qualquer propósito, intenção ou desejo por parte do Agente de um verbo ou nominal da oração

principal de influenciar o comportamento do sujeito do verbo subordinado acarreta o uso do subjuntivo [ou do infinitivo].” O gramático explica que, nessa conjuntura, nunca se deve usar o modo indicativo. O termo agente pode provavelmente estar referindo-se ao sujeito, “[...] qualquer que seja o seu papel semântico, não exclusivamente ao Agente.” (Perini, 2016, p. 294).

Sintetizando essa regra de uso, o subjuntivo requer o uso na oração subordinada quando, na oração principal, houver os seguintes verbos: *aconselhar, conseguir, adorar, desejar, deixar, gostar, detestar, insistir, exigir, obrigar, permitir, odiar, querer, mandar, pedir, precisar*¹⁴, *proibir* e outros com traços semelhantes semanticamente. A regra também se aplica às construções em que a oração subordinada está relacionada a um nominal contido na oração matriz.

A regra referente ao significado do tipo *subjuntivo de incerteza* é formulada da seguinte maneira: “Quando o verbo ou nominal principal expressa **incerteza, dúvida** ou **negação** por parte do Agente da oração principal a respeito dos eventos descritos na subordinada, esta deve ter o verbo no subjuntivo.” (Perini, 2016, p. 295). Concernente ao *subjuntivo de emoção*, a regra que determina o uso do subjuntivo é a seguinte; “Quando o verbo ou nominal principal expressa uma **emoção** do agente, a subordinada deve ficar no subjuntivo.” (Perini, 2016, p. 296).

Postos esses fatores que determinam o uso do subjuntivo na oração subordinada, Perini (2016) expressa que o conceito de modo indicativo sendo usado na expressão de fatos é simplista demais, já que o subjuntivo aparece com característica semelhante. O autor explica que esses modos verbais se complementam de forma bastante sistemática e, para descrever esses usos em frases factuais, é necessário entender a distinção semântica entre a “asserção” e “pressuposição”. Examinemos os exemplos a seguir: 1. É evidente que ele está bêbado. 2. É uma pena que ele esteja bêbado. (Perini, 2016, p. 297).

As duas construções evidenciam que ele está bêbado, de fato, mas, na primeira sentença, o verbo está no modo indicativo e, na segunda, no modo subjuntivo. A explicação para essa diferença de uso dos modos verbais está diretamente relacionada à distinção da factualidade da oração subordinada nas duas orações. Na primeira, o nominal “evidente” contém a função principal de asserir que a enunciação do falante é verdadeira. Já na segunda, o nominal “pena” expressa ser algo lamentável o que segue. Dessa forma, em 1, o conteúdo informacional da oração completiva é asserido e, em 2, pressuposto. Sendo assim, essa regra pode ser estabelecida da seguinte forma: “Quando uma oração subordinada expressa um fato (na opinião

¹⁴ Perini (2016, p. 294) esclarece que o verbo *precisar* não está inserido no quadro dos verbos de persuasão, “[...] mas se estrutura com *querer*: eu preciso que você me ajude, eu preciso sair mais cedo.”

do falante), seu verbo fica no indicativo se esse fato é asserido, e no subjuntivo se ele é pressuposto.” (Perini, 2016, p. 298). Dessa forma, em suma, poderíamos afirmar que o posto estaria para o modo indicativo, por sinalizar certeza; ao tempo em que o pressuposto, ficaria para o subjuntivo, por não sinalizar certeza. Aqui, não podemos deixar de explicitar que Perini (2016), ainda que indiretamente, pontua que a análise recai no nível do posto e do pressuposto quando no processo de análise da oração subordinada não considera um item em específico, mas considera o todo da sentença ao levar em conta pistas evidenciadas na esfera textual como o nominal “evidente”. De acordo com Ilari (2004),

As informações veiculadas pelas mensagens linguísticas apresentam graus diferentes de explicitude. Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam ser ‘inferidas’ a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença (Ilari, 2004, p.85)

Já que é justamente no pressuposto que se gera a inferência pragmática e a mudança linguística, fomos conduzidos a trazer à discussão, nas próximas linhas, a respeito do posto, do pressuposto e do subentendido. Para isso, damos voz a Ducrot (1987, p. 39), que diz: “Tenho admitido pelo que procede, há dois modos de definir a pressuposição, seja a nível do enunciado, seja a nível da frase.” Com isso, é possível identificar os pressupostos nas construções sintáticas, no entorno da frase, no enunciado e, neste último caso, associado ao escopo do ato ilocutório.

O autor explica que “[...] o ilocutório reivindica uma eficácia, enquanto fala, para a ideia de que ele se apóia numa eficácia própria das palavras, quer dizer, do material utilizado na fala.” (Ducrot, 1987, p.35). Isso o faz chegar à conclusão de que esse ato ilocutório está inscrito na frase. Por outro lado, os subentendidos seriam alocados na esfera do perlocutório e, por isso, associados às circunstâncias da enunciação.

Ducrot (1987, p.20) associa posto, pressuposto e subentendido da seguinte maneira na teoria da pressuposição: “pressuposto é apresentado como pertencente ao ‘nós’, enquanto o posto é reivindicado pelo ‘eu’ e o subentendido é repassado para o ‘tu’”. Assim sendo, de acordo com o autor, o pressuposto que está vinculado ao “nós” consiste em algo compreensível e do conhecimento comum dos participantes envolvidos no processo comunicativo. Por sua vez, o ‘eu’ que está atrelado ao posto, constitui a informação veiculada pelo enunciador ou locutor no ato simultâneo do processo comunicativo. Por fim, o “tu” que está concatenado ao subentendido, consiste na construção do sentido decifrado pelo destinatário.

[...] a pressuposição é a parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário. [...] (o sentido de um enunciado é, por exemplo, a pretensão manifesta de obrigar o destinatário, no momento mesmo da enunciação, a fazer esta ou aquela coisa, a crer nesta ou naquela proposição, a continuar o diálogo nesta ou naquela direção – ou o que vem a ser o mesmo, a não continuá-lo nesta ou naquela outra). A pressuposição é então um elemento do sentido - se se considera o sentido como acabo de propor, como uma espécie de retrato da enunciação (Ducrot, 1987, p. 42).

Rector e Yunes (1980), ao explicitarem a proposta ducroniana na obra “Manual de Semântica”, afirmam que o autor insiste nas circunstâncias de uma ocorrência levando em conta o seu contexto e situação. Nessa direção, todo “[...] enunciado tem seu contexto e a descrição semântica de uma língua deve se ocupar do sentido que determinada ocorrência tem em tal ou qual situação.” (Rector; Yunes, 1980, p. 141). Sendo assim, ainda é exposto que, para além dos fatores linguísticos, devem ser consideradas outras nuances, de teor sociológico e psicológico, atuando nas situações de manifestação dos enunciados. Levando em consideração os diversos contextos em que um mesmo enunciado é manifesto, pode-se chegar a diferentes sentidos.

Os autores trazem o exemplo “Pedro continua a beber!” (Rector; Yunes, 1980, p. 141) e explicam que o ouvinte pode chegar à compreensão de que Pedro bebia antes o que é denominado de pressuposto. A pressuposição não pode ser modificada com alterações de natureza sintática. Com isso, mesmo com o escopo da negação na sentença, se manterá a pressuposição: “Pedro não continua a beber ou É falso que Pedro continua a beber.” Por seu turno, a afirmação suscetível de alteração é denominada de “conteúdo posto”: “Pedro bebe atualmente. (Pedro não bebe atualmente).” (Rector; Yunes, 1980, p. 141)

Com o nosso interesse focado na questão do posto e do pressuposto, fechamos esposando com as palavras de Ilari (2004) de que é importante compreender que, às vezes, as mensagens são carregadas de implícitos que não podem ser previstos considerando apenas o seu sentido literal. Esses implícitos só podem ser verificados por um trabalho de conjuntura feito a partir da situação comunicativa, das circunstâncias dos enunciados, do contexto e dos elementos presentes na esfera textual. Pontuamos ainda que a Gramática de construção não foca na análise do item, mas considera as construções.

Fechado o parêntese para a discussão anterior, damos sequência ao tratamento dos fatores que determinam o uso do subjuntivo na oração subordinada. Assim, outra condição que rege o uso dos modos verbais, descrita por Perini (2016), é a questão de a construção ser introduzida pelos seguintes grupos de conectivos:

Grupo 1: Conectivos usados somente com o modo indicativo: porque, assim como, visto que, dado que, já que.

Grupo 2: Conectivos usados somente com o modo subjuntivo nos tempos presente e imperfeito: a menos que, sem que, a fim de que, caso, a não ser que, para que, ainda que, nem que, contanto que, mesmo que, antes que, embora.

Grupo 3: Conectivos usados com o modo subjuntivo ou o modo indicativo: de maneira que, até que, de modo que, desde que.

Grupo 4: conectivos correlacionados ao modo-temporal (quanto mais...mais, como, sempre que, depois que, logo que, enquanto, quando) entre as duas orações, isto é, o modo verbal e o tempo da oração completiva precisam estar simétricos com os da oração matriz, seguindo a relação: (i) presente do indicativo na oração principal e presente do indicativo na oração subordinada; (ii) imperfeito do indicativo na oração principal e imperfeito do indicativo na oração subordinada; (iii) perfeito do indicativo na oração principal e perfeito do indicativo na oração subordinada; (iv) futuro do indicativo na oração principal e futuro do subjuntivo na oração subordinada; (v) condicional (futuro do pretérito) na oração principal e imperfeito do subjuntivo na oração subordinada.¹⁵

Grupo 5: conjunção *se*: (i) **se condicional** - pode exprimir uma condição do fato expresso na oração matriz e ocorre com o verbo no modo indicativo em qualquer tempo, ou no futuro ou no imperfeito do modo subjuntivo. (ii) **se contrafactual** - quando o verbo subordinado se encontra no tempo imperfeito do subjuntivo, há o indício de que o que é expresso não seja verdadeiro. (iii) **se factivo** - a sentença introduzida por *se* pode expressar um fato e, nesse caso, o verbo vem no modo indicativo. (iv) **se nominalizador** empregado para introduzir interrogativas indiretas, usa-se com o verbo no modo indicativo.

Explanamos até aqui algumas particularidades dos modos subjuntivo e indicativo. Na próxima subseção, seguimos essa explanação dividindo por contexto sintático de completiva, relativa e adverbial mostrando as situações em que o subjuntivo é requerido nessas conjunturas.

2.1.1 As construções encaixadas completivas

As orações encaixadas completivas exercem funções inerentes do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, complemento nominal, predicativo e aposto) e vêm introduzidas na estrutura de complementação pela conjunção integrante *que* ou

¹⁵ Essas alíneas fazem referência às orações que são iniciadas por *quando* (Perini, 2016, p. 302).

se. Esse transpositor serve como um elo entre as orações, uma mera partícula que anuncia a oração substantiva não exercendo nenhuma função sintática no complexo oracional (Bechara, 2004; Rocha Lima, 2011).

Nas orações encaixadas completivas, Bechara (2004) expõe os seguintes contextos de uso do modo subjuntivo: (i) depois de expressões (verbo, nome ou locução equivalente) que exprimem ordem, consentimento, vontade, aprovação, receio, surpresa, proibição, admiração, contentamento; (ii) após expressões com verbo ou locução verbal formada por *estar*, *ser*, *ficar* seguido de substantivo ou adjetivo que expressam probabilidade, desejo, necessidade, justiça, vulgaridade, utilidade; e (iii) após os verbos: *suspeitar*, *duvidar*, *desconfiar* e nome cognato, a saber, dúvida, desconfiança real, suspeita.

Nessa conjuntura sintática, Cunha e Cintra (2017) elencam alguns contextos que determinam o emprego do modo subjuntivo quando a oração matriz expressa:

(a) vontade (do liame comando ao desejo) referente ao fato de que se enuncia:
 “Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender. (N. Piñon, CC, 145.)” (Cunha; Cintra, 2017, p. 482 grifo dos autores).

(b) sentimento ou apreciação que se transmite em relação ao próprio acontecimento em causa:
 - Pior será que nos **enxotem** daqui... (A. Peixoto, RC, 273.).
 - Eu bem queria que tu **fosses** como empregado. (Ferreira de Castro, OC, I, 94.) (Cunha; Cintra, 2017, p. 482 grifos dos autores).

(c) dúvida que se tem em relação à realidade do fato expresso:
 - Não acredito que ela **chore** aqui. (Autran Dourado, TA, 75.) (Cunha; Cintra, 2017, p. 482 grifo dos autores).

Tendo em vista o dado de fala (11) já comentado anteriormente, composto por verbo “querer” na oração matriz expressando desejo e verbo “tirar” no modo indicativo na subordinada, vemos um real modelo de construção que rompe com a regra prescrita nos exemplos (a) e (b), trazidos por Cunha e Cintra (2017). Apesar de o falante quebrar um dogma da Gramática Normativa, o valor semântico não muda porque o uso do indicativo não tem a intenção de acentuar uma probabilidade maior de que o fato vai se concretizar, mas apresenta o valor de incerteza.

Não queremos dizer com isso que, em outros contextos sintáticos, não possa ocorrer de o falante atenuar ou acentuar a probabilidade de realização de um evento, porque, entre outros fatores, elementos sintáticos e semânticos em torno da frase podem corroborar para isso e alterar valores semânticos em contextos variados. Isso pode ser observado, por exemplo, na oração (c) porque, se o escopo da negação não estivesse acompanhando o verbo “acreditar”, abriria espaço

para o estabelecimento da regra de uso do modo indicativo que a Gramática Normativa prescreve. É nessa complexidade de tratamento que faz uma partícula de negação mudar um valor semântico, que somos conduzidos a nos afastar da visão da polaridade desses modos verbais. Como bem dizia Said Ali (2001), trata-se de um problema complexo o que nos leva a enveredar nos terrenos das teorias linguísticas para estabelecer os valores semânticos do subjuntivo que vão se delineando a depender de cada contexto e da intenção do interlocutor.

No escopo da Gramática Descritiva, podemos encontrar a descrição das propriedades semânticas das orações substantivas que são de natureza: (i) factual (predicado do tipo factivo) e (ii) implicativa.

Os verbos factivos podem ser compreendidos como os predicados que têm a função de implicar, por parte do interlocutor, “[...] a pressuposição de que a **proposição completiva** é factual (isto é, o fato expresso na **oração completiva** é verdadeiro).” (Neves, 2011, p. 32 grifos da autora). A característica dos verbos factivos consiste em ter participantes de nível oracional que, para o falante, não sinaliza um simples evento, mas indica um fato, que se mantém afirmado quer o verbo da oração matriz esteja afirmando ou negando. Assim, de acordo com Neves (2011), os predicados factivos são classificados conforme a descrição a seguir:

1. Epistêmico: saber, ignorar, compreender, lembrar-se, descobrir, notar, recordar-se, aperceber-se, observar;
2. De atitude sentimental: admirar(-se), magoar-se, lamentar, ressentir-se, deplorar, arrepender-se, maravilhar-se;
3. De tipo declarativo (de elocução): desculpar-se, gabar-se;
4. Tipo avaliativo: estranhar, relevar, importar.

Em relação às propriedades semânticas das orações completivas de natureza implicativa, a gramática expõe da seguinte maneira: “Nos predicados implicativos está envolvida a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado de coisas descrito na oração completiva ocorre ou não.” (Neves, 2011, p. 35). Os predicados implicativos são do tipo:

1. Afirmativos: chegar a, conseguir, lembrar(-se) de, lembrar, inquietar-se com, preocupar, preocupar-se com, advir, ter a desgraça de, dar-se o trabalho de, aproveitar a ocasião de.
2. Negativos: não chegar a, não se inquietar com, não conseguir, não se preocupar com, não se lembrar de.

Apesar de a descrição dos valores semânticos de natureza factual e implicativa estar relacionada ao contexto de uso de oração completiva, chamamos a atenção aqui para a natureza dos predicados factivos e implicativos supramencionados porque podem aparecer em outros contextos sintáticos com a perda dos seus traços semânticos. O verbo factivo *lembrar*, por exemplo, perde parte do traço de factividade quando utilizado em contexto de oração parentética, o que discutiremos de forma mais acurada em linhas subsequentes.

2.1.2 As construções subordinadas relativas

As orações complexas de transposição adjetiva valem por adjetivos e desempenham a função sintática de adjunto adnominal. Geralmente, são introduzidas ou pelo pronome relativo ou também denominado de transpositor *que*¹⁶ e retomam um termo antecedente que pode ser pronome ou adjetivo e são classificadas como explicativas e restritivas. (Bechara, 2004; Cegalla, 2008; Cunha e Cintra, 2017)

Nas orações relativas, o subjuntivo é empregado quando exprime fim, consequência, uma conjuntura, bem como pode acontecer, também, após um predicativo negativo ou ainda de uma interrogação com o sentido negativo quando se concebem uma qualidade que determina e limita a ideia manifesta por tal predicativo ou interrogação:

(a) Não há homem algum que possa gabar-se de ser completamente feliz (Bechara, 2004, p. 282).

Nessa mesma direção, Cunha e Cintra (2017) elencam que o subjuntivo é empregado para um fim que se intenciona alcançar; para exprimir um fato improvável; e para expressar uma conjectura, uma hipótese, dúvida, como evidenciado no exemplo a seguir:

(b) Receava que eu me tornasse ingrato, que o tratasse mal na velhice. (A. Abelaira, NC, 14.) (Cunha; Cintra, 2017, p.482).

Na gramática descritiva, na língua escrita, no contexto sintático das relativas, o verbo pode estar na forma indicativa ou na forma subjuntiva. Perini (2016) explicita que há uma

¹⁶ Perini (2016) também explicita o uso dos modos verbais subjuntivo e indicativo nas estruturas relativas introduzidas por *quem*, *o que*, *onde* e *quando*.

tendência no Português Brasileiro em eliminar o emprego do tempo presente do subjuntivo, substituindo pelo presente do indicativo, mas os outros tempos verbais permanecem correntes. Veremos essa evidência descrita pelo autor em mais dados de fala do *Corpus* PPVC mais adiante. Também vamos mostrar o fato de o tempo presente carregar um traço de projeção futura que, apesar de condicionar o uso do modo subjuntivo, abre espaço para a convivência com o indicativo em uma disputa pelo mesmo espaço sintático.

2.1.3 As construções subordinadas adverbiais

Na gramática prescritiva, é posto que as orações complexas de transposição adverbial exprimem a função do adjunto adverbial e vêm encabeçadas pelas locuções conjuntivas. Assim, as construções encaixadas são classificadas conforme as conjunções que as encabeçam, podendo, dessa maneira, serem causais “Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada” [RV1, 274]”; concessivas “Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana.” [MM]. (Bechara, 2004, p. 282); comparativas “O homem esperou perplexo **como se esperasse um guia**” (Cegalla, 2008, p.397 grifos do autor); condicionais “**Não fosse a perícia do guia**, talvez teríamos perecido todos”; conformativas **Como diz o povo**, tristezas não pagam dívidas. (Cegalla, 2008, p.399 grifos do autor); consecutivas “Não podia fitá-lo **sem que (ou que não) risse**.” (Cegalla, 2008, p.400 grifos do autor); finais “O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**.”; proporcionais “**À medida que se vive**, mais se aprende.”; temporais “**Sempre vou às cidades**, passo pelas livrarias”. (Cegalla, 2008, p.401 grifos do autor); e modais “Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse** (Cegalla, 2008, p.402 grifos do autor).

Segundo Bechara (2004), o advérbio é uma classe bastante heterogênea e as orações transpostas que exercem funções de natureza do advérbio se repartem por dois grupos

- a) As subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo*, *lugar*, *modo* (substituíveis por advérbio), *causa*, *concessão*, *condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);
- b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas* (Bechara, 2004, p. 471, grifos do autor).

Nas subordinadas adverbiais, o emprego do subjuntivo ocorre: (i) nas causais de *não* (ou *nem*), *não porque*, quando se deseja exprimir que aquilo anunciado não é verdadeiro; (ii) nas concessivas de *por muito que*, *se bem que*, *conquanto*, *ainda que*, *embora*, *posto que*, *por pouco que* (e semelhantes); (iii) nas condições de *contanto que*, *se*, *dado que*, *sem que*, *a não ser que*, *caso*, *suposto que*, para expressar hipótese; (iv) nas consecutivas quando expressa uma consequência ou resultado. (Bechara, 2004, p. 282); (v) nas finais para que, a fim de quando expressam finalidade, objetivo (Cegalla, 2008); e (vi) “nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade” (Bechara, 2004, p. 283, grifos do autor).

Para Cunha e Cintra (2017), nas orações complexas de transposição adverbial, geralmente, o subjuntivo não tem valor próprio. Funciona, então, como um mero mecanismo sintático de uso conduzido pelas seguintes conjunções: (i) causais (*não porque*, *não que*); (ii) concessivas (*embora*, *conquanto*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *se bem que*, etc); (iii) finais (*a fim de que*, *para que*, *porque*); (iv) temporais (*até que* e semelhantes, *antes que*); (v) condicionais (*caso*, *se*, *salvo se*, *contanto que*, *a não ser que*, *sem que*, *a menos que*, *dado que*, *desde que* etc.); (vi) consecutivas (*de modo que*, *de forma que*, *de sorte que*, *de maneira que*).

Na gramática descritiva, na voz de Neves (2011, p. 818), o uso do subjuntivo nas construções subordinadas causais ocorre de maneira especial com a conjunção “como”, a exemplo de **COMO** Sérgio nada **dissesse**, procurou se despedir.

As construções concessivas, por sua vez, são subcategorizadas em três tipos: factuais, contrafactuais e eventuais. (i) As factuais podem representar um fato no tempo presente do tipo: verbo da oração matriz no tempo presente do modo indicativo e verbo no sintagma concessivo no tempo presente do modo subjuntivo; (ii) As concessivas contrafactuais, geralmente, são construções que se empregam no tempo presente ou no tempo passado adicionado com o pretérito imperfeito do modo subjuntivo no sintagma concessivo e com futuro do pretérito, pretérito imperfeito ou ainda presente do modo indicativo nas orações nucleares. Em outras palavras, emprega-se o verbo da oração subordinada no modo subjuntivo e no tempo passado (pretérito mais-que-perfeito e pretérito imperfeito); (iii) Nas orações condicionais eventuais, emprega-se o verbo da completiva e da matriz nos modos subjuntivo e indicativo nos três tempos verbais, presente, passado e futuro. No entanto, é mais usual na construção da oração condicional o emprego do futuro do subjuntivo que é específico da condicional eventual (Neves, 2011).

Em relação ao tempo-modo verbal dessas construções concessivas, no sintagma concessivo emprega-se o verbo no tempo presente ou pretérito imperfeito, em geral no modo

subjuntivo; e, na oração matriz, há possibilidade de variar nos tempos presente, futuro do pretérito e futuro do presente do indicativo. De acordo com Neves (2011), no modo e tempo verbal das construções finais iniciadas por conjunção, emprega-se sempre o modo subjuntivo nos tempos presente e pretérito imperfeito.

Com relação às orações finais, são subcategorizadas quanto à modalidade que indicam em finais factuais, finais hipotéticas e finais contrafactuais. As construções finais factuais têm o verbo da oração matriz no presente ou no passado (pretérito perfeito e pretérito imperfeito). As construções finais hipotéticas têm o verbo da oração matriz no tempo futuro do presente ou do pretérito e com o verbo na matriz no modo imperativo e as construções finais contrafactuais, por sua vez, são construídas com o verbo da matriz no tempo futuro do pretérito composto.

Na gramática descritiva, Neves (2011, p.929) trata da construção modal que é expressa “[...] por um período composto constituída pelo conjunto de uma oração nuclear, ou principal, e uma modal.” A autora explana que não é usual essa relação de adverbial modal por meio de uma oração. Ela é especialmente construída com *sem que* com o verbo no modo subjuntivo: *Os momentos passaram, todavia, SEM QUE lograsse coordenar um só pensamento.* (A) (Neves, 2011, p. 929, grifos da autora). De maneira mais rara, emprega-se a conjunção como preservando um matiz conformativo com o modo do indicativo.

Posto o comportamento do subjuntivo nas encaixadas adverbiais, na próxima subseção, tratamos do contexto sintático das orações independentes introduzidas pela construção *talvez*.

2.1.4 Sentenças com o lexema talvez¹⁷

A Tradição Gramatical determina o uso do modo subjuntivo no contexto das dubitativas com o advérbio *talvez*, conforme demonstra o exemplo: “Talvez a estas horas *desejem* dizer-te pecavi! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue” (Bechara, 2004, p. 280, grifos do autor). Apesar dessa determinação da TG, Bechara (2004) pontua que, às vezes, acontece o uso da forma indicativa com o lexema *talvez*, como em: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome” (Bechara, 2004, p. 280, grifos

¹⁷ Amorim (2015), na sua dissertação de mestrado, ao observar o contexto sintático de oração parentética controlado na pesquisa de tese de doutorado de Pimpão (2012), encontrou uma produtividade desse ambiente sintático, na amostra do *Corpus PPVC*, da variação do subjuntivo, ao categorizar os dados, e decidiu controlar também esse contexto sintático. Já nesta pesquisa de tese de doutorado, observamos que as orações introduzidas pelo lexema “talvez” também apareciam de forma produtiva em nossa amostra e, a fim de ampliar a pesquisa para outros contextos sintáticos, consideramos todos os contextos controlados na pesquisa de Pimpão (2012). Uma das intenções desta tese, assim, é a de tecer uma comparação entre os trabalhos aos quais tivemos acesso até então.

do autor). O gramático explica a sua impressão de que o uso do indicativo neste exemplo parece evidenciar melhor a certeza do que o que se duvida pode ser realizado.

Nossa visão é a de que a questão de evidenciar melhor a certeza ou incerteza não está meramente delimitada à escolha do modo verbal, porque como já mostramos anteriormente em dados de fala, tanto o subjuntivo como o indicativo podem assumir esse papel em um mesmo contexto de uso. Assim, escolhemos analisar essa questão por meio da gradação da (in)certeza considerando a distribuição do subjuntivo em uma escala de modalidade à luz da perspectiva givoniana.

Na gramática descritiva, também encontramos que a construção típica das orações independentes com *talvez* é com o modo subjuntivo (Neves, 2011). Assim como Bechara (2004), Neves (2011) explicita ser raro nesse contexto o uso no modo indicativo e restrito “[...] há tempos verbais com valor pouco definido como a exemplo do pretérito imperfeito: “Ali, **TALVEZ, escrevia** para leitores de outros tempos ou nações (ACM)” (Neves, 2011, p. 248, grifos da autora).

Nessa construção, a autora registra sua opinião de que, mesmo em caso de servidão gramatical do uso do subjuntivo em construções iniciadas com o advérbio *talvez*, o falante tem estratégias disponíveis na língua para exprimir graus de certeza que reflitam a sua intencionalidade: “Tudo que vive (e é isso, **TALVEZ**, que divide as coisas vivas das coisas sem vida) é arbitrário. (CT)” (Neves, 2011, p. 248, grifos da autora). Nesse exemplo, a autora explica que ocorre uma atenuação no grau de incerteza, que é elevada por causa do lexema *talvez*, com a focalização desse elemento a partir da clivagem com “é...que”, gerando o emprego do indicativo.

Essa percepção de atenuar ou acentuar o grau de incerteza observando os elementos que estão em torno da construção é um ponto de nosso interesse já que adotamos uma análise do subjuntivo em uma modalidade escalar distribuindo, dessa maneira, o modo verbal em estudo em 7 graus na linha do *continuum* da modalidade *irrealis*.

2.1.5 A ambiência das orações parentéticas na Tradição Gramatical

As orações parentéticas introduzidas pelo *que* requerem o uso do subjuntivo para limitar a generalidade de um asserto, como em - *Não há, que eu saiba, expressão mais suave* (Bechara, 2009, p.239). Essas orações, também, podem ser empregadas substantivamente para restringir uma possibilidade: *Que me lembre, ele não disse isso (pelo que me lembro)* (Almeida, 2009, p.556).

O uso da oração parentética introduzida por *que* com o verbo no modo indicativo no dado (12) a seguir, rompe com essas prescrições gramaticais:

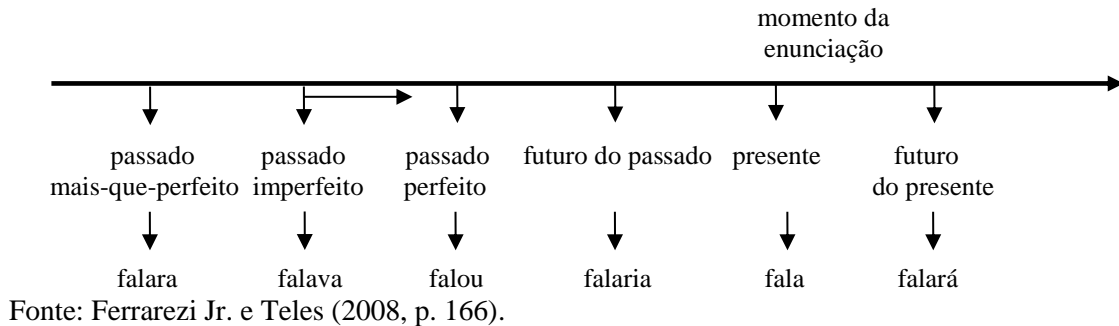
(12) [...] aí eu me lembro uma vez que... isso me trouxe traumas terríveis em relação ao meu cabelo né, eu me lembro uma vez da... de uma festa de aniversário, que eu *tava* numa festa de aniversário e tal e aí minha mãe *vamo* soltar o cabelo, *vamo* soltar o cabelo agora e entupiu o cabelo de creme, creme, creme só que ele encheu, encheu muito e aí eu botei aquele chapeuzinho de festa ridículo [ININT] e aí pronto, os meninos no aniversário “a lá Bozo, a lá Bozo” [ININT] e povo “aí que coisa *fea* a menina tá parecendo o Bozo sempre traumatizada com meu cabelo, sempre traumatizada, muito traumatizada mesmo. *Ótro* fato que eu me lembro também dessa época, essa época era... dificuldade muito grande de... assim.. *financêra* né... de... de... viver assim, **QUE EU ME LEMBRO**, que eu comecei mentir pras minhas colegas eu estudei num orfanato, no Lar Santa Catarina de [ININT] tinha ensino fundamental e eu me lembro que comecei mentir pras colegas, e falar que eu tinha condição, que eu tinha dinheiro, que eu era rica [...] (D.F.P - *Corpus PCVC*)

Em (12), a informante relata o trauma que passou na sua infância em relação ao seu cabelo e conta da sua situação financeira difícil. Na sequência, utiliza uma oração parentética, a fim de relativizar o conteúdo veiculado, sinalizando para o ouvinte que não tem tanta certeza da sua resposta, que é a memória afetiva desses fatos relatados. Podemos observar que o traço semântico do verbo no modo indicativo não é de certeza, conforme o valor desse modo verbal, mas carrega a carga semântica de incerteza contida na categoria do modo subjuntivo, acentuando ainda mais a subjetividade presente no discurso de D.F.P. em busca de lembranças sobre o período da infância.

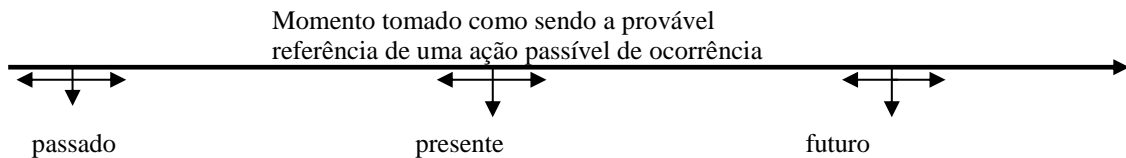
Essa construção caminha em direção contrária ao que estabelece a TG e a análise será retomada de forma detalhada na seção de análise, *Análise dos Dados* (capítulo 5). Dito isso, na próxima subseção, explanamos a respeito do elemento tempo verbal, observando como a sua função pode nos ajudar na compreensão da gradiência do modo subjuntivo.

2.2 Tempo verbal das sentenças

Nas palavras de Ferrarezi Jr. e Teles (2008, p. 166), o modo indicativo “[...] representa ações reais, que se crê (ou se quer fazer crer) verdadeiramente tenham acontecido, estejam acontecendo ou acontecerão” e pode ser desenhada na linha cronológica da seguinte forma:

Figura 3 – Linha cronológica do tempo verbal do modo indicativo

A linha cronológica do tempo verbal, representada na Figura 3, vai nos situar a partir do ponto demarcado pelo momento de referência, se o fato ou ação descrita são simultâneos, anteriores ou subsequentes ao momento da fala. Essa delimitação a partir do momento de referência nos norteará para a marcação e contemplação do momento do evento e para as possíveis especificações dos valores semânticos dos tempos verbais do indicativo pontuadas nessa linha do tempo. Essas noções situadas dos fatos ou ações no tempo podem ser observadas também na linha cronológica do modo subjuntivo que, por sua vez, podem ser representadas assim:

Figura 4 – Linha cronológica do tempo verbal do modo subjuntivo

Ferrarezi Jr. e Teles (2008, p. 167) explicam que o subjuntivo se apresenta de forma imprecisa na linha cronológica no tempo. Dessa forma, o tempo presente é capaz de configurar ações que já aconteceram: ('Ao João não importa que falem dele.', isto significa que o João não se importa se já falaram dele ou o João não se importa se falarão dele). Porém, nem os tempos passado imperfeito e futuro do subjuntivo atravessam a barreira ou o limite imaginário do presente.

Abrindo um leque para situar o nosso posicionamento em relação ao tempo verbal, nesta tese, consideramos a visão de Givón (2001) que relaciona a categoria tempo a dois pontos ao longo da dimensão linear: tempo de referência ligada a noções de antecedência e subsequência e tempo do evento que consiste no tempo da predicação. O tempo de referência, cuja ancoragem temporal está no momento da fala, é chamado de tempo absoluto. Quando esse tempo de

referência precede (passado) ou sucede (futuro) o momento da fala é denominado de tempo relativo.

Assim como Amorim (2015), consideramos o tempo relativo-absoluto e pontuamos que, como trabalhamos o contexto sintático de oração subordinada, nem sempre o tempo de fala pode ser levado em conta como ponto de referência, porque essa carga também está presente no verbo contido na oração matriz e em outros elementos das sentenças no caso de outros contextos sintáticos (parentéticas e orações iniciadas por *talvez*) ou ainda no próprio contexto discursivo.

Para uma amostragem da categoria tempo em uma linha cronológica, optamos pelas seguintes nomenclaturas trazidas por Corôa (2005) no seu livro intitulado *O tempo nos verbos do português*: momento do evento (ME), momento de fala (MF) e momento da referência (MR).

O momento do evento caracteriza-se por ser “[...] o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito” (Corôa, 2005, p.41). O momento da fala representa o tempo da comunicação, ou seja, é o momento em que se realiza a fala. E, por fim, o momento de referência consiste em um sistema temporal fixo em que se definem simultaneidade e anterioridade. Nas palavras de Corôa (2005, p.41), “[...] é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME”.

Relacionando os tempos verbais e os momentos expostos pela autora, temos, então, as seguintes configurações:

- a) No Presente: ME, MF e MR são simultâneos.

ME, MF, MR

- b) No Pretérito mais-que-perfeito: o ME é anterior ao MR, e este, anterior ao MF.

ME-MR-MF

- c) No Pretérito imperfeito: o ME é simultâneo ao MR e os dois anteriores ao MF.

ME, MR-MF

- d) No Pretérito perfeito: o ME ocorre antes do MF e há simultaneidade deste com o MR.

ME-MR, MF

- e) No Futuro do presente: há simultaneidade do MF com MR e ambos são anteriores ao ME.

MF, MR-ME

- f) No Futuro do pretérito: MR ocorre antes do MF, e este é anterior ao ME.

MR-MF-ME

Tratamos dessas configurações do tempo, porque o MR nos servirá como um ponto de referência para interpretações do valor temporal que pode variar a depender dessa referência do tempo. Estamos, nesse sentido, de acordo com Corôa (2015) no que diz respeito à noção de tempo não estar delimitada ou demarcada somente pelo verbo em português, porque os advérbios, as conjunções, os numerais e os adjetivos podem cumprir esse papel passando informações quanto a essa ordenação temporal. Como bem coloca a autora, afirmar e considerar isso não é tirar o mérito do papel que os verbos exercem já que são eles que mais comumente demarcam essa noção temporal, como bem-posto nas gramáticas e presente também na consciência do falante no ato comunicativo.

Seguimos com esse olhar, mas conscientes de que em contexto de oração subordinada, o MR está instaurado no verbo da oração matriz. Já nas orações independentes iniciadas pelo *talvez*, esse advérbio tem relevância para a interpretação temporal nesse contexto sintático. Com isso, mesmo sabendo que os verbos carregam uma carga maior na questão temporal, observamos outros elementos presentes nas sentenças. Na próxima subseção, explanamos sobre o emprego de alguns tempos verbais.

2.2.1 Emprego dos tempos verbais presente, passado e futuro

Alguns tempos verbais têm características de exprimirem ações intermitentes, frequentativas, repetitivas e duradouras. Nesta subseção, trataremos desses processos e do traço de projeção futura que pode se fazer presente em alguns contextos sintáticos. Observar o traço da futuridade é de nosso interesse por constituir um elemento que condiciona o uso do subjuntivo. Isso pode ser explicado pelo fato desse traço ligar-se ao vir a ser e, assim sendo, exercer uma conexão com a incerteza da realização dos eventos.

Além do traço de projeção futura delinear eventos possíveis de serem ou não concretizados, também pode delinear uma ação concreta que perdura no vir a ser ou ainda pode ser caracterizada como uma ação atemporal. Nesse caso, o contexto não apresenta o traço da possibilidade de que algo aconteça, pois o evento pode se apresentar de forma atemporal contemplando presente, passado e futuro. Observar tudo isso nos ajudará a delinear a gradação do subjuntivo nos 7 graus da escala da modalidade. Partamos, então, para exemplificações.

O presente do indicativo pode indicar uma ação atemporal: “A água ferve a cem graus na altura do mar.” (Ferrarezi Jr.; Teles, 2008, p. 169 grifos do autor). Os autores fazem os seguintes questionamentos em relação a esse contexto sintático: Quando a água ferve? Somente hoje? E, por não temos uma resposta precisa, esse exemplo entra na esfera da atemporalidade,

pois a água ferve sempre. Esse contexto sintático e muitos outros que mostraremos, apesar de constituírem exemplos que se enquadram no escopo do modo indicativo mostrando evidencialidade do fato, nos desperta o interesse, porque evidenciamos, em alguns de nossos dados, o uso do subjuntivo não expressando possibilidade, mas denotando uma ação que está acontecendo não só no presente momentâneo, mas também abarcando o passado e o futuro (contexto espreado).

Dando sequência ao emprego do tempo presente, esse contexto caracteriza-se por uma ação intermitente que pode ou não coincidir com o agora ou ainda expressar um costume, e, então, temos delineado o presente frequentativo: “Tôdas as manhãs *tomo* meu banho frio. Os árabes *escrevem* da direita para a esquerda. Este negociante *vende* muito caro. Tu só *bebes* água pura.” (Said Ali, 1964, p.161 grifos do autor). Em outras situações, o presente pode designar uma ação inexistente, mas que irá ser realizada em um tempo próximo: “Hoje à noite vou a *tua* casa. [em vez de: *irei a tua casa*]. Amanhã *não* saio.” (Said Ali, 1964, p.161 grifos do autor). Em exemplos como estes que marcam a realização de um evento em um futuro mais próximo, Cunha e Cintra (2017) dizem que para impedir qualquer tipo de ambiguidade, geralmente, no contexto frasal há a presença de adjunto adverbial. Evidenciamos nos exemplos que acabamos de apresentar os adjuntos adverbiais “hoje” e “amanhã”.

Cunha e Cintra (2017) ainda explicitam que o uso do presente para expressar uma ação futura funciona como um recurso valioso de efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato que está para acontecer: “Se ele partir amanhã, **sig**o com ele. Se ele **parte** amanhã, **sig**o com ele. Mais um passo e **és** um homem morto!” (Cunha; Cintra, 2017, p.464 grifos dos autores).

Ainda temos presente nos compêndios gramaticais que, quando se deseja fazer um pedido usando um teor mais delicado da linguagem, recorre-se ao presente do indicativo quando deveria ser denotado com o uso do imperativo ou com o uso do futuro: “Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)” (Cunha; Cintra, 2017, p.464 grifos dos autores).

Já o tempo verbal pretérito imperfeito

[...] ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (imperfeito = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos... (Cunha; Cintra, 2017, p. 465).

Em outras palavras, os gramáticos expressam que o pretérito imperfeito designa um evento impreciso, inacabado ou ainda em um processo contínuo de realização na linha temporal do passado para o presente. Ainda sobre esse tempo verbal, os gramáticos explicitam que ‘O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado’ (C. M. Robert) (Cunha; Cintra, 2017, p. 467).

O pretérito imperfeito do modo subjuntivo, por exemplo, pode ter o valor de futuro: “Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem... (Ferreira de Castro, OC, 1,87.) Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro. (N. Pihon, CC, 144.)” (Cunha; Cintra, 2017, p.488 grifos dos autores)

No exemplo “As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**. (A. Peixoto, NHLB, 38.)” (Cunha; Cintra, 2017, p.466 grifos dos autores), designa-se um fato no passado concebido como contínuo.

Identificar esses processos durativos do verbo é muito importante para o enquadramento dos dados nos 7 pontos da escala da modalidade. Apesar de os nossos dados constituírem, na sua maioria, verbos modais do tipo dever, parecer, precisar, preferir, querer entre outros, estaremos atentos à questão do aspecto verbal, próximo assunto a ser explanado.

2.3 O componente aspecto verbal

A princípio, não tínhamos a intenção de tratarmos da categoria aspecto, no entanto, como nos nossos dados coletados também consideramos o tempo verbal pretérito imperfeito, recorreremos, então, ao componente aspecto para nos ajudar a encaixar os dados no tempo verbal passado dentro dos 7 graus do gradiente da modalidade. Tomamos essa decisão pelo seguinte questionamento que fizemos: se o tempo presente do subjuntivo projeta uma noção futura e, tendo esse comportamento, se encaixaria com maior frequência nos três primeiros graus da escala da modalidade *irrealis*, onde, então, entrariam as construções com o verbo no tempo pretérito imperfeito sem a marca desse traço de projeção futura?

Ao retomarmos a linha cronológica do tempo verbal na Figura 4, a princípio, visualizamos que entre o passado e o futuro, as linhas demarcam direções opostas a partir de um ponto de referência e, assim, poderíamos desenhar e arrumar em nosso cognitivo que, no tempo passado, a projeção temporal é para traz (à esquerda do ponto de referência) e no tempo

futuro a projeção é para frente (à direita do ponto de referência) e isso nos parece óbvio como mostra as setas subsequentes delineadas na Figura 4.

Mas, vamos refletir para além dessa linha cronológica retomando Ferrarezi Jr. e Teles (2008) que já diziam que o tempo subjuntivo se apresenta de forma difusa¹⁸ nessa linha temporal cronológica. Sendo assim, acionamos uma afirmação de Corôa (2005) e a transformamos em um questionamento: no tempo verbal, o que existe além dessa relação estreita entre o momento do evento e o momento da fala? Pergunta que fazemos em voz alta e coadunamos com a resposta da autora que diz ter consciência de que existe algo a mais do que meramente a restrição ou delimitação dessa relação. Por isso, então, recorreremos à categoria do aspecto verbal para extrapolarmos, no tempo verbal, essa mera relação entre o ME e MF apesar de não aprofundarmos no assunto pela seguinte justificativa: assim como Carvalho (2007) evidenciou em sua pesquisa, nós também observamos na organização prévia dos dados que, na sua maioria, não era possível verificar ações dinâmicas expressas pelos verbos que indicassem duração. Isso porque, como nosso maior número de dados se concentra no escopo das orações subordinadas, os verbos mais recorrentes também foram do tipo modal, de estado, cognitivo, entre outros.

Como a nossa inquietude surgiu diante da análise dos dados que se apresentavam com o tempo verbal no pretérito imperfeito, lancemos o olhar sobre os dados a seguir nos tempos presente e pretérito nas orações completivas e vamos refletir no que o aspecto pode contribuir:

(13) DOC: Ela normalmente te... te influencia assim a participá de algum curso de algum coisa parecida?

INF: Não...não mais... ela, não sei acho que ela acha que eu cresci e ele *num* fala muita coisa mais não, ela **qué** que eu não **DESPERDICE** minha vida...assim ela **qué** que eu **ESTUDE**, que eu... sei lá **CONHEÇA**, coisas, lugares e tal mas ela não me força a nada (F.S.L.B - *Corpus PCVC*)

(14) INF: [...] nem meu pai e minha mãe sabe lê, meu pai da forma dele porque ele achava que **ERA** o melhô jeito que tinha que me cobrá ele batia na minha mão com tábua de forro que era pra eu aprendê a tabuada porque ele **queria** que eu **FOSSE MELHÔ** do que ele era, então a senhora não vem me dizer que a senhora não ensina seu filho porque a senhora não sabe, a senhora não ensina porque a senhora não quê... (L.S.S - *Corpus PCVC*)

No excerto (13), com o verbo no tempo presente do subjuntivo (desperdice, estude, conheça), há uma projeção futura de algo passível de ser realizado. Talvez a informante não desperdice a sua vida, talvez ela se dedique aos estudos e talvez ela conheça diferentes coisas

¹⁸ Em linhas subsequentes, na Figura 4, trazemos um exemplo e apresentamos essa forma difusa do comportamento do subjuntivo na linha cronológica do tempo verbal.

em um futuro que pode não ser longínquo. A marca da projeção futura está inerente nos verbos das orações subordinadas e condiciona o uso do subjuntivo como está posto na literatura linguística.

Observemos que, no dado de fala (14), com o verbo no pretérito imperfeito (fosse melhor), há a descrição, pela informante, de um evento que está para acontecer, em um momento futuro dentro da esfera temporal do passado: ao relatar que o seu pai deseja que ela se torne alguém melhor do que ele foi, há a implicação de um desejo desse pai que se mantém nele até que seja ou não realizado em um momento posterior. Notem que a informante ao relatar a história, escolhe o tempo verbal no modo subjuntivo e há a implicação de uma projeção futura dentro da esfera do tempo passado que fica demarcada antes do momento da enunciação.

Como demonstrado em linhas anteriores, o pretérito imperfeito também pode denotar o valor de futuro e aqui retomamos o exemplo: “Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro. (N. Pihon, CC, 144.)” (Cunha; Cintra, 2017, p. 488 grifos dos autores). Bem verdade, que, ao observarmos esse exemplo, não podemos deixar de considerar os outros elementos do entorno da frase como as expressões “aos domingos” e “treinava”. Constatando os elementos concatenados, entendemos que há uma projeção futura. Estaremos, também, atentas a esses elementos presentes nos dados, por essa razão, recorreremos ao aspecto verbal. O verbo “treinar”, por exemplo, já indica uma ação contínua.

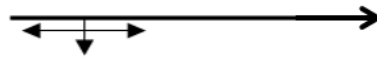
Pensemos no exemplo (14) novamente e reflitamos no seguinte: no passado, um pai desejou que sua filha fosse melhor do que ele. Apesar de esse desejo estar localizado em um ponto do passado, há a indicação de que essa realização só seria possível de acontecer posteriormente e, por isso, iminentemente seria projetada para o futuro. Em outras palavras, no momento exato dessa aspiração, esse pai não tinha certeza se o seu almejo seria realizado. Assim, o seu desejo só seria concretizado em um futuro que só seria possível de ser delineado seguindo o caminho à direita da linha cronológica temporal (futuridade no passado). Recortando, então, a linha temporal do modo subjuntivo da Figura 4, o tempo imperfeito seria posto assim:

Figura 5 – Linha cronológica do tempo verbal passado do modo subjuntivo

Fonte: Adaptado de Ferrarezi Jr. e Teles (2008, p. 167)

Dessa forma, o tempo pretérito imperfeito, por carregar a projeção futura, ainda que localizada e transcorrida no passado, teria também a seta em direção à direita na linha cronológica do tempo verbal por indicar incerteza, porém há uma demarcação limítrofe na linha temporal: o desejo surgiu, perdurou por um momento não especificado e é demarcado antes do momento da enunciação.

Observando a Figura 5, a seta maior constitui, então, a unidirecionalidade da linha cronológica do tempo verbal, e, no eixo do tempo passado, a seta para baixo, demarca a localização em algum ponto do pretérito e a seta para a direita, a projeção futura que é anterior ao momento de fala na linha temporal geral (MF). De acordo com Lyons (1979, p.320), “o tempo gramatical é, pois, uma categoria dêitica, que, como todos os traços sintáticos parcial ou



Passado

completamente dêiticos... é simultaneamente uma propriedade da frase e do enunciado.” O tempo e o aspecto estão imbricados e podem ser compreendidos por meio das palavras de Corôa (2005) da seguinte maneira:

O conceito de tempo que se incorpora ao verbo tem duas faces: pode ser dêitico ou não-dêitico. O tempo dêitico, que associa o momento em que se dá o evento ao momento em que se dá a enunciação, caracteriza o *tempus* verbal. Por oposição a ele, o tempo não-dêitico, que é o tempo do desenvolvimento objetivo do evento sem relação direta com o momento da enunciação, caracteriza o *aspecto*. Deste modo, *tempus* e *aspecto* estão em íntima relação apesar de perfeitamente distintos. (Corôa, 2005, p.87-88)

Trazendo Castilho (1968) para o diálogo, o linguista, na obra *Introdução ao aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, diz que aspecto verbal

[...] é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra ‘aspecto’ (que encerra a raiz *spek* = ‘ver’) e insiste na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal. (Castilho, 1968, p.14)

Na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, Castilho (2012) também traz o conceito de aspecto verbal da seguinte forma: é uma propriedade da predicação que consiste na

representação dos graus de desenvolvimento do estado de coisas que é codificado, isto é, as fases que o aspecto pode compreender. O termo aspecto que encerra o radical indo-europeu *spek* (ver) tem inerente outra propriedade dessa categoria que é tratar de um ponto de vista a respeito do estado de coisas. Sendo assim, o falante pode acionar os estados de coisas que pode se dar da seguinte forma: (i) o que tem duração; (ii) o que tem início e acaba; e (iii) o que tem repetição. (Castilho, 2012)

Posto isso, Castilho propõe uma tipologia do aspecto apresentada no quadro a seguir:

Quadro 1 – Tipologia do aspecto

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO	FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	SEMELFACTATIVO
Inceptivo	
Cursivo	INTERATIVO
Terminativo	Imperfectivo/perfectivo

Fonte: Adaptado de Castilho (2012, p. 420).

De acordo com Castilho (2012, p.421), o aspecto imperfectivo apresenta, na maioria dos casos, uma predicação dinâmica de sujeito que compreende três fases: (i) imperfectivo inceptivo - expressa uma duração ou período de que têm destaque os momentos iniciais - “Começou a falar mal de mim”; (ii) imperfectivo cursivo - expressa o estado de coisas em curso, sem menções à fase inicial e à fase final - “Uma amiga minha que **faz** medicina e ela vai sempre para o Xingu.”; (iii) imperfectivo terminativo - apresenta os momentos finais de uma dada duração - “Essa criança **termina de brincar.**”. Castilho (2012) explica que, nesse exemplo, a criança estava brincando, o que significa que brincou durante um período, mas que parou de brincar.

Na coluna 2 (dois) do Quadro 1, semelfactivo pode ser entendido como aquela ação feita uma só vez: “Pôs-se a recitar de memória seu soneto preferido” (Castilho, 1984, p. 15). Apesar de esse exemplo ser caracterizado como inceptivo por indicar o início da ação, também é semelfactivo, pois a ação de recitar é considerada em uma unidade, feito uma vez. Já o iterativo pode ser compreendido como um verdadeiro coletivo de ações repetidas/sucessivas ou frequentes. Em outras palavras, constitui a repetição regular de um dado processo durativo, isto é, separadas por um lapso temporal que seja mais ou menos longo (iterativo imperfectivo¹⁹). “D. Fausta brigava com o pai, era uma onça acuada, um gênio de fera”. O linguista ainda traz

¹⁹ Castilho (1964) trata também do iterativo perfectivo. Para mais detalhes, consultar a obra “Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa”.

o imperfeito disposto em uma série. Verifiquemos o exemplo: "Dormia, almoçava, jantava, ceava, lia romance à sombra das laranjeiras e atezava Maria das Dores" (Castilho, 1964, p. 93).

Como sinalizamos em linhas precedentes que não consideramos a categoria aspecto como uma variável, também não temos o intuito de classificar os dados em inceptivo, cursivo ou terminativo. Nosso propósito é entender os processos de duração das ações ocorridas no tempo passado, se o processo tem uma ação repetitiva ou se ocorreu no passado e lança-se para o presente. Observemos um exemplo interessante apresentado por Castilho (1968, p.61): "O que eu sofri! o que eu sofri"! = tenho sofrido). Esse exemplo evidencia um fato que ocorreu no passado, mas que dá sequência no momento presente, ou seja, alguém sofreu muito no passado e permanece sofrendo no momento presente.

Uma situação que demarca a atemporalidade e hábito, por exemplo, pode ser representada no dado a seguir, orientando-nos a identificá-lo dentro do contexto do *realis-pressuposição* na escala da modalidade por ser um fato que ocorre e se repete:

(15) DOC: E na igreja, assim, todos os fiéis fazem.

INF: É porque ali é a parte que o::, que os pastor num pode ta acompanhando todo mundo, né? aí então ele já **usa**, o::: a célula já é pra, que aquela pessoa **É** treinada pa quando a pessoa ta com pobrema pa pessoa orar por aquela pessoa, e então. (W.S.O - *Corpus PPVC*)

Observemos o significado do verbo “usar” no dicionário: “1. fazer uso de; empregar habitualmente. 2. Ter por costume, costumar. 3. Exercer, praticar.” (Dicionário Michaelis, 1998, p. 2167). A própria carga semântica do verbo “usar” nos orienta a identificar a natureza do aspecto como cursivo porque não sabemos a duração da ação, isto é, não é especificado nem o seu princípio nem o seu fim, mas evidencia-se o processo em pleno desenvolvimento. Logo, a ação é atemporal e, assim, não há conjectura se o fato será realizado, pois constitui algo concreto que se arrola de forma habitual. Eis, então, explicitado, como o aspecto pode nos ajudar na categorização dos dados nos sete pontos da escala da modalidade.

2.4 Modo e modalidade

Nesta subseção, discorreremos a respeito de modo e modalidade. No *Dicionário de Linguística e Gramática* (Câmara Jr., 2011), o modo pode ser compreendido como a propriedade que a forma verbal tem de assinalar a atitude psíquica do falante mediante o fato que ele expressa. De acordo com Cegalla (2008), o modo é uma categoria gramatical específica

do verbo que indica as diferentes formas de um fato se concretizar. É importante frisar que o modo vai ter/tem o papel fundamental de instrumentalizar a realização da modalidade.

Sob a ótica de Givón (2001), a modalidade funciona como a codificação da atitude do falante diante da proposição veiculada. A atitude aqui tem relação direta com dois tipos de julgamentos que o falante faz mediante as informações proposicionais inseridas nas clausuras: São eles: o (i) Julgamento Epistêmico, que equivale ao valor de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência. O que pode ser percebido, por exemplo, em (16), INF: foi horrível assim... horrível, nunca **pensei** que **IA PASSÁ** por aquilo assim pra mim só acontecia com os ôto mas comigo... comigo nunca acontecia (G.N.B - *Corpus* PPVC); (ii) Julgamento Avaliação (deôntico), que, por sua vez, equivale ao desejo, ao intento, a preferência, a obrigação, a habilidade e a manipulação, como na sentença (17) DOC: com dois operou já? INF: Ele **queria** que eu **OPERASSE** no menino. E aí depois, aí ele falou bem assim: Tu **quer** [nem] que eu **VÁ ARRUMAR** pra tu... (E.S.P - *Corpus* PPVC)

Em relação à modalidade epistêmica, Givón (2001) acrescenta, ainda, a explicação de que esse submodo, em termos de suas funções comunicativas, sustenta uma estreita semelhança ancorada na tradição lógica como é demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 – A reformulação comunicativo-pragmática das modalidades epistêmicas a partir das modalidades da tradição lógica

Modalidades Epistêmicas	
Tradição lógica	Equivalência comunicativa
a. Verdade necessária	pressuposição
b. Verdade factual	asserção <i>realis</i>
c. Verdade possível	asserção <i>irrealis</i>
d. Não-verdade	asserção negativa

Fonte: (Givón, 2001, p.301²⁰).

A interpretação comunicativo-pragmática estabelecida por Givón (2001) dessas quatro modalidades expostas no Quadro 2 envolve dois participantes, falante e ouvinte, nesse processo comunicativo. Seguindo o ordenamento exposto das modalidades, nesse Quadro 2, na pressuposição, o autor explica que a proposição é considerada como real ou verdadeira para os falantes pelo fato de ser pronunciada pelo interlocutor e não contestada pelo ouvinte.

Referente à asserção *realis*, a proposição é fortemente considerada verdadeira, mas o ouvinte se depara com um grande desafio a vencer que é a habilidade de considerar o que foi

²⁰ Cf. (Givón, 2001, p.301): Epistemic modalities – logical tradition - communicative equivalent: a. necessary truth - presupposition; b. factual truth - *realis* assertion; c. possible truth - *irrealis* assertion; d. non-truth - negative assertion.

pronunciado como adequado, apesar de o falante estar munido de provas ou evidências fortes para salvaguardar a defesa de sua forte crença (Givón, 2001).

No que tange à asserção *irrealis*, a proposição é fracamente asseverada, entrando, assim, na dimensão do possível, do provável, do incerto, o que Givón (2001) categoriza no quadro do submodo epistêmico, ou ainda desejável, ou indesejável, ou ainda necessário, subcategorizado na modalidade deôntica. Diante dessas incidências, o falante não está hábil ou munido de provas ou fundamentos fortes para comprovar a sua proposição. Com efeito, uma contestação é recebida ou mesmo esperada pelo ouvinte.

Concernente à asserção negada, a proposição é fortemente tomada como falsa. É de elementar observação que isso, comumente, ocorre em virtude de o que é pronunciado contradizer as próprias crenças adotadas pelo ouvinte. Nesse ínterim, o ouvinte se depara com o desafio de contestar e o falante encontra-se guarnecido com suas provas e evidências fortes rumo à defesa da sua forte crença.

Um legado deixado pela tradição lógica recai na definição estabelecida no binômio *realis* e *irrealis* que são, respectivamente, relacionados às asserções que carregam o valor de verdade, ou esse valor, por sua vez, estar na esfera do possível, do incerto. O contraste nessa definição entre os submodos é rejeitado por Givón (2001) quando há a reflexão de que a melhor conceituação seria quando a associação de tais categorias fosse relacionada aos domínios cognitivos e comunicativos. Frente a essas reflexões, Givón (2001), a respeito dessas observações, chega à seguinte redefinição:

Cognitivamente: De questões de verdade lógica para questões de certeza subjetiva.

Comunicativamente: De uma semântica orientada para o falante para uma pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre falante e ouvinte (Givón, 2001, p. 302, tradução nossa).²¹

É importante mencionar, ainda, que Givón (2001) afirma que o domínio de atuação do subjuntivo está no escopo da modalidade *irrealis* e, nesse lugar, é onde tende a se gramaticalizar ao longo da escala das modalidades deôntica e epistêmica. Por essa razão, a nossa ênfase está centrada nessa esfera, considerando o caráter de modalidade escalar na visão givoniana, que é recuperada pela pesquisadora Pimpão (2012).

²¹ Givón (2001, p. 302): “Cognitively: From matters of logical truth to matters of subjective certainty. Communicatively: From speaker-oriented semantics to interactive pragmatics, involving social negotiation between speaker and hearer.”

Sobre as especificidades do comportamento do subjuntivo, Givón (1995) explicita que verbos de percepção-cognição-enunciação (denominados de PCU) e de manipulação projetam um escopo *irrealis* nas cláusulas de complementação. Os verbos de manipulação estão associados, assim, dentro dessa modalidade *irrealis*, porque estão ligados a uma situação de comando, de pedido ou de exortação e, também, por lidar com eventos futuros que ainda estão por vir se enquadrando, então, na categoria do submodo avaliativo-deôntico.

Nessa perspectiva, Givón (1995, p.126) distribui os passos semânticos principais na escala de complementação da seguinte forma:

Quadro 3 – Passos semânticos principais

Principais passos semânticos na escala de complementação

- a) Causa bem-sucedida (implicativo; *realis*)
- b) manipulação pretendida (não-implicativo)
- c) preferência/aversão
- d) incerteza epistêmica (não-factivo)
- f) certeza epistêmica (factivo; *realis*)
- g) Citação direta (dissociação da perspectiva do falante)²²

Fonte: Givón, 1995, p. 126.

Maior probabilidade de complementos subjuntivos

De acordo com essa escala, o subjuntivo tem a probabilidade de ser utilizado em uma posição mediana entre a manipulação pretendida (no escopo do submodo deôntico) e a baixa certeza (na categoria do submodo epistêmico). Existe um ponto de intersecção entre essas modalidades que está no traço de incerteza epistêmica pelo fato de o submodo deôntico sempre envolver um sentido irredutível de incerteza epistêmica. Essa relação é uma condição unilateral que pode ser demarcada da seguinte forma: “[...] se avaliativo, então epistêmico (mas não vice-versa) ou se preferência, então incerteza (mas não vice-versa)”²³ (Givón, 2001, p. 308, tradução nossa).

Conforme explica Givón (2001), essa relação de unidirecionalidade dos submodos ocorre em virtude dos valores inerentes à modalidade deôntica como habilidade, intenção, permissão, obrigação e preferência serem categorias que entram na dimensão de projeção futura. Diante dessas considerações, essa tal projeção futura por definição constitui traço da incerteza epistêmica. Examinemos mais uma escala desses submodos:

²² “Main semantic steps on the complementation scale: a successful causation (implicative; *realis*), b. Intended manipulation (non-implicative), c. Preference/aversion, d. Epistemic anxiety; e epistemic uncertainty (non-factive), f. Epistemic certainty (factive, *realis*); g. Direct quote (dissociation from the speaker’s perspective)” (Givón, 1995, p. 126)

²³ If evaluative, then epistemic (but not vice versa) or If intention, then uncertainty (but not vice versa). (Givón, 2001, p.308)

Quadro 4 – Escala de submodos

Lado deôntico (manipulativo)

-
- a. fraca manipulação pretendida (dizer, perguntar, sugerir)
 - b. preferência (querer/desejar, preferir)
 - c. ansiedade epistêmica (esperar, rezecear)
 - d. baixa certeza epistêmica (não ter certeza, duvidar, suspeitar, perguntar-se, não saber se)
-

Lado epistêmico

Fonte: Givón, 1995, p.126²⁴, tradução nossa.

Nessa escala semântica da modalidade *irrealis* apresentada, Givón (1995) lista alguns verbos associados aos submodos deôntico e epistêmico em uma disposição escalar e reforça o uso do modo subjuntivo relacionado ao escopo *irrealis*. Assumimos aqui, nesta tese essa visão de distribuição do modo subjuntivo nessa categoria da modalidade em uma disposição escalar distribuída nos seus dois eixos, epistêmico e deôntico. Com isso, não consideramos a definição de modo subjuntivo utilizando critério meramente bipartido em uma relação de incerteza para o subjuntivo e certeza para o indicativo.

2.5 Síntese da Seção 2

Nesta presente seção, cumprimos com o objetivo proposto quando descrevemos os modos subjuntivo e indicativo na perspectiva da gramática normativa e da gramática descritiva para justificar a nossa escolha por uma visão funcional da língua na compreensão do processo de gradiência do subjuntivo. Ainda expusemos os conceitos dos modos verbais subjuntivo e indicativo e o tratamento que é dispensado a esses modos nas gramáticas normativa e descritiva, bem como algumas das particularidades de uso desses modos. Mostramos ainda de que maneira o subjuntivo é requerido nas conjunturas dos 5 (cinco) contextos sintáticos de análise desta tese, situamos o nosso caminho e justificamos a escolha por uma visão funcional de análise da língua. Também abrimos um parêntese para tratar de posto, pressuposto e subentendido na visão ducroniana para melhor compreensão dos sentidos construídos nos enunciados.

Explicamos, também, a respeito da categoria tempo verbal que, tomando a demarcação do momento de referência como ponto de partida, nos conduzirá as especificações dos valores semânticos do subjuntivo das ações e fatos enunciados na dimensão da linha cronológica do tempo.

²⁴ Main semantic steps on the complementation scale – a. successful causation (‘implicative’; realis); b. intended manipulation (‘non-implicative’); c. preference/aversion; d. epistemic anxiety; e. epistemic uncertainty (‘non-factive’); f. epistemic certainty (‘factive’; realis); g. direct quote (dissociation from the speaker’s perspective). (Givón, 1995, p. 196)

E tratamos, também, da noção de aspecto e de modalidade e da sua divisão bipartida em submodo deôntico e submodo epistêmico, assim como da proposta da distribuição do subjuntivo em uma visão escalar da modalidade na perspectiva givoniana, cientes de que essa visão nos permitirá compreender o comportamento da distribuição da gradiência do subjuntivo na dimensão escalar dos submodos, bem como compreender a disposição da multifuncionalidade dos valores semânticos do subjuntivo e sua competição com as formas do indicativo.

Diante de mais uma etapa cumprida na pesquisa, damos sequência, na seção 3, ao tratamento da abordagem teórica desta tese.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, temos por objetivo discorrer a respeito de alguns pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC) que serão acionados para a descrição e a análise da gradiência do modo subjuntivo no Português Brasileiro. Para essa explanação, resgatamos Bybee (2012, 2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Goldberg (2013), Oliveira (2017), Traugott (2008, 2012), Traugott e Trousdale (2010, 2013), entre outros.

A seção encontra-se dividida da seguinte maneira: na seção 3.1, tratamos dos princípios que regem a Teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso e a respeito dos postulados básicos da Gramática de Construções; na seção 3.2, conceituamos os processos de domínio geral para explicar a variância e a gradiência observadas nas línguas naturais; na seção 3.3, tratamos dos processos de construcionalização e mudança construcional, bem como a respeito dos fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade e dos níveis da hierarquia construcional.

3.1 Linguística Funcional Centrada no uso: dimensões e arquitetura teórica

A LFCU é uma perspectiva de estudos linguísticos recente que foi incorporada no terreno brasileiro no século XXI (Oliveira, 2017). Essa tendência de teor funcionalista, que surgiu da conciliação dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, tem como objeto de estudo a investigação do processo de emergência e regularização de padrões da língua no ato comunicativo entre os falantes, na esfera da proposição formal, levando em conta fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos e, no ato do discurso, a focalização em fatores linguísticos relacionados à organização do texto (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013).

De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva coadunam-se em alguns pressupostos teóricos, como: (i) quando há o abandono da ideia de que a sintaxe é autônoma; (ii) quando a semântica e a pragmática são incorporadas nos processos de análise; (iii) quando não há distinção entre léxico e gramática; (iv) quando há a associação entre a estrutura da língua e o seu uso pelos falantes nos contextos reais de interação linguística; e (v) quando há a compreensão de que os dados linguísticos analisados são enunciados decorrentes do discurso natural.

Os autores ainda afirmam que o princípio basilar da LFCU reside no fato de que os usos da língua modelam a sua estrutura e conferem a ela processos de variância; focaliza a interface entre o uso e a estrutura da língua, levando em conta tanto a emergência quanto “a regularização de padrões linguísticos” no processo de interação discursiva. Seguindo esse enfoque teórico, é de suma importância tratar, nas linhas a seguir, de conceitos fundamentais como discurso, contexto, língua, gramática e construção, os quais serão as nossas referências nesta tese.

Discurso consiste na ação motivada do uso da linguagem em contexto real de interação comunicativa, na qual os sentidos dos enunciados são compreendidos pelos interlocutores. A respeito disso, Du Bois (2003b) vai dizer que o discurso natural abarca toda instância autêntica do uso da linguagem em quaisquer de suas manifestações, isto é, todo ato motivado de produção e apreensão da linguagem, seja por meio da fala ou da escrita ou de outra maneira, integra quaisquer das expressões linguísticas situadas nas dimensões da forma, do significado e da contextualização.

O autor ainda expressa que qualquer discurso natural, ainda que breve, constitui um evento complexo representando em sua composição a associação entre forma relacionada aos níveis linguísticos fonologia (não deixando de fora a prosódia), léxico, morfologia, sintaxe; e significado tendo uma totalidade de sentido nas nuances pragmática, semântica e interacional.

Referente ao contexto, de acordo com Oliveira (2015), no Funcionalismo Clássico, não se enfatizava a esfera contextual ou era tratada de forma discreta na definição de *gramaticalização*. No decorrer das pesquisas, dentro desse campo teórico, a referência contextual ganhou força e é um ponto de suma importância nas investigações atuais dos usos linguísticos dentro da LFCU. Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), na esteira dessa vertente, afirmam que uma base teórica com o papel de descrição e explicação da gramática da língua baseada nos usos dos falantes, em processo de interação, tem, necessariamente, que considerar o contexto linguístico em que tal uso se realiza.

Para entender o conceito de contexto, consideremos pertinente trazer as ideias de Du Bois (2003b) que afirma ser o contexto

[...] a soma da situação saliente, discurso prévio, ações dos falantes, modelos de conhecimento mútuo, frames culturais e, até mesmo, os processos publicamente observáveis de recursos de teor cognitivo em atos de comunicação. (Du Bois, 2003b, p.54²⁵, tradução nossa)

²⁵ By context we understand no less than the sum of the salient situation, prior discourse, interlocutors' actions, models of mutual knowledge, cultural frames, and even the publicly visible processes of marshaling cognitive resources in acts of communication. (Du Bois, 2003b, p. 54)

Esse conjunto de elementos que compõe o contexto direciona o pesquisador em um processo de análise de fenômenos da língua em uso em processo de mudança linguística de uma maneira mais apurada. Frente às considerações postas do contexto, delinaremos, a seguir, como essa abordagem teórica define língua.

É salutar observar que o motivo primeiro para a concepção de língua como um sistema adaptativo complexo refere-se à variância e à gradiência que podem ser explicadas da seguinte maneira: (i) a gradiência está relacionada à questão de que categorias da língua/gramática são complexas nas suas distinções em virtude da mudança suceder no tempo de maneira gradual, provocando, assim, o deslocamento de um elemento pertencente a uma categoria para outra pela extensão de um contínuo; (ii) a variação diz respeito a variedade na estrutura da língua que se apresenta no uso sincrônico, normalmente ao longo dos percursos contínuos de mudança que formam a gradiência (Bybee, 2016). Esse processo de gradação e variação ocorre nas línguas em virtude de elas não serem constituídas por estruturas fixas ou por categorias discretas.

Traugott e Trousdale (2013) conceitualizam língua como o pareamento entre forma e função ou ainda como construções que são organizadas em uma rede, [tradução nossa]²⁶. Essa rede é constituída de *nós* e é organizada hierarquicamente e interconectada entre si. Ainda sobre a rede, Pinheiro (2016) diz que pesquisas a respeito da representação mental do conhecimento lexical demonstram que as palavras se estruturam como uma teia e estão inter-relacionadas umas às outras de forma complexa e por meio de diversificados tipos de relações. Tendo em vista isso, o autor afirma que, nas abordagens da Gramática de Construções, é assumido, de alguma forma, o fato de que o nosso conhecimento linguístico constitui um repertório estruturado de construções, bem como é reconhecida a existência das relações taxonômicas, em outras palavras, as relações inter-relacionadas entre construções abstratas e construções mais concretas.

O conceito de língua dentro desse escopo teórico da LFCU pode ser compreendido como um sistema adaptativo complexo por apresentar uma grande variação e gradiência. De estrutura emergente, constitui-se, ao mesmo tempo, com uma estrutura regular de padrões e variação em todos os níveis da gramática. Esses processos estruturais presentes nas gramáticas das línguas podem ser procedentes de processos cognitivos de domínio geral, tendo em vista que eles operam em variados casos nos usos da língua (Bybee, 2016).

²⁶ [...]language is conceptualized as being made up of forma-meaning pairings or ‘constructions’ organized in a network (Traugott; Trousdale, 2013, p. 1).

A gramática, nesse quadro teórico, pode ser entendida a partir de Du Bois (2003) como um conjunto de esquemas, estruturas gramaticais que se encontram à disposição para as ações realizadas com a língua no processo discursivo. É por meio desse discurso, ou seja, no processo do uso da língua que “as funções mais frequentemente implementadas” modelam a gramática da língua desenhando o que ela é.²⁷ Essa plasticidade apresentada por qualquer gramática da língua tem esse caráter, por passar por evoluções e mudanças constantemente em virtude de uma necessidade de que os falantes têm de seus objetivos serem atingidos. (Du Bois, 2003) [texto original²⁸]

Ford, Fox e Thompson (2003) explicam como a gramática da língua é concebida e a sua relação com a interação social para a sua modelagem. Para isso, os autores se concentram em três pontos para a compreensão dessa gramática da língua como veremos a seguir.

Os autores convidam para a conversa Bybee, (1995, 1998, 2001), Hopper (1987) e Langacker (1987) para expressarem a visão de que a estrutura da língua é modelada pelo uso dos falantes no processo comunicativo. Em função disso, a gramática não pode ser considerada imutável no cérebro do falante, mas fluída por passar por constantes reformulações nessas interações comunicativas no cotidiano. (Ford, Fox, Thompson, 2003, texto original²⁹). Podemos pensar nisso em relação ao uso do subjuntivo, pois observamos que ocorrem reformulações na gramática geradas quando os falantes optam pelo uso de uma nova forma (modo indicativo) para expressar incerteza que é função própria do modo subjuntivo. Sendo assim, fica claro que essa fluidez e mutabilidade da gramática e esse processo de remodelagem da língua são resultados das escolhas que os usuários fazem dela.

Para discutir sobre a segunda explicação a respeito da natureza da gramática, os autores resgatam para o diálogo Hopper (1987, 1988) e Weber (1997) para declararem que, a partir do uso da língua, isto é, dos dados conversacionais, sustenta-se o ponto de vista de que a gramática é constituída por um conjunto excepcionalmente organizado, formado “de memórias classificadas e categorizadas”, disponíveis que possibilitam o processo comunicativo dos

²⁷ Within discourse, considered as the domain of language use, the functions most often implemented will play the greatest role, it is claimed, in shaping how grammars come to be as they are (Du Bois, 2003, p. 11).

²⁸ [...] Clearly all grammars display some plasticity, as evidenced in the changes they continually undergo. [...] On one view, the grammar of any language evolves so as to serve its users' goals, whether to conceptualize, communicate, or collaborate (Du Bois, 2003, p. 11).

²⁹The first of these is, in our opinion, one of the most significant contributions to recent linguistic scholarship, a view of linguistic structure itself as rooted in, and shaped by, everyday language use (Bybee, 1995, 1998, 2001, in press; Hopper, 1987; Langacker, 1987). [...] Thus grammar cannot be a fixed property of human brains but is a redesigned in everyday talk (Ford; Fox; Thompson, 2003, p.110).

falantes. Os autores ainda esposam da ideia de Edelman (1992), ao expor que o cérebro do falante é primorosamente adaptado para categorizar, armazenar, lembrar e fazer uso de um quadro rotineiro da gramática da língua para resolução de problemas do cotidiano. A rotinização, portanto, faz com que um quadro de cristalizações que se forma se torne hábito. Sendo assim, a gramática pode ser entendida como um conjunto de cristalizações resultantes das rotinizações dos usos da língua.³⁰ [Tradução livre] O modo verbal subjuntivo, por exemplo, constitui uma categorização dentro do quadro dos modos verbais que o falante retoma dentro dos armazenamentos disponíveis na sua memória para uso em contextos específicos. Sendo, então, o modo subjuntivo usado em contextos próprios ocorre a chamada rotinização de uso que os autores mencionam.

E, na terceira explicação, os autores explicitam que a compreensão de gramática está fortemente relacionada com as atividades de interação nas quais os interlocutores estão envolvidos.³¹ [Tradução livre]

Antes de conceituarmos o termo construção, optamos por explicar a seguir a respeito de alguns pressupostos teóricos do modelo da Gramática de Construções que foi formulada no âmbito do quadro da Linguística Cognitiva, visto que nos basearemos nesses aportes para o desenvolvimento da pesquisa.

A Gramática de Construções tem se expandido de forma significativa nos estudos contemporâneos como uma tendência das pesquisas realizadas dentro do escopo da LFCU. Traugott e Trousdale (2013) afirmam que não há uma uniformidade em relação aos princípios que regem as diversas abordagens construcionistas. Com isso, assim como os autores, resgatamos Goldberg (2013) para elencar quatro aspectos que contemplam todas essas abordagens: (i) Construções gramaticais - as construções constituem combinações que são aprendidas do pareamento forma - função; (ii) Estrutura da superfície - a Semântica está relacionada de maneira direta com a forma da superfície; (iii) Rede de construções - construção frasal, palavra e morfema então imbricados em uma rede de nós. Esses nós têm uma associação

³⁰ Conversational data support the position that grammar is a rather loosely organized set of sorted and categorized memories we have of how speakers have resolved recurrent communicative problem (Hopper, 1987, 1988; Weber, 1997). Edelman (1992) suggested that the human brain is exquisitely adapted to be very good at remembering, storing, categorizing, and using routines that have proven useful for solving everyday problems; with frequent repetition, as synapses become strengthened, these routines become crystallized as habits. Grammar can thus be seen as a collection of crystallizations of linguistic routines (Bybee, 1998, 2001, in press; Bybee, Perkins, & Pagliuca, 1994; Haiman, 1994, 1998; Langacker, 1987).” (Ford; Fox; Thompson, 2003, p. 119, 120).

³¹ A third contribution to our understanding of grammar at work is the discovery that grammar is tightly intertwined with the interactional activities that people are engaged... (Ford; Fox; Thompson, 2003, p. 120).

de hierarquia de herança (Goldberg, 1995); (iv) Variabilidade e generalização linguística - As línguas sofrem diversos processos de variação. As generalizações linguísticas podem ser explicadas pelos processos cognitivos de domínio geral; (v) Baseado no uso - o conhecimento de uma dada língua é constituído por itens e generalizações em níveis diferenciados de especificidade.³² (Goldberg, 1995).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 3), “[...] todas as abordagens construcionistas consideram a gramática como uma estrutura holística em que nenhum nível da gramática é autônoma ou nuclear.”³³ Diante dessas considerações, os autores afirmam que a fonologia, a semântica, a pragmática e a morfossintaxe caminham interligadas em uma construção. Posto isso, trazemos o conceito do termo construção que, de acordo com Bybee (2016, p. 28), “[...] é um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas.”

Goldberg (1995, p. 67), na sua obra *A construction Grammar Approach to Argument Structure*, estabelece alguns princípios psicológicos relevantes relacionados às construções organizadas na rede:

(i) “O princípio da não-sinonímia: se duas construções são sintaticamente distintas, essas construções devem ser semântica ou pragmaticamente distintas[...]” A autora propõe, então, dois corolários dentro desse preceito, a saber: 1. “Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então, elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.”³⁴ (Goldberg, 1995, p. 67, tradução nossa) 2. “Se duas construções são distintas sintaticamente e pragmaticamente sinônimas, então, não devem ser semanticamente sinônimas.”³⁵ (Goldberg, 1995, p. 67, tradução nossa)

Observemos dois dados de fala da nossa amostra para explicar o primeiro corolário:

(18) DOC: Algum fato que aconteceu assim engraçado, interessante?

INF: Não, que eu LEMBRO, num tem nada. Tem nada engraçado não. (*Corpus PPVC - J.C.S*)

(19) DOC: Todo mundo usava vestido?

³² Usage-based: Knowledge of language includes both items and generalizations, at varying levels of specificity [...] (Goldberg, 1995, p. 16).

³³ [...] all constructional approaches see grammar as a ‘holistic’ framework: no one level of grammar is autonomous, or ‘core’. Rather, semantics, morphosyntax, phonology, and pragmatics work together in a construction (Traugott; Trousdale, 2013, p. 3).

³⁴ Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous. then they must not be P(ragmatically)-synonymous (Goldberg, 1995, p. 67).

³⁵ Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous (Goldberg, 1995, p. 67).

INF: É, tudo de vestido e na saia, aquelas jovens vestia uma saia bonita... o nome do desfile era burgariana, aquela saia bonita, florada, né, era que as jovens usava, e outra coisa, era saia com... que eu me LEMBRE, todas usavam aquela que chamava saia de argudão. (*Corpus PPVC - J.A.P*)

Com base nesse princípio da não-sinonímia e no coronário 1, os enunciados em pauta (18) e (19) são distintas no polo da forma pelos usos dos verbos no indicativo e subjuntivo e, no polo do sentido, têm o valor semântico semelhante de incerteza, mas são distintas pragmaticamente, o que pode ser constatado a partir de uma análise considerando a frequência *type* e *token*.

(ii) Princípio da expressividade máxima diz que “O inventário das construções é maximizado em virtude de propósitos comunicativos.”³⁶ (Goldberg, 1995, p. 67, tradução nossa). Convém ressaltar que a extensibilidade dos valores do subjuntivo tem relação com esse princípio para atender as necessidades comunicativas dos falantes em virtude de o modo indicativo constituir uma extensão semântica do modo subjuntivo pelo fato de os falantes não só usarem formas do subjuntivo para expressar um fato incerto, mas também empregarem formas do indicativo para esse fim. Outro fator que ajuda a entender a competição e gradiência do subjuntivo vem do resultado da atuação da tríade composta por: pressões de ordem estrutural que surgem da própria convencionalização da gramática; motivações de natureza cognitiva, relacionadas à maneira como é concebida o mundo experiencial e cultural; fatores de teor sócio-histórico, referentes às marcas decorrentes do tempo e do espaço que delineiam as interações. (Oliveira, 2018)

Ainda a respeito da conceitualização do termo construções, Goldberg (1995) diz que C constitui uma construção somente se C formar um pareamento de forma e significado, representado pela configuração $\langle F_i \ S_i \rangle$ em que algum elemento relacionado a F_i ou algum elemento de S_i não seja absolutamente esperado das partes de C ou ainda de outras construções anteriormente estabelecidas.

Segundo Furtado da Cunha e Lacerda (2017), as construções são abstrações instanciadas no uso da língua por meio de ocorrências específicas chamadas de construtos. Dito isso, uma construção³⁷ constitui uma generalização baseada em construtos da mesma categoria.

³⁶ The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes (Goldberg, 1995, p. 67).

³⁷ “Construção é um conceito herdado da Gramática de Construções e passou a ter um tratamento científico a partir dos meados da década de 1980, com a publicação de alguns trabalhos, como o de Fillmore (1985), Fillmore, Kay e O’Connor (1988), Fillmore e Kay (1999) e o de Goldberg (1995), os quais propõem uma abordagem teórica sobre o conceito de construção bem como defendem o reconhecimento das construções como unidades básicas da língua” (Andrade, 2017, p.60).

Podemos encontrar em Croft (2001, p.18), ao abordar a respeito da Gramática Radical de Construções, a representação da estrutura simbólica da construção que consiste na interconexão de traços semântico-sintáticos, como observado a seguir no Quadro 5:

Quadro 5 – Representação da estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p.18).

De acordo com Croft (2001), no Quadro 3, as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, que estão associadas à forma; e as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, que, por sua vez, estão relacionadas ao sentido, são ligadas por um elo de correspondência simbólica. Cada propriedade desse elo é, assim, responsável pelo significado estabelecido entre a correlação dos eixos forma e sentido. Ainda de acordo com o autor,

[...] o sentido é representado por todos os aspectos CONVENCIONALIZADOS da função de uma dada construção que podem incluir não apenas as propriedades da situação descrita em um enunciado, mas também abarcar as propriedades evidenciadas no discurso [...] e na situação pragmática dos interlocutores³⁸ (Croft, 2001, p.19, grifos do autor) [Tradução nossa].

A partir dessas palavras, enfatizamos o que a LFCU preconiza em relação à afirmação de que a gramática não é autônoma, mas vista de uma forma holística em que todas as

³⁸ The term meaning is intended to represent all of the CONVENTIONALIZED aspects of a construction's function, which may include not only properties of the situation described by the utterance but also properties of the discourse in which the utterance is found [...] and of the pragmatic situation of the interlocutors [...] (Croft, 2001, p. 19).

propriedades observadas no Quadro 3 atuam conjuntamente estabelecendo a vinculação dos eixos forma e sentido.

Essa visão holística do uso da língua que assinala a nova versão do Funcionalismo Linguístico encontra-se no tratamento da forma e da função. É válido mencionarmos que, anteriormente, nos estudos funcionalistas clássicos, essas análises eram centradas em um ou outro desses eixos (unidirecionalidade - *função* > *forma*), diferentemente das tendências das pesquisas atuais em que ambos são integrados a partir da conjectura de que os aspectos funcionais e formais são correlacionados tanto na origem como na fixação dos elementos linguísticos e tem como representação a direcionalidade *função* <↔> *forma* implicados concomitantemente (Rosário; Oliveira, 2016).

Dessa maneira, a dimensão da forma é estendida em um processo que traz equilíbrio aos dois eixos - sentido e estrutura. Equiparar o tratamento dessas dimensões significa dizer que os valores desses eixos não são diferenciados no seu grau de importância como também confere às pesquisas desenvolvidas na esfera funcionalista um maior controle e rigor nos procedimentos. O Funcionalismo contemporâneo tem focado nessa questão da integralização dos aspectos funcionais e formais, o que gera um quadro de necessidade para explicar e descrever tais aspectos (Rosário; Oliveira, 2016).

Essa vinculação da forma e do sentido é simbolizada no modelo da representação da construção como $[[F] \leftrightarrow [S]]$ em que o “F” constitui a abreviação de forma, e “S” a de sentido. Traugott e Trousdale (2013) explicam que a flecha com as pontas direcionadas para direita e para esquerda representam a relação existente entre forma e sentido, e os colchetes externos vão especificar que o vínculo estabelecido entre forma e sentido constitui uma unidade convencionalizada.

Na abordagem da Gramática de Construções, ainda é enfatizado que as línguas naturais são adquiridas, isto é, “[...] elas são construídas com base no *input* juntamente com pressões gerais cognitivas, pragmáticas e de processamento.” (Furtado da Cunha; Lacerda, 2017, p. 20). Em síntese, a Gramática de Construções focaliza a questão da interação, quando admite que o sistema da língua é dinâmico e moldado pelo uso, e apresenta gradiência, variação e não linearidade.

Para o tratamento da competição e gradiência do modo subjuntivo em uma perspectiva construcionista, se faz necessário, ainda, em termos teóricos, que retomemos o conceito de categorização discutida no âmbito da Teoria dos Exemplos. Optamos por iniciar a discussão pelas categorias. Trazemos, para isso, Pierrehumbert (2001) que afirma o seguinte em relação à dimensão dos exemplos:

Em um modelo de exemplares, cada categoria é representada na memória por uma grande nuvem de exemplos lembrados de dada categoria. Essas memórias são organizadas em um mapa cognitivo de modo que as memórias de instâncias altamente semelhantes ficam próximas umas das outras e as memórias de exemplos distintos ficam longes. Os dados lembrados exibem um quadro de variações mostradas nas manifestações físicas da categoria. Todo sistema é, portanto, um mapeamento entre pontos em um espaço de parâmetros fonéticos e os rótulos do sistema de categorização. Os rótulos constituem um nível de representação por si só ou podem ser vistos como links funcionais para outros níveis de representação³⁹ (Pierrehumbert, 2001, p. 3-4) [Tradução nossa].

Trazendo as palavras de Pierrehumbert (2001) para um intercurso com o nosso objeto, podemos dialogar da seguinte maneira: o modo verbal constitui uma categoria que está representada e instanciada na mente do falante. Em alguns contextos linguísticos, é prescrito pela TG a alternância entre as formas do subjuntivo e do indicativo e, por essa abertura, podemos dizer que são instâncias semelhantes que estão aproximadas já que, como diz o autor, “memórias de exemplos distintos ficam longe”.

Sobre os exemplares, Bybee (2012) afirma que constituem categorias que são formadas a partir de ocorrências na experiência que são consideradas semelhantes.⁴⁰ Esses exemplares são agrupados de acordo com a similaridade que são chamados de nuvens de exemplares que formam categorias.⁴¹ Bybee (2016) advoga que essas categorias de exemplares, que são formadas através da experiência, apresentam efeitos prototípicos, “[...] os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto outros são mais marginais.” (Bybee, 2016, p. 131). O subjuntivo, por exemplo, em contexto de oração subordinada com verbos que indicam possibilidade, volição e manipulação na oração matriz, condiciona a realização do subjuntivo na oração subordinada. Diríamos, então, que esse é um uso prototípico neste contexto sintático, e o que se distancia disso vai se tornando usos mais marginais. Esse uso mais marginal pode ser evidenciado em sentenças com uso do verbo “achar” na matriz, por exemplo, o que abre espaço não só para o uso do subjuntivo,

³⁹ In an exemplar model, each category is represented in memory by a large cloud of remembered tokens of that category. These memories are organized in a cognitive map, so that memories of highly similar instances are close to each other and memories of dissimilar instances are far apart. The remembered tokens display the range of variation that is exhibited in the physical manifestations of the category. The entire system is then a mapping between points in a phonetic parameter space and the labels of the categorization system. The labels constitute a level of representation in their own right, or else they may be viewed as functional links to other levels of representation.

⁴⁰ Exemplars are categories formed from tokens of experience that are judged to be the same (Pierrehumbert 2001). (Bybee, 2012, p.53)

⁴¹ Exemplars are categories formed from tokens of experience that are judged to be the same (Pierrehumbert 2001). The exemplars themselves are grouped together by similarity. These exemplar clouds, as they are called, constitute categories (Bybee, 2012, p. 53).

mas também para o indicativo. Assim, poderíamos dizer que esse condicionamento do subjuntivo vai estar relacionado à categorização e a efeitos prototípicos.

Representações por um feixe de exemplares, de acordo com a autora, dessa maneira, constituem representações de memória enriquecida em que são estocadas todas as informações dos detalhes fonéticos “[...] incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usadas, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico” (Bybee, 2016, p.35, 36). Enfim, essa memória contém o registro dos detalhes linguísticos que os falantes da língua vão experienciando na interação comunicativa. Esse modelo assume que qualquer ocorrência da experiência, de alguma forma, tem implicação na estocagem da memória e no processo de organização dos elementos linguísticos (Bybee, 2016).

Na esteira desse modelo,

Ocorrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares. Desse modo, um exemplar é construído a partir de um conjunto de ocorrências que são consideradas pelo organismo como as mesmas em alguma dimensão (Bybee, 2016, p. 43).

Dessa forma, entendemos que, quando as construções com formas verbais nos modos indicativo e subjuntivo em determinados contextos apresentam-se neutralizados semântica ou pragmaticamente de maneira distintivas, elas podem ser estocadas de forma próxima entre uma e outra em uma escala de gradiência, retomando aqui as palavras de Oliveira (2017), para contextualizar com o nosso objeto de pesquisa.

Ao observar que o uso do indicativo em alguns contextos assume o valor semântico característico do ambiente do subjuntivo, temos, então, duas formas linguísticas ou variantes que configuram o nosso fenômeno variável. Dito isso, o termo adotado nesta tese será competição e assume esse sentido. Além disso, as formas mostram uma gradiência no valor inerente do subjuntivo, então, mostraremos essa escala de gradiência e competição pelo uso recorrendo a contextualidade.

Poderíamos optar em chamar as formas em alternância do subjuntivo de aloconstruções? De acordo com Cappelle (2006, 2009), o termo é usado em analogia às conceitualizações estruturalistas de alofone (relacionada à fonologia) e alomorfe (referente à morfologia). Têm-se, então, aloconstruções quando ocorre o surgimento de formas distintas em processo de alternância e com o mesmo valor semântico como observados nos dados seguintes:

(20) Eu falei: “Mãe, eu não quero... eu não gosto que ele **FICA** me espiano não. (*Corpus PPVC* - E.L.C)

(21) [...] eu só não quero que **FIQUE** vagabundo. (*Corpus PPVC* - E.L.C)

Essas duas sentenças podem ser chamadas de alosentenças. Termo que Lambrecht (1994) retoma de Daneš (1996) e utiliza no seu trabalho intitulado *Information Structure and Sentence Form; Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents*. O termo está relacionado a pares de sentenças com o mesmo valor semântico, mas que se mostram divergentes na forma e na esfera pragmática⁴².

As alosentenças (20) e (21) são consideradas por Capelle (2006; 2009) como uma única construção, então, no nível mais alto (esquema) teríamos a representação dessa construção e as possibilidades das construções em alternância do verbo nos modos indicativo e subjuntivo nas orações subordinadas, semanticamente equivalentes com o valor de incerteza seriam alocadas no nível do subesquema.

Por questão de direcionar uma terminologia a ser adotada nesta tese em relação ao nosso fenômeno, optamos pela visão de Goldberg (1995) e adotamos o termo competição pelo uso associado ao contexto. Muito se discute sobre a questão de não se ferir o princípio da não-sinonímia. É preciso entender que as formas em competição do subjuntivo e indicativo, por exemplo, não ferem o princípio da não-sinonímia. Isso pode ser entendido da seguinte maneira: as formas podem ter similaridades semânticas e diferenças em outra propriedade ou em outras especificidades da construção. No Quadro 3, demonstramos a representação da estrutura simbólica da construção que tem as propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais e, sendo composta dessas várias especificidades, vão surgir, evidentemente, diferenças entre as formas em competição.

Dados os conceitos de discurso, língua, gramática e construção, resgatamos Bybee (2016), Oliveira (2017), entre outros, para explanar, na próxima subseção, a respeito dos processos cognitivos de domínio geral que podem estar influenciando na remodelagem constante da gramática da língua.

⁴² [...] Information-structure analysis is centered on the comparison of semantically equivalent but formally and pragmatically divergent sentence pairs... (Lambrecht, 1994, p. 6).

3.2 Variância e gradiência: processos cognitivos de domínio geral

O objetivo desta subseção é explicar que a variância e a gradiência, que observamos nas línguas naturais, podem ser provenientes de processos cognitivos de domínio geral em virtude de eles operarem nos usos da língua. A utilização rotineira desses processos chamados de categorização, *chunking*, encadeamento, analogia, memória enriquecida e associação transmodal tem grande influência na representatividade cognitiva da linguagem e na língua.

A primeira habilidade é a categorização, que pode ser entendida como a semelhança que acontece com palavras e sintagmas ou suas partes componentes que sempre estão relacionadas a representações estocadas na memória do falante. A categorização é considerada como um processo cognitivo de domínio geral, porque as categorias perceptuais diversificadas são formadas em virtude da experiência no processo de interação comunicativa, independentemente da língua (Bybee, 2016). Os conceitos criados nessa interação relacionada com as experiências dos falantes na esfera biofísica e sociocultural possibilitam caracterizar na mente as categorias e pensar a respeito delas (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Nesse processo cognitivo de domínio geral,

[...] as categorias não são estanques, mas sim, pela própria natureza dos exemplares, gradientes. Se uma categoria é gradiente, supomos que as fronteiras entre construções distintas não são discretas e podem, em alguma medida a depender da construção, permitir certa neutralização de diferenças entre exemplares que ocorrem em determinados contextos, porque tais diferenças podem não ser totalmente claras, permitindo alguma intercambialidade entre construções (Oliveira, 2019, p. 69).

Oliveira (2017), ao realizar esse comentário, considera que, no escopo da LFCU, a categorização é prototípica, isto é, fundamenta-se em um conjunto de traços que podem estar inseridos mais ou menos nos membros das categorias. Sendo assim, existe membro de teor mais prototípico que contém o maior número de traços da classe e os menos prototípicos, que se posicionam marginalmente, ocupando um lugar de interseção categorial. Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013),

[...] Cada categoria é conceitualizada em termos do representante prototípico, aquele que reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria. Dessa forma, a classificação dá-se por meio do elemento que exemplifica o protótipo, enquanto os outros elementos são classificados considerando as características mais próximas e as mais distantes em relação ao exemplar prototípico. Essa perspectiva não linear/categórica e não discreta permite o

tratamento escalar e contínuo de aspectos gramaticais (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 28-29).

Nessa direção, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) esposam da ideia de Rosch (1973) e explicitam que a prototipicidade é, possivelmente, resultado das propriedades específicas da percepção do ser humano, como a saliência cognitiva. Qualquer protótipo proporciona a realização de um quadro de tarefas inferenciais ou também imaginativas a respeito de uma dada categoria. Esse processo abarca a gradualidade e, também, a fixidez de determinadas propriedades ou traços.

A categorização em nosso fenômeno em estudo nos ajuda a compreender a gradiência e a competição do subjuntivo com o indicativo porque a categorização é gradiente tendo seus membros mais prototípicos e outros mais marginais. Essas fronteiras entre as construções, por não serem discretas, abrem as portas para a neutralização entre exemplares ocasionando a competição entre as construções com o subjuntivo e com o indicativo.

Chunking ou encadeamento, ou ainda denominado de agrupamento, é uma segunda habilidade que pode ser entendida como sequências de elementos que, utilizados juntamente, se associam para criar estruturas mais complexas. Na linguagem, o agrupamento é fundamental para a criação de elementos sequenciais expressos representados pelas construções e pelas expressões formulaicas. Sequências expressas repetidamente de palavras são unidas na cognição de maneira que a sequência passa a ser estocada e acessada como uma unidade só⁴³ (Bybee, 2016).

Referente à memória enriquecida, essa consiste na estocagem na memória dos detalhes experienciados do falante com a língua, considerando a inclusão dos detalhes fonéticos como palavras e sintagmas, contextos de uso da língua, significados e inferências relacionadas aos enunciados. Então, retomamos, aqui, o processo de categorização que assume o papel de mapear essas memórias enriquecidas em representações que já existem. A memória, no que se refere às construções linguísticas, é representada por um feixe de exemplares, formados em virtude de ocorrências mediante a experiência linguística, considerada como semelhante, dos falantes. A explicação elementar dessa representação por meio de um feixe de exemplares consiste do fato de que toda experiência com a língua impacta as representações cognitivas (Bybee, 2016). Em relação ao uso do subjuntivo, esse modo verbal é utilizado em contextos

⁴³ Em nossa análise, apenas retomaremos os processos cognitivos de domínio geral analogia, memória enriquecida e categorização.

específicos e, por isso, nesses ambientes próprios, há uma rotinização de uso, o que faz com que essa realização tenha uma representação maior na memória dos falantes.

No que concerne à analogia, Bybee (2016) explicita que consiste em um processo cognitivo de domínio geral em que novos enunciados são formados e fundamentados em enunciados já disponíveis. A analogia requer a categorização, porque partes das sequências linguísticas antes enunciadas segmentam-se em unidades que são ordenadas e categorizadas antes que ocorrências novas possam ser criadas com elas. As variações observadas via analisabilidade e via composicionalidade, como também a produtividade em certos usos e a criatividade da língua, são decorrentes dessas mesmas habilidades. Esse processo de domínio geral em relação ao subjuntivo pode ser compreendido assim: o indicativo surge como uma nova construção usada em um padrão existente (subjuntivo) e essa construção está relacionada a exemplares específicos armazenados.

Em relação à associação transmodal, Oliveira (2017) explica que essa habilidade cognitiva parte do princípio de que as experiências concorrentes têm a tendência de serem cognitivamente correlacionadas. A premissa desse processo cognitivo é que os falantes têm a capacidade de, constantemente, estabelecer conexões com suas experiências vividas no processo de comunicação no trato social.

Posto isso, retomamos aqui a questão da gradiência presente na obra *Gradience, Gradualness and grammaticalization*. Traugott e Trousdale (2010) dizem que esse termo é usado de várias maneiras no discurso linguístico. Aqui, explicitamos apenas dois modelos que os autores dão enfoque: (i) concernente à natureza das fronteiras existentes entre as categorias; (ii) relacionado a organização do(s) membro(s) que se estabelece dentro de uma categoria. “Juntos, estes podem ser caracterizados como o entrelaçamento ‘(percebido) das categorias do sistema linguístico.”⁴⁴ (Traugott; Trousdale, 2010, p.20) [Tradução nossa]

Os autores trazem a seguinte citação de Lightfoot sobre a natureza gradiente das categorias sintáticas

Dado que as camadas e subcamadas abstratas da língua (isto é, o léxico, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, etc.) podem ser interpretadas como categorias de gradiência relacionadas, podemos afirmar que os processos dinâmicos que usam essas categorias também são de natureza gradiente⁴⁵ (Lightfoot, 2005, 590 *apud* Traugott; Trousdale, 2010, p. 20) [Tradução nossa].

⁴⁴ Together, these may be characterised as the “(perceived) interlacing of the categories of the language system” (Traugott; Trousdale, 2010, p. 20).

⁴⁵ Given that the abstract layers and sub-layers of language (i.e. lexicon, phonology, morphology, syntax, semantics, etc.) can be interpreted as gradiently related categories, we may claim that the dynamic

É importante pontuar que os autores vão a outra direção do pensamento de Lightfoot porque não consideram os próprios processos diacrônicos gradientes, mas argumentam que, “na maioria dos casos de mudança envolve pequenos micropassos”⁴⁶ (Traugott; Trousdale, 2010, p. 20) [Tradução nossa].

Os autores ainda explicitam que o fato de diferentes partes de uma dada construção sofrerem alterações em diferentes pontos com o passar do tempo, a mudança na construção como um todo pode parecer gradual. Assumimos aqui, nesta tese, uma concepção significativa de gradiência que extrapola o âmbito da morfossintaxe em que abarca o compartilhamento de recursos semânticos.

Realizada essa abordagem sobre os processos cognitivos, na próxima subseção, trataremos dos processos de construcionalização e mudança construcional, termos dos quais pesquisadores têm se ocupado para explicar os fatores que decorrem da língua viva como variância e mudanças.

3.3 A caracterização da construcionalização e da mudança construcional

A mudança que ocorre na língua surge em virtude da interação e negociação que ocorre entre os falantes no curso desse processo de comunicação. Dito isso, nesta subseção, nos ocupamos do tratamento dos processos de mudança linguística a partir de duas dimensões denominadas de construcionalização e de mudança construcional. (Traugott; Trousdale, 2013)

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização consiste em um novo pareamento de forma e significado.

[...] Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado na rede linguística da população dos falantes. É acompanhada por mudanças nos graus da esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, em virtude disso, é gradual. Novas microconstruções podem ser criadas de forma gradual, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções criadas de forma gradual tendem a ser procedurais e as criadas de forma instantânea tendem a ser de conteúdo⁴⁷ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22, tradução nossa).

processes which utilize said categories are likewise of a gradient nature (Traugott; Trousdale, 2010, p. 20).

⁴⁶ [...] we argue that most instances of change involve small micro-steps... (Traugott; Trousdale, 2010, p. 20).

⁴⁷ It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be

A construcionalização se divide em dois polos processuais: lexical e gramatical. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 149), a construcionalização lexical está no âmbito do gradiente processual de conteúdo e relacionada ao “[...] desenvolvimento de novos signos na forma e no significado em que esta dimensão se refere principalmente à semântica mais concreta e a esfera formal está associada às categorias esquemáticas de nome, verbo e adjetivo”⁴⁸. Por seu turno, a construcionalização gramatical, de natureza mais procedural, relaciona-se ao processo de mudança em micropassos no significado e na forma das construções.

A mudança construcional, por sua vez, pode ser entendida como mudanças que afetam uma dimensão interna de uma dada construção já existente e que podem não gerar a criação de um novo nó na rede (Traugott; Trousdale, 2013). Traugott (2015) explica que essas mudanças podem ocorrer antes da construcionalização. As chamadas pré-construcionalizações, que estão associadas às expansões semânticas, às preferências dos falantes e às rotinas pragmáticas e distribucionais que se desenvolvem em micropassos. E, por sua vez, as chamadas mudanças construcionais pós-construcionalização estão, tipicamente, relacionadas com a expansão coloquial (classe hospedeira), “[...] à redução da forma em virtude da rotinização do uso frequente do *token* e, eventualmente à obsolescência do uso”⁴⁹ (Traugott, 2015, p. 56). Dessa forma, poderíamos, por exemplo, para algumas construções, compreender um contínuo no qual houvesse pré-construcionalização - construcionalização - pós-construcionalização.

Traugott e Trousdale (2013, p. 91-92), no que tange à inovação e à mudança, afirmam que há o seguimento de alguns passos nesses processos, a saber:

a) Inovação: (i) o ouvinte interpreta certa construção analisando de uma maneira diferente da que o falante exprimiu. (ii) O ouvinte que trouxe um significado diferente para o constructo proferido pelo falante reutiliza-o com um novo elo. Nessa etapa, Traugott e Trousdale (2013, p. 91, tradução nossa) explicitam que “[...] não ocorre uma nova

instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

⁴⁸ [...] development of new signs which are formnew-meaningnew and in which the meaning pole is associated mainly with concrete semantics and the form pole with major categories such as N, V, or ADJ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 149).

⁴⁹ [...] reduction of form due to routinization and frequent token use (Bybee 2010), and eventually obsolescence... (Traugott, 2015, p. 56).

microconstrução em virtude de o uso não ser convencionalizado”⁵⁰ [Tradução nossa]. A inovação, assim, pode ser compreendida com o surgimento de uma nova construção na língua;

b) Convencionalização: ocorre quando um processo semelhante sucede com outro ouvinte, não indicando, necessariamente, que seja isomorfa. Esses processos abarcam (i) a associação vaga de uma inferência convidada de um constructo que tenha uma relação com o valor semântico de uma construção já existente na rede de construção; (ii) preferência do falante ao fazer uso de partes de dada construção em nichos específicos; e (iii) “Repetição de parte da construção como um *chunk*”⁵¹ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 91, tradução nossa). O fato de essas associações se repetirem levam os falantes a concordarem tacitamente e uma relação convencional entre a forma prototípica e um significado novo recém-analisado. Com isso, ocorre o chamado *mismatch* entre a morfossintaxe da forma original e as novas construções.

Os autores ainda explicitam que, em virtude da convencionalização, podemos dizer que ocorreu uma mudança construcional, mas é importante salientar que ainda não ocorreu um novo nó na rede. Se, frente a uma sequenciação da construcionalização ou ainda mais mudanças construcionais se sucederem, os autores perscrutam que o que está ocorrendo são as chamadas mudanças pré-construcionalizações.

A construcionalização vai ser consolidada, de fato, quando houver o processo de neoanálise no âmbito da morfossintaxe e da semântica, que passarão a ser convencionalizadas e partilhadas entre os falantes, resultando na criação de uma nova microconstrução (forma-se, então, um novo nó na rede de construções) (Traugott; Trousdale, 2013). Conforme afirmam os autores, a construcionalização pode ser compreendida pelo fato de as construções serem entrincheiradas e compostas como unidades armazenadas. Sendo assim, a língua é adquirida mediante a exposição dos falantes em situações reais do seu uso. “As generalizações e associações/semelhanças são estabelecidas a partir de exemplos específicos da língua em uso.”⁵² (Traugott; Trousdale, 2013, p. 48, tradução nossa)

c) Pós-construcionalização: as microconstruções podem sofrer um processo de expansão e passam a ser reorganizadas em subesquemas;

d) Em virtude da ocorrência do processo anterior, pode ocorrer a redução da forma pelo uso frequente do *token* ou ainda a construção entrar em um estado de obsolescência pela diminuição do seu uso.

⁵⁰ [...] There is no new mico-construction because there is no convencionalized use (Traugott; Trousdale, 2013, p. 91).

⁵¹ “[...] repeating part of a construct as a chunk” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 91).

⁵² Generalizations and commonalities are established over specific examples of language in use (Traugott; Trousdale, 2013, p.48).

Na próxima subseção, ocuparemos-nos em explicar os fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que são resgatados para a análise de fenômenos linguísticos no âmbito da construcionalização e no processo de mudança construcional.

3.3.1 *Esquematicidade, produtividade e composicionalidade*

Os fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade são evidenciados no escopo construcionista da mudança linguística. Rosário e Oliveira (2016), relacionando essas propriedades à LFCU, explicitam que os conceitos desses fatores têm sido usados por Langacker (2005) e são delimitados da seguinte maneira: (i) *esquematicidade* está relacionada ao *escopo construcional*; (ii) *produtividade* diz respeito à *vitalidade construcional*; e (iii) *composicionalidade* é referente ao *alinhamento construcional*.

Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a esquematicidade constitui uma propriedade inerente da categorização que fundamentalmente abarca abstração. Assim, na visão dos autores, um esquema pode ser compreendido como uma generalização taxonômica de categorias podendo ser linguísticas ou não. Os esquemas abstratos constituem conjuntos abstratos de aspecto semântico geral, de construções, sendo de teor procedural ou de conteúdo. São abstrações que perscrutam os conjuntos de construções que são notadas de maneira inconsciente pelos falantes como sendo estritamente ligadas na rede de construção. Os autores ainda afirmam que graus de esquematicidade vinculam-se a níveis de generalidade ou ainda de especificidade e o grau em que partes associadas da rede são constituídas de ricos detalhes.

Referente à produtividade, Traugott e Trousdale (2013) explicam que esse termo tem sido utilizado de maneira diferenciada, mas, não sendo nosso objetivo aqui detalhar essa série de usos do termo, trazemos a visão dos autores que dizem que a produtividade de uma dada construção é gradiente. Esse fenômeno está enquadrado na esfera dos esquemas que corresponderão a (i) sua extensibilidade na medida em que sancionarão outras construções que vão ser de teor menos esquemáticos e (ii) à medida que esses esquemas são restringidos.

Em relação ao termo sanção, Traugott e Trousdale (2013, p.49) concernem que, na visão da literatura, “[...] em uma abordagem baseada no uso, no estado sincrônico, diz-se que uma expressão é mais ou menos sancionada por um *type* ou esquema mais geral”⁵³ [Tradução nossa]. Os autores resgatam Langacker (1987, 1991) para explicar que, na Literatura da Gramática

⁵³ In the synchronic usage-based literature an expression is said to be more or less ‘sanctioned’ by a more general type or schema (Traugott; Trousdale, 2013, p. 149).

Cognitiva, realiza-se uma distinção entre a denominada sanção total e sanção parcial (próximo do sentido de instanciação e extensão). Diz-se que ocorre a sanção total quando uma dada construção é completamente compatível com a microconstrução da qual é sancionada. No que concerne à sanção parcial ou denominada também de extensão, acontece quando o alvo da categorização é compatível de forma apenas parcial com o esquema instanciado.⁵⁴

Os pesquisadores ainda asseveram que, no ciclo de uma construção, o que direciona a construcionalização de uma microconstrução na rede decorre quando a sanção parcial gera um *mismatch*. Esse resultado pode, então, originar uma nova microconstrução ou um novo nó na rede construcional, o que possibilita que, eventualmente, tais construções sejam totalmente sancionadas.⁵⁵ A sanção parcial ocorre também quando “[...] um esquema ou alguns de seus membros se tornam obsoletos e parecem tornar-se tão marginais para uma microconstrução existente que se tornam totalmente idiossincráticos”⁵⁶ (Traugott; Trousdale, 2013, p.50, tradução nossa). *Mismatch* pode ser compreendido quando há uma falta de transparência entre os sentidos das partes de cada item particular de uma construção e o sentido do todo.

De acordo com Bybee (2016, p.154), a produtividade é a probabilidade de uma dada construção se aplicar a um novo item. “É, pois, uma propriedade da categoria ou das categorias formadas pelas posições abertas em uma construção” [Tradução nossa] Traugott e Trousdale (2013) explanam que muitas pesquisas desenvolvidas têm colocado em evidência a questão da frequência que pode ser denominada de frequência de tipo (*type frequency*), que constitui o número de construções diferentes que um padrão específico tem, e a frequência de ocorrência (*token frequency*) consiste no número de vezes que a mesma unidade ocorre no enunciado.

Em relação à composicionalidade, consiste na extensão da transparência do elo entre forma e significado da construção linguística. Traugott e Trousdale (2013) fazem a distinção de dois tipos, a saber: composicionalidade semântica, aquela que se refere ao significado das partes e do todo; e a composicionalidade sintática, que pode ser compreendida como a constituição de

⁵⁴ In the Cognitive Grammar literature (e.g. Langacker 1987, 1991) an important distinction is made between full and partial sanction (roughly equivalent to instantiation and extension). These are considered to be two different kinds of categorization. Full sanction/instantiation occurs when a construct is fully consistent with the micro-construction of which it is an instance; partial sanction/extension occurs ‘when the target of categorization is only partly compatible with the sanctioning schema’ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 50).

⁵⁵ [...] in the life cycle of a construction, an enabling factor for constructionalization of a micro-construction is when the partial sanction results from mismatch. A new micro-construction node in the network may then be created that eventually allows such constructs to be fully sanctioned (Traugott; Trousdale, 2013, p. 50).

⁵⁶ [...] a schema or some of its members obsolesce and appear to have become so marginal to an existing micro-construction that they become highly idiosyncratic (Traugott; Trousdale, 2013, p. 50).

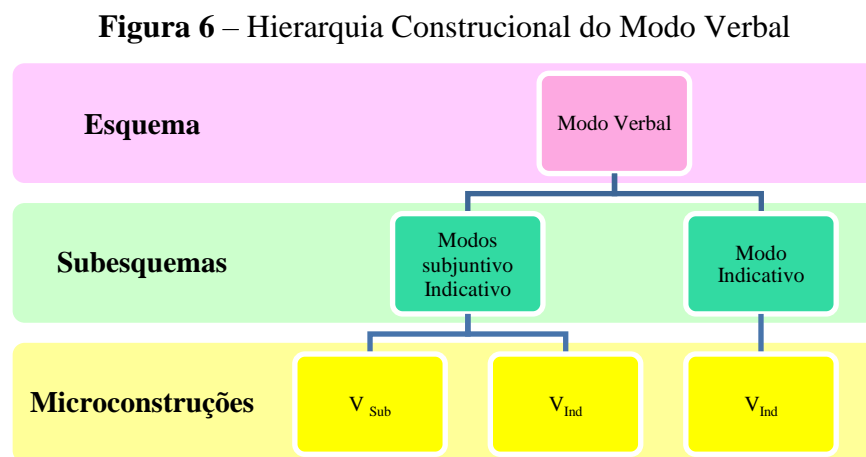
elementos combinatórios do componente sintático. Uma construção é considerada mais composicional quando é possível, em termos semânticos, compreender o significado do todo a partir do significado de cada parte individual.

Rosário e Oliveira (2016) explicitam que o processo da mudança linguística direciona para a redução da composicionalidade, seja sintática ou semântica. Isso significa dizer que, gradativamente, o sentido contido nas partes vai adquirindo um estado de opacidade, como também as formações morfossintáticas das construções. Em algumas situações, já não se é possível averiguar os significados primários que direcionaram para as origens de novas construções na língua como, por exemplo, as frases feitas, os provérbios e a gramaticalização de alguns conectores.

Avancemos para a próxima subseção, na qual trataremos do processo de organização das construções na hierarquia construcional.

3.3.2 Níveis da hierarquia construcional

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a hierarquia construcional pode ser representada por três níveis: esquema, subesquema e microconstruções como pode ser observado na Figura 6 a seguir:



Fonte: Elaboração própria

O esquema pode ser entendido como uma espécie de generalização taxonômica de categorias de teor linguístico ou não⁵⁷ (Traugott; Trousdale, 2013, p.13) que direciona para

⁵⁷ A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13).

padrões de experiências automatizadas ou rotinizadas (Rosário; Oliveira, 2016). Em outras palavras,

Os esquemas linguísticos são essencialmente abstratos, grupos de construções semanticamente gerais, procedurais ou lexicais. Constituem abstrações que através de conjuntos de construções são percebidas de maneira inconsciente pelos falantes da língua como estritamente relacionadas entre si na rede construcional (Traugott; Trousdale, 2013, p.14, tradução nossa).⁵⁸

Tomando como base esse modelo para investigar a competição pelo uso do modo subjuntivo, a representação na Figura 6 dos níveis da hierarquia construcional pode ser delineada da seguinte forma: o esquema, que é constituído pelo pareamento de forma e sentido (mais) virtuais, vai ser preenchido pelas propriedades inerentes da construção do modo verbal. No nível do subesquema, o valor semântico do *slot* é especificado com o uso do modo subjuntivo e/ou modo indicativo. No nível da microconstrução, que pode ser compreendida como toda unidade instanciada que é remodelada no uso através dos constructos, o *slot* é preenchido pelos tipos de verbos volitivos, cognitivos, *dicendi*, causativo, existencial entre outros, no modo subjuntivo e/ou indicativo. Os constructos que são as realizações efetivadas pelos usuários da língua são perfilados pelos seguintes valores dos verbos: probabilidade/crença, volição, manipulação, avaliação, certeza.

Rosário e Oliveira (2016) enfatizam que as inovações que ocorrem no nível do constructo relacionam-se com as esferas mais abstratas das construções, ocasionando o surgimento de novos usos na língua. O processo de replicação desses usos, de uma maneira natural, conduz a criações inovadoras na língua por uma necessidade de maior expressividade por parte dos falantes. Essas inovações podem ser efetivadas no sistema da língua, podem se tornar obsoletas ou ainda podem desaparecer completamente do sistema linguístico.

3.4 Síntese da Seção 3

A fim de cumprir o objetivo proposto nesta seção, tratamos dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções (GC). Abordamos a respeito do conceito de gramática, de língua, discurso e de contexto. Conceituamos os processos

⁵⁸ [...] linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful, as discussed in the preceding subsection. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network.

cognitivos de domínio geral *Chunking* ou encadeamento, ou ainda denominado de agrupamento; associação transmodal; categorização; memória enriquecida e analogia, sendo estes três últimos os que acionamos para explicar a variância e a gradiência observadas nos dados em análise desta tese.

Apresentamos, também, o modelo elaborado por Croft (2001) da estrutura simbólica da construção dentro da perspectiva da Gramática de Construções Radical: (forma: propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; sentido: propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais); tratamos dos processos de construcionalização e mudança construcional, bem como a respeito dos fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade como propriedades inerentes à construção e dos níveis da hierarquia construcional.

Ressaltamos que, na medida do possível, estabelecemos o diálogo da teoria com o nosso objeto de estudo, apresentando, por vezes, excertos retirados de nossos *Corpora* para exemplificação da teoria. Atingido o objetivo proposto, na próxima seção, nos deteremos em delinear os procedimentos metodológicos da pesquisa.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta seção trata da descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da análise da amostra da pesquisa, que tem como objetivo principal investigar a gradiência e competição entre as formas do subjuntivo e do indicativo, fundamentada na LFCU, em orações completivas, relativas, adverbiais, parentéticas introduzidas por *que* e independentes introduzidas pelo lexema *talvez*, nos *Corpora* do Português Culto e Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA, no Português Brasileiro, considerando aspectos formais que as caracterizam, bem como aspectos funcionais que as licenciam.

Com esse propósito, na subseção 4.1, tratamos dos delineamentos metodológicos de natureza quantiqualitativo, explicitamos o quadro da variável dependente e expusemos as propriedades que nos nortearam na construção da rede taxonômica do subjuntivo; na subseção 4.2, descrevemos os *Corpora* de investigação adotados de língua falada; na subseção 4.3, apresentamos o programa *AntConc*, ferramenta que utilizamos para rodar os dados; e, por fim, na seção 4.4, abordamos os critérios utilizados para exclusão de dados linguísticos.

4.1 O delineamento da pesquisa

O desenho⁵⁹ da pesquisa que desenvolvemos tem caráter não experimental em virtude de ser realizada sem a manipulação intencional de variáveis independentes para obter o efeito em variáveis dependentes. Nesse quadro, a pesquisa é sistemática e empírica e as inferências das relações entre as variáveis ocorrem sem a influência direta, sem a criação de nenhuma situação. Dessa forma, apenas são observadas situações já existentes (Sampieri, Collado e Lúcio, 2013).

Esclarecemos, ainda, que o tipo⁶⁰ de desenho não experimental aqui selecionado é delineado no quadro de estudo de natureza transversal pelo fato de os dados terem sido coletados em um único momento, ou seja, em um tempo determinado e que os dados foram extraídos das amostras do Português Culto e do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA.

⁵⁹ O termo “desenho” é definido por Sampieri, Collado e Lucio (2013) como uma estratégia desenvolvida para obter a informação almejada em uma pesquisa.

⁶⁰ Sampieri, Collado e Lucio (2013) classificam os tipos de desenho da pesquisa não experimental em transversal e longitudinal.

Para o tratamento da gradiência do modo subjuntivo, apropriamo-nos do método misto que pode ser compreendido, segundo Cunha Lacerda (2016), por meio da associação entre as metodologias quantitativa e qualitativa. A autora, esposando das palavras de Traugott e Trousdale (2013), explica-nos que esse caráter quantiquantitativo pode corroborar no entendimento de como as inovações linguísticas que surgem no processo de interlocução pelos falantes são regularizadas na língua. Especificamente em relação à categoria quantitativa de análise de dados, Traugott e Trousdale (2021[2013]) tecem a seguinte reflexão

[...] discutimos alguns dos modos em que a esquematização parece se correlacionar com aumento na produtividade e na generalidade semântica, sem oferecer medidas concretas dessas mudanças. Uma abordagem quantitativa pode fornecer ideias sobre a natureza da fixação de esquemas e a formação prototípica no nível da microconstrução [...] uma vez que *chunking* parece um fator importante para o desenvolvimento de uma microconstrução, uma abordagem quantitativa baseada em corpus pode demonstrar como, ao longo do tempo, um ‘*chunk*’ se torna fixado como uma microconstrução [...] (Traugott; Trousdale, 2021[2013], p. 402-403, grifos dos autores).

Nessa direção, a abordagem quantitativa nos permitirá delinear uma descrição do comportamento da gradiência do modo subjuntivo nas categorias da esquematicidade e da produtividade e nos possibilitará apresentar evidências empíricas a respeito da quantificação das ocorrências no nível do *token* e no nível do *type*. Para isso, quantificamos a frequência de uso do subjuntivo nos *Corpora* em análise em cinco contextos sintáticos e computamos essas ocorrências em frequências *token* e *type*. Apresentamos, ainda, a quantificação das ocorrências de uso do modo subjuntivo distribuídos nos submodos epistêmico e deontico.

Adjungimos a essa abordagem quantitativa a metodologia qualitativa, tecendo uma descrição detalhada do objeto de análise. Delineamos, ainda, a gradiência do subjuntivo nos vários contextos especificados nesta pesquisa e observamos os aspectos semânticos e discursivo-pragmáticos que emergem no uso desse fenômeno linguístico.

A respeito desse equacionamento das metodologias quantitativa e qualitativa adotado neste trabalho, Traugott e Trousdale (2021[2013]) refletem da seguinte forma

Consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como complementares para o estudo da linguística histórica e contemplamos a possibilidade de aproximar as duas abordagens para estudos de mudança da língua em curso, em que a análise da microvariação no nível dos falantes individuais pode ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social. Esses estudos quantitativos permitem uma abordagem mais pormenorizada da relação entre frequência e fixação e o grau de abstração no

qual grupos de falantes parecem organizar seu conhecimento linguístico (Traugott; Trousdale, 2021[2013], p. 402).

Alinhando, assim, os dois polos metodológicos para a nossa pesquisa, acreditamos que teremos uma compreensão mais acurada a respeito do comportamento das formas que emergem e que competem com o subjuntivo e como vão sendo instanciadas ou fixadas na língua.

4.2 A variável dependente e as propriedades de seleção da pesquisa

Nesta subseção, explanamos a respeito da variável dependente e das propriedades controladas para a análise da nossa amostra. Apesar de a competição entre as formas dos modos subjuntivo e indicativo não ter sido estudada ainda dentro do escopo teórico da LFCU, resgatamos da literatura linguística algumas propriedades controladas e consolidadas dentro do quadro teórico da Sociolinguística e do Sociofuncionalismo para serem controlados na perspectiva da LFCU: (i) tipo de oração; (ii) modalidade da oração; (iii) valores dos submodos deôntico e epistêmico; (iv) tipo de verbo da oração do dado; (v) estrutura da assertividade da oração; (vi) tempo verbal da oração e (vii) pessoa verbal.

Na subseção 1.1.3, explicitaremos a respeito dessas propriedades mencionadas para o desenvolvimento da pesquisa.

4.2.1 Variável dependente

A variável dependente é composta da competição entre as construções do modo subjuntivo e as construções do modo indicativo em situações em que a Tradição Gramatical advoga o modo verbal subjuntivo em orações relativas, completivas, adverbiais introduzidas pelo complementizador *que*, parentéticas iniciadas pelo *que* e independentes iniciadas pelo lexema *talvez*. Com isso, as variantes levadas em consideração são: (i) construções com formas do subjuntivo em conjuntura de subjuntivo: (22) INF: [...] Cê qué que eu **FALE** se eu gosto da minha profissão? Eu adoro...(A.I.R.M - *Corpus PCVC*) e (ii) construções com formas do indicativo em conjuntura de subjuntivo: (23) [...] quand' eu tô no meu... no meu direit', né, num gost' que ninguém **GRITA** mais do que eu, né, eu grito mas eu *tano* certa, né... (J.V.B - *Corpus PCVC*)

No exemplo (22), temos o verbo “falar” no modo subjuntivo (fale) em um contexto em que é requerido esse modo verbal. Já o exemplo (23), temos o verbo “gritar” no modo indicativo (grita) em uma conjuntura em que é exigido o modo subjuntivo.

Para a realização da análise desta pesquisa de natureza quantiqualitativa nos contextos sintáticos de sentenças introduzidas pelo lexema *talvez*, orações completivas, orações relativas, subordinadas adverbiais e orações parentéticas introduzidas por *que*, selecionamos as propriedades que nos permitiram apreciar as construções de forma mais cuidada para propor a rede taxonômica do subjuntivo: (i) tipo de oração; (ii) modalidade da oração; (iii) valores dos submodos deôntico e epistêmico; (iv) tipo de verbo da oração do dado; (v) estrutura da assertividade da oração; (vi) tempo verbal da oração e (vii) pessoa verbal, conforme detalhadas nas subseções subsequentes.

Em relação ao elemento “Tipo de oração”, consideramos que a competição pelo uso e a gradiência do subjuntivo estão condicionadas ao tipo de contexto sintático. A fim de averiguar em qual contexto o subjuntivo é mais recorrente, adotamos os seguintes passos metodológicos para essa variável estrutural: procedemos com o mapeamento de construções gramaticais identificadas nos *Corpora* do PCVC e do PPVC que continham o uso do indicativo e subjuntivo nos contextos de orações parentéticas introduzidas por *que*, nas orações completivas, nas orações relativas, nas orações adverbiais, considerando os aspectos formais e funcionais inerentes a essas construções sintáticas. Para as orações independentes introduzidas pelo lexema *talvez*, recorreremos a rodada dos dados no programa *AntConc* do qual expusemos na seção 4.3.

No elemento “Modalidade da oração”, dialogamos com Givón (2001), que afirma que o subjuntivo tem a tendência de passar pelo processo de gramaticalização no submodo deôntico e no submodo epistêmico no escopo da modalidade *irrealis*. Observamos em qual submodo há uma maior recorrência da competição entre os modos subjuntivo e indicativo.

Concernente ao elemento “Valores dos submodos deôntico e epistêmico”, analisamos os valores inerentes aos submodos deôntico e epistêmico, conforme estabelecido por Givón (2001), a saber: (i) valores do submodo epistêmico: verdade, probabilidade, evidência, certeza, crença; (ii) valores do submodo deôntico: manipulação, intenção, desejo, preferência, avaliação, obrigação.

Devido ao fato de alguns valores desses submodos se fazerem presentes em uma prévia observação nos nossos dados, selecionamos alguns desses traços inerentes nesses submodos, seguindo os critérios adotados por Pimpão (2012), conforme segue: (i) dentro do escopo do submodo epistêmico, selecionamos os valores de probabilidade, certeza e crença e

selecionamos ainda evidência dentre os valores listados por Givón (2001); (ii) dentro do escopo do submodo deôntico, adjungimos intenção e desejo (volição) e selecionamos ainda preferência e manipulação e avaliação. O traço de manipulação é subdividido em manipulação; manipulação e avaliação; volição e manipulação.

A seguir, a partir de dados de fala, ilustramos os valores associados aos submodos epistêmico e deôntico mostrando como essa gradação do subjuntivo será distribuído nos 7 pontos do *continuum* da modalidade (*irrealis 1, irrealis 2, irrealis 3, irrealis-realis 1, irrealis-realis 2, realis-pressuposição 1, realis-pressuposição 2*):

Grau 1: irrealis 1 - deôntico

(24) DOC: aí ainda é uma criança, e tal... você está estudando agora, né? Voltou a estuda::r, e você, eu imagino que você deu uma grande importância pro estudo/com certeza/ principalmente agora que ela está estudando. O que você acha da educação de sua filha?

INF: Ah, é querer sempre o melhor pra ela, qui não passar o que passei, + quero que ela **TERMINE** os estudo dela, e pra quando ela crescer ser alguém na vida, {init} seguir o meu exemplo. Tem que batalhar pra conseguir... (J.S.R - *Corpus PPVC*)

O Grau 1, na escala da modalidade, é definido por situações que envolvem intenção, desejo, preferência. No dado de fala (24), por exemplo, a falante expressa o desejo de que a filha conclua os estudos. O desejo enunciado, expresso a partir do verbo volitivo “querer” contido na oração principal, entra na categoria do submodo deôntico. No escopo desse submodo e, nesse grau da modalidade, há a presença da projeção futura já que, ao manifestar o desejo, a interactante espera que seja cumprido em um futuro (vir a ser) que pode ou não ser próximo.

Grau 2: irrealis 2 – deôntico

(25) DOC: É... com relação a religião, sua família também pensa como você?

INF: Sim e não, na verdade não... na verdade não, porque... a minha mãe, ela...tem uma... ela tem uma forma de pensar que... eu não gosto... eu não gosto, e meu pai, ele é... ele é do mundo então eu acho que ele não tem uma religião assim, então, ele impõe que eu **TENHA** uma então mas ele não tem. (M.M.M - *Corpus PCVC*)

O Grau 2, na escala, é marcado por situações que denotam manipulação associada à marca da projeção futura e é inserido na categoria do submodo deôntico. No exemplo (25), evidencia-se que o pai, por constituir uma autoridade, exerce uma força manipulativa sobre a filha. Ao observar a força do verbo *exigir* contido na oração principal que significa obrigar, determinar, estabelecer, fazer aceitar à força ou com sacrifício (Dicionário Michaelis, 1998), observamos

uma diferença na gradação da incerteza entre o Grau 1 e o Grau 2 por causa dessa força manipulativa presente no enunciado, abrindo uma probabilidade maior de que o fato se concretize. Com isso, evidencia-se que o grau de incerteza é mais atenuado no ponto 2 e mais acentuado no ponto 1. Temos, então, delineado, nesses dois primeiros pontos, do submodo deôntico verbos que expressam incerteza, mas com gradações diferentes.

Grau 3: irrealis 3 – epistêmico

O Grau 3, na escala da modalidade, é caracterizado pela presença do valor semântico de probabilidade associado à futuridade:

(26) DOC: Formá o casalzinho?

INF: Mas aí num ta po meu querê, né, aí ta pó querê de Deus pod' sê que **VENHA** um menino também... (E.P.S - *Corpus* PPVC)

Em (26), o falante relata o fato que ainda está por ocorrer que é o nascimento de um bebê e expressa a possibilidade de que essa criança seja do sexo masculino. O vir a ser está relacionado à futuridade, traço que também está presente nesse ponto da escala da modalidade.

Grau 4: irrealis- realis 1 - deôntico

(27) INF: Trabalho muito, trabalho bastante, a... hoje a UESB a gente não fica tanto na UESB como ficávamos antigamente... antigamente nós passávamos o dia e parte da noite na UESB, hoje em dia não... as novas tecnologias já permitem que a gente **FIQUE** em casa. (A.I.R.M - *Corpus* PCVC)

O Grau 4, na escala da modalidade, caracteriza-se ainda pela força de manipulação que pode ser exercida por uma ação humana ou por um fator externo que se repete de maneira atemporal. Especificadamente no dado (27), “as novas tecnologias” exercem uma força de manipulação condicionando e possibilitando que a professora fique mais tempo em casa e tenha uma carga de trabalho menos intensa, ainda que continue trabalhando muito. Para além da marca de manipulação presente nesse contexto, esse ponto 4 do *continuum* é marcado por uma situação que se espria na linha temporal que abarca uma situação do passado, presente e futuro. No passado ela trabalhava muito (“antigamente nós passávamos o dia e parte da noite na UESB”), no presente ainda trabalha muito ainda que as “novas tecnologias” diminuam essa

carga de trabalho (“trabalho muito, trabalho bastante”) e continua trabalhando muito (“hoje em dia”).

Grau 5: irrealis- realis 2 – epistêmico

(28) DOC: {risos} Por que que [‘cê] resolveu fazê o curso de Modernas então, F.S.L.B?
 INF: Porque eu não esperava que fosse tivesse sê tão focado em...em docência sabe, eh eu pensei que **IA TÊ** um ôtro caminho que a gente **PUDESSE FAZÊ**, sabe? Mas eu ‘tô vendo que o lance é ensiná mesmo... {ININT} [ficá por isso mesmo] (F.S.L.B - *Corpus PCVC*)

O Grau 5, na escala da modalidade, é definido pela marca da probabilidade/crença em um contexto espreado que abrange os tempos passado, presente e futuro. No dado (28), o informante relata que não esperava ser focado na área da docência e, por perceber que era centrado na área, toma a decisão de fazer o curso de Letras Modernas. Na sequência, o falante expressa que conjecturou seguir outros percursos, mas percebe que o caminho é mesmo seguir à docência.

O falante, no momento da sua conjectura, isto é, no momento de referência (marcado na linha temporal no tempo passado, antes do momento da enunciação), lançou para o futuro a expectativa ou conjectura de que seguiria outros planos para a sua vida. É importante salientar que estamos falando aqui de uma projeção futura que está demarcada antes do momento da enunciação e instaurado na linha temporal, no tempo passado, em que o momento de referência e o momento do evento são cotemporais e marcados pelo traço de incerteza.

Em outras palavras, o interactante não esperava ser focado na docência, esperava seguir outros planos, no entanto, no momento presente, ensinar é uma expectativa em progresso, o que é lançado também para o futuro “eu ‘tô vendo que o lance é ensiná mesmo...”.

Este ponto 5 da escala é então marcado pela probabilidade/crença de um fato que inicialmente foi conjecturado (vir a ser), teve o desfecho da sua concretização ainda que em direção contrária à expectativa do falante e permanece acontecendo. A marca da probabilidade/crença, neste ponto da escala, não se refere categoricamente a uma situação do vir a ser, mas de algo que está ocorrendo no momento presente e que segue em progresso.

Grau 6: realis- pressuposição 1 – deôntico

(29) INF: há sempre o problema do *bullying* [ININT] o problema do... desi’desi’ desentendimentos... ah e essa parte nem sempre é boa né... mais hoje olhando pra traz faz parte num é algo que é... pra mim... seja... não é pra não é algo traumático é algo que... é normal que **ACONTEÇA** e que nos temos que tentar amenizar, superar né lidar com essas questões mais

sempre tendo em vista que são questões que são é... coisas que fazem parte do ambiente escola que num tem jeito num... é... (H.F.D.S - *Corpus PCVC*) [Avaliação]

O grau 6, na escala da modalidade, é caracterizada pela avaliação que o falante faz diante de um fato. Nesse excerto de fala, o informante avalia os problemas que acontecem no âmbito escolar e dá a sua opinião de que são situações que são normais de acontecerem. A falante não avalia um evento incerto, mas uma situação concreta que já aconteceu (“olhando pra traz faz parte”), que acontece (“é normal que ACONTEÇA”) e seguirá acontecendo (“são é... coisas que fazem parte do ambiente escola”).

Grau 7: realis- pressuposição 2 – epistêmico

(30) Agora eh... talvez por isso eu não tenha sentido falta de... de irmãos, né, minha família é... bem a gente é muito apegado um ao outro. Tem muito o que falá não, acho que as famílias são assim, mas embora eu reconheça... embora eu reconheço que as famílias **TÊM** culturas diferentes, né, as famílias têm culturas diferentes, hábitos, costumes diferentes. (A.I.R.M - *Corpus PCVC*)

O Grau 7 é caracterizado por situações atemporais ou habituais. No dado (30), a interactante reconhece que as famílias têm cultura, hábitos e costumes diferentes. Essa verdade expressa é atemporal, porque as diferenças culturais entre as famílias sempre existiram e sempre passarão a existir. Sendo assim, essa verdade não passou a ser constituída no momento da enunciação, mas perpassa a linha temporal contemplando o passado, presente e futuro.

Posto o delineamento da gradação do modo subjuntivo nos 7 graus da escala da modalidade, passamos para o elemento “Tipo de verbo da oração do dado”. No contexto sintático de oração subordinada, levamos em conta que a seleção do modo verbal é condicionada pelo tipo de verbo contido na oração matriz. Dada essa condição, consideramos os valores semânticos atrelados aos verbos das orações matrizes dentro da categoria *irrealis*, nos subdomínios epistêmico e deôntico. Em relação aos outros contextos, observamos o tipo de verbo posto da oração do dado de fala.

Ainda em relação ao traço semântico do tipo de verbo na oração do dado, a categorização dessa propriedade foi realizada considerando as pesquisas realizadas por Amorim (2015) e Pimpão (2012). Assim, redistribuímos da seguinte forma: volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros. Neste último, a maioria dos verbos foi dos tipos “ser” e “estar” e, em quantidade mínima, apareceram outros tipos de verbos como “parecer”, “faltar”, “limpar”, “ter”, “fazer”, “errar”, “ler”, “pagar”,

“procurar”, “ficar”, “embasar” e, também, resolvemos adjungir e colocar uma categoria com o nome “outros”.

No que tange ao elemento “Estrutura da assertividade da oração”, observamos o efeito do escopo da negação na oração nuclear⁶¹ que determina a escolha do modo verbal pelo falante nas orações subordinadas. Também observamos essa propriedade nas orações independentes introduzidas pelo “talvez” e nas orações parentéticas. Para essa análise, quantificamos as ocorrências por *type* construcional como pode ser visto nas construções conforme delineadas a seguir:

(i) Contexto de oração subordinada:

1. [(AF oração matriz) + Complementizador que + (AF oração subordinada)] *Matriz epistêmica ou deôntica*;

(31) INF: [...] Achou até que **tinha** morrido. (A.A.B - *Corpus PPVC*)

2. [(NEG oração matriz) + Complementizador que + (AF oração subordinada x)] *Matriz epistêmica ou deôntica*;

(32) INF: [...] ele não **qué0** que eu banhe aqui... (E.L.C - *Corpus PPVC*)

3. [(AF oração matriz) + Complementizador que + (NEG oração subordinada x)] *Matriz epistêmica ou deôntica*.

(33) INF: eu até gostaria de que ela não **FOSSE** pra eu podê falá sobre ela, era uma pessoa meio... eu... eu gostaria de falá sem nenhum sentimento disso, era uma pessoa meio de gente que num existe mais, sabe?, se você perguntá a algumas outras pessoas que conheceram minha mãe vai lhe dizê “uma pessoa generosíssim. (A.I.R.M - *Corpus PCVC*)

4. [(NEG oração matriz) + Complementizador que + (NEG oração subordinada x)] *Matriz epistêmica ou deôntica*.

(34) DOC: Eh... a língua chinesa você já tentô?

INF: Já tentei, é uma língua muito complicada. Eu fiquei meio assim. Eu... eu... eu num digo que nunca **VÔ** tentá novamente, mas a primêra tentativa eu num me identifiquei muito, porque é muito complicada. Uma língua bem difícil. (A.S.A - *Corpus PCVC*)

(ii) contexto sintático de oração parentética:

⁶¹ Utilizamos os termos “oração nuclear”, “oração matriz” como equivalentes ao termo tradicional “oração principal”.

1. [que+P(clít)+V_x] Oração Parentética:

(35) [...] *Ôtro* fato que eu me lembro também dessa época, essa época era... dificuldade muito grande de... assim.. *financêra* né... de... de... viver assim , **que** eu me **LEMBRO**, que eu comecei mentir pras minhas colegas eu estudei num orfanato, no Lar Santa Catarina de [ININT] tinha ensino fundamental e eu me lembro que comecei mentir pras colegas, e falar que eu tinha condição, que eu tinha dinheiro, que eu era rica... (D.F.P -*Corpus* PCVC)

2. [NEG+que+P(clít)+V_x+NEG] Oração Parentética:

(36) DOC: Lembra de alguma história interessante vivida com a família na infância?
 INF: Não.
 DOC: Algum fato que aconteceu assim engraçado, interessante
 INF : **Não**, que eu **LEMBRO num** tem nada. Tem nada engraçado não. (S.J.S - *Corpus* PPVC)

3. [(NEG)+que+P(clít)+V_x + NEG] Oração Parentética:

(37) DOC: Você já teve alguma doença mais séria? Algum problema, assim, de saúde?
 INF: **Que** eu **LEMBRA** não. Só bronquite. Bronquite eu tive, assim. Mar acho qui num é muito sério não. . (S.S.C - *Corpus* PPVC)

(iii) Independentes introduzidas pelo lexema talvez:

1. [TALVEZ+ elementos sentenciais + V_{Slot}]

2. [Talvez + elementos sentenciais + Tipo de verbo_{Sub}]

(38) [...] a maioria das músicas pop, tipo Beyoncé, Lady Gaga, esse tipo de coisa eu num consigo pará dez segundos e ouvi uma música daquela, na hora que... que aparece eu mudo logo de... se tivê passano na tevê eu mudo logo de canal ou desligo, aquilo ali realmente num dá... num dá não. Mas você ainda encontra muita coisa boa. Muito bem elaborada, por aí tem algumas bandinhas bem menos conhecidas que... que são... que são bandas boas, o que eu acho é que **talvez** a mídia não **INVISTA** tanto nessas bandas que são legais e têm qualidade musical quanto investe nessa coisa pop, que só... só serve pra chamá a atenção mesmo. (L.M.R.J - *Corpus* PCVC)

3. [Talvez + elementos sentenciais + Tipo de verbo_{Ind}]

(39) INF: eu ach'que eu falo bem, bonito, mas tenho muito sotaque ainda, né?! Do povo da caatinga, de Conquista, mas eu acho que eu falo bem... eu falo... tirando as gírias, né? E... o sotaque, talvez FALTA pouco pra melhorá (F.L.M - *Corpus* PCVC)

Com essas propriedades delineadas, pretendemos verificar a frequência *type* da gradiência do modo subjuntivo nas sentenças negativas e afirmativas. Atinentes aos aspectos funcionais, observamos as variantes em gradiência que se apresentam com os valores inerentes aos submodos epistêmico e deôntico.

Com o elemento “Tempo verbal da oração”, consideramos que o tempo pretérito imperfeito influencia na seleção do modo subjuntivo nas orações subordinadas⁶² em virtude de estar associado à esfera de irrealidade. É colocado, na literatura linguística, que a projeção temporal futura é uma propriedade significativa para o uso do modo subjuntivo e evidenciada na pesquisa de Pimpão (2012) ao tempo presente. Vamos levar em conta esses dois tempos verbais e observar em que categoria a aplicação do subjuntivo é mais recorrente. Evidenciamos que, na visão givoniana, o futuro é considerado *irrealis* e, mais especificamente, o submodo deôntico tem inerente a noção de projeção futura quando acessamos os valores no seu escopo como manipulação, obrigação, desejo etc. Para identificação da projeção futura nos contextos sintáticos, consideramos os advérbios de tempo e a indicação de um fato decorrido anteriormente à possível realização do evento anunciado na sentença. (Pimpão, 2012)

No caso específico das orações parentéticas, o estudo desenvolvido por Pimpão (2012) mostra que, nesse contexto sintático, a recorrência da categoria verbal na sentença relacionava-se ao uso do presente do subjuntivo. Para a nossa análise, nos *Corpora* selecionados, retomamos a autora.

E no que diz respeito ao elemento “Pessoa verbal”, em relação às orações subordinadas, consideramos que o tipo de pessoa verbal alocada na oração matriz seja um fator que influencia na escolha do modo subjuntivo nas orações subordinadas. Considerando Amorim (2015), Bianchet (1996) e Carvalho (2007), observamos que a primeira pessoa apresenta a tendência a restringir a seleção do modo subjuntivo na cláusula encaixada, porque requer um comprometimento maior do que é enunciado pelo interactante. O contrário acontece com a terceira pessoa, porque o falante se distancia desse comprometimento de verdade frente ao que é proferido, influenciando, então, na seleção de construções com o modo subjuntivo. Nessa direção, levamos em conta: (i) singular: 1ª, 2ª e 3ª; (ii) plural: 1ª, 2ª e 3ª.

A partir dessas propriedades, apresentamos as frequências *tokens*, realizamos a interpretação, trazemos as frequências *type* e propusemos uma rede taxonômica do subjuntivo.

Seguindo esse processo metodológico e partindo dos objetivos específicos elencados em linhas anteriores, delineamos as etapas que seguimos, a fim de alcançarmos os objetivos na pesquisa da seguinte maneira:

⁶² Por recorte da pesquisa, no contexto de oração subordinada, não observamos o tempo verbal da oração matriz, mas nos restringimos a analisar os tempos presente e pretérito imperfeito das orações subordinadas. Nos outros contextos, verificamos a projeção temporal na oração do dado.

- Para o primeiro objetivo posto, procedemos com o mapeamento de construções gramaticais identificadas nos *Corpora* do PCVC e do PPVC de todos os dados em que apareceram as formas indicativas e subjuntivas nos contextos de orações completivas, relativas, adverbiais, parentéticas introduzidas por *que* e independentes iniciadas pela construção *talvez* em que a *TG* prescreve o modo verbal subjuntivo, considerando os aspectos formais e funcionais inerentes a essas construções sintáticas;

- Concernente ao segundo objetivo, seguimos com a análise do pareamento forma-função nas construções em contexto de orações subordinadas substantivas, relativas, adverbiais, parentéticas e independentes, considerando os seguintes parâmetros: o tipo de oração; o tipo de verbo na oração do dado; as instanciações que integram o tipo de modalidade (epistêmica ou deôntica) e os valores semânticos relacionados a esses submodos do *irrealis*; o tempo verbal da oração; pessoa verbal da oração e as sentenças que são perfiladas pelo escopo na negação (estrutura da assertividade da oração). Atinentes aos aspectos funcionais, observamos o caráter escalar que o valor semântico do modo subjuntivo se apresentou: probabilidade, crença, volição, certeza, avaliação e manipulação.

- Em seguida, realizamos a quantificação dos resultados encontrados nos *Corpora* a partir da frequência *type*⁶³ e da frequência *token*⁶⁴, levando em conta a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Retomamos aqui Cunha Lacerda (2016), que traz as ideias de Traugott e Trousdale (2013) para afirmar que a metodologia quantitativa pode cooperar para que as propriedades inerentes à esquematicidade e à produtividade sejam descritas e atestadas no processo de mudança linguística.

- Prosseguimos com a criação de tabelas a partir dos resultados da frequência *type* e da frequência *token*, e análise na perspectiva da teoria da LFCU, resgatando os processos de categorização, de memória rica e de analogia;

- Avançamos no estabelecimento de uma rede taxonômica com a finalidade de mostrar, holisticamente, como o pareamento de forma-função do modo subjuntivo se configura na rede

⁶³ *Type* - constitui o número de construções diferentes que um padrão específico tem. Traugott e Trousdale (2013)

⁶⁴ *Tokens* são os dados de fala empiricamente atestados.

dos modos verbais. Nessa rede construcional, em síntese, temos o esquema (Modo Verbal) que sanciona três subesquemas (modos imperativo, indicativo e subjuntivo). No *locus* do subesquema do subjuntivo (*irrealis*) temos delineado verbos na forma subjuntiva e indicativa com o mesmo valor representacional. O subesquema subjuntivo (*irrealis*) sanciona duas subcategorizações (submodo deôntico e submodo epistêmico). Essas subcategorizações sancionam as microconstruções mostrando o resultado do valor de (in)certeza nos 7 graus da escala da modalidade.

Para exibir essa gradiência e competição do subjuntivo, selecionamos 7 propriedades e, para simplificar essa representação em redes construcionais, o título do esquema é apresentado com os nomes das propriedades selecionadas: “tipo de oração”, “modalidade da oração”, “estrutura da assertividade da oração” etc.

E, por fim, apresentamos estratégias de um ensino-aprendizagem do modo verbal subjuntivo mais contextualizado com o uso em uma relação dialógica entre teoria, pesquisa e ensino.

Delineados esses caminhos, na próxima subseção, apresentamos com mais detalhes os *Corpora* escolhidos.

4.3 A amostra da pesquisa

Os *Corpora* da pesquisa foram extraídos do banco de dados linguísticos que está vinculado ao projeto “Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa. Esses *Corpora* possuem a seguinte composição: (i) Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC): 24 (vinte e quatro informantes); (ii) Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC): 24 (vinte e quatro informantes); (iii) Português Culto da cidade de Ibicoara-Ba (CLIBA): 18 (dezoito informantes); (iv) Português Popular da cidade de Ibicoara-Ba (CLIBA): 18 (dezoito informantes); (v) Português Popular da cidade de Brumado (PPBdo): 12 (doze informantes). Esse banco de dados é composto da modalidade da língua falada constituída por gravações em torno de aproximadamente 1h sobre situações reais de fala na configuração de entrevistas (diálogo entre informante e documentador), delineadas em conformidade com os moldes labovianos.

A amostra desta tese é constituída por 48 (quarenta e oito) gravações realizadas com informantes que residiam na cidade de Vitória da Conquista-Ba. Desse total, 24 (vinte e quatro)

entrevistas foram feitas com falantes que tinham 11 (onze) anos ou mais de inserção no universo escolar, formando, assim, o *Corpus* do PCVC. As outras 24 (vinte e quatro) entrevistas foram realizadas com informantes sem escolaridade ou com apenas 5 (cinco) anos de escolarização, constituindo o *Corpus* PPVC. Das 24 (vinte e quatro) entrevistas de cada amostra, 12 (doze) informantes pertencem ao sexo feminino e 12 (doze) ao sexo masculino. Além desses critérios, os *Corpora* são estratificados em três faixas etárias, a saber: (i) faixa etária I (15 a 25 anos); (ii) faixa etária II (26 a 50 anos) e (iii) faixa etária III (mais de 50 anos).⁶⁵

O banco de dados desse projeto segue em ampliação e continua sendo organizado pelos integrantes do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo (Grupo Janus), vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)Funcionalismo (LAPESF), que pertence ao Centro de Pesquisa em Linguística (CEPELin/PPGLin/UESB), com a seguinte distribuição:

Quadro 6 – Caracterização do Banco de Dados do Projeto Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba

Cidade	Amostra	Número de entrevistas
Vitória da Conquista-Ba	<i>Corpus</i> do Português Popular (<i>Corpus</i> PPVC)	24
	<i>Corpus</i> do Português Culto (<i>Corpus</i> PCVC)	24
Ibicoara-Ba	<i>Corpus</i> do Português Popular (CLIBA)	18
	<i>Corpus</i> do Português Culto (CLIBA) ⁶⁶	18
Brumado - Ba	<i>Corpus</i> do Português Popular (PPBdo) ⁶⁷	12

Fonte: Elaboração própria.

Para a nossa pesquisa, compusemos uma amostra com 48 (quarenta e oito) entrevistas, retiradas do *Corpus* do Português Culto e do *Corpus* do Português Popular com depoimentos de informantes nascidos em Vitória da Conquista-Ba. As amostras foram organizadas pelo grupo de pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo - CNPq (Grupo Janus), sob a liderança dos professores doutores Valéria Viana Sousa e Jorge Augusto Alves da Silva, no período de 2011 a 2015, com a especificação no trato do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (doravante CAAE) com cadastro de número 34221214.9.0000.00552.

⁶⁵ Em tempo, observamos que descrevemos os *Corpora*, que foram organizados pelo Grupo de Pesquisa, nos moldes sociolinguísticos, mas que, por estarmos realizando uma pesquisa de natureza funcionalista, não consideraremos as estratificações sociais.

⁶⁶ A coleta do *Corpus* de Ibicoara-BA teve como coordenadora geral a Prof^a. Dr^a. Valéria Viana Sousa e como coordenador local Warley José Campos Rocha.

⁶⁷ A coleta do *Corpus* de Brumado-BA teve como coordenadora geral a Prof^a. Dr^a. Valéria Viana Sousa e como coordenadora local a Prof^a. Me. Maria Aparecida de Souza Guimarães.

A escolha por analisar as amostras do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista-Ba surgiu em virtude da necessidade de ampliação do escopo de análise da variação do subjuntivo, pesquisa realizada por Amorim (2015), que se restringiu à análise da amostra do Português Popular na perspectiva do Sociofuncionalismo nos contextos sintáticos de oração completiva e de oração parentética. Sob o novo olhar da LFCU, é nossa pretensão ampliar o contexto sintático de análise e nos enveredar na busca por novas constatações e por respostas que ficaram em aberto no trabalho da pesquisadora, realizado em 2015.

O fenômeno da pesquisa, ora empreendida, é situado em uma perspectiva sincrônica. Encontramos amparo em Neves (2018, p. 150), que nos diz que o estudo alocado nesse campo nos “[...] permite verificar, no uso, a ‘fluidez de padrões’”, bem como em Martinet (1994), no texto intitulado “Qu’est-ce que la Linguistique fonctionnelle?”, que, ao falar sobre a perspectiva sincrônica, salienta que o estado de língua constitui um processo constante de evolução, um adaptar-se contínuo adequando-se às necessidades dos falantes.⁶⁸ Sendo assim, situamos o nosso trabalho em uma abordagem de natureza estritamente sincrônica sob o enfoque construcional por entendermos que, dessa forma, realizaremos a análise desejada na pesquisa.

Caracterizada a natureza da nossa amostra de pesquisa para análise, e conscientes do que Oliveira (2018) nos diz sobre a necessidade de que novos fenômenos sejam testados no escopo da LFCU, pretendemos jogar as sementes no terreno fértil dessa teoria a fim de validar e refinar o fenômeno linguístico aqui posto em seus termos teórico-metodológicos e, assim, contribuir para a descrição do Português Brasileiro e para a história da língua.

4.4 O programa *AntConc*

A ferramenta *AntConc* é um dos programas utilizados no escopo da Linguística de *Corpus* e foi desenvolvido por Lawrence Anthony. O programa roda nas versões: Linux, Windows e Macintosh. (Salgado, 2013). Baixamos a versão mais recente para o Windows - Windows 64-bit (3.5.9) (2020) e o seu acesso pode ser realizado no site: www.laurenceanthony.net/software/AntConc/. Confirmamos como está demonstrada a entrada do site:

⁶⁸ [...]l'opposition de la synchronie à la diachronie - on a naturellement confondu synchronie et statisme. On est resté aveugle au fait que tout état de langue était, en fait, perpétuellement en cours d'évolution, qu'aucune langue ne pouvait fonctionner sans constamment s'adapter aux besoins de ses usagers [...] (Martinet, 1994, p. 17).

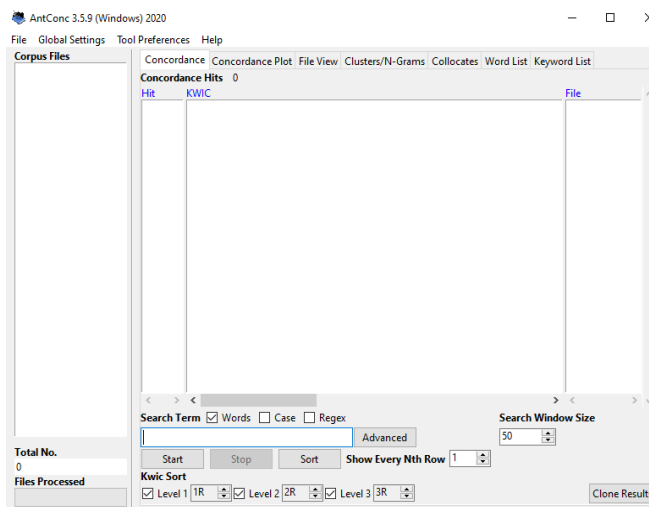
Figura 7 – Imagem de abertura do site de Laurence Anthony



Fonte: Imagem de abertura do site de Laurence Anthony - www.laurenceanthony.net/software/AntConc/

O programa *AntConc* tem a seguinte imagem de abertura:

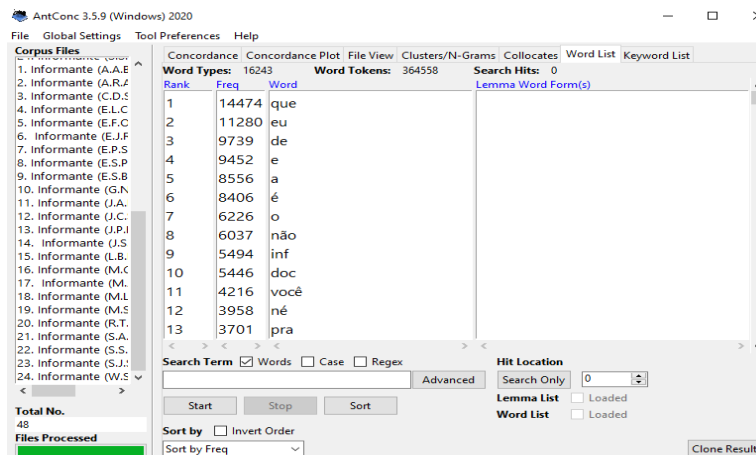
Figura 8 – Imagem de abertura do programa *AntConc*



Fonte: Imagem de abertura do site de Laurence Anthony www.laurenceanthony.net/software/AntConc/

O programa possui 6 (seis) ferramentas: (i) *WordList*, (ii) *Concordance*, (iii) *Concordance Plot*, (iv) *File View*, (v) *Clusters/N-Grams*, (vi) *Collocates*, (vii) *Keywords*. De acordo com Cunha Lacerda (2021), a ferramenta *WordList* forma uma lista que pode ser por frequência ou por ordem alfabética, de todas as construções que estão nos arquivos o que possibilita saber quais as construções mais recorrentes ou mais frequentes ou ainda as que aparecem com menor frequência no *corpus* em análise. Sondemos a Figura 9:

Figura 9 – Resultado da rodada da ferramenta *word list*



Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

De acordo com a autora, a ferramenta *Concordance* apresenta os resultados em formato KWIC, *KeyWord In Context*, o que possibilita verificar as construções que são mais comumente realizadas no *corpus*, conforme a Figura 10:

Figura 10 – Rodada dos dados na ferramenta *Concordance*

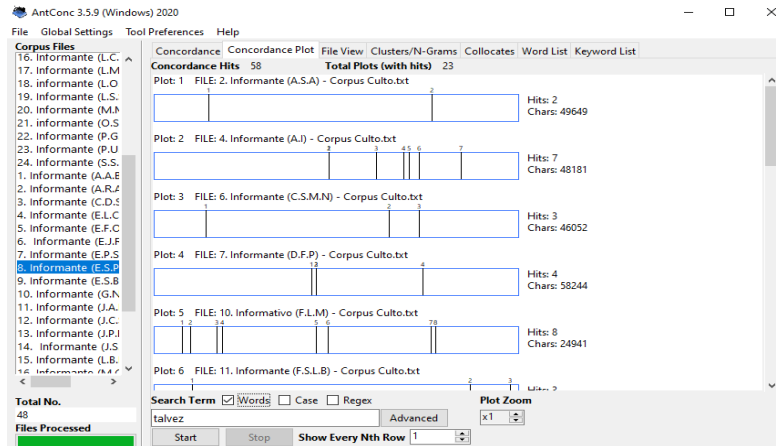


Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Na primeira coluna, são quantificadas as ocorrências; na segunda coluna, são mostradas as linhas de concordância evidenciando as palavras-chave destacadas no contexto; e, na terceira coluna, são identificados os arquivos em que se encontram as construções.

Já a ferramenta *Concordance Plot* apresenta o resultado da rodada dos dados em forma de gráfico, como observado na Figura 11:

Figura 11 – Rodada dos dados na ferramenta *Concordance*

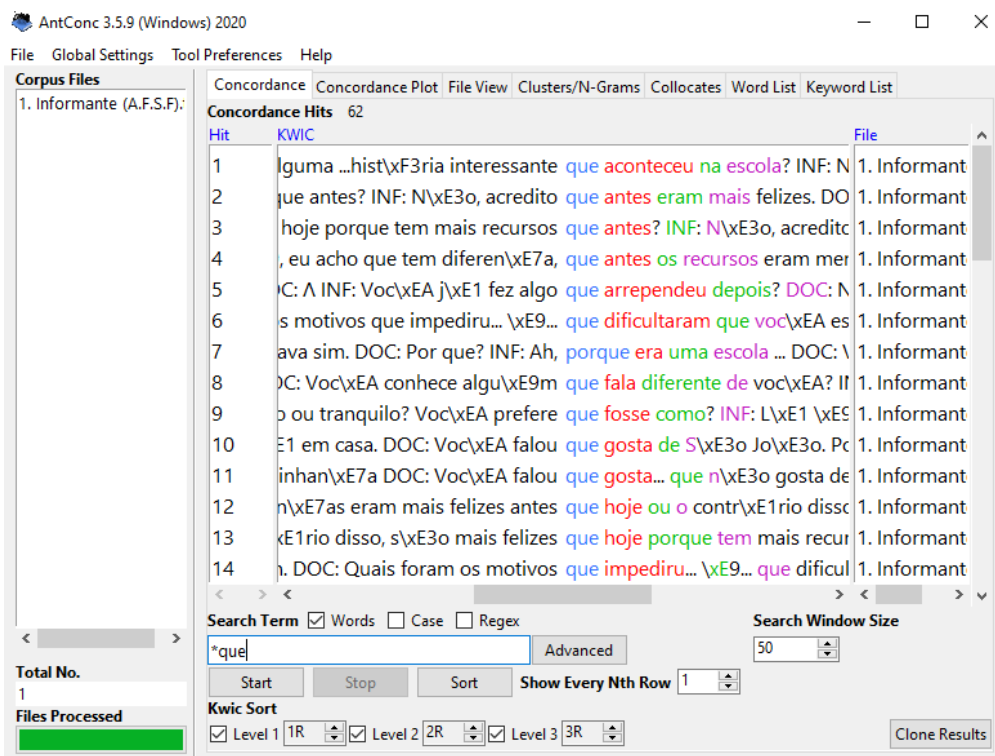


Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Das 58 (cinquenta e oito) ocorrências selecionadas do lexema *talvez*, 2 (duas) construções foram identificadas no informante 2; 7 (sete) construções no informante 4; e 3 (três) construções no informante 6 etc.

A busca também pode ser realizada com *slot* de preenchimento que é sinalizado pelo asterisco (*) antes ou depois do elemento pesquisado. Se for antes da palavra, o preenchimento do *slot* será à esquerda da construção como observado a seguir:

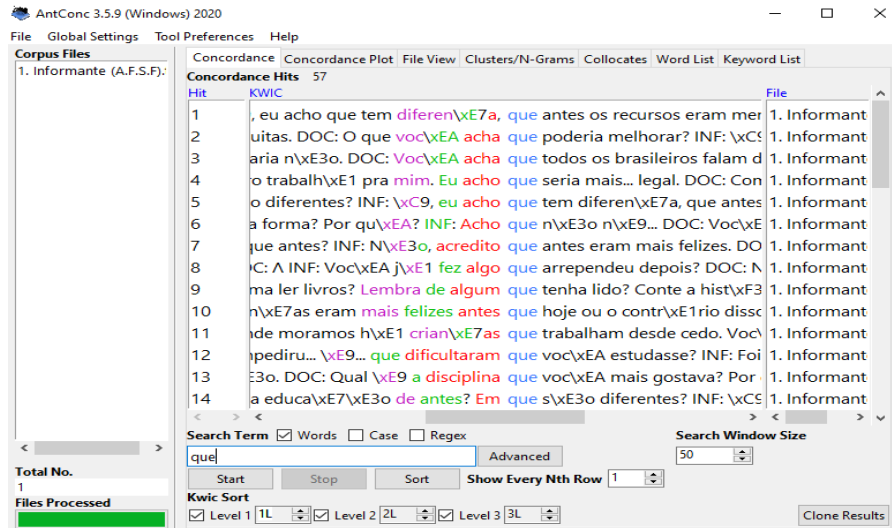
Figura 12 – Busca pelo preenchimento do *slot*



Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Na aba *Kwic Sort*, temos em *Level 1*, *Level 2* e *Level 3*, três constituintes localizados à direita do elemento pesquisado (**que**). Caso o interesse seja observar também os constituintes localizados à esquerda do elemento pesquisado, há a possibilidade de fazer as alterações na aba *Level*, conforme verificado na Figura 13:

Figura 13 – Elementos destacados à esquerda do elemento que

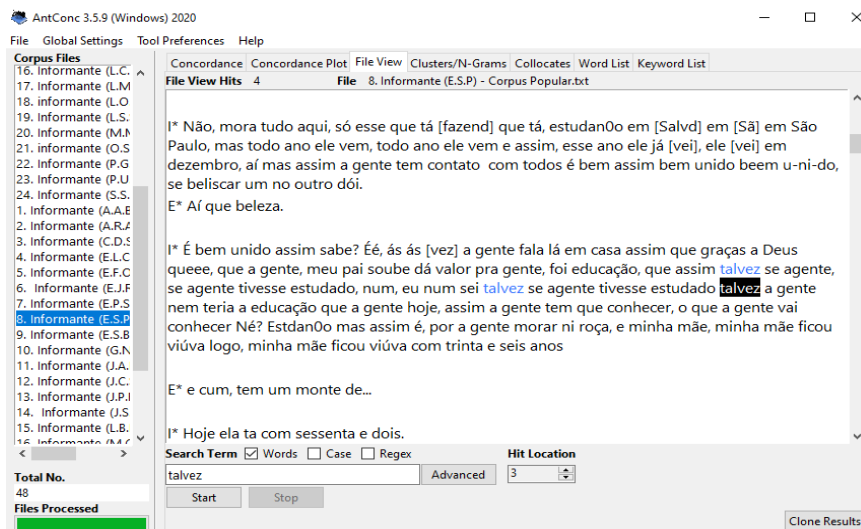


Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Observamos que, na Figura 13, os elementos foram destacados à esquerda do elemento **que**.

Segundo explica Cunha Lacerda (2021), a ferramenta *File View* permite mostrar a ocorrência em um contexto expandido, como pode ser observado a seguir:

Figura 14 – Contexto expandido do lexema talvez



Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria.

A ferramenta *Clusters/N-Grams* indica quais elementos aparecem com mais frequência à esquerda ou à direita da construção pesquisada. Essa ferramenta possibilita observar a questão do *chunking*:

Figura 15 – Rodada dos dados na ferramenta *Clusters/N-Grams*

Rank	Freq	Range	Cluster
1	4	3	talvez se
2	2	2	talvez a
3	1	1	talvez de
4	1	1	talvez elas
5	1	1	talvez n
6	1	1	talvez voc
7	1	1	talvez, n

Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

A ferramenta *Collocates* indica as combinações de elementos realizadas com a construção pesquisada:

Figura 16 – Tipos de elementos combinados com o lexema *talvez*

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	1	0	1	14.27188	souberam
2	1	0	1	14.27188	levasse
3	1	0	1	14.27188	indecisa
4	1	1	0	13.27188	inicio
5	3	2	1	12.85684	estudado
6	1	0	1	12.68692	uhn
7	1	0	1	12.68692	sido
8	1	0	1	12.27188	criada
9	2	1	1	11.81245	talvez
10	1	1	0	11.68692	nom
11	1	1	0	11.68692	frequenta
12	1	0	1	11.10196	ensinar
13	1	0	1	10.57144	goste
14	4	1	3	10.20579	tiupes

Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Na Figura 16, de 24 (vinte e quatro) informantes e de um total de 110 (cento e dez) *tokens*, tem-se 68 (sessenta e oito) tipos de elementos que se combinam com o lexema *talvez*.

A ferramenta *Collocates* apresenta os “colocados” localizados à esquerda e à direita do elemento pesquisado:

Figura 17 – Rodada dos dados na ferramenta *Collocates*

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	1	0	1	12.61781	refúgio
2	1	0	1	12.61781	prejudique
3	1	0	1	12.61781	predisposição
4	1	1	0	12.61781	pausas
5	1	0	1	12.61781	merecendo
6	1	1	0	12.61781	magoano
7	1	0	1	12.61781	levasse
8	1	0	1	12.61781	invista
9	1	0	1	12.61781	indecisa
10	1	0	1	12.61781	hesitações
11	1	0	1	12.61781	fatores
12	2	1	1	12.61781	eficiente
13	1	0	1	12.61781	divertisse
14	1	0	1	12.61781	delectarIn

Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

E, por fim, a chamada ferramenta *Keyword List* gera uma listagem de palavras-chave, que tem a função de comparar a frequência das palavras dos arquivos analisados com a frequência estabelecida das palavras de outro *corpus* - que, nessa situação, opera como *corpus* de referência, o que possibilita a identificação de construções características no *corpus* pesquisado como parte inerente de um gênero ou de uma variedade da língua (Cunha Lacerda, 2021).

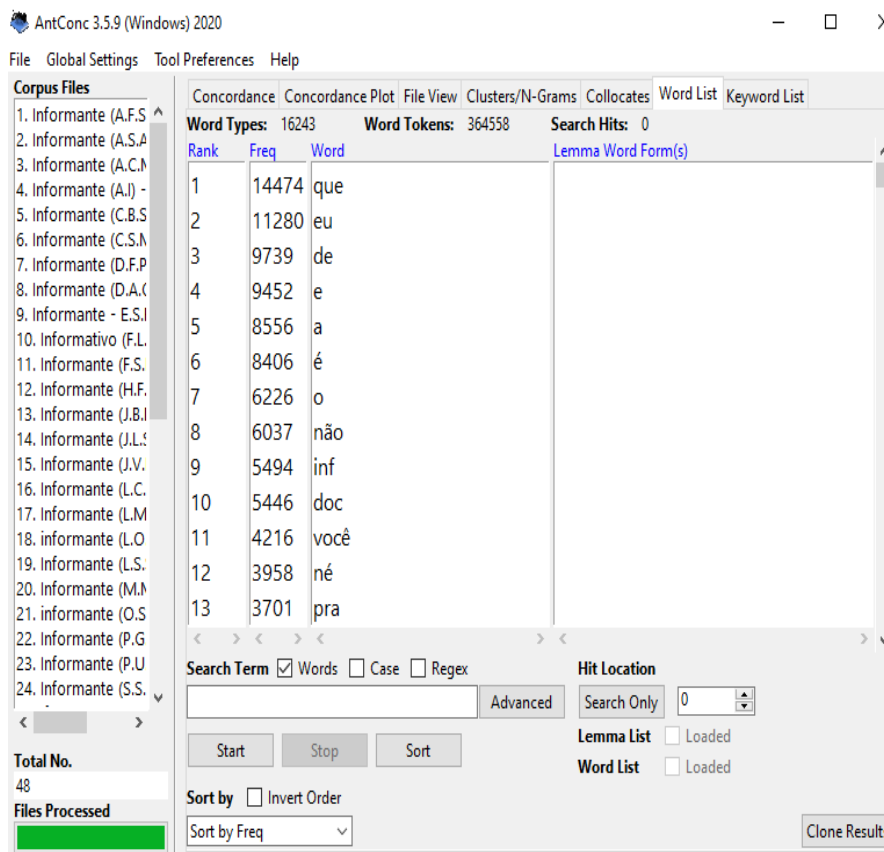
A rodada dos dados no programa só foi realizada em contexto de oração independente introduzida pela construção *talvez*, porque, quando decidimos analisar esse tipo de oração, os dados já haviam sido coletados nos outros contextos delimitados e especificados nesta tese. Devido à estrutura da oração, compreendemos que o programa facilitaria a coleta dos dados a partir da busca da construção *talvez*. Em relação à rodada com a construção “que”, representada em algumas Figuras desta seção, serviu apenas para exemplificar os detalhes das configurações e funções das ferramentas que o programa *AntConc* dispõe e, por isso, não constitui resultados para a nossa análise de dados.

Posto isso, partimos para as delimitações da rodada dos dados em contexto de oração independente. Para isso, inicialmente, convertemos as 48 (quarenta e oito) transcrições dos dados de fala de formato *word* para a extensão *.txt*⁶⁹. Armazenamos os 48 (quarenta e oito)

⁶⁹ O Programa *AntConc* só roda nas versões *.txt* ou *.html*.

arquivos das transcrições dos informantes no programa *AntConc* e rodamos os dados, utilizando a ferramenta *Word List* do programa, conforme a Figura 18 a seguir:

Figura 18 – Rodada dos dados na ferramenta *Word List*

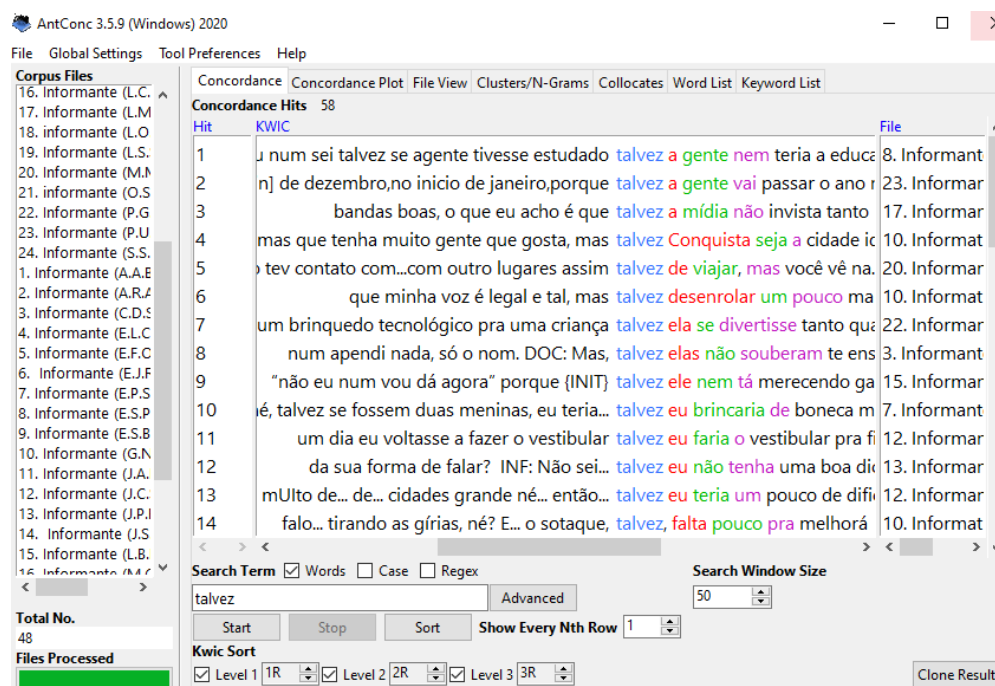


Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

A Figura 18 mostra uma lista das construções por frequência de todas as palavras localizadas na amostra com um total de 16.243 *types* e 364.558 *tokens*, sendo a mais frequente as realizadas com o *que*, com um total de 14.474 ocorrências.

Em seguida, rodamos os dados, usando a ferramenta *Concordance*, com a busca do padrão construcional - *talvez* - tivemos a quantificação das ocorrências, as linhas de concordância no contexto que pode ser expandido a partir da representação da ferramenta *File View* e a especificação dos arquivos em que cada construção se encontra, conforme a Figura 19.

Figura 19 – Rodada dos dados da ferramenta *Concordance* do padrão construcional *talvez*



Fonte: Imagem gerada da rodada dos dados - Manipulação própria

Tivemos, então, um total de 58 (cinquenta e oito) *tokens*. Na primeira coluna, temos o total de ocorrência; na segunda coluna, estão dispostas as linhas de concordância com a construção *talvez*, destacada na cor azul em seu contexto de uso; e, na terceira coluna, estão listados os respectivos arquivos em que os dados foram encontrados.

O Programa nos deu um resultado geral de todas as construções realizadas com *talvez* pelos entrevistadores e informantes. Como o nosso interesse está pautado na análise dos dados apenas dos informantes, salvamos o resultado obtido por meio do Programa e fizemos a exclusão de todos os dados realizados pelos entrevistadores. Depois, fizemos uma nova rodada para considerar a frequência *token*. Na sequência, já não mais utilizando o programa *AntConc*, realizamos a quantificação da frequência *type*.

Não seguimos rodando os dados nas outras ferramentas do Programa, porque o objetivo não era analisar a construção *talvez*, mas o comportamento do modo subjuntivo nas construções introduzidas por *talvez*. A busca no Programa a partir dessa construção justifica-se, assim, em função da coleta de todos os dados introduzidos por esse elemento, como afirmamos anteriormente.

A partir dos resultados da frequência *type* e da frequência *token*, levamos em conta a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Retomamos, mais uma vez, Cunha Lacerda (2016) que traz as ideias de Traugott e Trousdale (2013) para afirmar que a

metodologia quantitativa pode cooperar para que as propriedades inerentes à esquematicidade e à produtividade sejam descritas e atestadas no processo de mudança.

Prosseguimos com a criação de tabelas a partir dos resultados da frequência *type* e da frequência *token*, na perspectiva da teoria da LFCU, resgatando os processos de categorização, memória rica e frequência, via analogia, e modalidade *irrealis* para tratar da gradiência e competição entre os modos subjuntivo e indicativo.

E, por fim, avançamos no estabelecimento de uma rede taxonômica com a finalidade de mostrar, holisticamente, como o pareamento de forma-função do modo subjuntivo se configura na rede dos modos verbais.

Caracterizada a natureza da nossa amostra de pesquisa e evidenciado o processo de análise a partir das variáveis determinadas, e, ainda, conscientes do que Oliveira (2018) nos diz sobre a necessidade de que novos fenômenos sejam testados no escopo da LFCU, pretendemos jogar as sementes no terreno fértil dessa teoria a fim de validar, refinar o fenômeno linguístico aqui posto, em seus termos teórico-metodológicos e, assim, contribuir para a descrição do Português Brasileiro e para a história da língua, propósito já apresentado por nós na Introdução desta tese.

4.5 Critério de seleção e exclusão de dados

A caracterização dos nossos dados corresponde a todas as construções realizadas da gradiência e competição entre as formas do subjuntivo e do indicativo nos cinco contextos sintáticos delimitados. Sendo assim, os seguintes dados foram excluídos (Amorim, 2015):

a) Construções em que a gramática normativa prescreve o uso exclusivo com a forma indicativa.

(33) DOC: Conte a história de algum livro que você sempre leu, que você tenha lido, que você tenha gostado, da história, do enredo do livro.

INF: Eu li, já tem muito tempo, Mas, foi um livro que eu gostei muito, acho que o Pequeno Príncipe. Acho que tem ninguém assim pra dizer num gostei daquele livro. Eu acredito que aquele livro É muito bom e... se possível, eu puder passa-lo pra todo mundo, ele é maravilhoso, recomendo. (L.C.S - *Corpus PCVC*)

b) Repetições de construções com indicativo ou subjuntivo que não correspondem a novas construções:

(34) [...] o Estado de Pernambuco ele me chama muito atenção sabe? Principalmente a cidade de Recife onde aborda justamente os meus ícones favoritos né, da música que ate hoje... que é a Nação Zumbi principalmente o Chico Chaese... eh... falecido e... é... como assim .. eu tenho uma ligação mito próxima mesmo com Nação Zumbi dès... desde muleque né, e acho isso é... *fascinitou* essa... isso foi uma influencia ne, para que eu pudesse justamente criar alguns sonhos

né? ... que eu possa criar percalços né, durante a vida assim pra **que possa...** não sei pra **que possa** dizer assim, plano de mestrado ou possa um visita mesmo sabe? Mais enfim é um local que eu quero conhecer, realmente explorar futuramente não só lá né, mais assim, eu digo assim a ponto de vista próximo eu acho que eu... eu destacaria lá[...] (L.O.F - *Corpus PCVC*)

c) Dados que não representam construções dentro do escopo dos cinco 5 (cinco) contextos sintáticos de análise selecionados para esta pesquisa:

(40) INF: E aí... eu é... estudava no... estudava em escola pública, estudava em escola pública, ele também estudava em escola estadual e eu... nós nos conhecemos e aí a gente tinha uma *brincadêra*, que chamava ABC, você tinha que escrever o nome ABC na sua mão, porque se você **ESCREVESSE** todos os dias antes de ir pra escola, ou talvez se você tivesse na rua também, escrevesse ABCD, tinha o ‘D’ também, ABCD, mas o ‘D’ eu não me lembro o que que era mas era uma coisa mais profunda, o... ‘A’ era abraço, o ‘B’ era o *bêjo*, o ‘C’ num me lembro... eu sei que se você não escrevesse o ABC, você tinha que *bejar* alguém que a sua colega escolhesse, e... e tinha assim, tinha um *negócio* chamado caderno de confidências também, que esse caderno de confidências no... no... quando eu estudava a quinta série...era como se fosse os perfis socais que a gente tem hoje, né? (D.F.P - *Corpus PCVC*)

O exemplo (40), apesar de se encaixar no contexto das orações hipotáticas condicionais, não foi considerado por nós para a análise por não ter, na constituição da sentença, a locução conjuntiva “que”.

4.6 Síntese da Seção 4

Nesta Seção 4, atingimos o objetivo proposto delineado da seguinte forma: versamos a respeito dos procedimentos metodológicos acionados para descrever e interpretar os dados da pesquisa. Assim, tratamos da composição da pesquisa e da amostra utilizada; situamos a variável dependente, explicamos o que constitui o Método Misto e justificamos a nossa escolha pela pesquisa de cunho quantiquantitativo.

Expusemos, ainda, as propriedades selecionadas operacionalizadas por hipóteses e explanamos a respeito da ferramenta *AntConc* de forma esmiuçada, utilizada para a rodada dos dados em contexto das orações independentes introduzidas pelo lexema *talvez*. Por fim, realizamos o mapeamento de construções gramaticais com verbos no modo subjuntivo, caracterizamos esses dados, mostramos as etapas de seleção, catalogação e discriminamos as propriedades de seleção e os critérios de exclusão desses dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Após termos abordado sobre o objeto de pesquisa, a fundamentação teórica e a metodologia, o objetivo desta seção consiste em apresentar a análise da competição pelo uso e da gradiência do modo subjuntivo nos contextos das orações parentéticas introduzidas pelo *que*, das orações independentes iniciadas pelo lexema *talvez*, das orações subordinadas relativas, completivas e adverbiais introduzidas pelo *que*, levando em consideração o aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso.

A seção encontra-se dividida da seguinte maneira: na subseção 5.1, *A gradiência do subjuntivo*, apresentamos a distribuição da competição pelo uso do subjuntivo em um gradiente de modalidade *irrealis*, mostrando os seus percentuais na dimensão de 7 (sete) pontos da linha do *continuum* e as representações das redes taxonômicas nos contextos sintáticos controlados nesta tese, com seus respectivos valores percentuais de uso do subjuntivo; na subseção 5.2, *O impacto dos processos cognitivos de domínio geral na gradiência e competição do uso do subjuntivo*, tratamos desses processos cognitivos para compreender a gradiência e competição do uso do subjuntivo com o indicativo; na subseção 5.3, *Síntese da seção 5*, retomamos de forma sucinta sobre a proposta delineada na presente seção.

5.1 A gradiência do subjuntivo

Nesta subseção, descrevemos e analisamos os resultados da gradiência do modo subjuntivo e sua competição com o modo indicativo nos contextos sintáticos de orações completivas, relativas e adverbiais, contexto de oração parentética e contexto de orações introduzidas pelo lexema *talvez* (amostras dos *Corpora PPVC* e *PCVC*).

Nas amostras analisadas, tivemos um total de 607 (seiscentos e sete) ocorrências com os resultados percentuais apresentados na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Modo indicativo x modo subjuntivo

Formas	
Subjuntivo	459 (76%)
Indicativo	148 (24%)
Total	607

Fonte: Autoria própria

Os resultados apontados nessa pesquisa demonstram que, de um total de 607 ocorrências, obtivemos um percentual de 76% de construções com o subjuntivo e 24% construções com o indicativo. Observando o elemento “Modalidade da oração”, tivemos os seguintes resultados:

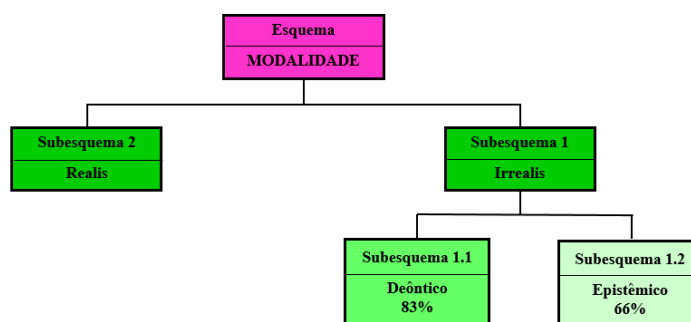
Tabela 2 – Modalidade da oração

MODALIDADE	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Ocor.	%	Ind/Ocor.	%
Deôntico	277/333	83	56/333	17
Epistêmico	182/274	66	92/274	34

Fonte: Autoria própria

Na literatura linguística, há registros de que o modo subjuntivo tenha a sua maior atuação no contexto do submodo deôntico. Recordamos aqui que, nessa esfera, temos inerente a marca de atitudes avaliativas de manipulação, de desejo, de obrigação no processo comunicativo dos interactantes. Os resultados apontam uma alta frequência da construção nesse submodo deôntico com 333 (trezentos e trinta e três) *tokens*. Em relação à frequência *type*, tivemos uma representação de 83% com construções no modo subjuntivo indo em direção ao que é atestado na literatura linguística e de 66% no submodo epistêmico. Observando esses resultados do elemento “Modalidade na oração” em uma representação de rede taxonômica, temos a seguinte especificação na Figura 20:

Figura 20 – Rede taxonômica da modalidade na oração



Fonte: Elaboração Própria

Na Figura 20, podemos observar através da representação da cor verde em tom mais forte, a maior frequência do modo subjuntivo na subcategoria do deôntico (83%) que está inserida no subesquema 1 (*Irrealis*). Mais adiante, mostraremos a gradiência do subjuntivo e a

competição dessa construção com a forma indicativa no nível da microconstrução, em um passeio por 7 Graus na linha do *continuum* da modalidade *irrealis* nos contextos das orações subordinadas (completivas, relativas e adverbiais), parentéticas e iniciadas por *talvez*.

Os cinco contextos analisados nesta tese exigem a recrutação de construção com o modo subjuntivo com as caracterizações inerentes dos valores associados aos submodos deôntico e epistêmico, na esfera da modalidade *irrealis*. Esses tipos de orações, por serem contextos sintáticos que exigem o uso do subjuntivo, estão inseridos na esfera do *irrealis* e, por isso, de acordo com Givón (2001), as proposições são fracamente asseveradas e o evento é dimensionado na esfera da probabilidade e da incerteza ou ainda no quadro que abranja algo que é desejado ou não ou ainda necessário. Tendo essa natureza, os interactantes não têm provas ou fundamentos fortes para asseverar ou comprovar a sua proposição.

Para observar o comportamento do subjuntivo nos contextos sintáticos, controlamos o elemento “Tipo de oração” para averiguar em qual contexto sintático o modo subjuntivo tem maior frequência. Inicialmente, apresentamos a frequência *type* por contexto sintático do que deveria ser uso do subjuntivo sem mostrar a frequência relacionada à competição. Depois, apresentamos a frequência *type* por tipo de oração mostrando o percentual da competição entre as formas subjuntivas e indicativas.

Tabela 3 – Frequência *type* do elemento Tipo de Oração

MODALIDADE	<i>Corpora PPVC e PCVC</i>	
	Ocor. /Total	%
Oração Subordinada	538/607	88,63 ⁷⁰
Iniciada por <i>Talvez</i>	41/607	6,75
Oração Parentética	28/607	4,61

Fonte: Autoria própria.

Na Tabela 3, de uma frequência *token* de 607 (seiscentos e sete), considerando o contexto geral, tivemos uma frequência *type* de 88,63% de construções no contexto de oração subordinada, 6,75% de construções no contexto sintático de orações iniciadas por “talvez” e

⁷⁰ Esses resultados apresentados na Tabela 3 não incluem as frequências em relação à competição entre as formas indicativas e subjuntivas por contexto sintático. A frequência *token* consiste no total de construções (607 dados) e as frequências de tipo (*types*) seriam os percentuais referentes a cada contexto de oração (subordinada, iniciada por *talvez* e parentética). Os resultados das frequências de tipo são gerais e não especificam as frequências em relação à competição entre as formas. Isso quer dizer, por exemplo, que os percentuais de construções entre formas indicativas e subjuntivas em contexto sintático de oração subordinada em que se requer a forma subjuntiva de 88,63% são gerais. Os percentuais relacionados a cada modo verbal (formas indicativas e subjuntivas) são apresentados na Tabela 4.

4,61% de construções no contexto de oração parentética. Observando as frequências *type* e *token* em relação à competição das formas subjuntivas e indicativas, temos as seguintes configurações na Tabela 4:

Tabela 4 – Frequências *token* e *type* das construções por contexto sintático

MODALIDADE	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Ocor.	%	Ind/Ocor.	%
Oração Subordinada	415/538	77	123/538	23
Iniciada por Talvez	31/41	76	10/41	24
Oração Parentética	13/28	46	15/28	54

Fonte: A autoria própria.

O ambiente sintático de oração subordinada é o contexto mais produtivo dos tipos de orações controladas nesta pesquisa com a frequência *token* de 538⁷¹(quinhentos e trinta e oito), sendo a frequência *type* de 77% para construções com o subjuntivo e de 23% para construção da competição com a forma indicativa.

No ambiente sintático das orações iniciadas por *talvez*, tivemos uma frequência *token* de 41(quarenta e um) e frequência *type* de 76% com construções no modo subjuntivo e 24% com o modo indicativo.

Já no ambiente sintático das orações parentéticas, a frequência *token* foi de 28 (vinte e oito), a frequência *type* teve um percentual de 46% de aplicação da regra e 28% com construções com o indicativo.

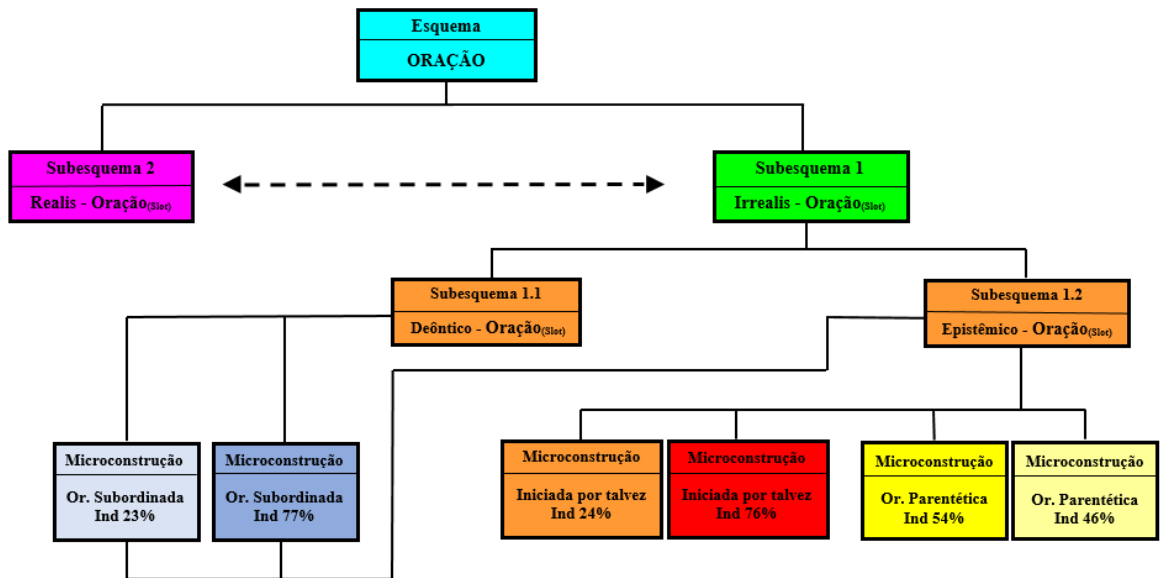
Aqui, resgatamos os processos cognitivos do domínio geral categorização para atestarmos o que havíamos dito em linhas anteriores: as categorias são criadas por meio da experiência. Com isso, no processo cognitivo memória enriquecida, verificamos que os detalhes da experiência do interactante com o uso do modo verbal do subjuntivo, em contextos específicos de orações subordinadas e independentes iniciadas pelo lexema *talvez* em que se prescreve o uso desse modo verbal, são sedimentados e estocados na memória à medida que são associados a cada enunciado. Em virtude da experiência linguística desses usos, a utilização do subjuntivo tem uma representação maior na memória do falante como pode ser atestado nos

⁷¹ Estamos cientes que os valores de 538, 41 e 28, que representam o total de dados por contexto sintático, seriam a frequências *types* se considerarmos que o total de dados geral de 607 seria a frequência *token*. No entanto, quando afirmamos que 538 é a frequência *token*, estamos fazendo a relação com os resultados das frequências de tipo (frequência em relação à forma indicativa e frequência de tipo em relação a forma subjuntiva). Em outras palavras, 538 é o total de construção (frequência *token*) no contexto de subordinada e as frequências de tipo são 415 (construção com o subjuntivo) e 123 (construção com o indicativo).

percentuais de 77% para as orações subordinadas e 76% para as orações independentes, em relação às formas inovadoras que surgiram: 23% para as orações subordinadas, 24% para as orações independentes. Não foi possível atestar isso no contexto raro das orações parentéticas, o que nos instiga a realizar uma pesquisa posterior em uma amostra maior.

Mostrando esses resultados em uma representação de rede taxonômica, temos as seguintes especificações:

Figura 21 – Rede taxonômica do elemento tipos de oração

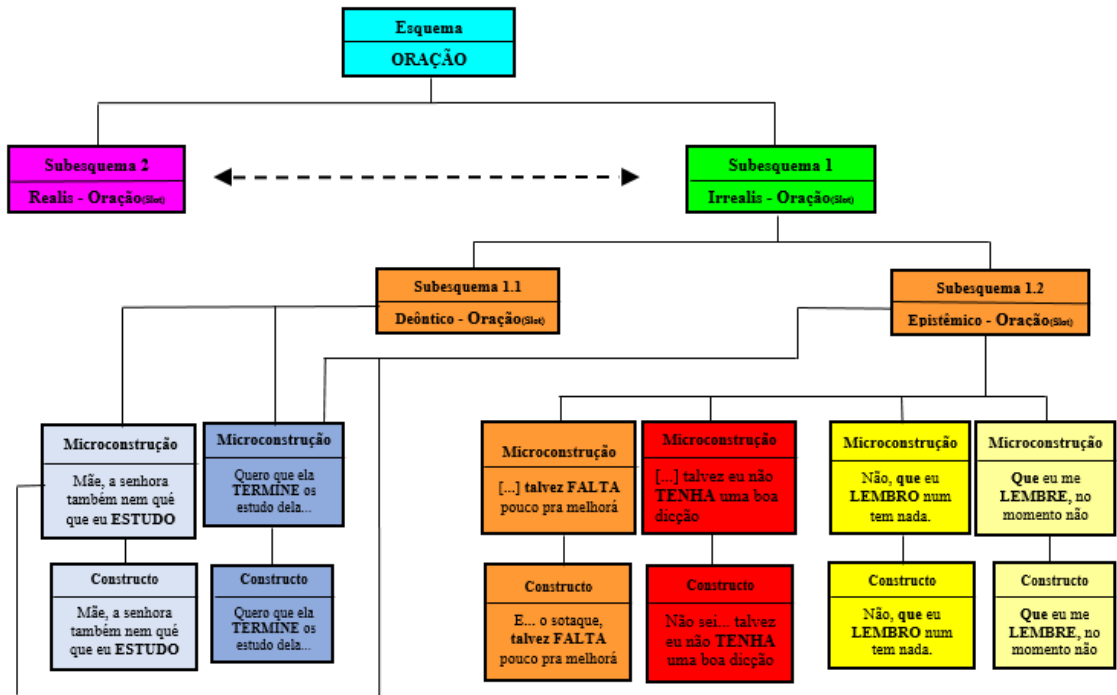


Fonte: Elaboração Própria

Para mostrarmos a gradiência do subjuntivo e a competição com a forma do indicativo, observamos alguns elementos no entorno da frase como tempo verbal, pessoa verbal, tipo de verbo da oração, tipo de oração, entre outros, conforme posto na Seção 4. Vamos relacionar os níveis da rede taxonômica do modo verbal (Figura 2 - Seção 1) com os níveis da rede taxonômica das propriedades selecionadas para a nossa análise dos dados. Dito de outra maneira, para a rede taxonômica do tipo de oração, por exemplo, o esquema que sanciona o modo verbal estaria relacionado ao esquema que sanciona a oração. O esquema do modo verbal sanciona três subesquemas: modos subjuntivo, indicativo e imperativo. Associamos os modos indicativo e subjuntivo, respectivamente aos subesquemas 2 e 1 da rede taxonômica da oração. O subesquema 2 abarca os tipos de orações em contexto de indicativo e o subesquema 1 envolve os tipos de orações em contexto de subjuntivo que são os tipos trabalhados nesta tese. No nível das microconstruções, a relação que podemos estabelecer da rede do modo verbal com a rede

da oração é a manifestação dos valores que o subjuntivo pode assumir nos contextos sintáticos. Visualizemos a Rede taxonômica da oração especificando também os constructos.

Figura 22 – Rede taxonômica dos tipos de orações



Fonte: Elaboração Própria

Na rede taxonômica da Figura 22, o esquema da oração sanciona dois subesquemas: Subesquema 1 e Subesquema 2. No subesquema 1, temos o escopo do *Irrealis* que vai abarcar orações que representam a irrealidade. O Subesquema 1 subcategoriza os subesquemas 1.1 e 1.2 com o *slot* sendo preenchido pelos tipos de orações subordinadas, parentéticas e iniciadas pela construção *talvez* e há a evidência da competição entre as formas indicativas e subjuntivas nesse nível da rede. Já o subesquema 2 é o ambiente sintático em que se requer o uso do modo indicativo nas orações. A seta que liga os subesquemas 1 e 2 sinaliza a fronteira difusa existente entre as categorias e a competição estabelecida entre os modos verbais subjuntivo e indicativo. Isso evidencia que, dentro do escopo do *irrealis*, tanto as formas indicativas como subjuntivas competem para transmitir a incerteza.

Abrindo a discussão em relação ao elemento “Valores dos submodos deontico e epistêmico”, iniciamos a conversa afirmando que os nossos dados evidenciam que nem sempre as restrições inerentes à construção do subjuntivo são acionadas pelos falantes no processo de interação. A análise da amostra revela o uso de um subjuntivo atrelado a um valor de incerteza medida em graus instanciada em 7 pontos de um *continuum*, na dimensão da modalidade

Tabela 5 – Valores dos submodos na dimensão da modalidade

VALORES DO SUBMODOS	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	In/Total	%
Irrealis 1	134/ 167	80	33/167	20
Irrealis 2	137/148	93	11/148	7
Irrealis 3	174/246	71	72/246	29
Irrealis/realis1	3/6	50	3/6	50
Irrealis-realís 2	4/12	33	8/12	67
Realis-pessuposição 1	3/12	25	9/12	75
Realis-pessuposição 2	4/16	25	12/16	75

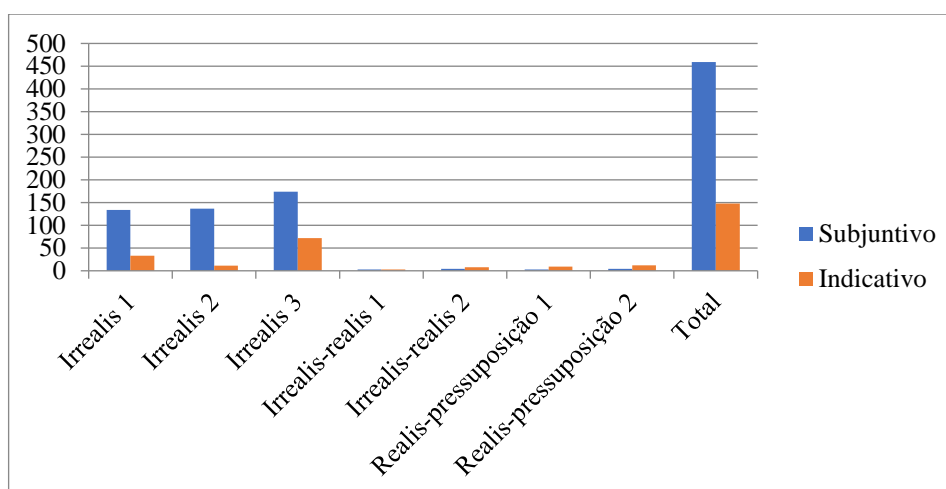
Fonte: Autoria própria.

Os resultados representados na Tabela 5 evidenciam as modificações nos graus no *continuum* da modalidade. Uma questão que é bastante discutida no modelo da LFCU é de que a frequência de uma dada construção pode gerar um novo padrão de uso na língua. Para isso, retomamos aqui as frequências *type* e *token* para mostrar as frequências de tipo e de ocorrência presentes em nossos *Corpora*.

Nos dados analisados, tivemos um total de 607 (seiscentos e sete) ocorrências distribuídas nos 7 pontos da linha do *continuum* (*irrealis 1*, *irrealis 2*, *irrealis 3*, *irrealis/realis 1*, *irrealis/realis 2*, *realis-pessuposição 1*, *realis-pessuposição 2*), conforme evidenciados na Figura 23 e na Tabela 5.

Retomando Givón (1995), que considera a modalidade como uma dimensão escalar complexa do subjuntivo, a sua distribuição nos 7 pontos da dimensão escalar tem um ponto de interface entre os submodos epistêmico e deôntico, que é a incerteza epistêmica, conforme demonstra a Figura 23. O traço de projeção futura associada a incerteza é linear até um determinado ponto do *continuum* (*irrealis 3*), bifurcando-se para cima e para baixo quando os traços de futuridade e/ou incerteza vai/vão se perdendo.

Conforme aventamos, o subjuntivo mostrou-se com uma frequência maior no extremo direito do *continuum*, com um percentual de 80% (*irrealis 1*), 93% (*irrealis 2*) e 71% (*irrealis 3*) de realização do subjuntivo em que o valor semântico de incerteza e o traço de projeção futura estão relacionados ou interligados e, por isso, na linha do *continuum*, de acordo com a Figura 23, recai no escopo da modalidade *irrealis*. Nesses três pontos, há uma fixação maior no grau de incerteza e, por isso, estão mais coersivos, conforme podemos visualizar no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 – Representação da gradiência do subjuntivo no escopo do *irrealis*

Fonte: Autoria própria

Os resultados dos dados representados no Gráfico (1) comprovam a tese da noção de rede construcional para a compreensão da mudança, já que os casos que caminham para esse processo são os que têm maior frequência. A rotinização do uso do subjuntivo é mais evidente no ponto 3, (*irrealis 3*) já que é onde se tem a maior quantidade de ocorrência (243 dados). Com isso, observando os três primeiros pontos no Gráfico 1 e os percentuais na Tabela 5, o maior percentual de formas do indicativo em contexto de subjuntivo está no ponto 3 (*irrealis 3*) com 29% (243 dados); depois, recai no ponto 1 (*irrealis 1*) com 20% (167 dados); em seguida, no ponto 2 (*irrealis 2*) com 7% de formas indicativas (148 dados). Assim, quanto maior a frequência, maior o percentual da forma variante.

Retomando os princípios básicos da teoria (Furtado da Cunha; Cunha Lacerda, 2017) e aplicando ao nosso fenômeno linguístico, a frequência *token* vai representar a extensão de uso do modo subjuntivo por parte dos interactantes e a frequência *type* que pode ser representada por 7 (sete) padrões de uso - *Irrealis 1*, *Irrealis 2*, *Irrealis 3*, *irrealis/realis 1*, *irrealis/realis 2*, *realis-pressuposição 1*, *realis-pressuposição 2*) que está relacionada ao *host-class expansion* pelo fato de as construções terem natureza relacional esquemática e serem utilizadas em diferentes colocações.

Nesse ponto da pesquisa, julgamos necessário sinalizar a respeito da mudança linguística a partir da noção de rede taxonômica e das dimensões construcionalização e mudança construcional. Dada a caracterização dos nossos dados em uma escala da modalidade, os dados parecem caminhar para o que chamamos de micropassos da mudança linguística o que necessitaria de uma pesquisa de natureza diacrônica para que isso fosse atestado. Como nossa

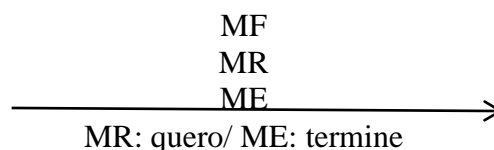
pesquisa foi de cunho sincrônico, abre-se a agenda para que novas pesquisas sejam realizadas a fim de que isso seja testado e validado.

Ainda no ponto do *continuum irrealis I*, evidenciamos que a noção de projeção futura associada à incerteza constitui uma esfera favorável para a utilização do modo subjuntivo com um total de 80%. Isso pode ser justificado pelo fato de a noção de futuro estar relacionada ao desejo, conforme demonstra o exemplo (41):

(41) INF: Ah, é querer sempre o melhor pra ela, que não passar o que passei, + quero que ela **TERMINE** os estudo dela, e pra quando ela crescer ser alguém na vida, {init} seguir o meu exemplo. Tem que batalhar pra conseguir... (J.S.R - *Corpus PPVC*)

Essa representação pode ser posta da seguinte maneira no Diagrama 1:

Diagrama (1)



O que observamos, no Diagrama (1), é que o Momento de Fala (MF), o Momento de Referência (MR) e o Momento do Evento (ME) são cotemporais na linha do tempo e está mantida a ideia de presente com um escopo de projeção futura de uma possível realização ou não. No dado (41), a mãe deseja que a filha conclua os estudos e que seja “alguém na vida”, seguindo, assim, o seu exemplo. Nesse contexto, há inerente o vir a ser que projeta para o campo das possibilidades. Em outros dados de fala, alocados no ponto 1 do *continuum*, ocorre a competição do subjuntivo com o indicativo. Observemos um exemplo de fala a seguir:

(42) DOC: A senhora chegou a estudá?

INF: Eu... estudozim bestêro, né, de casa. Agora que eu queria ir pará só aí que eu fui convidada, né, pa ir estudá... as frêra mandô falá que mandasse p’eu estudá, que o [mascate] falô que merecia estudá. Aí eu falei: “Mãe, a senhora também nem qué que eu estudo. Esses estudo véi daqui não presta não mãe. Eu... eu vô pra lá pá Araçuaí.” “Não, você não vai não. Se você for você casa com o fi de Miguel.” ININT mas agora assunta e eu pequena ainda. E nesse tempo... moça... era... não podia falá assim não com os pai não. Mas de vez em quando eu falava com ela. Eu falei: “Mãe, eu não **quero**... eu não **gosto** que ele **FICA** me espiano não. Eu não vô conversá com ninguém não.” (E.L.C- *Corpus PPVC*)

Em (42), verificando os verbos em destaque, a informante, inicialmente, utiliza o verbo volitivo “querer” expressando desejo e em seguida o verbo “gostar” atenuando preferência. O contexto “Mãe, eu não **quero**... eu não **gosto** que ele **FICA** me espiano” entra no escopo da modalidade *irrealis*, especificamente, no submodo deôntico com o valor de desejo e com o traço de futuridade, pois, quando a informante expressa que não gosta de ser observada, evidencia-se um desejo instaurado que poderá ser realizado ou não.

Observamos ainda nesse dado que, para que o discurso entrasse na esfera das possibilidades, o verbo na oração completiva deveria estar no modo subjuntivo (fique) de acordo dita a TG. No entanto, temos uma construção realizada pelo falante com o modo indicativo que tem proximidade funcional com o subjuntivo.

Temos, então, delineado no dado (42) uma competição de uso com formas do subjuntivo e indicativo, tendo em vista que o verbo “fíco” na forma indicativa corresponde à representação configuracional de significação do modo subjuntivo. Ao dizermos isso, sublinhamos que não estamos afirmando que as formas em competição são equivalentes em todas as nuances de uma representação simbólica da construção. É crucial explicarmos isso aqui, porque caímos no debate a respeito do princípio da não-sinonímia entre construções (GOLDBERG, 1995) que faz parte da ordem do dia de muitos pesquisadores.

Cabe-nos, então, esclarecer o nosso ponto de vista a esse respeito. Primeiro, trazemos a representação simbólica da construção que, para a forma, temos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; e, para a função, temos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Observemos que são vários os atributos relacionados à construção e, possivelmente, existirão, sim, diferenças funcionais entre construções. Aqui estamos de acordo com Vieira e Wiedemer (2019) quando dizem que a feição de dissimilitude não vai se espriar, necessariamente, a todas as propriedades envolvidas nessa face de pareamento forma-função. Nos dados que analisamos, por exemplo, é possível mostrar as diferenças pragmáticas a partir das frequências *type* e *token*.

Tendo em vista essas colocações, associamos essa competição entre as formas subjuntivas e indicativas ao primeiro coronário estabelecido por Goldberg (1995), afirmando que “fíco” na sentença (42) e “fique” que deveria ser o uso conforme a TG nesse contexto sintático são sintaticamente diferentes, pois as suas terminações se diferem sinalizadas pelas últimas sílabas conforme nos grifos - indicativo (FICO) e subjuntivo (FIQUE); são semanticamente sinônimas, tendo em vista que ambas trazem o valor de volição no contexto frasal a partir da observação dos verbos “querer” e “gostar” na oração matriz; e são pragmaticamente distintas, em função de seu uso variar no mesmo contexto sintático com o fim

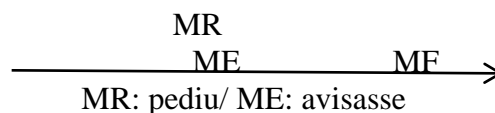
de cumprir propósitos comunicativos diferenciados, o que podem ser atestados através da frequência *type* e, conseqüentemente, *token*.

Para além das diferenças pragmáticas representadas nos percentuais das frequências *token* e *type*, é possível, também, observar as diferenças nos atributos discursivo-funcionais quando nos deparamos com a gradação do valor de incerteza estanciados nos 7 graus do *continuum* na modalidade como veremos na sequência da análise ao caminhar pelos pontos desse gradiente.

No Grau 2 - *irrealis* 2, da direita para a esquerda do *continuum*, averiguamos que há ainda a projeção futura, conforme acontece no grau 1 - *irrealis* 1, mas com um diferencial: no ponto 2, ocorre um teor de manipulação, o que pode direcionar para uma probabilidade maior da realização do evento no futuro. Sondemos a ocorrência (43).

(43) INF: [...] eu tenho muito que agradecer a Deus, que os dois filhos assim que ele me deu, que [graça], até hoje, nunca me deu trabalho, nunca perdi uma noite de sono, nunca vim ni reunião de escola por causa de [fi] /com licença, ó Mara **pediu** que **AVISASSE** vocês que precisaria trazer um real. (E.S.P - *Corpus* PPVC)

Diagrama (2)



Na ocorrência (43), representada no diagrama (2), o Momento de Referência (MR) e o Momento do Evento (ME) são cotemporais e anteriores ao momento da fala (MF). No Momento do Evento (ME), evidencia-se um teor de manipulação. O fato de ser solicitado a contribuição do valor de 1 real aumenta mais a probabilidade de que ocorra a realização do evento. Constatamos, nesse excerto de fala, que não há a marca de desejo como foi visto nos exemplos (41) e (42), mas percebemos aqui um valor de manipulação instaurado. Então, verbos de teor manipulativo na oração matriz⁷² (mandar, exigir, entre outros) acentuam mais a probabilidade de que o fato aconteça do que a marca semântica dos verbos de teor volitivo que expressam desejo.

A partir disso, podemos observar diferenças nos atributos discursivo-funcionais: entre as ocorrências (41) e (42), nas quais há a expressão de desejo, de aspiração que caminha para o universo das possibilidades de realização ou não, e o dado de fala (43), no qual se instaura um

⁷² Nesse caso, quando fazemos referência ao verbo da oração matriz, estamos nos referindo ao contexto de oração subordinada.

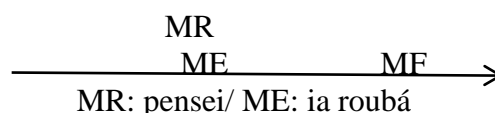
valor de manipulação que entra também na esfera da conjectura, mas com uma marca mais acentuada de uma possível realização.

No Grau 3 (*irrealis* 3), ainda se instaura a projeção futura com a probabilidade de que o evento se realize. Observemos:

(44) DOC: Cê saia de casa?

INF: Eu:: não, ficava dent0o de casa, ficava com [med] de sê ro0bado + do jeito que eu sou, num sai cum minhas coisa na rua. Uma vez eu tava com meu computador no [mei] da rua, meu notebook {init}, os cara passou oyano, [quas] eu **pensei** que **IA ROOBÁ**, né {init} dent0o de casa {init}.(L.B.R - *Corpus* PPVC)

Diagrama (3)

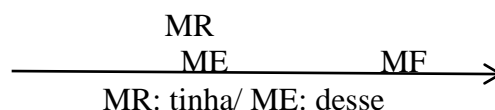


Em (44), o MR e ME são cotemporais. Nesse exemplo, a informante relata que cogitou, considerou que sofreria um assalto. No momento da sua suposição (momento do evento - instaurado na linha temporal no tempo passado) foi lançada para o futuro a probabilidade de que esse fato ocorresse. Aqui temos a construção “ia roubar”, no modo indicativo, no lugar do subjuntivo (fosse roubar). E, sendo o contexto apresentado ambiente sintático do uso do subjuntivo, o verbo deveria vir no tempo verbal pretérito imperfeito. Vimos em exemplificação, na seção 2, que o subjuntivo nesse tempo verbal pode ter o valor de futuro⁷³.

No Grau 4 - *irrealis-realis* 1, há inerente o valor de manipulação diante de um fato que acontece de forma repetitiva:

(45) Aí eles me derum uma caixa fosco de troco, e sempre eles dava pa menina um suco ou então uma caxa de fosco, eles dizia que era a menina que robava. Aí eu falei se ela falar que fui eu, eu de menor nessa época eu tinha o que dizesseis ano0. Eu falei se ela fala que fui eu que robei, eu vo queimata a cara dela aqui (risos), se ela vim quere me bate que eu que cunzinhava. O que eu fazia eu num comia, o que eu cunzinhava eu num comia; **tinha** que come o que ela **DESSE** né? (M.J.P.S - *Corpus* PPVC)

Diagrama (4)



⁷³ Na seção 2, apresentamos os seguintes exemplos do pretérito imperfeito do subjuntivo com valor de futuro: (i)⁶⁴ “Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem... (Ferreira de Castro, OC, 1,87.); (ii) Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro. (N. Pihon, CC, 144.)” (Cunha; Cintra, 2017, p.488 grifos dos autores)

No fragmento de fala (45), o MR e ME são também cotemporais e evidenciamos que há presente também o valor semântico de manipulação-obrigação, pois a patroa obrigava a secretária a comer o que era oferecido. Nessa situação, a secretária não sabia ao certo qual alimento ou que tipo de alimento seria dado para ela se alimentar a cada dia. Nesse relato, percebemos que ocorre uma ação repetida com teor de atemporalidade. No ponto *irrealis-realís* 1, tivemos uma frequência de 50% de realização do subjuntivo e, já nesse ponto do *continuum*, já podemos observar a diminuição da frequência desse modo verbal.

Partindo para outro ponto do *continuum*, no grau 5- *irrealis-realís* 2, observamos o valor de crença/probabilidade que está instaurado no submodo epistêmico distribuído em um eixo temporal passado, presente e futuro, denominado por Pimpão (2012) de situação espriada:

(46) DOC: {risos} Por que que ['cê] resolveu fazê o curso de Modernas então, F.S.L.B?
 INF: Porque eu não esperava que fosse tivesse sê tão focado em...em docência sabe, eh eu pensei que **IA TÊ** um ôtro caminho que a gente **PUDESSE FAZÊ**, sabe? Mas eu 'tô vendo que o lance é ensiná mesmo... {ININT} [ficá por isso mesmo] (F.S.L.B - *Corpus PCVC*)

Nesse dado de fala (46), F.S.L.B relata o fato, contando algo no passado, assim, MR e ME são cotemporais e anterior ao MF e pode ser identificado por meio dos verbos, “esperava”, “pensei”. Na sequência, temos verbo no presente “é” e situações que projetam para o futuro como sublinhadas no dado e fortemente marcadas por expressões como, por exemplo, “tô vendo” “o lance é ensiná mesmo”.

No grau 6 do *continuum* (*realis-pressuposição* 1), é inerente o valor de avaliação que o falante faz diante do fato expresso, mostrado no exemplo a seguir:

(47) INF: [...] uma parcela da... da população de Conquista eu vejo com um... umas pessoas assim bastante metidas por questões assim de terem um pouco a mais e tal e já se sentir no tro... no topo acabam de certa forma *ah...* como eu vou dizer elas meio que... sei lá... é como se despre... num é que desprezam ... é como se fingissem que não **EXISTIAM** e assim acabam quere... *eh...* querendo ser pessoas como as pessoas da capital e não são entendeu? (C.B.S - *Corpus PCVC*)

Nesse ponto do *continuum*, o informante avalia e opina dizendo que uma parcela da população de Conquista é constituída por pessoas esnobes por terem uma condição financeira melhor. E segue avaliando, julgando que essas pessoas é como se desprezassem as outras por se considerarem como pessoas que moram na capital.

No grau 7 do *continuum* (*realis-pressuposição* 2), ocorre uma situação habitual como mostra o exemplo a seguir:

(48) INF: Agora eh... talvez por isso eu não tenha sentido falta de... de irmãos, né, minha família é... bem a gente é muito apegado um ao outro. Tem muito o que falá não, acho que as famílias são assim, mas embora eu reconheça... embora eu reconheço que as famílias **TÊM** culturas diferentes, né, as famílias têm culturas diferentes, hábitos, costumes diferentes. (A.I.R.M - *Corpus PCVC*)

No dado (48), é inerente uma situação que se enquadra na atemporalidade. A interactante ao relatar a respeito da sua família afirma que reconhece que os núcleos familiares têm culturas, hábitos e costumes diferentes. Observemos que essa afirmação e evidência se espraiam no tempo abarcando passado, presente e futuro porque as famílias tiveram, têm e terão culturas, hábitos e costumes diferentes sempre.

Com essa distribuição do subjuntivo em uma dimensão escalar da modalidade, verificamos, a partir do resultado apresentado na Tabela 5 e na distribuição dos dados ao longo dos pontos do *continuum* (Figura 23), que, no domínio do submodo epistêmico (*irrealis* 3 e *irrealis-realis* 2 e *realis-pressuposição* 2), o subjuntivo tem uma frequência maior no extremo do lado direito (71%) e diminui nos pontos *irrealis-realis* 2 (33%) e *realis-pressuposição* 2 (25%). Hipotetizamos que, neste último ponto do *continuum*, na esfera do submodo epistêmico, o subjuntivo seja menos utilizado pelo fato do traço associado à incerteza ir se perdendo e abrindo espaço para situações com fator semântico de crença como evidenciado no dado (48).

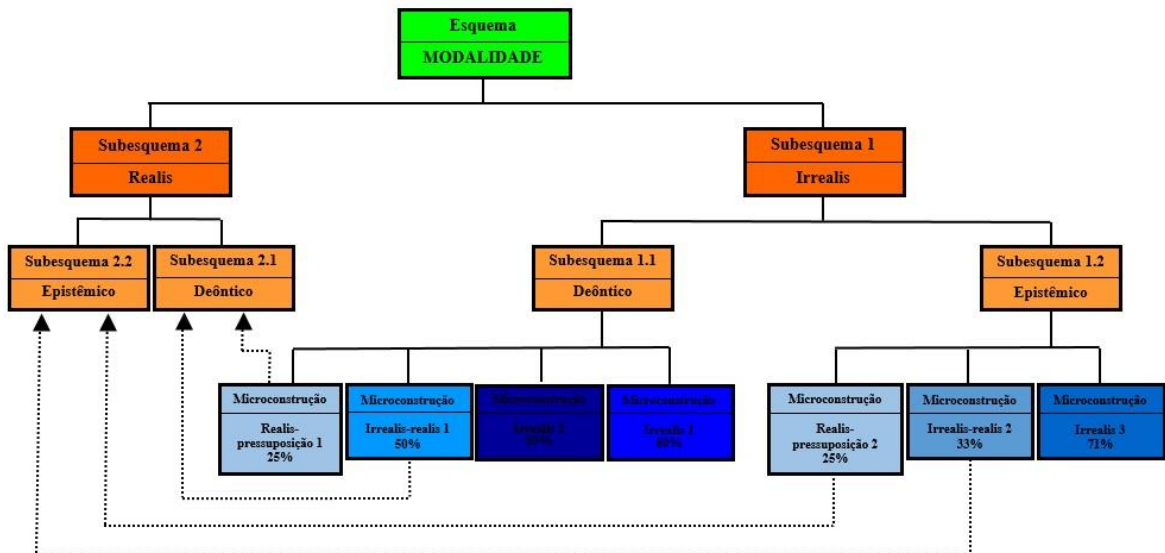
Em relação ao domínio do submodo deôntico, há uma produtividade grande com verbos volitivos localizados no primeiro ponto do *continuum* (*irrealis* 1) com o percentual de 80%, ocorre um aumento no ponto 2 (*irrealis* 2) com verbos que encerram o valor de manipulação com o percentual de 93%. Já no primeiro ponto da bifurcação, há o decréscimo da produtividade do subjuntivo - 50% (*irrealis-realis*1) e no ponto *realis-pressuposição* 1 - 25%.

Os nossos dados revelaram que a incerteza e o traço de projeção futura se apresentaram com maior frequência nos três primeiros eixos dos domínios epistêmico e deôntico, do lado direito da linha do *continuum* (Grau 1, Grau 2 e Grau 3). Consideramos que nossa hipótese foi atestada quando observamos que a maioria dos usos do modo subjuntivo estão localizados à direita do *continuum* da modalidade em que estavam presentes mais marcadamente a incerteza e o traço de projeção futura.

Averiguamos ainda, que nos 7 pontos do *continuum*, temos estabelecido 7 padrões construcionais que são condicionados por uma das propriedades selecionadas para análise deste trabalho que é o valor semântico dos tipos de verbos. No Grau 1, por exemplo, os verbos de volição projetam o valor semântico de desejo com a associação de projeção futura. No Grau 2, o padrão de uso é estabelecido pela marca de verbos de manipulação que altera o grau do valor

de incerteza relacionado ao subjuntivo na dimensão da escala pela influência da manipulação associada à projeção futura no processo de interação. No Grau 3, os verbos são epistêmicos e há a presença da futuridade ainda nesse grau da escala. O padrão de uso no Grau 4 está correlacionado a verbos de manipulação ligados a uma ação que se repete. No Grau 5, o padrão de uso está ligado ao valor dos verbos que expressam crença e probabilidade em relação a uma situação espalhada. No Grau 6, o padrão de uso está relacionado a verbos que expressam avaliação de fatos que aconteceram ou estão acontecendo e, no Grau 7, a relação é com verbos que expressam ações que são habituais. Trazemos, a seguir, a representação da rede taxonômica da modalidade apresentando os elementos dos valores dos submodos.

Figura 24 – Valores dos submodos deôntico e epistêmico



Fonte: Autoria própria

Na Figura 24, temos a representação em forma de rede taxonômica do que foi apresentado na Figura 23. Na leitura da rede (Figura 24) relacionada ao elemento “Valores dos submodos deôntico e epistêmico”, temos, no nível do esquema, a modalidade que sanciona dois subesquemas representados por *irrealis* (subesquema 1) e *realis* (subesquema 2). Temos, no nível do *irrealis*, o contexto em que as construções são consideradas como incertas, possível ou (in)desejadas, por isso temos a bifurcação no nível do subesquema 1 para abarcar as especificações dos submodos deôntico e epistêmico que estão no escopo da modalidade *irrealis*. Assim delineado, ainda no nível do subesquema, temos as subcategorizações do Subesquema 1 com as seguintes representações: deôntico (subesquema 1.1) e epistêmico (subesquema 1.2). Concernente ao nível do *realis* (subesquema 2), temos a bifurcação para abarcar as especificidades dos submodos deôntico e epistêmico que, na asserção *realis*, as construções

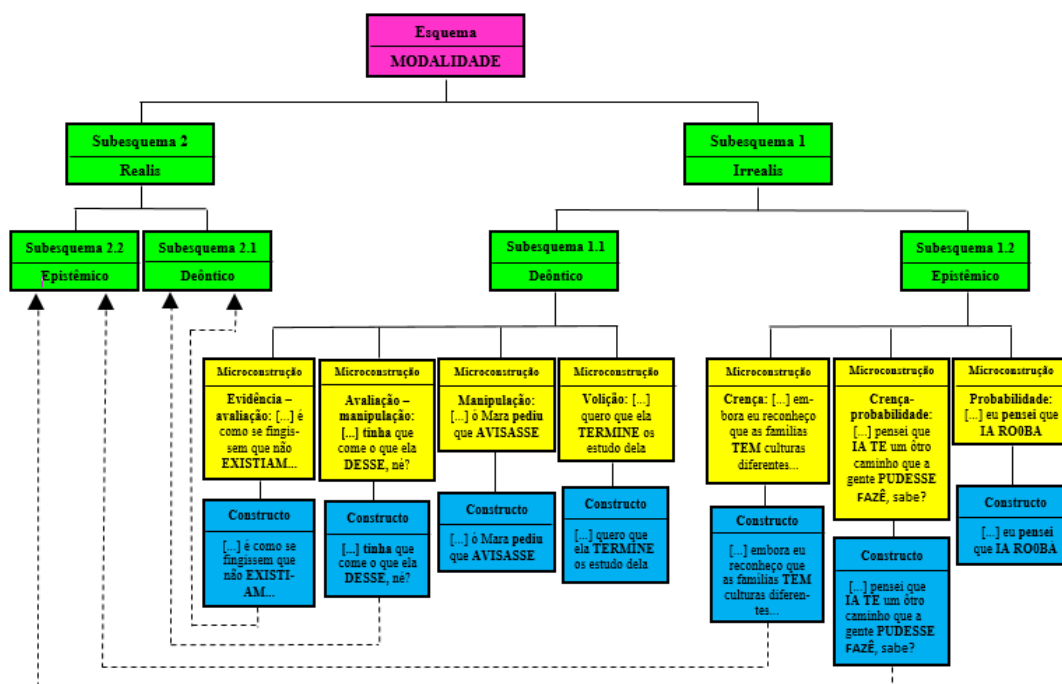
recebem a roupagem de serem fortemente asseridas como verdadeiras, retomando aqui a visão givoniana.

Observando o Subesquema 1 e suas subcategorizações, no escopo do *irrealis*, temos sancionadas as microconstruções que demonstram a gradiência do subjuntivo em 7 graus com os percentuais em cada ponto do *continnum*. Essa gradação pode ser observada também pela tonalidade da cor. Quanto mais forte o tom de azul, maior a produtividade da construção no modo subjuntivo e, à medida que o tom se torna mais claro, menor a produtividade do uso do subjuntivo. Os percentuais apresentados na Figura 24 delineiam a gradiência do subjuntivo, os diferentes graus de esquematicidade e mostra a produtividade no nível das microconstruções. A composicionalidade mostra a fixação dos graus na dimensão da modalidade *irrealis*. Assim, o lado direito da linha do *continnum* é [+composicional] e à medida que o grau de incerteza é atenuado e localizado à esquerda da linha da modalidade, torna-se [-composicional].

A relação da rede taxonômica do elemento “Valores dos submodos deôntico e epistêmico” com a rede do modo verbal pode ser delineada da seguinte forma: a modalidade que está no nível do esquema está relacionada ao esquema do modo verbal. No nível do subesquema, o subesquema 2 (*realis*) e o subesquema 1 (*irrealis*) correspondem, respectivamente, ao subesquema (indicativo) e ao subesquema (subjuntivo) da rede do modo verbal. Os subesquemas 1 de ambas as redes estão relacionados e as subcategorizações também (Subesquemas 1.1 - deôntico, Subesquemas 1.2 - epistêmico). As microconstruções estão relacionadas aos valores semânticos especificados no nível da microconstrução do modo verbal.

A seguir, apresentamos a rede taxonômica dos “Valores dos submodos deôntico e epistêmico” no nível das microconstruções e mostramos os constructos relacionados a cada uma delas.

Figura 25 – Valores dos submodos deôntico e epistêmico no nível da microconstrução



Fonte: Elaboração própria

Ao observar a rede taxonômica da propriedade “Valores dos submodos deôntico e epistêmico” (Figura 24) reconfigurada na Figura 25, evidenciamos que os usos da construção do verbo no subjuntivo apresentam-se com uma gradiência semântica vasta, a saber: volição, manipulação, probabilidade, crença-probabilidade, avaliação-manipulação, evidência-avaliação. Os valores podem ter outras mesclas como, por exemplo, “manipulação-obrigação”. O que vai direcionar a construção para qual ponto do *continuum* deve ser alocado é a especificação que cada Grau de (in)certeza assume na esfera da modalidade desenhado na seção 4 desta tese.

Na propriedade “pessoa verbal”, os resultados obtidos estão especificados na Tabela 6:

Tabela 6 – Pessoa verbal

VALORES PESSOA VERBAL	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	In/Total	%
1ª pessoa	178/253	68	81/253	32
2ª pessoa	11/12	92	1/12	8
3ª pessoa +/- animada ⁷⁴	125/143	87	18/143	13

Fonte: Autoria própria.

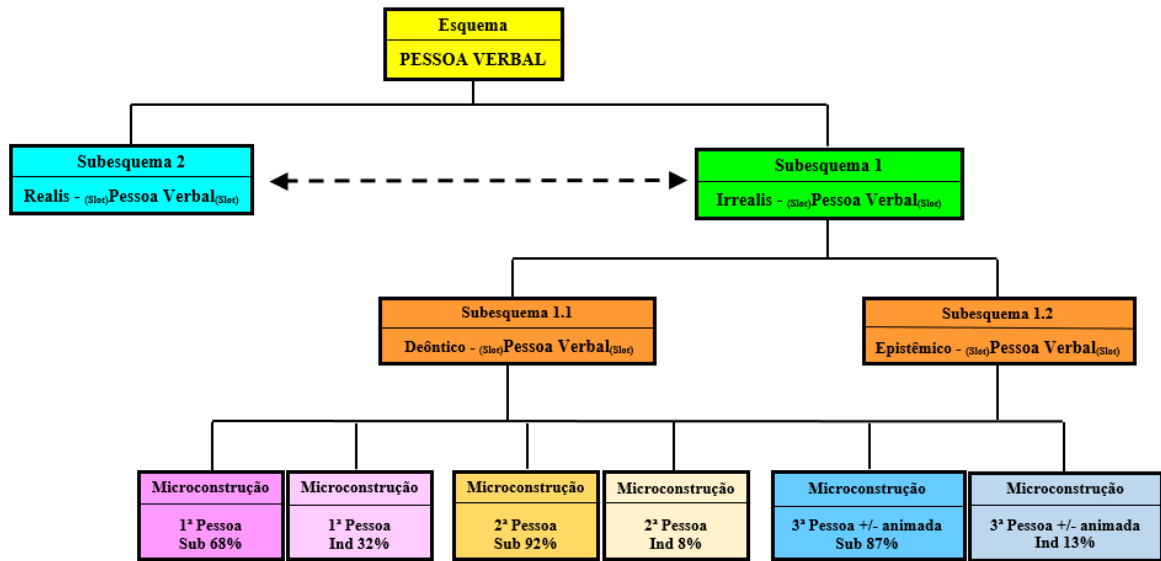
Os nossos dados evidenciaram uma frequência *token* de 408 (quatrocentos e oito) o que não corresponde ao total de ocorrências da amostra em virtude de não considerarmos os dados com sujeito oracional como no exemplo a seguir:

(49) INF: [...] melhorar a educação, melhorar a saúde, claro que com a... a verba também destinada a isso, depende já em outro ponto de toda a... aquela questão que a gente relatou sobre a... administração do dinheiro público se ela tá sendo desviada né... há fundos pra isso só que é preciso que seja realmente investida e que... todas tenham e que não seja desviado e que... todas tenham então... poderia sim realmente ter um gato efetivo menor com os estádios com a copa em si eu *crêo* que poderia haver isso até porque a gente sempre percebe que há um... um.. uma aplicação de *dinhêro* mal feita é...(C.S.M.N- *Corpus* PCVC)

O resultado da frequência *type* de 68% para a 1ª pessoa verbal atesta a nossa hipótese de que essa propriedade restringe a seleção do subjuntivo, tendo em vista que requer um comprometimento maior do falante frente ao que enuncia. Tínhamos conjecturado que a maior frequência seria na 3ª pessoa pelo fato do interactante se distanciar do comprometimento de verdade diante do que é proferido. O resultado foi de 92% de aplicação da regra para a 2ª pessoa verbal e de 87% para a 3ª pessoa +/- animada. Em uma visualização de rede taxonômica da propriedade pessoa verbal, temos a seguinte representação:

⁷⁴ Inicialmente, dividimos a 3ª pessoa verbal em +/- animada por causa das 39 ocorrências encontradas na categoria 3ª pessoa (- animada). Os resultados das duas categorias foram as seguintes: 84% de aplicação da regra para a categoria 3ª pessoa + animada e 90% de aplicação da regra para a categoria 3ª pessoa - animada. Em virtude dos percentuais entre as duas categoriais serem aproximadas, adjungimos as duas propriedades, conforme demonstrado na Tabela 6.

Figura 26 – Rede taxonômica da Pessoa verbal

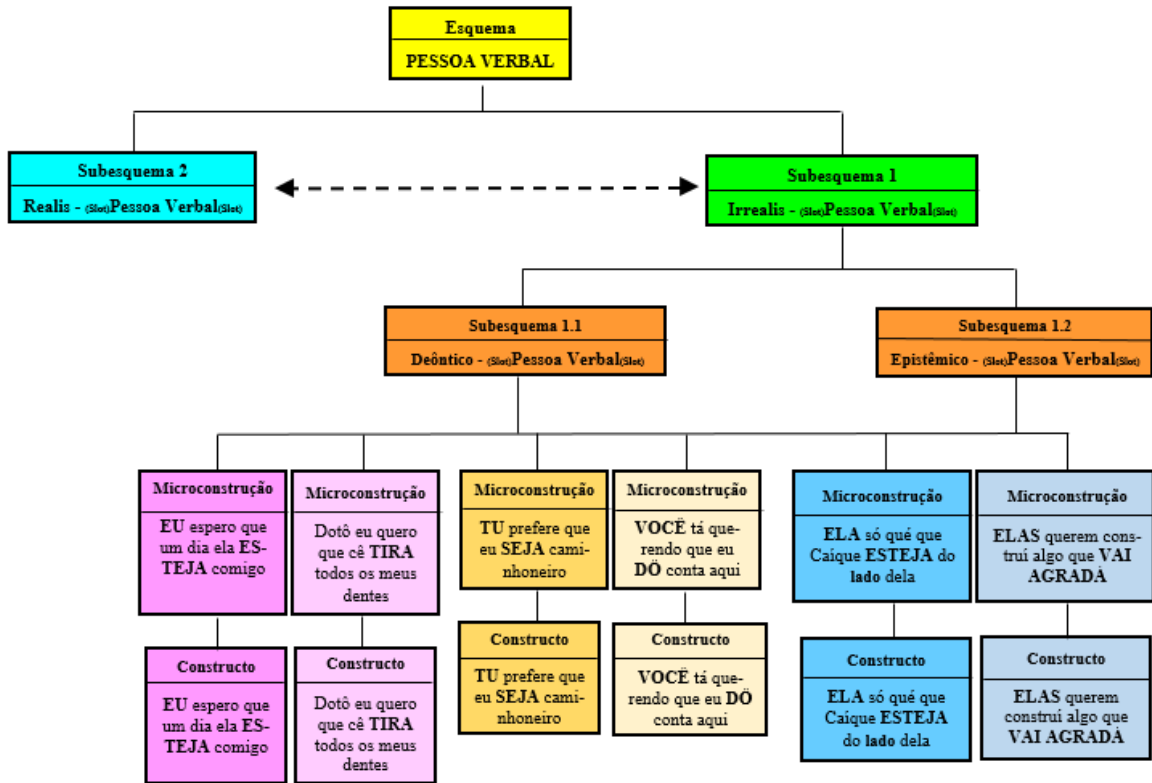


Fonte: Elaboração própria

Em linhas subsequentes, relacionamos o elemento “tipos de oração” com a rede taxonômica do modo verbal. Pontuamos mais uma vez que as propriedades selecionadas para analisar a gradiência e competição do subjuntivo com o indicativo estão entrelaçadas e aqui poderíamos também associar a pessoa verbal à rede taxonômica da oração ou da modalidade porque estamos observando o verbo dentro de sentenças específicas e estamos considerando várias propriedades na análise como tempo verbal da oração, pessoa verbal, modalidade da oração entre outros.

Por isso, consideramos mais viável relacionar a rede taxonômica da pessoa verbal à rede do modo verbal. Na Figura 26, no nível do esquema, temos a pessoa verbal que tem uma relação com o esquema do modo verbal. No nível do Subesquema 1 - *slot* Pessoa Verbal *slot* - o primeiro *slot* é preenchido pelas pessoas verbais (1ª, 2ª e 3ª) e o segundo *slot* é preenchido por verbos no modo subjuntivo e indicativo (formas em competição). Esse subesquema 1 está associado ao Subesquema 1 da rede do modo verbal. Já o Subesquema 2 - *slot* Pessoa Verbal *slot* - o primeiro *slot* é preenchido pelas pessoas verbais e o *slot* depois da pessoa verbal é preenchido por verbos na forma indicativa. No nível da microconstrução, temos o resultado dos percentuais das pessoas verbais atreladas à competição entre as formas verbais subjuntivas e indicativas e aqui podemos associar ao nível da microconstrução da rede taxonômica do modo verbal. Observemos a Rede taxonômica da “pessoa verbal” especificando as microconstruções e os constructos.

Figura 27 – Rede taxonômica da propriedade Pessoa verbal



Fonte: Elaboração própria

Na Figura 27, no nível das microconstruções e no nível dos constructos, cada cor simboliza um *type* e o tom mais forte de cada cor sinaliza o maior percentual de aplicação da regra como bem especificado na Figura 26. Posto isso, a seguir, abrimos para tratar da propriedade “Estrutura da assertividade da oração”, com os resultados apresentado na Tabela a seguir:

Tabela 7 – Estrutura da assertividade da oração

ESTRUTURA DA ASSERTIVIDADE DA ORAÇÃO	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	Ind/Total	%
[que+P(clít)+LEMBRE _{probabilidade}]	7/16	43,7	9/16	56,3
[(NEG)+que+P(clít)+LEMBRE _{probabilidade} +(NEG)]	6/12	50	6/12	50
AF + AF	316/400	79	84/400	21
NEG + AF	46/60	77	14/60	23
AF + NEG	35/49	71	14/49	29
NEG + NEG	18/29	62	11/29	38
NEG	7/9	78	2/9	22
AF	24/32	75	8/32	25

Fonte: Autoria própria.

Na Tabela 7, o primeiro bloco, representado por [que+P(clít)+LEMBRE_{probabilidade} e [(NEG)+que+P(clít)+LEMBRE_{probabilidade}+(NEG)], equivale ao resultado percentual do contexto sintático das orações parentéticas. O resultado aponta que o fator de negação exerceu influência na aquisição de formas do subjuntivo com a frequência *type* de 50% em relação aos resultados das orações afirmativas (43,7 %).

O segundo bloco da Tabela, representado por AF +AF, NEG + AF, AF + NEG e NEG + NEG, equivale ao contexto das orações subordinadas. O resultado indica uma maior frequência *type* nas orações afirmativas (AF +AF) com uma produtividade de 79%, que refuta, então, a nossa hipótese de que o maior índice percentual de aplicação da regra recairia sobre as asserções com escopo da negação. Amorim (2015), ao estudar as orações completivas no Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*), já havia identificado isso em sua pesquisa. Agora, utilizando não só o *Corpus* do Português Popular mais também o *Corpus* do Português Culto, conjecturamos que esse resultado poderia ir em direção ao que está posto na literatura linguística.

A conclusão que Amorim (2015) chegou em relação ao resultado na sua pesquisa é de que o tipo de verbo na oração matriz exercia influência na aquisição do subjuntivo na estrutura de complementação. No total de 49 (quarenta e nove) dados inseridos no fator “afirmação na matriz e na completiva”, 28 (vinte e oito) foram realizados pelos falantes com o tipo de verbo volitivo na oração matriz com o resultado de 57% de aplicação da regra. Com isso, a pesquisadora chega à conclusão de que há uma relação entre as asserções afirmativas e o tipo de verbo da oração matriz exercendo influência direta na seleção do verbo no modo subjuntivo nas orações encaixadas.

No terceiro bloco da Tabela, temos as asserções afirmativas e negativas no contexto sintático das orações iniciadas por “talvez” com a maior produtividade do subjuntivo nas asserções negadas (78%). Observamos que o percentual de 75% referente às sentenças afirmativas se aproxima desse resultado.

Outra propriedade que podemos observar ainda é o traço semântico do tipo de verbo na oração do dado⁷⁵ distribuídos nas seguintes categorias: volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros. Inicialmente, tínhamos pensado na possibilidade dessa distribuição dos verbos ser por ponto do *continuum* da

⁷⁵ Nas orações subordinadas observamos o tipo de verbo da oração matriz por já estar constituído na Literatura Linguística que há uma relação entre o tipo de verbo da oração matriz e a seleção do subjuntivo na oração subordinada. Já para os outros contextos controlados, observamos a disposição do verbo na oração do dado.

modalidade, mas, devido a semântica de um mesmo verbo variar em função do contexto e por se encaixar em mais de uma das categorias listadas, optamos em observar esse resultado em relação à competição entre as formas indicativas e subjuntivas. Dessa forma, os resultados apresentados não correspondem à simetria do total de dados por cada grau do *continuum* da modalidade.

Observemos a mudança de categoria do traço semântico de alguns verbos conforme o contexto:

(50) E lá fora como pessoa normal, né, entendeu? Assim, mas não tem nenhum inimigo não. Sou bem eh... assim, às vezes, bem organizado e gosto que as coisas **FIQUEM** assim organizadas, entendeu? Aí tem essa questão de sê organizado eh... (J.L.S - *Corpus PCVC*)

(51) ...eu xingo eu sou muito reclamona se eu tivé certa eu vô até o fim eu grito agora *quetei* mais de gritá mas eu sempr' gritei assim quand' eu tô no meu... no meu direit', né, num gost' que ninguém **GRITA** mais do que eu, né, eu grito mas eu *tano* certa, né, então eu.... eu dô respeit' e quero respeit' [servidêra] num vô me engrandecê mas eu sirvo todo mundo mas também eu quero que me respeite, né, então é isso (J.V.B - *Corpus PCVC*)

(52) DOC: O que te incomoda são as letras? O ritmo?
INF: As letras, o ritmo, são... palavreados que... na minha casa não... os meus pais não gostam que eu **USE**, então. (M.M.M - *Corpus PCVC*)

Nas sentenças (50) e (51), o verbo “gostar” na oração matriz entra na categoria do verbo factivo/factivo emotivo. Nos dois dados de fala, evidencia-se uma vontade e um desejo de que o que se expressa seja realizado. Os excertos de fala entram na categoria do primeiro ponto do *continuum*, *irrealis* 1, mas, no critério de distribuição do tipo de verbo na oração do dado, o verbo “gostar” entra na categoria do verbo factivo/factivo emotivo. Isso quer dizer que as construções no Grau 1 da escala se distribuí na categoria dos verbos volitivos, factivo/factivo emotivo ou até em mais categorias⁷⁶.

Diferentemente ocorre na sentença (52) porque o verbo factivo/factivo emotivo “gostar”, nesse contexto, está no Ponto 2 da escala, *irrealis* 2. O fato dos pais exercerem uma autoridade sobre os filhos aumenta a possibilidade de que essa filha venha a obedecer e não ouvir determinados tipos de músicas. Com isso, o verbo “gostar” recebe uma nova roupagem

⁷⁶ Como pontuamos, na propriedade “tipo de verbo na oração do dado” não distribuimos as construções por cada ponto do *continuum* da modalidade, dessa maneira, não temos a noção em quantas categorias (volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros) cada grau do *continuum* revisita.

nesse contexto sintático com teor de manipulação/ obrigação. Temos aí delineado o verbo “gostar” listado no quadro dos verbos factivos/factivos emotivos que a depender do contexto pode mudar de grau na escala da modalidade e, por isso, optamos em observar apenas a competição pelo uso e a produtividade dos verbos nas categorias volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros.

Dada essa explicação, observemos, na Tabela 8, os resultados da frequência *type* para o “tipo de verbo da oração do dado”:

Tabela 8 – Tipo de verbo na oração do dado

TIPO DE VERBO	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Bicondicional	9/9	100	-	-
Perceptivo	8/8	100	-	-
Causativo	114/123	93	9/123	7
Volitivo	88/112	79	24/112	21
Existencial	58/74	74	16/74	26
Outros	104/148	70	44/148	30
<i>Dicendi</i>	9/14	64	5/14	36
Cognitivo	40/67	60	27/97	40
Factivo	29/52	56	23/52	44

Fonte: A autoria própria.

A Tabela 8 revela o uso categórico do modo subjuntivo sob as seguintes categorias de verbos:

1. Verbos bicondicionais:

(53) [...] acontece hoje e amanhã eu já esqueci já não me importa mais e eu não gosto de *baseá* no que aconteceu antes se não deu certo, não porque agora não pode ou pode dá independente de antes ter dado ou não, então eu acho, eu sou muito tipo assim, tal pessoa é tal pessoa, outra pessoa é outra pessoa, então pra mim são coisas diferentes, são situações diferentes, vão acontece coisas diferentes... pode sê que **ACONTEÇA** coisa igual só que eu não gosto de *vivê* no meio de probabilidade... se pode *acontecê*... pode pode pode, eu vou vive [áudio interrompido a todo momento] (P.U.G.B - *Corpus* PCVC)

2. Verbos perceptivos:

(54) DOC: é... você falou... que não gosta ou gosta de micareta?
 INF: ah, gostava... hoje em dia num... num... num veja assim como uma festa que **TRAGA** benefícios... muitos benefícios não
 DOC: porque?
 INF: suja a cidade e... dá trabalho pro... pras organizações, mas que tenha muito gente que gosta, mas talvez Conquista seja a cidade ideal pra essas... esses tipos de festa (F.L.M - *Corpus* PCVC)

Para o uso categórico dos verbos bicondicionais, tivemos um total de 9 (nove) dados e para os verbos perceptivos um total de 8 (oito) dados. Passando pelas categorias que evidenciam a competição entre as formas subjuntivas e indicativas, verificamos que a produtividade maior da aplicação da regra foi no escopo dos verbos causativos com frequência *type* de 93%.

De acordo com Neves (2011), os verbos causativos estão inseridos no escopo dos verbos implicativos⁷⁷ e são considerados menos perfeitos ou chamados de “implicativos simples” pelo fato de expressarem uma condição suficiente e não uma condição necessária somada a uma condição suficiente como o caso do implicativo. Os verbos encontrados na nossa amostra, como “deixar”, “permitir”, “deixar”, “mandar”, “impor” entre outros, nos direcionam para o ponto 2 do *continuum* da escala da modalidade também com a frequência *type* de 93%.⁷⁸

Os verbos volitivos se apresentam com o percentual de 79% de aplicação da regra o que relacionamos à produtividade maior da aquisição do subjuntivo no ponto 1 do *continuum* da escala da modalidade. Não é possível a correspondência do percentual da categoria dos verbos volitivos com o percentual das formas do subjuntivo no ponto 1 porque alguns verbos com a marca de desejo entram em outras categorias, como explicitado em exemplos anteriores.

Os demais traços semânticos dos verbos apresentaram-se nas seguintes categorias:

3. Verbos Existenciais:

(55) INF: assim que a gente visitou esse palácio por que é realmente um trabalho que eles fazem muito... eles levam muito a serio mesmo uma coisa muita organizada e... toda visita durante todo o palácio é... com acompanhante com o guia certo? E há toda uma organização pra que você **POSSA** aproveitar todos os espaços e cada espaço há uma temática diferente né, e foi bem legal isso e... visitamos de pontos... históricos a pontos econômicos , turísticos bem maneiro. (L.O.F - *Corpus PCVC*)

4. Outros

(56) INF: Eu poderia citar assim, *brincadêra* que a gente fazia como é... na cidade de Mortugaba no interior da Bahia, né... perto de... perto de Condeúba, eu tinha muita.. como eu [ININT] anteriormente, eu saia... muito... ia para... para... pra roça, interior, né? Pegar fruta... subia em... muitos árvores... frutíferas, *manguêras*, *juazêros*... tomava banho de rio, nadava bastante, e sem assim muito limitação, qualquer [ININT] então isso... seria muito bom que meu *fi* **TIVESSE** oportunidade, mas infelizmente até por... não ser... mesmo em Mortugaba hoje em dia num existe mais os mananciais que tinha, os rios, né... que a natureza hoje, o homem está acabando muito com isso então naquele tempo tinha... muito... os rios não era poluídos, né, e a gente tinha oportunidade de fazer essas *brincadêras*. (J.B.D.F - *Corpus PCVC*)

⁷⁷ Na categoria dos verbos implicativos “está envolvida a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado de coisas descrito na oração completiva ocorre ou não.” (Neves, 2011, p. 35). Vejamos um exemplo: “Minha situação é tão aflitiva, que **CHEGO** até **A** fazer perguntas tolas. (FIG)” (Neves, 2011, p. 35, grifos da autora)

⁷⁸ Não é possível realizar todas as associações entre as categorias dos verbos e os 7 pontos do *continuum* da modalidade por questões que já foram justificadas em linhas antecedentes.

5. Verbo *dicendi*:

(57) INF: [...] eu num vô dizê que eu **TO** rezand' to rezand' sim pra que ela mude, né, a maneira de pensá e... o jeito que... que fez comigo e com ôtra pessoa. (J.V.B - *Corpus PCVC*)

6. Verbo Cognitivo:

(58) DOC: *Hum-hum!*

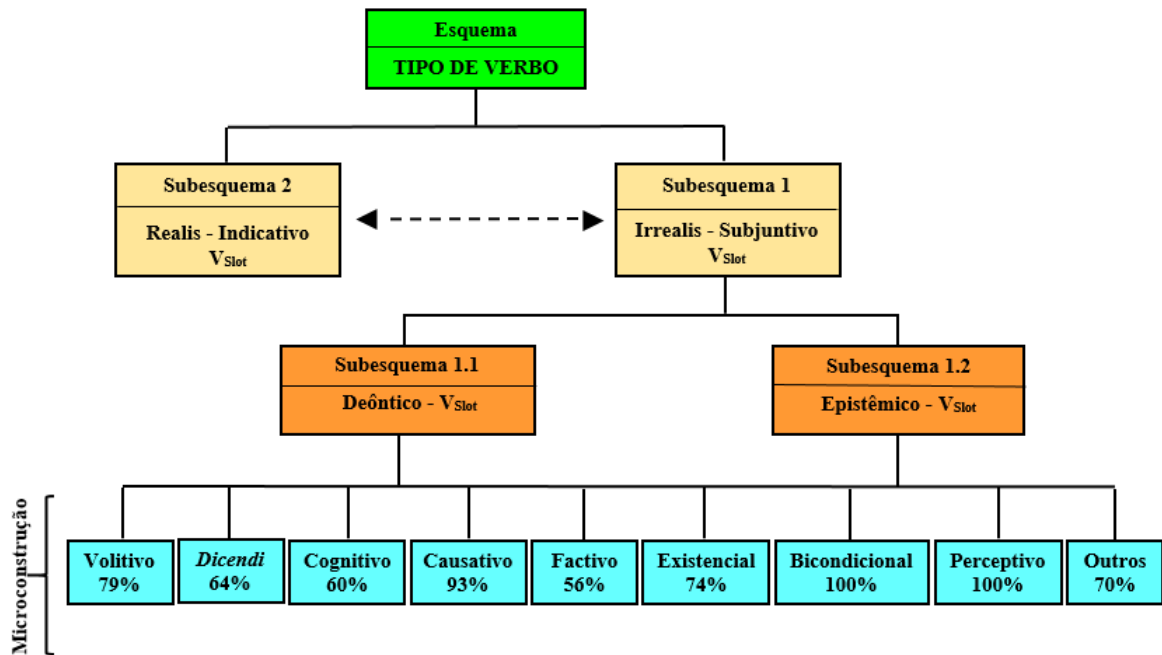
INF: De bom só [vei'] mesmo só foi minha filha que nasceu mas mesmo assim foi muito... foi horrível assim... horrível, nunca pensei que **IA PASSÁ** por aquilo assim pra mim só acontecia com os ôto mas comigo... comigo nunca acontecia (G.N.B - *Corpus PPVC*)

7. Verbo Factivo:

(59) INF: E lá fora como pessoa normal, né, entendeu? Assim, mas não tem nenhum inimigo não. Sou bem eh... assim, às vezes, bem organizado e gosto que as coisas **FIQUEM** assim organizadas, entendeu? Aí tem essa questão de sê organizado eh... (J.L.S - *Corpus PCVC*)

Os verbos existenciais apresentaram-se com o percentual de 74%. Os verbos do tipo “Outros” com 70%. Os verbos *dicendi* tiveram uma produtividade de 64%. Na categoria dos verbos cognitivos, a sua representatividade foi de 60%. Os verbos factivos, segundo Neves (2011), têm a função de implicar, por parte do interactante, a pressuposição de que o enunciado na oração subordinada é verdadeiro. Nos nossos dados, essa categoria teve a representação de 56%. Constataremos em linhas adiante que nem sempre o enunciado expressa essa factividade porque o falante vai utilizar de estratégias comunicativas para relativizar a sua proposição a fim de não ser tomada de forma categórica.

O critério “Tipo de verbo na oração do dado” verificado na Tabela 8 tem a seguinte representação de rede taxonômica:

Figura 28 – Rede taxonômica da propriedade tipo de verbo da oração do dado

Fonte: Autoria própria.

Na Figura 28, o esquema é representado pelo tipo de verbo que aparece nas sentenças. Esse nível da rede sanciona dois subesquemas. No Subesquema representado por Subjuntivo - V_{Slot} , temos o *slot* que pode ser preenchido pelas categorias dos verbos no modo subjuntivo e a sua forma em competição. O subesquema sanciona os padrões construcionais representados pelas microconstruções com as seguintes categorias de verbos: volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros.

Na propriedade “tempo verbal da oração”, observamos o comportamento do subjuntivo relacionado à projeção temporal. Inicialmente, averiguamos os tempos presente e imperfeito considerando todos os pontos do *continuum* da modalidade em conjunto e, em um segundo momento, consideramos os tempos verbais por ponto do *continuum* na modalidade. Seguindo essa ordem, sondamos os resultados percentuais representados na Tabela 9, a seguir:

Tabela 9 – Tempo verbal da oração

TEMPO VERBAL	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Pretérito Imperfeito	142/177	80	35/177	20
Presente	317/430	74	113/430	26

Fonte: Autoria própria .

Observando a competição pelo uso entre as formas subjuntivas e indicativas, a Tabela 9 demonstra que o *type* pretérito imperfeito apresentou-se como um padrão construcional com maior percentual de aplicação da regra (80%). Já o presente, apresentou-se com um percentual de 74%. Para observarmos o valor de incerteza e/ou a projeção futura e a projeção espalhada, a seguir, apresentamos os resultados do tempo verbal observando a competição e gradiência do subjuntivo por ponto do *continuum* na dimensão da modalidade:

Tabela 10 – Tempo verbal por pontos do *continuum* da modalidade

VALORES DO SUBMODOS	Corpora PPVC e PCVC							
	Presente		Presente		Imperfeito		Imperfeito	
	Sub/Total	%	Ind/Total	%	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Irrealis 1	96/126	76	30/126	24	38/41	93	3/41	7
Irrealis 2	81/91	89	10/91	11	56/57	98	1/57	2
Irrealis 3	132/182	73	50/182	27	42/64	66	22/64	34
Irrealis/realis1	3/5	60	2/5	40	---	---	2/2	100
Irrealis-realis 2	2/3	67	1/3	33	2/9	22	7/9	78
Realis-pressuposição 1	1/10	10	9/10	90	2/2	100	---	---
Realis-pressuposição 2	2/13	15	11/13	85	2/3	67	1/3	33

Fonte: Autoria própria.

Dado o comportamento do subjuntivo ter tido a frequência maior no tempo verbal pretérito imperfeito, representado na Tabela 9 sem considerar as particularidades de cada Grau, na tabela 10, resolvemos manter o olhar, nesse primeiro momento, para esse tempo verbal, verificando em quais pontos do *continuum* ele se apresenta com maior índice de frequência referente à aplicação da regra em comparação ao tempo verbal presente.

O padrão construcional com maior percentual de aplicação da regra está localizado no Grau 2 (*irrealis 2*) com construções no tempo verbal imperfeito (98%) em relação ao tempo presente (89%). Em seguida, no padrão construcional localizado no Grau 1 (*irrealis 1*), tivemos um percentual maior de aplicação da regra para o tempo verbal imperfeito (93%) comparado ao tempo presente com 75%. Nos pontos *Realis-pressuposição 1*, obtivemos o uso categórico do tempo pretérito imperfeito e, no ponto *realis-pressuposição 2*, o resultado de 67%.

Nos graus restantes da escala da modalidade, o maior índice frequencial da aplicação da regra recaiu nos pontos *irrealis 3*, *Irrealis/realis 1* e *Irrealis/realis 2* com os valores respectivos de 73%, 60% e 67% no tempo verbal presente.

Ao lançarmos o olhar apenas no tempo presente sem comparar com o tempo imperfeito, observamos que a aplicação da regra é mais acentuada nos três primeiros pontos do *continuum* e diminui à medida que entra na zona de bifurcação na linha da modalidade que é onde entra na

zona da projeção espaiada. Prescrutemos os percentuais em gradação: Presente: 89%, 76% e 73%, nos três primeiros pontos e, na zona da bifurcação, temos 60%, 67%, 10% e 15%. Tivemos para os últimos graus (*realis-pessuposição 1* e *realis-pessuposição 2*) 90% e 85% de formas do indicativo indo em direção ao que prevíamos quando conjecturamos que à medida que a marca de incerteza e projeção futura se perdia, maior seria o índice de forma indicativa.

Em relação ao tempo imperfeito sem comparar com o tempo presente, observamos uma produtividade maior de formas com o subjuntivo em 5 pontos da linha do *continuum* (98%, 93%, 66%, sem ocorrência para o *type irrealis-realis 1* e 22%), mas os índices não baixaram nos pontos que tinham inerente a projeção espaiada apresentando-se com o uso categórico do subjuntivo no ponto *realis-pessuposição 1* e 67% para o ponto *realis-pessuposição 2*. No entanto, ao localizarmos os tempos verbais presente e imperfeito nas situações espaiadas, levamos em conta os elementos no entorno da sentenças como advérbios, outros tempos verbais que remeteram à situações passadas ou futuras ou ainda situações que configuravam ações repetitivas.

Com isso, chegamos à conclusão de que, mesmo em situação em que houve o uso categórico do subjuntivo, como, por exemplo, na categoria do imperfeito no *type realis-pessuposição 1*, ao compararmos a Tabela 10 com a Tabela 5, observamos que o subjuntivo tem uma produtividade baixa nas situações de projeções espaiadas, o que significa um percentual alto da forma indicativa corroborando com a nossa hipótese. Simplificando o que colocamos aqui, vamos selecionar os dados em duas propriedades: (i) pontos do *continuum* que têm as marcas de incerteza + projeção futura e (ii) pontos do *continuum* que têm a marca de projeção espaiada. A seguir, temos a representação desses resultados na Tabela 11:

Tabela 11 – Situação espaiada x projeção futura e/ou incerteza

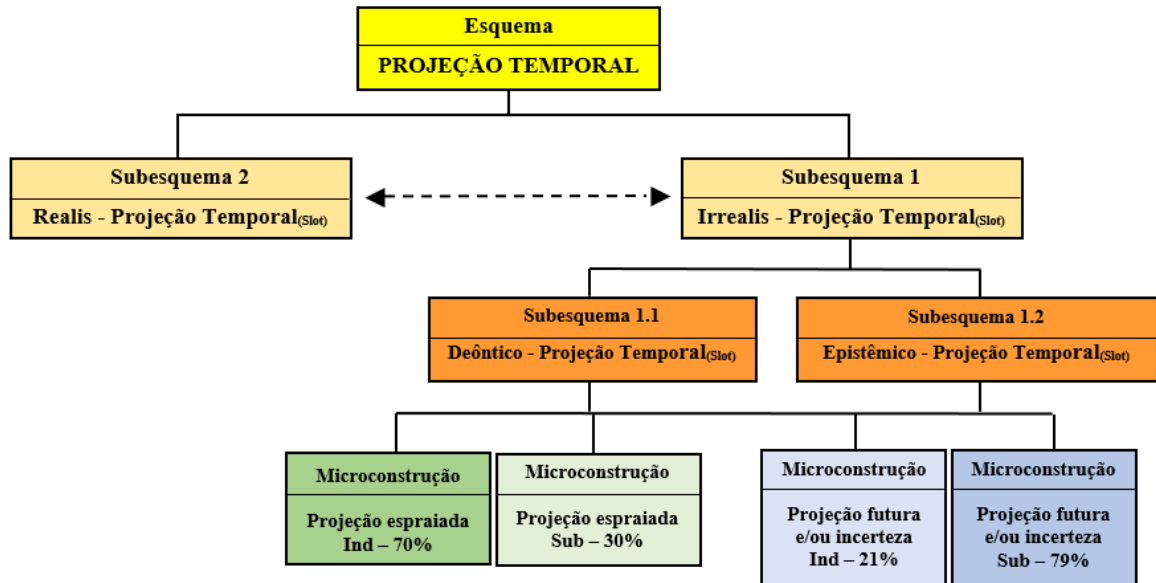
TEMPO VERBAL	<i>Corpora PPVC e PCVC</i>			
	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Projeção futura e/ou incerteza	445/561	79	116/561	21
Projeção espaiada	14/46	30	32/46	70

Fonte: Autoria própria.

Os resultados apontados na Tabela 11 demonstram que a projeção futura e/ou a incerteza instaurados nos domínios dos pontos 1, 2 e 3 da escala da modalidade (graus 1, 2 e 3 - *irrealis 1*, *irrealis 2* e *irrealis 3*) são condicionadores para o uso da forma subjuntiva com o percentual de 79%. O contrário acontece quando os pontos dos domínios têm como inerente à projeção

espraiada (*irrealis-realis 1*, *irrealis-realis 2*, *realis-pressuposição 1*, *realis-pressuposição 2*) com o percentual de apenas 30% de aquisição da regra. Trazendo essa representação simplificada da Tabela 11 em relação a situação temporal do dado em um formato de rede taxonômica, temos a seguinte Figura 29:

Figura 29 – Hierarquia construcional da projeção temporal



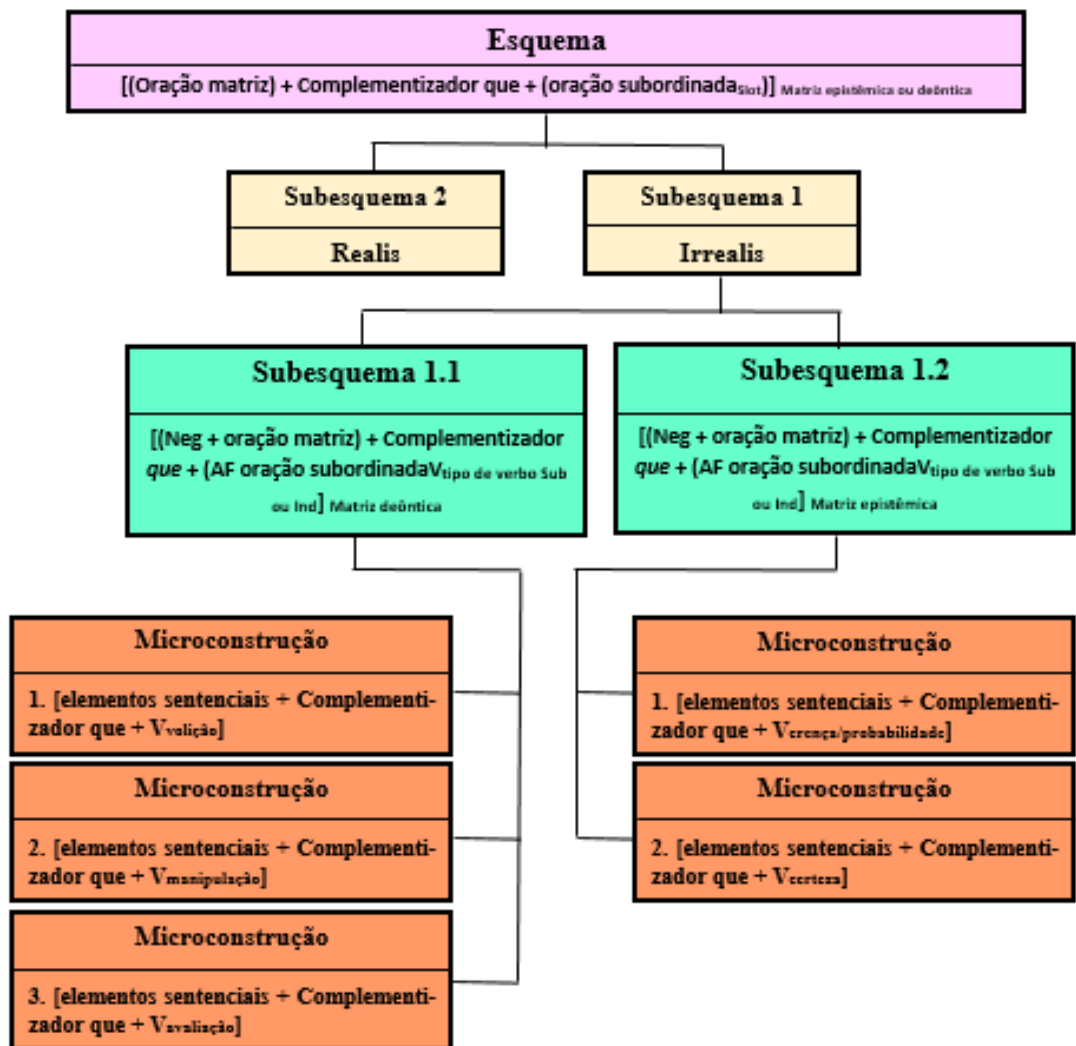
Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 29, no nível do esquema, temos a projeção temporal que está associada ao esquema do modo verbal. O Subesquema 2 está relacionado ao escopo do *realis* (indicativo) e, no nível do Subesquema 1, o *slot* é preenchido pelos tempos verbais (presente e imperfeito) no escopo do *irrealis* (subjuntivo). Em uma sintetização da rede, concatenamos os tempos verbais relacionados à incerteza e à projeção futura como uma propriedade e as situações espraiadas como uma segunda propriedade. Dessa forma, o subesquema 1 sancionou 4 microconstruções, mostrando a competição e gradiência do subjuntivo em relação à projeção temporal nos dados. A gradação das cores no nível das microconstruções sinalizam que a projeção futura e/ou incerteza condicionam o uso do subjuntivo com o percentual de 79% e os casos de projeção espraiada condicionam o uso da forma indicativa com o percentual de 70%. A seguir, apresentamos os resultados da pesquisa em relação ao contexto sintático de oração subordinada.

5.2 Resultado da gradiência do subjuntivo em contexto de oração subordinada

Nesta subseção, temos como objetivo apresentarmos os resultados de algumas propriedades em contexto de oração subordinada. Com esse propósito, a seguir, delineamos os níveis de esquematicidade para esse contexto sintático.

Figura 30 – Rede construcional do modo verbal subjuntivo em contexto de oração subordinada



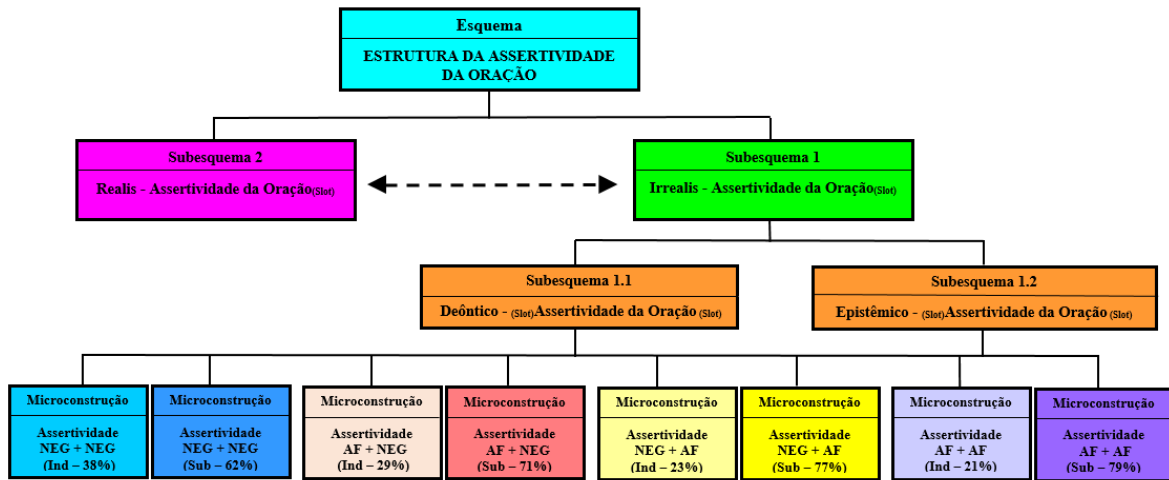
Fonte: Autoria própria.

Nessa proposta de hierarquização, temos o esquema $[(\text{Oração matriz}) + \text{Complementizador que} + (\text{oração subordinada}_{\text{slot}})]$ Matriz epistêmica ou deôntica que sanciona o subesquema construções com verbos no subjuntivo e no indicativo com valor representacional semelhantes. Este último instancia, por sua vez, microconstruções encabeçadas por verbos na forma indicativa e subjuntiva com valores semânticos de volição, manipulação,

crença/probabilidade, avaliação e certeza. Em relação aos constructos que configuram as realizações dos falantes, foram mostradas ao longo da tese através dos dados de fala, em excertos enumerados.

Resgatamos da Tabela 7 os resultados para a propriedade “Estrutura da assertividade da oração” em relação à produtividade do subjuntivo no contexto sintático de oração subordinada. Visualizemos essa representação na rede taxonômica a seguir:

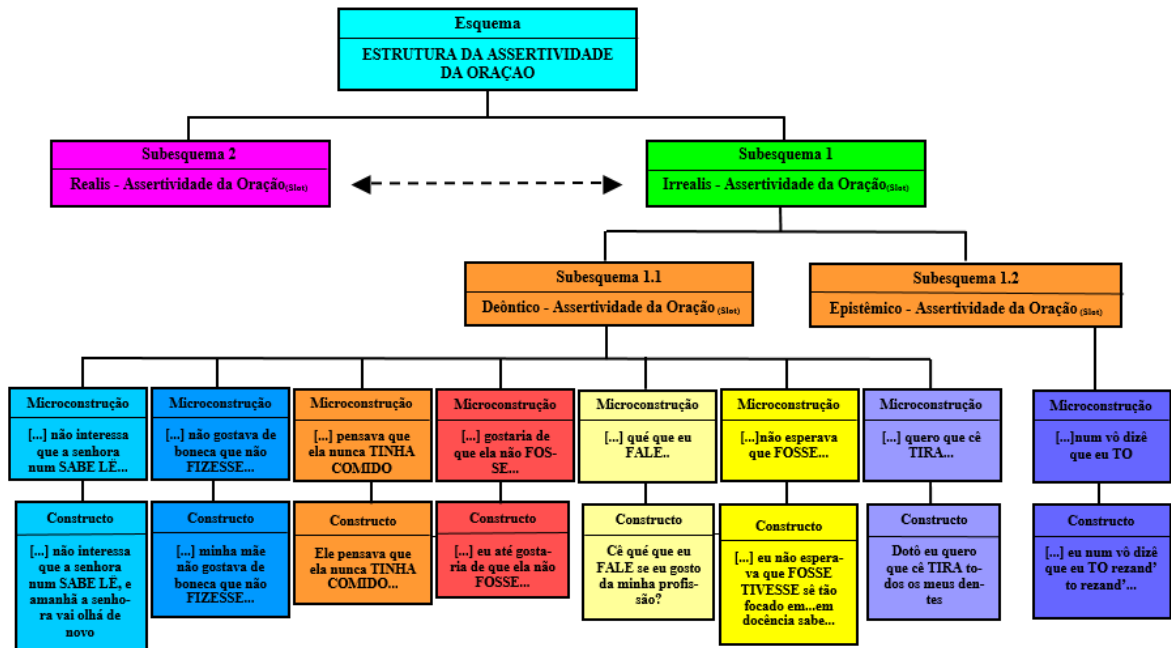
Figura 31 – Estrutura da assertividade da oração em contexto de subordinada



Fonte: Autoria própria.

Os padrões microconstrucionais em relação à propriedade “Estrutura da assertividade da oração” estão demarcados por cores. Temos 4(quatro) *types*, com os tons mais fortes de cada cor, sinalizando a maior frequência em relação a aplicação da regra. Como arrolamos em linhas antecedentes, o escopo da negação não exerceu influência nesse contexto sintático. Ao contrário do que aventamos, a produtividade maior do subjuntivo recaiu sobre o padrão microconstrucional das asserções afirmativas. A seguir, mostramos a reconfiguração da Figura anterior expondo os padrões construcionais no nível das microconstruções e os seus respectivos constructos.

Figura 32 – Hierarquia construcional da propriedade estrutura da assertividade das orações subordinadas



Fonte: Autoria própria

Na Figura 32, os padrões construcionais no nível dos constructos seguem respectivamente os padrões microconstrucionais em relação as cores com o maior percentual de aplicação da regra no escopo das asserções afirmativas com o percentual de 79%.

Em relação ao critério “tipo de verbo na oração do dado”, tivemos os seguintes resultados, conforme apresentados na Tabela 12:

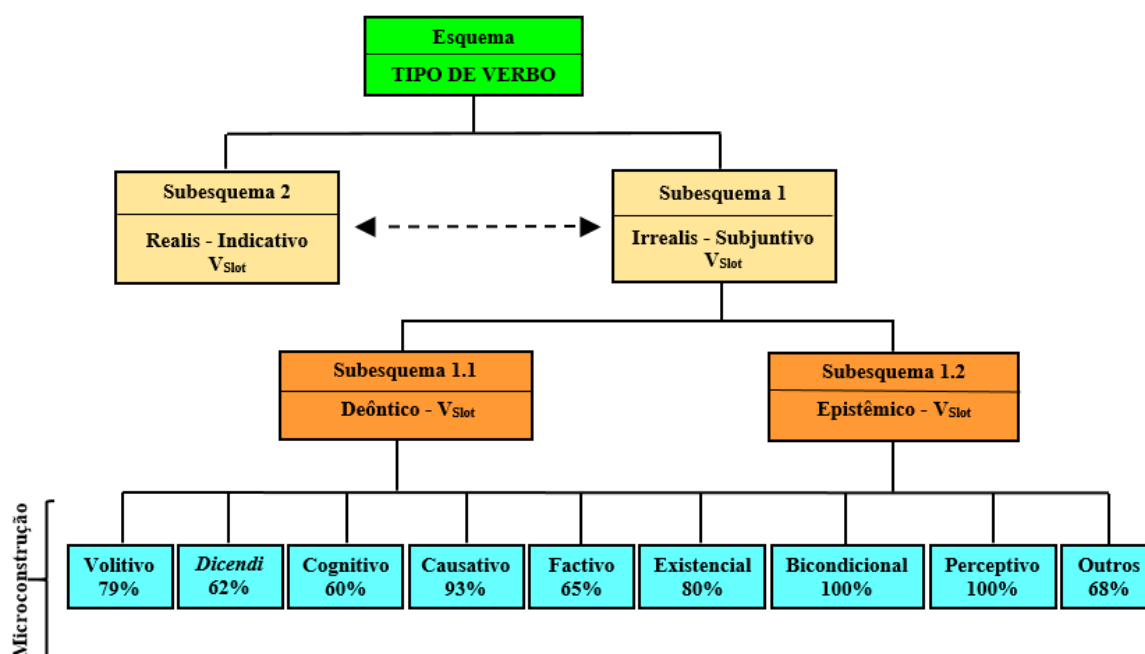
Tabela 12 – Tipo de verbo na oração subordinada

TIPO DE VERBO	Corpora PPVC e PCVC			
	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Bicondicional	9/9	100	-	-
Perceptivo	8/8	100	-	-
Causativo	114/122	93	8/122	7
Existencial	53/66	80	13/66	21
Volitivo	88/112	79	24/112	20
Outros	80/118	68	38/118	32
Factivo	15/23	65	8/23	35
Dicendi	8/13	62	5/13	38
Cognitivo	40/67	60	27/67	40

Fonte: Autoria própria.

A Tabela 12 apresenta os mesmos resultados demonstrados nos contextos em conjunto para as categorias dos verbos bicondicionais e perceptivos⁷⁹. Isso significa que as realizações nessas duas categorias foram todas em contexto de oração subordinada. Em relação às categorias que evidenciaram a competição pelo uso, os resultados apontam que o traço semântico dos verbos causativos foi um condicionador para o uso do subjuntivo com 93% de formas subjuntivas. Em sequência, a produtividade maior da aquisição do subjuntivo foi no traço semântico do tipo de verbo existencial com 80% e volitivo com 79%. O restante dos resultados foram outros (68%), factivo (65%), *dicendi* (62%), cognitivo (60). Esses resultados podem ser representados na rede taxonômica a seguir:

Figura 33 – Rede taxonômica da propriedade tipo de verbo na oração subordinada



Fonte: Autoria própria.

Na Figura 33, o esquema é representado pelo tipo de verbo que aparece nas sentenças do tipo [(oração matriz) + Complementizador que + (oração subordinada_{Slot})] *Matriz epistêmica ou deontica*. Esse nível da rede sanciona dois subesquemas. No Subesquema representado por Subjuntivo - *V_{Slot}*, temos o *slot* que pode ser preenchido pelas categorias dos verbos no modo subjuntivo e a sua forma em competição. O subesquema sanciona os padrões construcionais representados pelas microconstruções com as seguintes categorias de verbos: volitivo, *dicendi*, cognitivo, causativo, factivo/factivo emotivo, existencial, bicondicional, perceptivo e outros.

⁷⁹ A análise nas categorias dos verbos bicondicionais e perceptivos foram feitas em linhas precedentes. Aqui, julgamos desnecessário retomar à análise.

Em relação ao tempo verbal em contexto de oração subordinada, a única alteração em relação a análise com todos os contextos em conjunto recai nos percentuais do *irrealis* 3, como pode ser observado em destaque a seguir.

Tabela 13 – Tempo verbal nos pontos do *continuum* da modalidade

VALORES DO SUBMODOS	Corpora PPVC e PCVC							
	Presente		Presente		Imperfeito		Imperfeito	
	Sub/Total	%	In/Total	%	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Irrealis 1	96/126	76	30/126	24	38/41	93	3/41	7
Irrealis 2	81/91	89	10/91	11	56/57	98	1/57	2
Irrealis 3	132/182	73	50/182	27	42/64	66	22/6	34
Irrealis/realis 1	3/5	60	2/5	40	---	---	2/2	100
Irrealis-realis 2	2/3	67	1/3	33	2/9	22	7/9	78
Realis-pressuposição 1	1/10	10	9/10	90	2/2	100	---	---
Realis-pressuposição 2	2/13	15	11/13	85	2/3	67	1/3	33

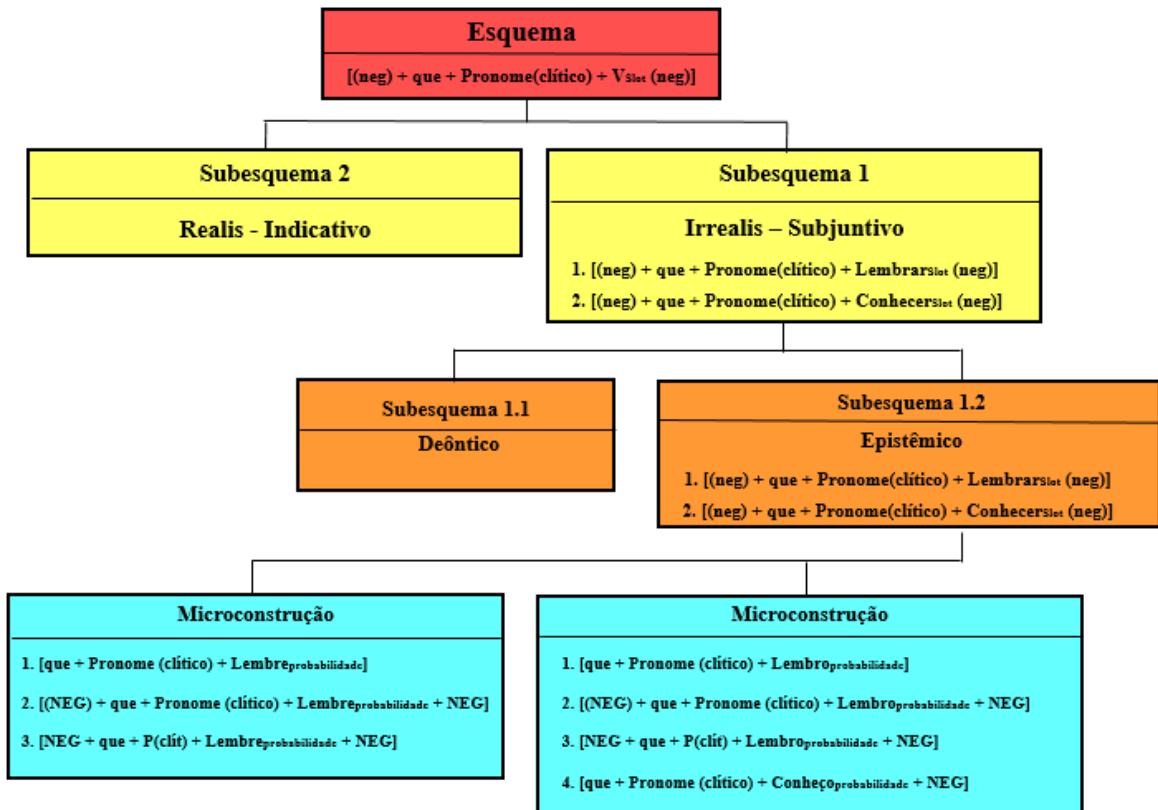
Fonte: Autoria própria.

Houve uma diminuição da frequência para o tempo presente de 132 (cento e trinta e dois) dados (todos os contextos) para 103 (cento e três) dados para o contexto de subordinada com o aumento do percentual de 73% (todos os contextos) para 78% (subordinada). A diminuição da frequência para o tempo pretérito imperfeito foi de 66 (sessenta e seis), em todos os contextos, para 60% (subordinada). Não vimos a necessidade de tecer uma análise nesse contexto específico de subordinada porque seria a mesma em relação ao contexto geral. A seguir, apresentamos os resultados em relação ao contexto sintático de oração parentética.

5.3 Resultado da competição pelo uso do subjuntivo em contexto de Oração Parentética

A representação taxonômica no contexto de oração parentética introduzida por *que* nos direciona na observação das diferenças nas construções a partir dos níveis de esquematicidade como esquema, subesquema, microconstruções e constructos. Essa representação pode ser delineada conforme a Figura 34 a seguir:

Figura 34 – Rede taxonômica de construções com subjuntivo em contexto de parentética



Fonte: Autoria própria.

Os únicos verbos encontrados em contexto de oração parentética foram “lembrar” e “conhecer” inseridos na categoria dos verbos factivos por ter o teor de implicar, por parte do interactante, de que o que é expresso é factual, verdadeiro. Esses verbos apresentam as seguintes acepções no dicionário Aurélio (p.1019):

Lembrar: 1. Trazer à memória, por analogia ou semelhança; fazer recordar; recordar. 2. Ter lembrança de; recordar; lembra-se ou recordar-se de. 3. Vir à lembrança; vir à ideia; ocorrer.

Referente à propriedade modalidade, os dados controlados neste contexto sintático se enquadram no escopo do submodo epistêmico. Verifiquemos os constructos relacionados às microconstruções que os falantes realizam:

(60) INF: A... tem muitos personagens assim de... de filmes mesmo tem muitos... **QUE EU ME LEMBRE** do... do... Forest Gun, O Portador de Histórias, há... há... bastante tempo que eu assisti esse filme... achei interessante a forma dele... dele... agir... umas imagens assim totalmente assim sei lá... (C.S.M.N - *Corpus PCVC*)

(61) DOC: É... lembra alguma his'tória interessante vivida com sua família na infância?
 INF: Há várias né... lembro da... das... desse momentos em que é... é... íamos pra... pra rios e... é... comíamos lá e... passávamos é... dia... todo lá né... brincando... na beira de rio... eu lembro muito desses momentos em que estáva' estavamos juntos e os outros vários momentos também de celebração né... que estivemos juntos né... são momentos interessantes, momentos... momentos... **QUE EU LEMBRO...** é... com carinho né... (H.F.D.S - *Corpus PCVC*)

(62) INF: **QUE EU ME LEMBRE, NÃO.** Eu até sarampo, catapora, essas coisas que todo mundo tem eu nunca tive. (E.D.P.F - *Corpus PCVC*)

(63) Doc: Lembra de alguma viagem?
 INF: **NÃO, QUE EU LEMBRO, NÃO.** (J.C.S - *Corpus PPVC*)

Observando a natureza semântica do verbo factivo *lembrar* e a sua acepção supramencionada, poderíamos asserir em relação aos nossos dados que esse tipo de verbo expressa fatos verdadeiros e factuais? Em um primeiro momento sim, no entanto, quando partimos para o contexto de oração parentética, a Gramática Tradicional prescreve, neste contexto sintático, o uso do subjuntivo. Diante disso, ao resgatar o Quadro 2, da Seção 2, que trata da reformulação comunicativo-pragmática da modalidade epistêmica feita por Givón (2001), deveríamos, então, enquadrar as orações parentéticas citadas na asserção *irrealis* e no escopo do submodo epistêmico com valor de probabilidade?

Poderíamos, sim, enquadrar esse contexto sintático nessa classificação, mas seria demasiadamente simplista. Então, convidamos o leitor a acompanhar conosco o seguinte raciocínio: o relato tecido pelo informante H.F.D.S (dado 61) é factual à medida que rememora e delinea as suas memórias. Diante disso, observamos que o verbo “lembrar” ainda tem inerente o traço factivo, mas, para além disso, no decorrer do relato, o falante aciona a parentetização para relativizar o que é dito recorrendo aos seguintes traços da modalidade *irrealis*: intenção/avaliação e probabilidade. Esses valores semânticos pertencem, respectivamente, a dois submodos distintos, com isso, em que grau da escala da modalidade poderíamos encaixar as orações parentéticas? O falante avalia o seu discurso de maneira intencional, relativiza o que é dito e, conseqüentemente, a proposição é direcionada para o universo do possível ou da probabilidade. Sendo essa natureza, com traços dos dois submodos, essa pergunta seria respondida com base no efeito de prototipia.

Aqui, fica claro de que as categorias dos submodos epistêmico e deôntico não são discretas e, assim, pode haver intercambialidade entre os submodos. Como as categorias se organizam e se apresentam com efeitos de prototipia podendo com isso ser mais centrais ou periféricos, quais traços são mais representativos nas orações parentéticas e em qual dos submodos elas seriam encaixadas?

Não há dúvida de que o falante ao jogar o dito na esfera da probabilidade, antes avalia o seu discurso de forma intencional trazendo para o discurso uma marca deôntica. Givón (2001) já havia anunciado a respeito da estreita relação entre os submodos epistêmico e deôntico com um denominador comum entre essas categorias que é a incerteza epistêmica. O autor considera essa associação de forma unilateral da seguinte maneira conforme explicitamos na seção 2: “[...] se avaliativo, então epistêmico (mas não vice-versa) ou se preferência, então incerteza (mas não vice-versa)”⁸⁰ (Givón, 2001, p.308, tradução nossa).

Em termos absolutos, se epistêmico, não necessariamente esse submodo terá traços do deôntico e isso explica a relação de unidirecionalidade posta por Givón (2001): Deôntico → Epistêmico, mas não exclui a possibilidade de que traços deônticos possam aparecer em contextos epistêmicos quando ele diz “mas não necessariamente vice-versa”⁸¹. Dito com outras palavras, o submodo epistêmico pode apresentar traço deôntico, mas não de forma categórica como ocorre com a presença do traço de incerteza epistêmica nas atitudes avaliativas do escopo do submodo deôntico.

Posto isso, ao retornar para a análise das orações parentéticas, averiguamos que o falante relativiza o seu discurso usando o recurso da parentetização quando avalia o seu conteúdo veiculado. Ao relativizar o conteúdo proposicional, ele utiliza a intenção e avaliação que são traços do submodo deôntico.

É perceptível que o falante, ao utilizar a parentetização, atenua o conteúdo veiculado no processo comunicativo para que a sua fala não seja considerada de forma categórica pelo ouvinte, “mas fracamente asserida como possível”, nas palavras de Givón (2001). Dessa maneira, afirmamos que tanto o uso do modo indicativo quanto o uso do modo subjuntivo carregam o valor de probabilidade, porém esse valor semântico aparece associado aos traços de intenção e avaliação no discurso do falante.

Para além disso, observamos que o verbo não perde totalmente a sua factualidade porque o falante relata fatos vivenciados e experienciados por ele, mas utiliza o recurso de limitar a generalidade do que é expresso mantendo assim o seu discurso para uma certeza subjetiva. Podemos tomar o dado (61) para contextualizar: quando é perguntado para o falante se ele lembra de histórias da infância vividas com a família ele relata que há várias histórias e que se lembra muito desses momentos. Por um momento, o discurso está na esfera da asserção *realis* na medida em que os relatos são contados e rememorados e, então, o informante redimensiona

⁸⁰ If evaluative, then epistemic (but not vice versa) or If intention, then uncertainty (but not vice versa) (Givón, 2001, p. 308).

⁸¹ [...] (But not necessarily vice-versa) (Givón, 1995, p.122).

a sua proposição de fortemente verdadeira (*realis*) para fracamente asseverada (*irrealis*) a fim de salvaguardar a sua face atenuando a sua proposição.

Em relação ao outro tipo de verbo encontrado nos dados desse contexto sintático, tivemos apenas um dado de fala com o verbo “conhecer” que tem as seguintes definições no dicionário:

Conhecer: 1. Ter noção, conhecimento, informação de; saber. 2. Ser muito versado em; conhecer bem. 3. Reconhecer. 4. Ter uma ideia da própria capacidade. (p. 454)

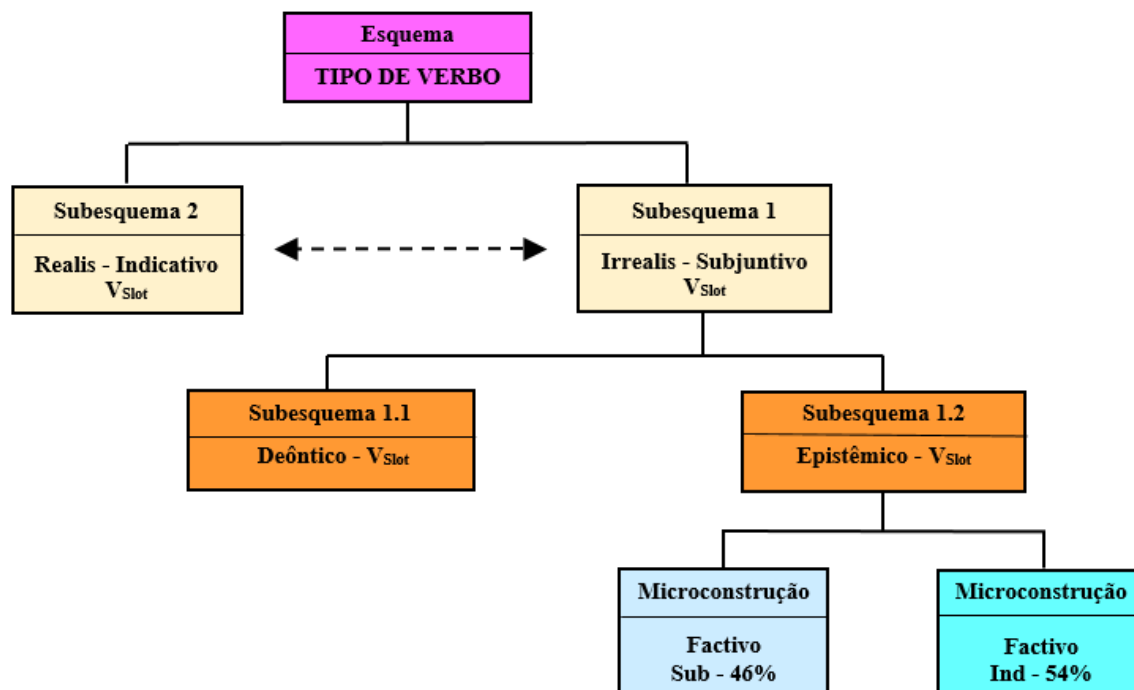
(64) DOC: No Brasil e na própria região onde moramos há crianças que trabalham desde cedo, você conhece alguém nessa reg' situação?

INF: Não que eu me lembre não [ININT] crianças que trabalham não... eu... eu... sei que há eu sei [ININT] mas um pessoa da minha convivência... que eu **CONHEÇA** assim não. (H.F.D.S - *Corpus Culto - PCVC*)

No dado (64), ao observar o significado do verbo “conhecer” no dicionário, temos que “conhecer” significa ter conhecimento ou noção em relação a alguma coisa. O informante afirma que sabe da informação sobre situações em que crianças trabalham. No entanto, não entra em detalhes, mas se posiciona expressando que não conhece ninguém da convivência dele em situação como a descrita. Observe que o verbo “conhecer” entra na categoria dos verbos factivos, porém, no contexto em questão, perde um pouco dessa factividade assim como o verbo “lembrar” quando o informante tenta relativizar o que é dito.

Em relação à propriedade “tipo de verbo na oração do dado”, tivemos os seguintes resultados apresentados na rede taxonômica da Figura 35:

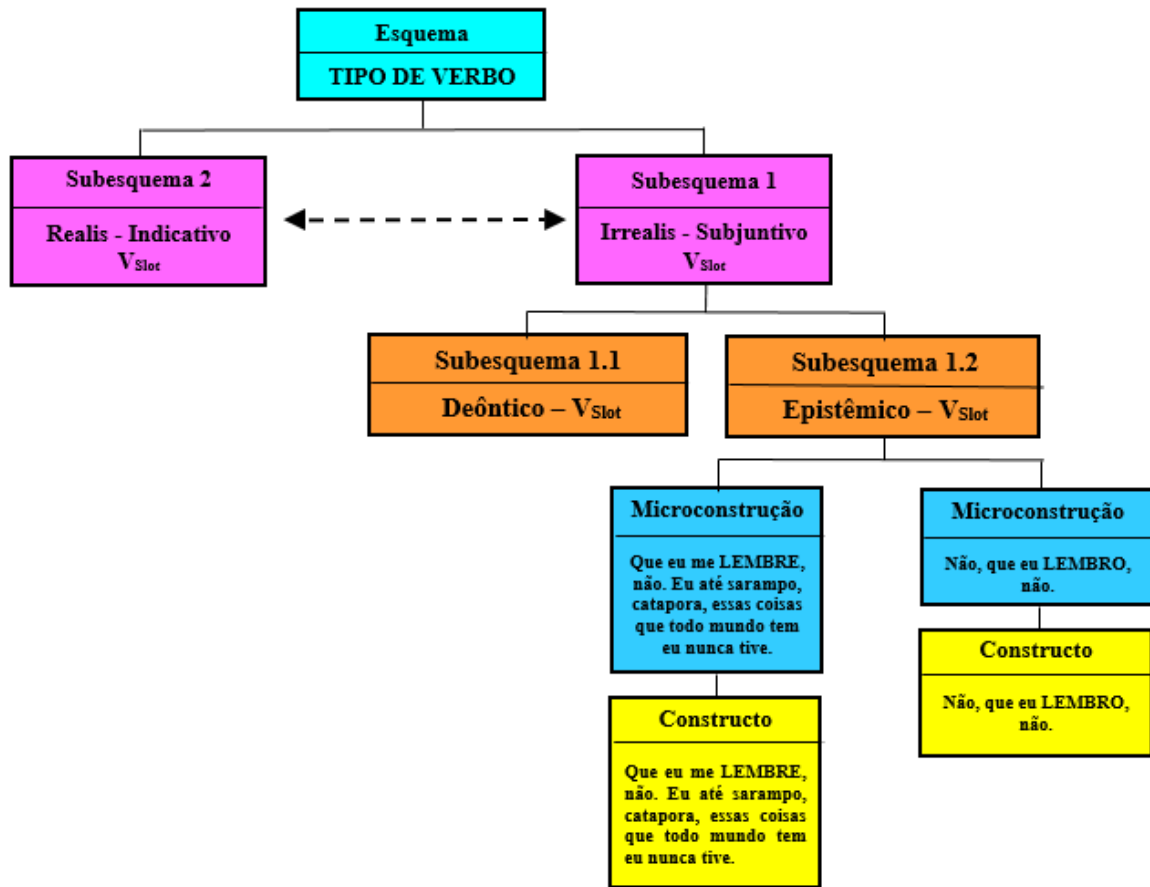
Figura 35 – Atuação da propriedade tipo de verbo na oração do dado em contexto de parentética



Fonte: Autoria própria.

Através da proposta de hierarquização apresentada na Figura 35, no nível do subesquema relacionado ao modo verbal subjuntivo, temos o *slot* de verbo sendo preenchido por formas indicativas e subjuntivas com mesmo valor representacional de probabilidade. No nível das microconstruções, temos evidenciado a maior produtividade do subjuntivo com a forma indicativa (54%). A seguir, na Figura 36, apresentamos as construções no nível das microconstruções e os seus constructos relacionados.

Figura 36 – Rede taxonômica da atuação da propriedade tipo de verbo na oração do dado em contexto de parentética



Fonte: Elaboração própria.

Aqui é, nitidamente, perceptível a importância do contexto e o entrelace dos aspectos cognitivos e comunicativos considerados por Givón (2001) ao fazer a releitura do binômio *realis* e *irrealis* da Tradição Lógica. O falante faz inferências, atenuações e avaliações no ato do seu discurso com o interlocutor. O informante analisa, ainda, como a semântica do seu ato discursivo será interpretada na mente do ouvinte e se posiciona de tal forma para uma pragmática interativa com negociações nesse processo.

Um fator importante que nos faz pensar nessa competição entre as formas subjuntivas e indicativas como demonstrado nas ocorrências de (60) a (63) é a questão da rotinização. Uma forma, quando muito utilizada, sofre um desbotamento semântico. Devido a sua alta frequência de uso e por ser muito previsível, torna-se, por vezes, inexpressiva no discurso. Como o uso do subjuntivo é a forma usual e previsível em contexto de oração parentética introduzida por *que* para restringir a generalidade de uma asserção no processo de interação, esse modo verbal passa por esse processo de rotinização e o falante opta pela forma indicativa que surge e entra em competição com a forma subjuntiva. Esse efeito está ligado a uma necessidade do falante de

uma expressividade maior no processo de interação o que está diretamente relacionado ao coronário proposto por Goldberg (1995).

Na perspectiva da LFCU, podemos observar a competição de uso do subjuntivo com o indicativo atestado no nível do *token*. Em contexto de parentética, tivemos um total de 28 (vinte e oito) ocorrências que podem ser especificadas da seguinte forma na rede taxonômica: as microconstruções com verbo no subjuntivo e no indicativo representados por V_{Sub} e V_{Ind} com valor semântico de probabilidade configuram-se como *types* específicos da subcategorização Subesquema 1.2 - epistêmico. Este, por sua vez, está dentro do escopo do subesquema 1. Na esfera no subesquema 1, que representa a irrealidade, temos a atuação do “modo subjuntivo”, pensando nessa hierarquia de baixo para cima da rede taxonômica.

Os *types* que acabamos de sinalizar são agrupados por traços semântico-sintáticos similares que tiveram as seguintes discriminações de frequências *type* e *token*: 15(quinze) *tokens* do *Corpus* PCVC e 13(treze) *tokens* do *Corpus* PPVC, segundo as especificações nas Tabelas 14 e 15:

Tabela 14 – Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências no *Corpus* PCVC

Frequência <i>type</i> e <i>token</i>		
lembrar _{Sub}	10/14	(71,4%)
conhecer _{Sub}	01/01	(100%)
Total	11/15	(73,3%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 15 – Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências no *Corpus* PPVC

Frequência <i>type</i> e <i>token</i>		
lembrar _{Sub}	02/13	(15,4%)
lembrar _{Ind}	11/13	(84,6%)
Total	13	

Fonte: Elaboração própria.

A frequência do modo subjuntivo é de uso categórico com o verbo *conhecer* e a competição do uso entre formas subjuntivas e indicativas é acentuada com o verbo *lembrar* com um total de 71,4% de uso da forma subjuntiva no *Corpus* PCVC. No *Corpus* PPVC, tivemos um total de 15,4% de aplicação da regra no *Corpus* PPVC. No total dos dados da

amostra analisada, tivemos 46,4% de aplicação da regra e 53,6% de uso de formas do indicativo conforme Tabela 4⁸² a seguir:

Tabela 16 – Modo indicativo x modo subjuntivo

Formas	
Subjuntivo	13 (46,4%)
Indicativo	15 (53,6%)
Total	28

Fonte: Elaboração própria.

A frequência *token* do modo subjuntivo vai ter uma relação direta com a produtividade e a frequência *type* vai estar interligada aos tipos de construções que se formam com o subjuntivo ou o indicativo que podem preencher o *slot* de verbo. Assim, a frequência *type* vai determinar o grau de entrincheiramento do esquema [(neg) +que+Pronome (clítico)+Verbo_{slot} (neg)]. Dessa forma, quanto maior for o preenchimento do *slot* de verbo, maior será a produtividade com aumento de novas ocorrências, ou seja, com a possibilidade de a construção ser estendida a novos itens.

Se a construção é produtiva, impacta o grau de esquematicidade. Bybee (2016) enfoca isso com muita propriedade ao dizer que classes altamente esquemáticas recrutam uma extensa gama de ocorrências.

Retomando a rede taxonômica do modo verbal, apresentada na Figura 2 (Seção 1), tecemos as seguintes observações: (i) instanciações com o modo indicativo pelo processo de analogia passaram a ocupar o *slot_x* no nível do subesquema, aumentando, assim, a produtividade nesse nível que antes só era licenciado por verbos no modo subjuntivo. Consequentemente, há um aumento na esquematicidade em virtude de a forma indicativa configurar um elemento a mais na categoria do modo subjuntivo, carregando, dessa forma, a carga semântica desse modo verbal, como observado no dado (65) a seguir:

(65) DOC: É... lembra alguma his'tória interessante vivida com sua família na infância?
 INF: Há várias né... várias mais eu... eu... é... lembro da... das... desse momentos em que é... é... íamos pra... pra rios e... é... comíamos lá e... passávamos é... dia... dia todo lá né... brincando... na beira de rio... e é isso eu... eu lembro muito desses momentos em que estáva' estavamos juntos e os outros vários momentos também de celebração né... que estivemos juntos né... são momentos interessantes, momentos... momentos... **QUE EU LEMBRO**... é... com carinho né...
 (H.F.D.S - *Corpus PCVC*)

⁸² Apesar de aparentemente os dados não serem produtivos no contexto de oração parentética, a quantidade é bastante significativa por essas construções serem mais raras de realização pelos falantes.

Em (65), quando é perguntado para o informante se ele se lembra de alguma história da infância, ele responde de maneira categórica que se lembra de vários fatos. No processo do relato dessas lembranças, o entrevistado utiliza uma oração parentética como estratégia para relativizar a informação. Dessa maneira, o falante atenua o comprometimento do que é falado. O dado (65) supramencionado, com verbo no modo indicativo em sua construção, carrega o traço semântico de construção que requer o modo subjuntivo como exibido nos excertos (66), (67), 68) e (69).

(66) DOC: E algum personagem de alguma coisa que você assistiu que você acha que lhe marcou, que você... não vai esquecer mesmo, ou não tem essa personagem?

INF: A... tem muitos personagens assim de... de filmes mesmo tem muitos... **QUE EU ME LEMBRE** do... do... Forest Gun, O Portador de Histórias, há... há... bastante tempo que eu assisti esse filme... achei interessante a forma dele... dele... agir... umas imagens assim totalmente assim sei lá... situada do mundo... que mudava de atitude, é... a qualquer momento assim... me lembro desse personagem assim... interessante assim... acho que um dos mais diferenciados que já pude assistir. (C.S.M.N - *Corpus PCVC*)

(67) DOC: Ok. No Brasil e na região onde moramos, há crianças que trabalham desde cedo, mesmo na atualidade. Você conhece alguém nessa situação?

INF: **QUE LEMBRE NO MOMENTO NÃO**. Mas... eu vejo, presencio, crianças muito novas, realmente já com aquele emprenho de 'tá ali trabalhando, ajudando o pai ou a mãe ali, na rua, na feiral e tal. (L.C.S - *Corpus PCVC*)

(68) INF: **QUE EU ME LEMBRE, NÃO**. Eu até sarampo, catapora, essas coisas que todo mundo tem eu nunca tive.

DOC: Eh você já fez alguma coisa que se arrependeu? Pudessem voltá atrás, fazê de novo?

INF: **QUE EU ME LEMBRE** no momento **NÃO**. (E.D.P.F - *Corpus PCVC*)

(69) DOC: Conte a história deste livro. Porque você o acha tão interessante. Que mais marca em você sobre esse livro?

INF: Esse livro pra mim, foi numa época meio que... eu 'tava descobrindo a leitura. Então, me recomendaram ele, meio que comecei ler, aquel... aquela empolgação, aquele negócio de deixar de lado, aí quando, eu vi que aquilo era realmente era maravilhoso, 'li tá lendo, tá vendo aquela história ali expressa em palavras, é... eu gostei muito do livro,, o enredo é maravilhoso, um livro muito bom. E... tem muito tempo que eu li ele, vou até relê-lo. Mas, **QUE EU LEMBRE** assim de uma parte importante, é as palavras que tocam muito, ditas pelo autor. (L.C.S - *Corpus PCVC*)

Em (66), quando é perguntado ao informante se algum personagem de filme o marcou, ele responde de maneira categórica que muitos personagens. No entanto, na sequência da sua fala, ele usa uma oração parentética para relativizar o conteúdo dito e introduzir os exemplos.

Esse fato também acontece no dado (67) quando o documentador afirma que, no Brasil, há muitos casos de crianças trabalhando e pergunta ao informante se ele conhece algum caso dessa situação. Em resposta, o informante já inicia a sua fala com uma oração parentética negativa com o intuito de cancelar a inferência que pode ser tomada de modo fortemente

verdadeiro. Após essa atenuação, ele relata que conhece muitas crianças que trabalham para ajudar os pais. Agindo linguisticamente dessa forma, ele relativiza o conteúdo narrado.

Nas orações (68) e (69), também notamos esse jogo intencional nessa atribuição de inferências. Importante pontuar a respeito da natureza do verbo *lembrar* já mencionado nas pesquisas de Pimpão (2012) e de Amorim (2015), que, fazendo parte do quadro dos verbos factivos⁸³, não apresenta bem esse traço da factividade nos nossos dados. À semelhança dos resultados encontrados pelas pesquisadoras, o verbo *lembrar* nas orações parentéticas revelou essa nova ressignificação. Outra semelhança com esses trabalhos é que o traço da factividade não está totalmente perdido, porque é percebido que, no processo discursivo, os falantes relatam situações conhecidas e experienciadas por eles.

Essa atenuação por parte do falante do conteúdo veiculado é uma estratégia utilizada que recai na modalidade epistêmica com valor semântico de probabilidade, uma vez que o eixo semântico do verbo *lembrar* está associado à baixa certeza. Também observamos o uso de primeira pessoa do singular como marca de atenuação do que é dito, acentuando essa subjetividade por parte do falante.

Em relação à propriedade escopo da negação, os resultados estão apresentados na Tabela 17 a seguir:

Tabela 17 – Atuação da variável estrutura da assertividade da oração em contexto de oração parentética

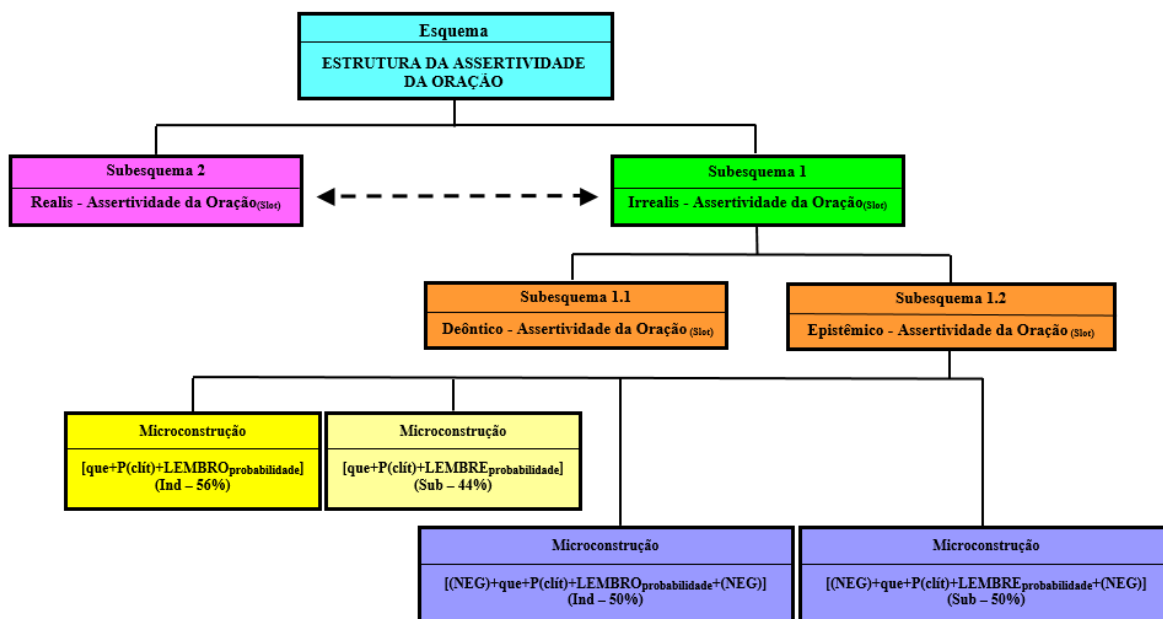
MICROCONSTRUÇÃO	MODO VERBAL			
	Subjuntivo		Indicativo	
	Nº	%	Nº	%
[que+P(clít)+V _{probabilidade}]	7	44	15	56
[(NEG)+que+P(clít)+V _{probabilidade} +(NEG)]	6	50	6	50
Total	13		15	

Fonte: Autoria própria.

Na Tabela 17, podemos depreender que tivemos um total de 12 (doze) sentenças que carregavam o escopo da negação e que o resultado ficou equilibrado com 50% de uso para os modos subjuntivo e indicativo. A representação da Tabela 17 pode ser demonstrada a partir de uma rede construcional da seguinte maneira:

⁸³ “[...] chamam-se factivos os predicados que têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva é factual (isto é, o fato expresso na oração)”

Figura 37 – Rede construcional da propriedade estrutura da assertividade da oração

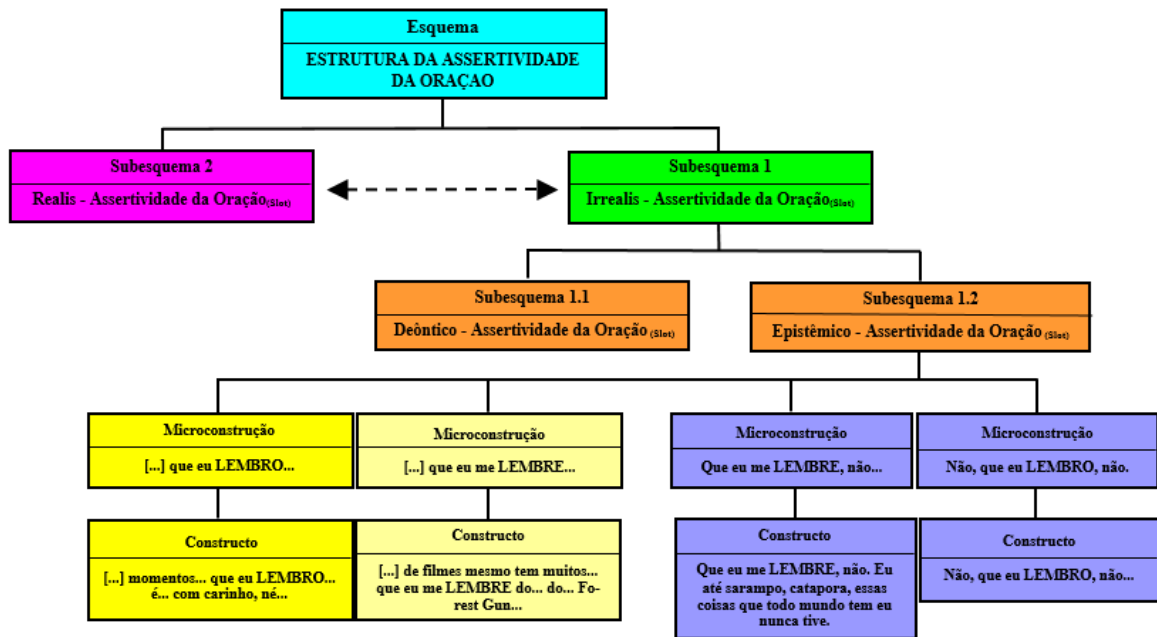


Fonte: Autoria própria.

O esquema configura as asserções negativas e afirmativas e licencia dois subesquemas. O subesquema 1 é configurado por uma parte específica preenchida por orações parentéticas com ou sem o escopo da negação dentro do quadro do *irrealis* e, neste, podemos associar ao subesquema da rede taxonômica do modo verbal. A outra parte do subesquema 1 contém *slots* que são preenchidos por verbos no modo indicativo e subjuntivo no entorno das parentéticas sinalizando aí uma competição pelo uso. O Subesquema 1, sanciona as subcategorizações - Subesquema 1.1 e Subesquema 1.2. Este, por sua vez, sanciona 4 (quatro) microconstruções com verbos no modo indicativo e subjuntivo com valor de probabilidade.

Em relação ao nível do subesquema 2, também temos as asserções afirmativas e negativas, porém, no quadro do *realis*, relacionamos ao subesquema 2 da rede construcional do modo verbal. Preenchendo as microconstruções e relacionando aos seus respectivos constructos, a reconfiguração da Figura 38 tem a seguinte representação:

Figura 38 – Rede construcional do elemento estrutura da assertividade da oração



Fonte: Autoria própria.

Em linhas subsequentes, explicamos parte da configuração da rede taxonômica da estrutura da assertividade da oração e dos resultados percentuais no contexto das orações parentéticas. Aqui, nos restringimos apenas a explanação da rede nos níveis da microconstruções e dos constructos. As microconstruções nos tons amarelos sinalizam o padrão construcional das asserções afirmativas e a maior produtividade⁸⁴ se concentrou com formas indicativas (tom mais forte do amarelo). As microconstruções na cor lilás representam o padrão construcional das asserções negadas e a sua produtividade com formas indicativas e subjuntivas ficaram pareadas.

Na amostra analisada, observamos que a parentetização é um recurso instaurado com o intuito de atenuar uma inferência por parte do falante para que não seja tomada de maneira assertiva. Essas estratégias e negociações que os falantes buscam no ato comunicativo adicionam mais uma microconstrução na rede taxonômica dos modos verbais instanciados por verbos na forma indicativa, fazendo com que entre em competição pelo uso com a forma subjuntiva.

Ainda a respeito do comportamento das orações parentéticas em nossa amostra, os dados mostram o uso categórico do presente do indicativo/subjuntivo, o uso da primeira pessoa do

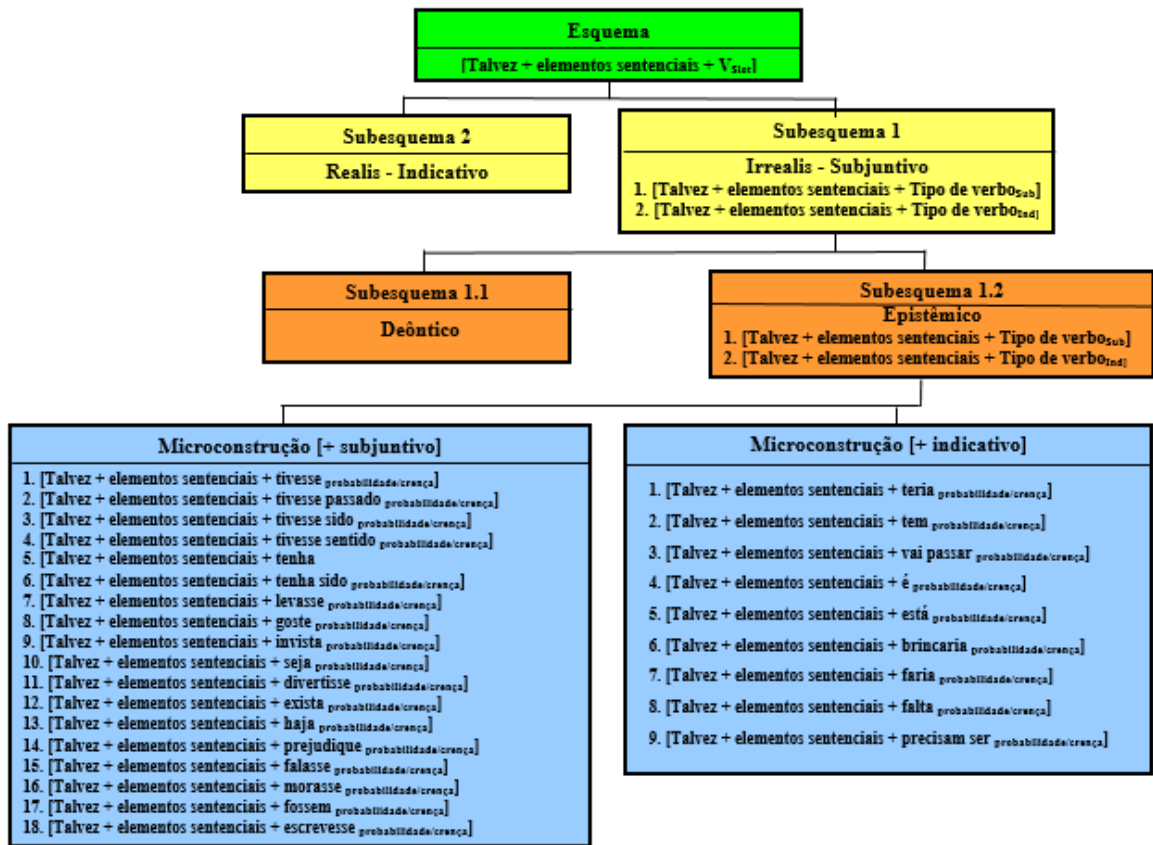
⁸⁴ Os percentuais da propriedade “estrutura da assertividade da oração” para o contexto de oração parentética foram discutidos nos três contextos sintáticos em conjunto em seções anteriores e na presente seção apresentados na Tabela 17. Por esta razão, não vimos a necessidade de apresentarmos novamente esses resultados percentuais.

singular. Em relação aos verbos, encontramos os tipos “lembrar” e “conhecer.” Passemos, em seguida, à discussão concernente ao contexto sintático das orações introduzidas pela construção “talvez”.

5.4 Resultado da gradiência do subjuntivo em contexto de oração introduzida pela construção “talvez”

Referente à análise das orações iniciadas pela construção *talvez*, em nossos *corpora*, o modo verbal subjuntivo apresenta-se com os padrões construcionais expostos na Figura 39.

Figura 39 – Rede taxonômica de construções com subjuntivo em contexto de independente



Fonte: Elaboração própria.

Ao investigar a gradiência do subjuntivo em orações iniciadas por “talvez”, as microconstruções estiveram vinculadas a dois padrões construcionais: [Talvez + elementos sentenciais + Tipo de verbo_{Sub}] e [Talvez + elementos sentenciais + Tipo de verbo_{Ind}]. Nesses dois padrões construcionais, o *slot* de verbo é preenchido pelos tipos de verbos *investir, gostar, levantar, ser, divertir, estar, brincar, fazer, ter, faltar, passar, sentir, quebrar, estudar, levar,*

ir, divertir, haver, existir, prejudicar, precisar, falar, morar e escrever. Esses verbos, no nível das microconstruções, preenchem os *slots* com formas no indicativo e no subjuntivo na categoria da modalidade epistêmica com o valor de probabilidade/crença, porque o próprio lexema *talvez* carrega e projeta esse valor nas sentenças (Givón, 2001).

Em contexto de oração independente o subjuntivo teve a seguinte representatividade:

Tabela 18 – Modo indicativo x modo subjuntivo em contexto de oração independente

Formas	
Type	Ocor./%
Subjuntivo	31/41(75,6%)
Indicativo	10/41(24,4%)

Fonte: Autoria própria.

Como exibido na Tabela 18, tivemos um total de 41(quarenta e uma) construções distribuídas nas amostras PCVC e PPVC com o resultado percentual de 75,6% de aplicação da regra. Confirmamos alguns exemplos:

(70) INF: ach'que é uma exploração, né?! Ach'que a criança tem que... tem que tê o espaço, né? Pá vivê a... a infância... talvez **TEM** várias crianças que são obrigadas a trabalhá, às vezes, né?! Sustentá a família, tal... já carregam a responsabilidade desd'cedo, mas isso eu acho errado, ach'que é uma exploração, porque a criança tem que estudá, né? E... brincá, e vivê uma vida de criança mesmo de fat' (F.L.M) (*Corpus* PCVC)

(71) [...] e essa questão também de fantasiar, de criar um mundo imaginário pra eles que eu fazia muito isso, muito, eu fantasiar um mundo fora da minha realidade talvez **TENHA** sido um refúgio pra minha realidade tão ruim, porque, num era uma realidade legal né, eu num tive acesso a certas coisas que eu gostaria de ter tido mas eles não, eles não cria esse mundo pra eles, porque o mundo pra eles que é o que eu imaginava quando eu era pequena eles já tem, então eu acho que esse... esse... é o grande diferencial deles pra mim, que eu acho que as vezes, a gente... eu e o meu esposo a gente até tenta é... tipo assim, a gente tenta colocar as coisa que a gente fazia né, André brinca com eles de gude, comprou pipa uma vez pra eles, comprou bolinha de gude, comprou pião tudo que... que...(D.F.P) (*Corpus* PCVC)

As construções “tem” do dado de fala (70) e “tenha” do dado (71) possuem similaridades semânticas de valor de probabilidade, assim como há também instaurado o traço de projeção futura de forma semelhante. O que observamos, nesse contexto sintático, é que a construção “talvez” projeta, na sentença (70), uma atenuação no grau de incerteza com o uso da forma indicativa (tem). O informante, ao relatar que devem existir várias crianças obrigadas a trabalhar, utiliza a expressão “talvez tem” o que relativiza o teor do que é dito, transmitindo, então, que não se tem tanta certeza do fato narrado. O que notamos é que o informante tem consciência da veracidade de que existem crianças obrigadas a trabalhar, mas, por uma

preservação da face, ele atenua a veracidade do que diz, para que a sua fala não seja tomada de forma categórica “talvez **TEM** várias crianças que são obrigadas a trabalhar”.

Já no dado (71), “[...]talvez **TENHA** sido um refúgio pra minha realidade tão ruim”, não ocorre uma tentativa por parte do falante de preservar a sua face, mas há instaurado uma dúvida de que o fato narrado tivesse outro desfecho o que conduz a situação para a esfera da possibilidade/probabilidade.

Posto isso, os resultados das amostras PCVC e PPVC tiveram os seguintes percentuais apresentados nas Tabelas 19:

Tabela 19 – Distribuição das construções na oração independente por tipos e por ocorrências nos *Corpora* PCVC e PPVC

Frequência <i>type e token</i>		
	PCVC	PPVC
	Ocor./ %	Ocor./%
V _{Sub}	26/34 76,5%)	5/7 (71,4%)
V _{Ind}	8/34 (23,5%)	27 (28,6%)

Fonte: Autoria própria.

No *Corpus* PCVC, com um total de 34 (trinta e quatro) *tokens*, foram registradas 8 (oito) construções perfiladas pelo *type* forma indicativa como representado na Tabela 19. Já no *Corpus* PPVC, tivemos um total de 7 (sete) *tokens*, com registro de 2 (duas) construções perfiladas pelo *type* forma indicativa. A rotinização da forma prototípica (subjuntivo) e sua competição com a forma indicativa nos direciona novamente à aplicação do princípio da expressividade máxima já discutido no contexto de oração parentética. Nesse contexto, a forma prototípica no contexto das orações independentes passa pelo mesmo processo de desbotamento semântico e competição pelo uso com a forma indicativa.

Os resultados para a propriedade “estrutura da assertividade da oração” estão dispostos na Tabela 20, a seguir:

Tabela 20 – Atuação da estrutura da assertividade da oração em contexto de independente

MICROCONSTRUÇÕES	MODO VERBAL			
	Subjuntivo		Indicativo	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Sentenças negativas	7/9	78	2/9	22
Sentenças Afirmativas	24/32	75	8/32	25

Fonte: Autoria própria.

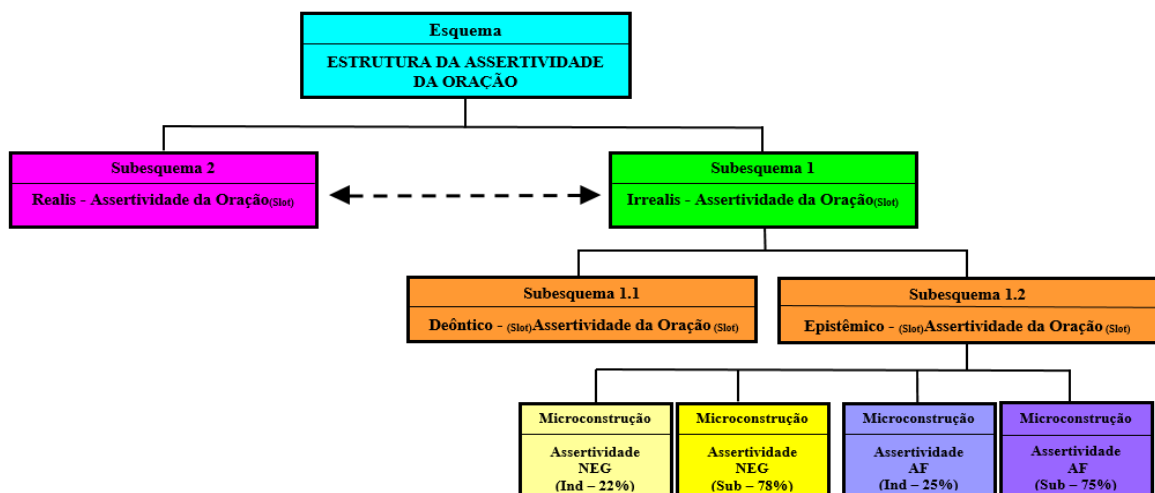
O efeito do escopo da negação nas orações independentes iniciadas por “talvez” condicionou o uso do subjuntivo com o percentual de 78%. Apesar dessa nossa hipótese ter sido ratificada nesse contexto sintático, não deixamos de observar que a produtividade do subjuntivo nas asserções afirmativas teve uma representatividade bem próxima do percentual referente às sentenças afirmativas. Amorim (2015), na sua pesquisa, considerando a amostra do Português Popular, evidencia que o escopo da negação não era um fator que exerceu influência na aquisição da construção subjuntiva. Mesmo ampliando a amostra da nossa pesquisa, os dados, na maioria dos contextos sintáticos, não comprovaram essa hipótese como foi revelado em linhas precedentes. Já o contexto das orações introduzidas pela construção “talvez” apresenta um resultado diferente em relação aos outros contextos sintáticos, ainda que o percentual de construção com o escopo da negação se aproxime das asserções afirmativas. Observemos alguns exemplos:

(72) INF: Não sei... talvez eu **não** TENHA uma boa dicção mas eu procuro falar, me comunicar da melhor forma possível. (J.B.D.F - *Corpus* PCVC)

(73) INF: Talvez você não **não** GOSTE de estudar mais goste de fazer alguma coisa, gostaria de fazer alguma coisa assim, cê nunca pensou em fazer nada além de cuidar da sua casa e da sua família?/ não. /cê gosta de cuidar só da sua casa e da sua família?/ Gosto. (A.A.B - *Corpus* PPVC)

A própria construção “talvez”, que introduz as orações, já carrega uma carga que indica possibilidade ou dúvida que associado ao operador de negação influencia na aquisição da forma subjuntiva pelos interactantes. A configuração da Tabela 20 pode ser representada da seguinte forma em uma rede construcional.

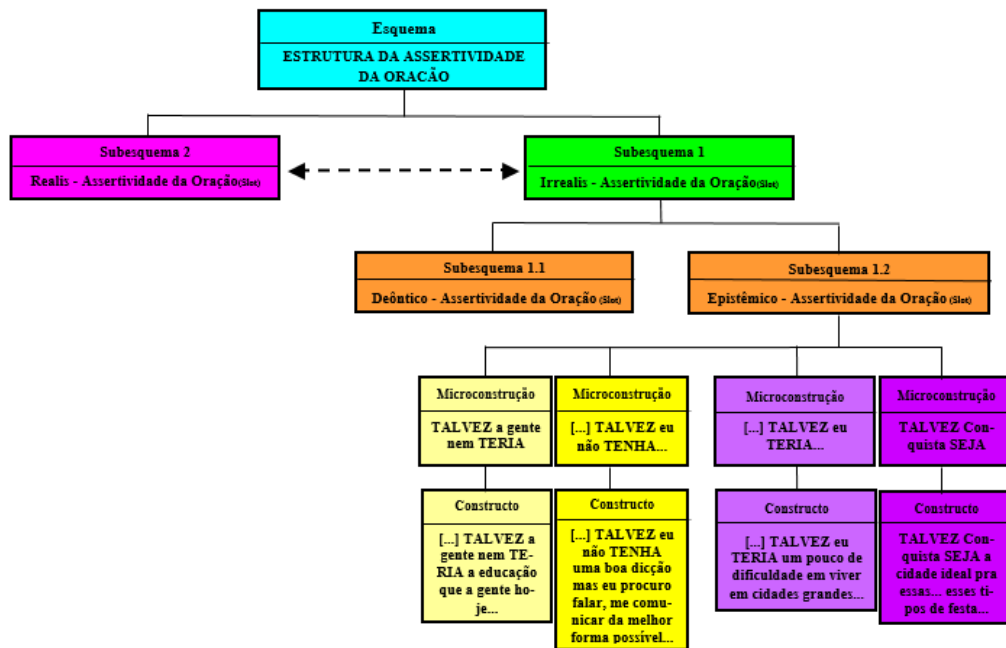
Figura 40 – Rede construcional da estrutura da assertividade da oração em contexto de oração independente



Fonte: Autoria própria.

Essa representação da Figura 40 referente à “Estrutura da assertividade da oração” foi explicada nos contextos sintáticos de oração subordinada e de oração parentética, por isso não iremos analisar novamente. A seguir, destrinchamos a Figura 41, mostrando as microconstruções e os seus respectivos constructos.

Figura 41 – Rede taxonômica da estrutura da assertividade da oração em contexto de oração independente



Fonte: Autoria própria.

Temos delineado nessa rede taxonômica, o elemento “Estrutura da assertividade da oração” com a competição das formas subjuntivas e indicativas no escopo das asserções afirmativas representada pelo tom mais forte da cor amarela mostrando a aplicação da regra e a maior produtividade do subjuntivo. Em relação as asserções negativas, também temos as formas subjuntivas e indicativas em competição representada pelo tom mais forte do lilás mostrando a aplicação da regra e *locus* de maior produtividade do subjuntivo.

Em relação à propriedade tempo verbal, afirmamos os resultados apresentados na Tabela 21 seguinte:

Tabela 21 – Tempo verbal no contexto de orações introduzidas pela construção “talvez”

VALORES DO SUBMODOS	Corpora PPVC e PCVC							
	Presente		Presente		Imperfeito		Imperfeito	
	Sub/Total	%	In/Total	%	Sub/Total	%	Ind/Total	%
Irrealis 3	16/22	73	6/22	27	15/19	79	4/19	21

Fonte: Autoria própria.

No contexto de oração introduzida pela construção “talvez”, os dados estão inseridos no ponto 3 da escala e a o maior índice de frequência *type* recaiu no tempo verbal imperfeito com o percentual de 79% de aplicação da regra. Esse resultado atesta a nossa hipótese de que o tempo pretérito imperfeito influencia na aquisição da construção subjuntiva. Igualmente havíamos conjecturado que o tempo presente exerceria essa influência como evidenciado no tempo presente com a representatividade 73%. Já tínhamos sinalizado em outras linhas que o tempo presente tem inerente a projeção futura o que carrega a carga semântica de irrealidade exercendo, assim, influência na seleção do modo subjuntivo.

Em seguida, analisamos a gradiência e a competição do subjuntivo considerando o impacto dos processos cognitivos de domínio geral.

5.5 O impacto dos processos cognitivos de domínio geral na gradiência e competição do uso do subjuntivo

Nesta subseção, discutimos como os processos cognitivos de domínio geral categorização, memória enriquecida e analogia podem impactar o feixe de exemplar da categoria verbal do modo subjuntivo. Bybee (2016) nos diz que, em um modelo da teoria dos exemplares, as combinações relacionadas ao significado nos usos reais de fala são fixadas na memória e, quando reforçadas, devido ao processo da repetição, são convencionalizadas como possíveis interpretações. Diante disso, as inferências repetidas do uso do indicativo com valor semântico de incerteza fazem com que esse valor se torne sua parte inerente, conduzindo esse uso para novos contextos linguísticos.

Bybee (2016) lembra, com essa proposição, que o uso repetitivo de determinada forma linguística impacta a representação cognitiva da linguagem no seu armazenamento na memória e na sua organização nesse processo de armazenamento e, nessa direção, na própria língua explicitamente manifesta. Por isso, interessa-nos aqui trazer à tona a discussão a respeito do processamento cognitivo, dessa rotinização das formas linguísticas dos processos cognitivos de

domínio geral já citados anteriormente para entender esse comportamento da gradiência do modo subjuntivo.

Abrimos a discussão com o processo cognitivo de domínio geral categorização afirmando que ela não é estanque, mas gradiente e, tendo essa natureza, as fronteiras existentes entre construções distintas não são discretas e isso pode ocasionar, em alguma medida, uma abertura de espaço para a neutralização entre exemplares diferentes, gerando, assim, a concomitância entre as construções (Oliveira, 2019). Desenhado esse princípio da categorização, a aplicamos à competição do modo subjuntivo entendendo, assim, a sua permuta com formas do indicativo.

Em relação ao processo da analogia, as enunciações novas são formadas a partir de outros enunciados já existentes. Sendo assim, quando nos deparamos com formas do indicativo sendo usadas com similaridade com o item já existente com o papel de indicar incerteza (subjuntivo), temos aí delineado um processo de analogia.

Concernente à memória enriquecida, o subjuntivo requerido nos contextos das independentes introduzidas pela construção *talvez*, nas orações parentéticas introduzidas por *que* e nas orações subordinadas, é altamente previsível. Cada vez que o subjuntivo é usado nesses contextos sintáticos, há um reforço a representação desse exemplar. A rotinização desse uso gera uma alta estocagem na memória enriquecida dos detalhes que os falantes experienciaram com a língua. Em virtude disso, essas construções linguísticas vão ser conservadas por um tempo maior nos usos linguísticos. Do contrário, o exemplar, quando não é reforçado na memória, pode tornar-se inacessível (Bybee, 2016).

As realizações do modo subjuntivo são frequentes nesses contextos sintáticos e, por essa razão, é mais provável que os falantes sejam condicionados a escolherem esse modo na sua produção de fala. Essa alta frequência faz com que o seu uso se espraie.

Em linhas gerais, esses processos de domínio geral impactam o comportamento do subjuntivo nos níveis hierárquicos da rede. Como expressa Bybee (2016), o membro mais frequente de um paradigma constitui a base para novas criações analógicas. Por exemplo, no nível da subesquema ocorre o recrutamento de formas do indicativo para ocupar o *slot* de verbo, ocasionando o aumento da produtividade no nível do subesquema que antes só recrutava verbos na sua forma subjuntiva. A consequência disso é o aumento no nível do esquema porque o indicativo vai configurar um item a mais na esfera do modo verbal subjuntivo, carregando a similaridade do seu valor nocional, como podemos observar nos dados que se seguem:

(74). INF: ach'que é uma exploração, né?! Ach'que a criança tem que... tem que tê o espaço, né? Pá vivê a... a infância... talvez **TEM**... várias crianças que são obrigadas a trabalhá, às vezes, né?! Sustentá a família, tal... já carregam a responsabilidade desd'cedo, mas isso eu acho errado, ach'que é uma exploração, porque a criança tem que estudá, né? E... brincá, e vivê uma vida de criança mesmo de fat' (F.L.M - *Corpus PPVC*)

(75). ... e essa questão também de fantasiar, de criar um mundo imaginário pra eles que eu fazia muito isso, muito, eu fantasiar um mundo fora da minha realidade talvez **TENHA** sido um refúgio pra minha realidade tão ruim, porque, num era uma realidade legal né, eu num tive acesso a certas coisas que eu gostaria de ter tido mas eles não, eles não cria esse mundo pra eles, porque o mundo pra eles que é o que eu imaginava quando eu era pequena eles já tem, então eu acho que esse... esse... é o grande diferencial deles pra mim, que eu acho que as vezes, a gente... eu e o meu esposo a gente até tenta é... tipo assim, a gente tenta colocar as coisa que a gente fazia né, André brinca com eles de gude, comprou pipa uma vez pra eles, comprou bolinha de gude, comprou pião tudo que... que...(D.F.P - *Corpus PPVC*)

Observamos que o verbo “ter” nas construções (74) e (75) constituem formas em competição dentro de um mesmo domínio funcional. Em outras palavras, o modo verbal subjuntivo recruta a forma indicativa (tem) carregando similaridades semânticas inerentes ao subjuntivo.

Aplicamos ainda o princípio da não-sinonímia estabelecido por Goldberg (1995) na gradiência do modo subjuntivo delineado assim: as construções realizadas com forma indicativa e com forma subjuntiva são sintaticamente distintas, com valor semântico parecido e, em termos pragmáticos, apresentam distinções. Com isso, ratificamos que o uso linguístico, embora pareça semelhante em função dos valores semânticos terem proximidade e um modo ocupar o lugar do outro no enunciado, nunca é pragmaticamente o mesmo.

5.6 Síntese da Seção 5

Nesta Seção 5, de uma forma geral, atingimos o objetivo proposto quando tecemos a análise da gradiência e da competição pelo uso do modo subjuntivo nos contextos sintáticos das orações completivas, relativas e adverbiais, orações parentéticas e orações independentes iniciadas pela construção *talvez*, nas amostras do *Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*, a partir da gradação do valor de incerteza considerando a influência do verbo contido na oração do dado no escopo dos submodos epistêmico ou deôntico com os valores semânticos de volição, manipulação, crença/probabilidade, avaliação e certeza.

Em relação à propriedade modalidade da oração, atestamos que o subjuntivo contém gradações de incerteza que foram distribuídas em graus de intensidade no *continuum* da

categoria *irrealis* (nos submodos epistêmico e deôntico) e mostramos que o subjuntivo se apresentou mais produtivo no escopo do submodo deôntico.

Aferimos que a seleção do modo verbal, no contexto de oração subordinada, foi determinada pelo tipo de verbo contido na oração principal. E, nos demais contextos, atestamos esse resultado a partir do verbo contido na oração do dado.

Também exibimos as representações hierárquicas das construções de cada propriedade e dispomos nos níveis esquema, subesquema e microconstruções mostrando o comportamento do objeto estudado nesta tese.

Analizamos o pareamento forma-função nas construções nos cinco contextos sintáticos, considerando o tipo de oração, a relação com a expressão de modalidades epistêmica e deôntica, valores dos submodos deôntico e epistêmico, tipo de verbo da oração do dado, estrutura da assertividade da oração, tempo verbal da oração e pessoa verbal, conforme esmiuçados na presente seção.

Distribuímos a competição pelo uso do modo subjuntivo em um gradiente de modalidade de acordo com o valor semântico que cada verbo se apresentava e discutimos, a partir da quantificação, as construções gramaticais no modo subjuntivo, a questão da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade.

No que tange ao “tempo verbal da oração”, ratificamos que o tempo verbal pretérito imperfeito, na oração subordinada relacionado à modalidade *irrealis*, condicionou a seleção do subjuntivo. Referente ao tempo verbal presente do subjuntivo, aferimos que essa esfera temporal carregou a noção de projeção futura o que condicionou a seleção do modo subjuntivo.

Propusemos uma rede construcional do modo subjuntivo, como defendido por Traugott e Trousdale (2013), a saber: esquema, subesquema e microconstruções, além de demonstrarmos a importância dos processos cognitivos de domínio geral nesse processo de gradiência e de competição pelo uso.

Levamos em consideração as propriedades “tipo de oração”, “modalidade da oração”, “valores dos submodos deôntico e epistêmico”, “tipo de verbo na oração do dado”, “estrutura da assertividade da oração”, “tempo verbal da oração” e “pessoa verbal” para a análise da amostra da pesquisa.

Por fim, estabelecemos um diálogo com a abordagem teórica apresentada na Seção 3, resgatamos o gradiente de modalidade na visão givoniana, os processos cognitivos de domínio geral, o coronário 2 estabelecido por Goldberb (1995) e a representação de rede taxonômica segundo Traugott e Trousdale (2013). Cumprida essa etapa, encerramos a nossa tese propondo, na próxima seção, uma interface do ensino com o fenômeno linguístico para que o ensino do

modo verbal seja pensado de forma alinhada com a teoria da LFCU havendo uma reflexão a respeito dos usos reais da língua pelo falante.

6 COSTURANDO A TEORIA E A PRÁTICA

Nesta seção, discutimos a respeito de estratégias de um ensino-aprendizagem do modo verbal subjuntivo de maneira mais contextualizada com vista a promover o uso efetivo da língua em uma relação dialógica entre teoria, pesquisa e ensino. Para isso, lançamos um olhar científico ao acionar o campo da LFCU para se pensar em um trabalho que envolva atividades relacionadas à gramática de forma reflexiva e contextualizada.

Essa preocupação em dar um teor mais científico às atividades voltadas à gramática de língua materna é abordada na obra de Neves (2011) intitulada “Que gramática estudar na escola?”. A autora explicita o seguinte

Assenta-se a necessidade de uma gramática escolar que não apenas contemple uma taxonomia e um elenco de funções mas que, legitimada pela sua relação com o uso efetivo da língua, dê conta dos usos correntes atuais, não perdendo de vista o natural e eficiente convívio de variantes no uso linguístico, incluída aí, a norma tradicionalmente considerada padrão (Neves, 2011, p. 11).

Aqui frisamos essa necessidade de que essa gramática abarque os usos correntes, porque nos defrontamos com outras maneiras de expressar o modo subjuntivo nos usos da língua que não estão contemplados na Tradição Gramatical. Para além disso, é importante também refletir nos próprios exemplos trazidos nos compêndios da norma idealizada (norma padrão). Apuremos os exemplos a seguir apresentados pelo gramático Kury (1964, p. 71): Não Matarás. 2) Discordarão alguns desta orientação.

Se fosse pedido para os alunos classificarem qual o modo verbal dos exemplos supracitados, eles responderiam que ambos os exemplos estariam no tempo futuro do modo indicativo. Em exemplos como estes é que deve entrar o papel do educador para conduzir os alunos a desenvolverem a competência discursiva. Essa condução pode ser realizada com questionamentos do tipo: De fato a sentença “Não matarás” e “Discordarão alguns desta orientação” expressam o valor semântico de certeza que é inerente ao modo verbal indicativo? Essa seria uma pergunta que poderia ser lançada à turma seguida da pergunta: Quais valores semânticos podem estar atrelados aos exemplos?

Sobre as sentenças “Não matarás” e “Discordarão alguns desta orientação”, ambas têm intrínsecas a incerteza porque, no primeiro caso, há a expressão de ordem que não significa que será cumprida, por isso seu valor semântico é conduzido para o campo da incerteza. Também acontece assim na segunda sentença em que é intrínseco o valor semântico de incerteza já que expressa uma possibilidade que pode ser realizada ou não. Então, na sua aplicabilidade, como

fazer com que os educandos construam esses sentidos mediante frases soltas que podem aparecer nos manuais da Gramática Prescritiva ou nos livros didáticos?

Bem verdade que levantar questionamentos e suscitar os alunos a refletirem a respeito disso pode significar que o professor tenha saído da sua zona de conforto ao propor atividades para além do que o livro didático adotado estabelece. Então, uma sugestão para conduzir os educandos à construção dos sentidos das sentenças “Não matarás” e “Discordarão alguns desta orientação” quando o docente se deparar com atividades mecânicas e irrefletidas de gramática, pode ser em situar a sentença em um contexto.

Dentro do contexto, qualquer conteúdo de gramática pode tornar o aprendizado muito mais eficiente que pode ser realizado a partir de diversos textos escritos ou falados ou a partir de textos criados pelos próprios estudantes. E, mais uma vez, entra o papel do professor de, mediante os fenômenos variáveis da língua, selecionar textos diversos que representem bem essas variedades presentes no português. E, claro, que esteja nesse quadro o caráter de relacionar a língua às condições de uso. Sobre isso, Neves (2011) nos diz o seguinte:

[...] ensinar eficientemente a língua - e, portanto, a gramática - é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem e de uma maneira, afinal óbvia: indo pelo uso linguístico, para chegar aos resultados de sentido (Neves, 2011, p. 198).

Estamos de acordo com a reflexão que autora faz de que se usamos a língua para construir sentido, o aprendizado de gramática é, portanto, por sob exame o próprio exercício pleno da linguagem, ou seja, o uso da língua, enfim, a fala. Claro que a linguista tem o cuidado de explicar que, no espaço escolar, não se deve criar nos educandos a ideia estéril de que falar e escrever não tem relação com gramática porque

[...] a escola tem a obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, ela tem de garantir que seus alunos entendam que têm de adequar registros, e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensão ou frouxidão, em conformidade com as situações de produção (Neves, 2011, p. 128).

E, para que os estudantes tenham êxito em dominar os diferentes padrões de uso da língua, o caminho que sugerimos é que o professor opte em considerar a realidade linguística dos estudantes. E, aqui, tratando especificadamente do modo verbal subjuntivo, conduza os alunos à reflexão de quais condicionadores os levaram a utilizar o modo indicativo no lugar do subjuntivo. Tendo isso como ponto de partida, o docente tem a chance de explorar não só as

possibilidades reais de uso da língua, mas também outras variedades da língua, incluído, aí, a norma-padrão.

Temos consciência de que o professor segue o livro didático adotado pela escola e que pode se deparar com materiais e questões que explorem e deem ênfase a paradigmas tidos como modelares da língua que focam as regras, a taxonomia e a nomenclatura da gramática. A saída para tal realidade pode ser o casamento entre as teorias linguísticas. É diante desse problema que os teóricos e linguistas se mobilizam para que haja uma transposição didática mais eficiente no ensino de gramática.

A seguir, deixamos uma proposta de Sequência Didática para o conteúdo gramatical Modo Verbal.

6.1 Proposta de ensino do conteúdo Modo Verbal

Esta proposta de intervenção pedagógica tem como tópico gramatical “Modo verbal” e pode ser desenvolvida e aplicada em turmas do ensino médio. Com o suporte da LFCU no ensino de Língua Portuguesa, os alunos podem ser conduzidos a refletirem situações concretas de uso da língua que falam e escrevem a partir de um ensino que considere os gêneros textuais entrevista e música.

6.1.1 PCNS e BNCC: orientações para o ensino do modo verbal

Em consonância com as orientações curriculares, o desenvolvimento da proposta de intervenção é organizado tomando o texto escrito como ponto focal para a proposta de ensino do modo verbal, considerando textos que circulam socialmente, propiciando, assim, ao discente o refinamento no que diz respeito às habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.

De acordo com os documentos oficiais, um ensino-aprendizagem de gramática deve ser conduzido considerando a questão dos fenômenos variáveis na língua, mostrando que a variação e mudança linguística são fatos inerentes ao uso. Dessa forma, os aprendizes terão a compreensão de quando e onde determinadas variedades da língua têm maior predominância nos contextos linguísticos, levando-os ao alcance dessa conscientização tanto social quanto linguística desses usos da língua. Além disso, essas bases conduzem os alunos a atuarem de maneira mais consciente nas interações comunicativas de que participarem no âmbito das práticas orais e escritas de interação e a refletirem sobre os níveis de formalidade no processo de uso da língua (Brasil, 2006, p. 22).

A respeito do ensino-aprendizagem do modo verbal, a BNCC, (2018, p.171) explicita a orientação para que os alunos identifiquem (EF06LP05) “[...] os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa”, como também que identifiquem (EF07LP14) “[...] em textos, os efeitos de sentido do uso de estratégias de modalização e argumentatividade” (Brasil, 2018, p. 175).

Ainda orientam o que presume a habilidade (EM13LP07):

Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica...) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempo e modos verbais, expressões modais, locuções ou orações adjetivas, advérbios...)... com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção (Brasil, 2018, p. 507).

Ainda concernente aos aspectos da modalidade, a BNCC explicita a habilidade (EF69LP28) que pressupõe observar os mecanismos de modalização inerentes às modalidades deônticas (proibição, obrigação, possibilidade e “[...] os mecanismos de modalização adequados aos textos... propositivos, as modalidades apreciativas, em que o locutor exprime um juízo de valor (positivo ou negativo) acerca do que enuncia” (Brasil, 2018, p. 149).

A modalidade é de suma importância no ensino do verbo, porque ela se realiza no modo verbal e vai fazer menção às atitudes do falante diante do que é proferido, indicando valores de verdade, desejo, obrigação, intento etc.

Em termos teóricos, consideramos a perspectiva adotada nesta pesquisa para o embasamento da proposta didática de ensino do modo verbal já que, a partir desse olhar, temos o suporte para refletir a respeito dos processos de variação/competição e mudança linguística da língua. Nessa abordagem, leva-se em conta que as motivações para os fatos da língua que surgem no contexto comunicativo e discursivo, o que explica o fato de a gramática ser constantemente remodelada “que na prática, seria o resultado de um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso” (Martelota, 2011, p. 63).

Para o ensino do modo verbal, retomamos ainda a base do conceito de modalidade na perspectiva givoniana tratada em um contexto comunicativo-pragmática conforme foi explanado na Seção 2. Já em termos metodológicos, fizemos a proposta de serem utilizados trechos de fala de entrevistas da língua oral e letras de músicas.

EXPLANAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PLANO DE AULA			
Turma	Ensino Médio	CARGA HORÁRIA:	100 minutos
Disciplina	LINGUA PORTUGUESA		
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar os elementos que caracterizam o gênero textual música; ✓ Interpretar os valores semânticos como certeza, volição, probabilidade/crença, manipulação, avaliação relacionados às modalidades deôntica e epistêmica nas formas verbais do subjuntivo e indicativo como fatores essenciais na leitura e construção de sentidos no gênero textual música. ✓ Interpretar os valores semânticos dos modos verbais subjuntivo e indicativo e seus usos e intencionalidades no contexto linguístico correlacionando o tempo e modo a partir do gênero textual música, bem como identificar a gradiência e a competição pelo uso presentes nesses modos verbais. 		
CONTEÚDO	Modo Verbal		
RECURSOS	Projetor, computador, slides, quadro, caderno, músicas impressas.		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA		TEMPO
PRIMEIRO MOMENTO	<p>1) Discussão dos elementos que caracterizam o gênero textual música.</p> <p>a) Projeção da música “Pra ser sincero” de “Engenheiros do Havaii” para compreensão dos elementos que regem o gênero textual música;</p> <p>b) Discussão das características elementares do gênero música;</p> <p>c) Observação dos modos verbais presentes no gênero textual para a discussão das construções dos efeitos de sentido no texto a partir das formas verbais.</p>	50 min
SEGUNDO MOMENTO	<p>2) Distribuição de músicas aos grupos para que os alunos analisem as percepções observadas nas letras das músicas dos aspectos de tempo, de modo e de modalidade nas construções verbais presentes, mostrando as inferências, intencionalidades e valores semânticos que as formas verbais delineiam no contexto.</p> <p>a) Socialização e discussão das análises realizadas pelos grupos.</p>	50 min
TEMPO TOTAL:		100 min
REFERÊNCIAS		
<p>ENGENHEIROS DO HAVAI. Pra ser sincero. In: <i>ÁLBUM: Ouça o que eu digo, não ouça ninguém</i>. {S.I.}: [s.n.], Faixa 3, 1988. Disponível em: https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-havaii/12888/ Acesso em: 30 de agost. de 2023)</p>		

Nesse primeiro momento da aula, o aluno será capaz de observar que vários valores semânticos podem estar atrelados à forma verbal subjuntiva. Exploremos a letra da música “Pra ser sincero” de Engenheiros do Havaii a seguir:

PRA SER SINCERO

Pra ser sincero não espero de você
Mais do que educação
Beijo sem paixão
Crime sem castigo
Aperto de mãos
Apenas bons amigos

Pra ser sincero não espero que você
Minta
Não se sinta capaz de enganar
Quem não engana a si mesmo

Nós dois temos os mesmos defeitos
Sabemos tudo a nosso respeito
Somos suspeitos de um crime perfeito
Mas crimes perfeitos não deixam
suspeitos

Pra ser sincero não espero de você
Mais do que educação
Beijo sem paixão
Crime sem castigo
Aperto de mãos
Apenas bons amigos

Pra ser sincero não espero que você
Me perdoe
Por ter perdido a calma
Por ter vendido a alma ao diabo

Um dia desse num desses
Encontros casuais
Talvez a gente se encontre
Talvez a gente encontre explicação

Um dia desses
Num desses encontros casuais
Talvez eu diga
Minha amiga

Pra ser sincero
Prazer em vê-la, até mais

Nós dois temos os mesmos defeitos
Sabemos tudo a nosso respeito
Somos suspeitos de um crime perfeito
Mas crimes perfeitos não deixam
suspeitos

Engenheiros do Havaii

(Fonte: <https://www.lettras.mus.br/engenheiros-do-havaii/12888/>. Acesso em: 30 de agost. de 2023.

O professor pode conduzir o alunado a observar as formas verbais e os vários valores semânticos que são possíveis de serem explorados do subjuntivo no âmbito das modalidades deôntica e epistêmica. Observemos que, ao se trabalhar o gênero textual “música” e trechos de entrevistas (que será tratado a seguir), é possível abordar mais de uma variedade da língua. Vejamos a seguir uma sequência didática explorando o gênero textual entrevista.

PLANO DE AULA			
Turma	Ensino Médio	CARGA HORÁRIA:	100 minutos
Disciplina	LINGUA PORTUGUESA		
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar os elementos que caracterizam o gênero textual entrevista⁸⁵; ✓ Interpretar os valores semânticos como certeza, volição, probabilidade/crença, manipulação, avaliação relacionados aos modos subjuntivo e indicativo como fatores essenciais na leitura e construção de sentidos a partir do gênero textual entrevista. ✓ Interpretar os valores semânticos dos modos verbais subjuntivo e indicativo e seus usos e intencionalidades no contexto linguístico. 		
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ tempo e modo a partir do gênero textual entrevista, bem como identificar as variações presentes nesses modos verbais. 		

⁸⁵ Como sugestão de entrevistas com base na língua real de uso, há vários *corpora* online que podem ser acessados. Sugerimos o acesso ao Nupact onde podem ser encontrados compilamentos de *corpora* realizados pelo NUPACT (Grupo de pesquisa em abordagem construcional e tradução, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Patricia Fabiane da Cunha Lacerda). Acesso em : www.ufjf.br/nupact

CONTEÚDO	Modo Verbal
RECURSOS	Projektor, computador, slides, quadro, caderno, trechos de entrevistas impressas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA		TEMPO
PRIMEIRO MOMENTO	<p>1) Discussão dos elementos que caracterizam o gênero textual entrevista em uma situação real de fala.</p> <p>a) Projeção de um trecho de entrevista e explicação dos elementos que regem o gênero textual entrevista;</p> <p>b) Observação dos modos verbais presentes no gênero textual para a discussão das construções e dos efeitos de sentido no texto, levando em conta o contexto.</p>	50 min
SEGUNDO MOMENTO	<p>2) Distribuição aos grupos de trechos de entrevistas para que os alunos analisem os aspectos de tempo, de modo e de modalidade das construções e os possíveis valores semânticos que os modos verbais apresentam, além de observar a variação dos seus usos.</p> <p>a) Socialização e discussão das análises realizadas pelos grupos.</p>	50 min
TEMPO TOTAL:		100 min

Em relação ao processo avaliativo, os alunos farão análises de dois gêneros textuais (música e trechos de entrevistas de dados reais de fala), observando os valores semânticos dos modos verbais e a sua competição de uso entre os modos verbais, o tempo verbal e as modalidades presentes nos gêneros.

Espera-se que os discentes compreendam o tópico gramatical modo verbal conforme se realiza no uso efetivo da linguagem e que sejam capazes de observar que determinadas formas verbais são predominantes em alguns textos orais e escritos para alguns contextos específicos.

Almeja-se que os alunos, ao refletirem a respeito da multifuncionalidade dos usos da língua e de formas em competição, prestem a atenção sobre as práticas de linguagem de uma forma mais contextualizada, pensem a respeito da variedade linguística e combatam o preconceito linguístico. Para além disso, que tenham a capacidade de adequar as variedades linguísticas a cada contexto de interlocução.

Na Seção 3, explicitamos que a variação e gradiência podem ser provenientes de processos cognitivos de domínio geral em virtude de eles operarem nos usos da língua. Retomamos ainda o que foi posto em seções anteriores que “central à posição baseada no uso é a hipótese de que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua” (Bybee, 2016, p.35). Explicitamos, ainda, como o modo verbal subjuntivo pode ser compreendido nos processos cognitivos de domínio geral categorização, analogia e memória rica. Retomamos tudo isso para mostrar como a LFCU pode contribuir para a compreensão dos fenômenos variáveis na língua.

Relacionando ao ensino, é importante que os alunos compreendam que o indicativo em contexto de subjuntivo constitui uma enunciação nova e que novas enunciações se formam a partir de outros enunciados já formados (analogia).

Em relação à categorização, os membros das categorias têm mobilidades por não serem estanques. Por não terem a natureza discreta, admitem interseções categoriais e, por essa razão, é possível compreender a natureza gradiente do subjuntivo ou de outros fenômenos linguísticos. Quanto menos traços um determinado membro da categoria tiver, mais se afasta da sua forma prototípica. Sobre isso, Neves (2017), em um capítulo de livro intitulado *Categorias gramaticais em materiais didáticos*, explicita que

[...] É evidente, por exemplo, que é na realidade dos usos que se exibem fronteiras difusas e limites superpostos, configurando afinal, determinada fluidez que não pode ser desprezada, e nem mesmo minimizada, porque leva à descoberta e ao reconhecimento dos múltiplos efeitos reais de sentido que se produzem no uso (Neves, 2017, p. 124).

Mais uma vez, insistimos e enfatizamos na questão do contexto de uso ou língua em uso que a linguista Neves (2017) evidencia. Em uma atividade de competição entre as formas subjuntivas e indicativas, por exemplo, o docente pode direcionar os alunos em relação aos contextos da língua em que determinadas formas são mais prototípicas por portarem mais traços da classe e que outras formas de usos são mais marginais, procurando mostrar as interseções categoriais que ocorrem e as possíveis variações e gradações na língua.

A memória rica se refere à estocagem na memória dos detalhes experienciados pelos interactantes com a língua. Como explicitamos, Bybee (2016) diz que toda experiência com a língua impacta as representações cognitivas. Pelo fato de o modo verbal subjuntivo ser previsível em alguns contextos de uso, a sua alta frequência condiciona ao espraiamento do seu uso. A rede taxonômica do modo verbal que apresentamos nesta tese mostra esse espraiamento do subjuntivo e evidencia a concepção construcional de gramática que adotamos ao apresentarmos a visão do modelo de Croft (2016) em relação à estrutura simbólica da construção. O elo de correspondência simbólica entre forma e sentido considerando as propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais concatenadas contribui de forma eficiente para um ensino reflexivo de gramática.

A LFCU tem muito a contribuir para um ensino de gramática mais contextualizada e, especificadamente a respeito do conteúdo gramatical modo verbal, defendemos uma prática e ensino em direção a condução dos alunos a compreenderem a gradiência, competição pelo uso

e os efeitos de sentido que o enunciador deixa ao utilizar as formas subjuntivas e indicativas nos seus diferentes contextos de uso.

Nosso propósito em alinhar teoria e prática ao ensino de gramática tem o intuito de defender uma prática de ensino que resulte na ampliação da competência discursiva dos alunos nas práticas de linguagem. Isso só se torna exequível quando o ponto de partida é o uso da língua em situações reais. Assim, podemos, quiçá, garantir a legitimidade de um ensino produtivo e contextualizado de gramática.

6.2 Síntese da seção 6

Nesta seção, atingimos o nosso objetivo proposto quando trazemos sugestões de um ensino de gramática de maneira produtiva e contextualizada com a realidade linguística do aluno. Assim, alhamos teoria, pesquisa e ensino e considerando o trabalho com os gêneros textuais música e entrevista refletimos a respeito da variação e mudança na língua.

Relacionamos o objeto de estudo ao ensino com vistas a estabelecer um diálogo entre a teoria, a pesquisa e o ensino porque, como pesquisadoras, temos consciência que a LFCU pode contribuir significativamente para um ensino de gramática de maneira mais produtiva pelo fato não só de extrapolar os limites impostos pela TG em relação à norma-padrão, mas por trazer à tona à possibilidade de se refletir a respeito dos usos de outras normas que podem ser explicadas pelo escopo das teorias linguísticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa, *A gradiência do modo subjuntivo: uma abordagem centrada no uso*, consistiu em analisar a competição entre as formas indicativas e subjuntivas e a gradiência no valor de incerteza nas orações completivas, relativas e adjetivas; nas orações parentéticas introduzidas pelo *que* e em orações iniciadas pela construção *talvez* nos diferentes contextos de uso em que são instanciadas. Para isso, analisamos os pareamentos da forma e função das construções com o modo subjuntivo e representamos em rede taxonômica os níveis esquema, subesquema e microconstrução conforme proposto por Traugott e Trousdale (2013). Para isso, ancoramos a pesquisa nos aportes da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tomamos como referência, sobretudo, os teóricos Goldberg (1995); Cappelle (2006, 2009); Traugott e Trousdale (2013); Bybee (2016) entre outros.

A pesquisa foi direcionada pela seguinte questão-problema central: O modo subjuntivo está atrelado somente ao valor de incerteza dentro do espectro da modalidade *irrealis* nos *Corpora* Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC)? Nossos resultados demonstraram, a partir de uma perspectiva construcional, que o modo subjuntivo apresentou-se atrelado a um valor de incerteza medido em 7 (sete) graus na dimensão escalar da modalidade *irrealis*: *Irrealis* 1, com valor de volição associada a projeção futura; *irrealis* 2, com valor de manipulação relacionado à projeção futura; *irrealis* 3, com valor de possibilidade relacionado à futuridade; *irrealis-realis* 1, com valor de manipulação ligado a uma ação que se repete de maneira atemporal; *irrealis-realis* 2, com a marca da probabilidade/crença em um contexto de projeção espreada; *realis-pressuposição* 1, com valor de avaliação em uma situação de projeção espreada e *realis-pressuposição* 2 com situações caracterizadas pela atemporalidade e pela habitualidade.

Em termos metodológicos, a pesquisa tem um cunho quantiquantitativo com o exame de uma amostra constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC) e 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular (*Corpus* PPVC). Consideramos para a análise da competição e gradiência do subjuntivo as propriedades (i) tipo de oração; (ii) modalidade da oração; (iii) valores dos submodos deôntico e epistêmico; (iv) tipo de verbo na oração do dado; (v) estrutura da assertividade da oração; (vi) tempo verbal da oração e (vii) pessoa verbal.

A partir desse desenho metodológico, defendemos que, na representação em rede taxonômica, essas propriedades exerceram influência para o comportamento gradiente do subjuntivo nos contextos sintáticos de [Talvez + elementos sentenciais + V_{slot}] , [(neg) +

Pronome (Clítico) + VSlot (neg)] e [(Oração matriz) + Complementizador que + (Oração subordinada_{Slot})] *Matriz epistêmica ou deôntica* que são as representações das orações introduzida por “talvez”, parentéticas e subordinadas. Dessa forma, o esquema, que é representado pelo modo verbal dentro desses três contextos sintáticos, sancionou três subesquemas que representam os três modos verbais (imperativo, indicativo e subjuntivo). No Subesquema que representa o modo verbal subjuntivo, temos contido formas indicativas e subjuntivas com valores semânticos semelhantes, formas estas que estão dentro do espectro da modalidade *irrealis*. O subesquema abarca as microconstruções que se configuram com o valor gradiente de incerteza distribuído em 7 graus na escala da modalidade *irrealis*.

No que tange à análise dos dados, na propriedade “Modalidade da oração”, a produtividade maior recaiu em construções no escopo do submodo deôntico e, em relação à propriedade “Tipo de Oração”, o subjuntivo foi maior representado no contexto de oração subordinada. Concernente à propriedade “valores dos submodos deôntico e epistêmico”, o subjuntivo apresentou-se com maior frequência *type* nos três primeiros pontos da escala da modalidade o que ratificou a nossa hipótese de que a projeção futura e/ou a incerteza condicionariam a aquisição de formas do subjuntivo. Em relação à pessoa verbal, os padrões construcionais com as pessoas verbais 2ª e 3ª condicionaram o uso do subjuntivo e, no que concerne ao “tipo de verbo na oração do dado”, os tipos de verbos bicondicionais e perceptivos apresentaram-se com o uso categórico do subjuntivo. Os verbos causativos e volitivos também condicionaram o uso dessa forma verbal.

Referente à propriedade “estrutura da assertividade da oração”, no contexto de oração subordinada, o subjuntivo teve maior frequência *type* nos contextos das asserções afirmativas, refutando, assim, a nossa hipótese nessas sentenças. Nos contextos de orações iniciadas pela construção “talvez” e de parentéticas, o escopo da negação condicionou o uso do subjuntivo indo em direção ao que hipotetizamos. E, no que concerne ao “tempo verbal da oração”, selecionamos duas propriedades: (i) situações com projeção futura e/ou incerteza e (ii) situações com projeção espreada. Os resultados apontaram que o subjuntivo é mais produtivo em ambientes sintáticos que tenham a marca de futuridade e/ou incerteza.

Em contexto de oração subordinada, em relação à propriedade “tipo de verbo na oração do dado”, os verbos bicondicionais e perceptivos tiveram o uso categórico do subjuntivo. Os verbos causativos (93%), existenciais (80%) e volitivos (79%), por sua vez, apresentaram-se um percentual alto da forma subjuntiva de forma respectiva.

Em contexto de oração parentética, os dados controlados se inseriram no escopo do submodo epistêmico e a maior frequência *type* recaiu na forma em competição (modo indicativo

- 53,6%). Os tipos de verbos encontrados na amostra foram “conhecer” e “lembrar” e o escopo da negação teve influência nesse contexto, considerando as amostras *Corpus PPVC* e *Corpus PCVC* em conjunto. Constatamos, por meio dos resultados, que a frequência do modo subjuntivo é de uso categórico com o verbo *conhecer* e a competição entre as formas indicativas e subjuntivas é acentuada com o verbo *lembrar*. A amostra nesse contexto sintático revelou um uso categórico da primeira pessoa verbal do singular e do tempo verbal presente.

Em contexto das orações independentes introduzidas pelo lexema *talvez*, tivemos uma maior frequência *type* com construções na forma subjuntiva e todos os dados de fala estavam instanciados no submodo epistêmico com valor semântico de probabilidade/crença.

Para a análise da gradiência do modo subjuntivo, damos atenção à questão da rotinização já que o uso frequente de um dado item linguístico sofre uma espécie de desbotamento semântico fazendo com que tal forma se torne inexpressiva. Por uma necessidade de se expressar melhor, os falantes, então, buscam alternativas no processo discursivo o que faz com que a língua esteja em constante variação e mudança linguística.

Os nossos resultados evidenciaram ainda que a gradiência do subjuntivo pode ser explicada, pela frequência *token* e *type*, por fatores atinentes a habilidades cognitivas de domínio geral (categorização, memória rica e analogia), pela modalidade *irrealis* na visão givoniana e pela dimensão construcional de acordo com Traugott e Trousdale (2013) - esquema, subsesquema e microconstruções mostrando a hierarquia construcional do modo verbal subjuntivo.

Em uma avaliação mais ampla, podemos afirmar que o tipo de oração, a estrutura da assertividade da oração (contexto de oração iniciada pela construção “talvez” e contexto de oração parentética), valores dos submodos epistêmico e deôntico, tempo verbal da oração e a pessoa verbal foram propriedades que condicionaram a aquisição da construção do subjuntivo ratificando as hipóteses relacionadas a cada elemento. Também, ratificamos a hipótese de que o subjuntivo teria uma representação maior no extremo direito do *continuum* na escala da modalidade pela associação do traço semântico de incerteza e da projeção futura. Já na hipótese relacionada a estrutura da assertividade da oração, no contexto das subordinadas revelaram que, diferentemente do que conjecturamos o escopo da negação não exerceu influência no uso do subjuntivo. Inferimos que esses resultados tenham sido em função de haver uma relação entre as asserções afirmativas e o tipo de verbo da oração matriz influenciando, assim, no uso do subjuntivo como já havia atestado Amorim (2015) na sua pesquisa.

Atestamos ainda que a forma subjuntiva na amostra analisada se apresentou relacionada a um valor de incerteza em gradação a partir dos valores inerentes aos submodos deôntico e

epistêmico distribuída em um *continuum* de modalidade com os valores de volição, manipulação, crença/probabilidade, avaliação e certeza.

Ratificamos também que a forma inovadora do subjuntivo se apresentou como um novo pareamento de forma-função porque além da sua forma-função prototípica também desempenhou forma-função por meios de verbos com o indicativo. Com isso, mostramos não só a gradiência, mas também a competição pelo uso que foram justificadas pelos fatores atinentes as habilidades cognitivas de domínio geral categorização, memória rica e analogia.

Também comprovamos que a gradiência e a competição pelo uso do modo subjuntivo estiveram vinculadas às propriedades tipo de oração, modalidade da oração, valores dos submodos deontico e epistêmico, tipo de verbo da oração do dado, estrutura da assertividade da oração para o contexto de oração independente e oração parentética, tempo verbal da oração e pessoa verbal.

Considerando os impactos sociais de uma pesquisa, optamos por encerrar a presente tese de doutorado, tecendo orientações que pudessem vir a contribuir com um ensino contextualizado de gramática tendo como ponto de partida os usos linguísticos. Nessa direção, compreendemos que a teoria abraçada por nós nesta investigação, a LFCU, possa dar conta de explicar como se dá o funcionamento do sistema da língua em seu processo de variação e mudança. E, com isso, levantamos uma proposta voltada ao modo subjuntivo com o propósito de tecer estratégia de um ensino-aprendizagem de maneira mais produtiva que vise a considerar os contextos de usos em que os alunos estão inseridos colocando-os em contato com outras variedades da língua conduzindo-os, assim, à ampliação da competência discursiva. Com essa proposta, também, tivemos como intenção direcionar os discentes à reflexão de que a língua é viva, mutável e está passando por um processo constante de remodelagem na sua gramática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES NETA, Ana. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. Estudos linguísticos XXXV, p. 258-267, 2006.
- ALVES, Rosana Ferreira. **A expressão de Modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade**. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, 2009.
- ANDRADE, Maria Aparecida da Silva. **Construções gramaticais com ir no português brasileiro contemporâneo**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - UFRN, Rio Grande do Norte, 2017.
- AMORIM, Vania Raquel Santos. **A gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARBOSA, Astrid Franco. **Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)**. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- BOTELHO PEREIRA, Maria Ângela. **Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo**. 1994. 256f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Gramáticas contemporâneas do Português: com a palavra, os autores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. **Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim**. Dissertação (Mestrado), UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 mar. 2022.

BRASIL. Ministério de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2006.

BYBEE, Joan. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. *In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. **The Oxford Handbook of Construction Grammar.** Oxford: University Press, 2012, p. 49-69.*

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição.** Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPPELLE, Bert. Particle Placement and the case for “allostructions”. **Constructions**, Special Volume 1, p.1-28, 2006.

CAPPELLE, Bert. Can we factor out free choice? *In: DUFTER, Andreas; FLEISCHER, Jürg; SEILER, Guido. (ed.) **Describing and Modeling Variation in Grammar.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-199.*

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for ‘allostructions’. *In: SCHÖNEFELD, Doris (ed.) **Constructions all over: case studies and theoretical implications.** (Special volume of Constructions SV1-7/2006). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31590515_Particle_placement_and_the_case_for_allostructions. Acesso em: 12 ago. 2020.*

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri.** Tese de Doutorado, Fortaleza, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Ainda o aspecto verbal. **EPA - Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, UNICAMP, n. 4, 1984.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** São Paulo: Marília, 1968.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique dos. **Formação da construção [Xque] conec no português.** Revista do curso da UNIABEU Nilópolis, v.6, n. 6. Setembro-dezembro, 2015.

COMPARINI, Ana Maria Paulino. A modalização deôntica no discurso jurídico. *In*: PEZATTI, Erotilde Goreti. **Pesquisas em Gramática Funcional**: descrição do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CROFT, William. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da; OLIVEIRA, Nathália Félix. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa. (org.). **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. Especial, p. 83-101, dez. 2016.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. **Metodologia na LFCU**: refinamentos e contribuições a partir da Linguística de Corpus, 2021. 155 slides.

DIEWALD, Gabriele. **Context types in grammaticalization as constructions**. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860.

DU BOIS, John. W. Argument structure. *Grammar in use*. *In*: DU BOIS, John. *et al.* (ed.). **Preferred argument structure**: grammar as architecture for function. Amsterdam: John Benjamins, 2003a.

DU BOIS, John. W. Discourse and grammar. *In*: TOMASELLO, Michael (ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. Mahwah, New Jersey/London: LEA, 2003b. v. 2.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ENGENHEIROS DO HAVAÍ. Pra ser sincero. *In*: **ÁLBUM**: Ouça o que eu digo, não ouça ninguém. {S.I.}: [s.n.], Faixa 3, 1988. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/12888/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; TELES, Iara Maria. **Gramática do brasileiro**: uma nova forma de entender a nossa língua. São Paulo: Globo, 2008.

FORD, Cecília E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social Interaction and grammar. *In*: TOMASELLO, Michael (ed.). **The New psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. Mahwah: ERLBAUM, 2003. v. 2. p. 119-143.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. **O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais**. Vol. Especial – Linguística centrada no uso, dez. 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (org.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. 1.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. Constructionist approaches. *In*: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. Uma análise funcional das modalidades epistêmicas, deôntica e volitiva, e o modo subjuntivo. *In*: PEZATTI, Erotilde Goreti. **Pesquisas em Gramática Funcional: descrição do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KURY, Adriano da Gama. **Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical**. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form: a theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, v. 71, 1994.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

LEITE, Marli Quadros. Tradição, invenção e inovação em gramáticas da língua portuguesa – séculos XX e XXI. *In*: BECHARA, Evanildo *et al.* **Gramáticas contemporâneas do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

LÔBO, Márcia G. Nunes; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A mudança e constituição da microconstrução “pois não” no Português Brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 251-289, jan./abr. 2018.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, André. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? **ALFA**, v. 38, p. 11-18, 1994.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEIRA, Vivian. **O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. Categorias gramaticais em materiais didáticos. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura. **O todo da língua: teoria e prática no ensino do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo Costa do. **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2015.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; CEZARIO, Maria Maura. **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Linguística funcional centrada no uso. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Arquitetura construcional e competição pelo uso. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018.

OLIVEIRA, Diego Leite. O tratamento da variação em gramática de construções baseada no uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 62-82, 2019.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. *In*: BYBEE, Joan L.; HOPPER, Paul. (ed.). **Frequency and emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 137-158.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PINHEIRO, Diogo. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In*: ALVARO, Patrícia Teles; FERRARI, Lilian (org.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, a sair [2016].

RECTOR, Monica; YUNES, Eliana. **Manual de Semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROCHA, R. C. **A Alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e Abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.

SALGADO, Ana Ranchel. Estudo de Ferramenta Computacional de Análise de corpora aplicada à terminologia: **AntConc**. **Revista Moinhos**, Tangará da Serra, v. 3, n. 3, p. 81-90, 2013/2.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, Liliane. **Motivações funcionais da gradação entre construções encaixadas nominais e verbais**. Tese (doutorado) – UNESP, São José do Rio Preto: [s.n.], 2010.

SANTOS, Regina Marques Alves dos. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas. 2005.** 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (ed.). **Gradience, Gradualness and grammaticalization.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. *In:* KYT, M.; KYTO, M. (ed.). **English corpus linguistics: crossing paths.** Amsterdam: Rodopi, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press. 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In:* ECKARDT, Regine; JÄGER Gerhard; VEENSTRA, Tonjes (ed.). **Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth. Closs. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. *In:* BARODAL, Johanna *et al.* **Diachronic construction grammar.** John Benjamins Publishing Company, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021[2013].

VIEIRA, Márcia Machado; WIEDEMER. Sociolinguística Variacionista e Gramática de construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. *In:* VIEIRA, Márcia dos Santos Machado; WIEDEMER, Marcos Luiz (org.). **Dimensões e Experiências em Sociolinguística.** São Paulo: Editora Blucher, 2019. 4. 1. p. 85-120.